

**José Quintão de Oliveira**

**ANTONIO CANDIDO**  
**Crítica, reflexão e memória**

**Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais**

**José Quintão de Oliveira**

**ANTONIO CANDIDO**  
**Crítica, reflexão e memória**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Literatura Brasileira.

Linha de pesquisa:  
Literatura, História e Memória Cultural

Orientadora:  
Profa. Dra. Maria Zilda Ferreira Cury.

**Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Belo Horizonte – dezembro de 2011**

Pesquisa desenvolvida com apoio financeiro da Fapemig:  
Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.

A

Lenina Maria Ferreira de Oliveira

e

Maria Carolina Ferreira de Oliveira;

a primeira delas, minha filha favorita entre as nascidas no primeiro trimestre;  
a segunda, favorita indiscutível entre as que vieram no trimestre seguinte,

dedico.

## AGRADECIMENTOS

Esta é uma página destinada aos muitos obrigados de que sou devedor. Fique de início aqui registrado o meu enternecido agradecimento à Profa. Dra. Maria Zilda Ferreira Cury, sutil orientadora e paciente amiga, presente em cada momento do longo período de estudo que aqui se encerra. Devido às normas acadêmicas não pode presidir a banca, mas esteve sempre presente até o momento decisivo da defesa, indo sempre muito além do que seria formalmente sua função.

Dado o impedimento estatutário da orientadora, a banca foi presidida pelo Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen, a quem sou grato pela discreta e gentil presença no exercício dessa função e pelas generosas palavras de incentivo.

A Profa. Dra. Maria Eunice Moreira e a Profa. Mária Célia Leonel fizeram longas viagens para participar da banca numa época do ano normalmente já tão cheia de obrigações. Contribuíram ainda com leituras rigorosas e exigentes sem em nenhum momento prescindirem da generosidade e da compreensão humana. Às duas meus ternos agradecimentos.

A Profa. Dra. Ivete Camargos Walty e o Prof. Dr. Sérgio Alcides do Amaral, além de participarem da banca de defesa, constituíram também a banca de qualificação e contribuíram com sua leitura acurada e exigente e questionamentos motivadores. Aos dois devo agradecer duplamente e registrar que sua participação contribuiu em muito para melhorar este trabalho. A Profa. Dra. Constância Lima Duarte contribuiu com o preenchimento de uma das suplências, exigência das normas e necessidade concreta num acontecimento que envolve tantas pessoas, sujeitando-se a incontáveis imprevistos. Também a ela fica registrada a minha dívida e o devido agradecimento.

Um especial muito obrigado ao Prof. Dr. Marcus Vinicius Mazzari, diretor do Departamento de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e à Maria Angela que me

propiciaram alcançar o memorial acadêmico do professor Antonio Candido. Relembro ainda a gentileza com que fui ali acolhido e a agradável surpresa de receber não uma cópia do documento, como era a natural expectativa, mas o original.

Agradeço à Rosângela, bibliotecária desta Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e à Eliana, bibliotecária da Letras da FFLCH da Universidade de São Paulo. Estendo esse agradecimento a todos os profissionais de inúmeras bibliotecas e acervos espalhados pelo país e em especial da Biblioteca Nacional, que com sua anônima dedicação permitiram alcançar documentos importantíssimos para este trabalho.

Registro agradecidamente o nome da professora Marisa Lajolo que intermediou o primeiro contato com o professor Antonio Candido, tornando-se com essa intervenção alguém que admiro desde criança e que mencionarei sempre com deferência.

Como é da natureza de um trabalho da amplitude deste, muitas colaboraram para que chegasse a termo. Não devo deixar de lembrar os professores, os amigos e os colegas que das mais variadas formas contribuíram para tornar possível este momento da minha vida. São tantos que nem é possível nomeá-los; mencionar alguns significará sempre omitir muitos. A todos peço que, por favor, se sintam incluídos nesta lista e saibam que sempre lhes serei devedor.

Por último – posição reivindicada pela sua modéstia – menciono o professor Antonio Candido de Mello e Souza. Sua importância neste momento da minha vida não deve ser subestimada ou omitida e sua colaboração constituiu estímulo inestimável. Afinal, não fora ele e os caminhos percorridos teriam sido outros, muito diferentes. Agradeço também e especialmente pela entrevista e generosa paciência com que me recebeu todas as vezes que fui incomodá-lo no seu recolhimento, ofertando conhecimentos e franqueando anotações e livros. A ele me declaro muitíssimo obrigado.

## SUMÁRIO

Introdução .....	10
Um crítico .....	11
Testemunho e “convicções” .....	14
Sobre o método .....	19
Capítulo 1: O tempo e o lugar.....	30
O concreto e o narrado.....	31
O vitral partido.....	36
Astúcias da etimologia.....	42
O arco da memória.....	47
A memória sonogada .....	49
Ego summus, ego narrator .....	53
Capítulo 2: A memória pensada.....	57
Um acervo crítico.....	58
Perus e rodas de peru .....	63
A obsessão do silêncio.....	70
O real e o imaginado.....	76
O lúcido visionário.....	78
Do particular, do universal.....	84
A crítica da memória.....	88
Memórias de leitura .....	92
Capítulo 3: A memória escrita.....	95
Linhas da memória.....	95
Trezentos-e-cincoenta.....	98
Um poeta entre cogumelos .....	101
O escritor dividido ao meio .....	103
O arquiteto da memória .....	106
“Não sei; mas vou estudar a questão...” .....	109
Recortes do viver e do pensar .....	111
Afloramentos da memória .....	115
“Crítica e memória” .....	122
Capítulo 4: A memória falada.....	125
O roteiro da palavra .....	125
Enigmático rapaz de Cássia .....	128
Uma experiência de sociabilidade .....	133
O mais trepidante dos chato-boys.....	140

Capítulo 5: A celebração da amiga .....	145
Uma leitora exemplar.....	145
A literatura necessária.....	151
Da margem ao livro .....	154
O espanto .....	156
A incompetência de Cristo.....	160
Teresina etc. ....	163
Teresina etc. etc. ....	166
Retrato e auto-retrato .....	169
Termos finais: Reflexão e memória.....	174
A coragem de oscilar .....	177
A letra e o espírito.....	179
Uma atividade sem sossego .....	185
Bibliografia e obras citadas.....	189
Obras de Antonio Candido .....	189
Textos de Antonio Candido na revista Clima:.....	203
Coletâneas organizadas por terceiros.....	204
Obras em colaboração.....	205
Escritos de sociologia .....	205
Livros e antologias organizados por Antonio Candido .....	206
Entrevistas e depoimentos .....	207
Obras sobre Antonio Candido.....	211
Obras memorialísticas e autobiográficas .....	229
Obras sobre memória e memorialismo .....	234
Obras teóricas e de caráter geral .....	239



## RESUMO

A obra crítica de Antonio Candido é percorrida por um veio memorialístico que a vem marcando de maneira especial desde meados dos anos de 1940. São textos em que rememora episódios, amigos, companheiros, professores, alunos, familiares. A esse acervo bastante amplo e diverso devem ser acrescentados os textos em que trata criticamente do tema, são ensaios, prefácios e resenhas de recepção a obras memorialísticas etc.. Há ainda inúmeros estudos sobre escritores fortemente marcados pelo motivo da memória, além de reflexões sobre o memorialismo e a literatura pessoal em sentido mais amplo. Não se esgota aí, porém, esse veio, que deixa marcas mais profundas na sua escrita crítica, como se intenta mostrar. O itinerário do estudo se prolonga ainda no objetivo de proceder à observação dos protagonistas do seu memorialismo, situando-os e se empenhando em avaliar o que representaram na sua trajetória, buscando por essa via compreender os caminhos e escolhas do crítico literário e intelectual. Ou seja, trata-se da ideia de estudar o memorialista tanto quanto o crítico da memória, tentando localizar aqueles momentos em que essas duas instâncias da sua vivência literária se sobrepõem, se completam ou se esclarecem reciprocamente.

## INTRODUÇÃO

O estudo que segue toma como objeto de estudo o memorialismo de Antonio Candido nas suas variadas manifestações, traçando um percurso que se completa pela análise do seu olhar analítico sobre o motivo memorialístico em geral. Ou seja, projeta-se estudar o memorialista tanto quanto o crítico da memória, tentando localizar aqueles momentos em que essas duas instâncias da sua vivência literária se sobrepõem, se completam ou se esclarecem reciprocamente.

Este trabalho se voltará com especial atenção para a obra memorialística de um escritor comumente caracterizado como digressivo. Antes, porém, de tratar dessas digressões se abre um parêntese para, digressivamente, lembrar a gênese deste trabalho, que teve um início que pode ser dito fortuito. Em julho de 2007, algumas semanas antes do início do processo seletivo para o doutorado na Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais vi-me na contingência de preparar, em três mil palavras, o projeto de um ensaio. Olhando as estantes onde se salientavam algumas das suas obras, surgiu a pergunta: “Por que não um ensaio sobre Antonio Candido?” Assim nasceu um projeto que também fortuitamente acabou não indo à frente.

Apresentei, em seguida, em um evento acadêmico uma comunicação a partir das anotações para o tal projeto. Antonio Candido, porém, continuava a solicitar o olhar, reclamando atenção. Empenhado em exorcizar esse fantasma renitente, percebi que o material que colecionara a partir da leitura – já a esse tempo ininterrupta –, das suas obras e pelas pesquisas suscitadas por estas, exigiam no mínimo um estudo mais alentado que o que até então empreendera. Vésperas de inscrição para os exames, pareceu-me boa até impositiva a escolha. E assim, no último dia, apresentei ainda timidamente o projeto de pesquisa *Antonio Candido: crítica, reflexão e memória*, com um asterisco chamando para uma nota de rodapé em que se informava se tratar de um título provisório. Essa é a história de como os projetos de estudos sobre as obras de Manuel Bandeira e Autran Dourado ou a expectativa de continuar a estudar a animália rosiana (que já rendera, esta, uma dissertação

de mestrado), continuam a descansar na gaveta, à espera de que Antonio Candido de Mello e Souza, gentilmente como é do seu feitio, lhes ceda a vez.

Se o projeto nasceu breves dias antes de ser agraciado pela seleção, nada parecido pode ser dito da relação com a escrita de Antonio Candido. Na verdade, em algum momento no início da juventude alguém me apresentou, parece-me que motivado pela obra de Clarice Lispector, um texto seu. Em seguida veio a descoberta de *Formação da literatura brasileira* e depois, alguns dos escritos de sociologia. Não seria capaz de precisar o momento, mas vem desse período inicial a leitura de *Parceiros do Rio Bonito* e o estabelecimento de uma relação de admiração e respeito por um escritor que – na época eu nunca o imaginaria – frequentava com alguma assiduidade um endereço situado a três ou quatro casas da minha. Um marco fundamental na consolidação dessa admiração construiu-se ainda nesses anos setenta, durante os tristes e duros dias de chumbo, com o lançamento da revista *Argumento*, em que o seu nome se juntava a outras admirações, como Paulo Emílio e Fernando Gasparian, este já bem conhecido do semanário *Opinião*.

Durante o longo, muito longo período das trevas da ditadura militar – maldita seja a sua memória – incontáveis vezes, a voz e a figura de Antonio Candido deram alento, incentivaram a juventude que amargava o arbítrio e sonhava com a liberdade, acumulando uma dívida de que, se espera, este estudo amortize uma parte pequenina.

### **Um crítico**

Relatada a gênese do estudo, é da praxe acadêmica que se passe à sua justificativa, e essa transita necessariamente pela afirmação da importância do autor para o qual volta sua atenção. Unicamente por isso, se anotam aqui os quase setenta anos dedicados por Antonio Candido à crítica literária; a autoria de *Formação da literatura brasileira*, obra clássica praticamente desde o seu lançamento; a criação do suplemento literário do matutino paulista *O Estado de São Paulo*; a ampliação e consolidação dos estudos de teoria literária no Brasil, através da criação da cadeira da disciplina na USP; a criação do ILEL, Instituto de Linguística e Estudos Literários da Unicamp. Trata-se, ainda, do autor de uma produção esparsa que, ininterrupta, se espalhou por centenas de publicações brasileiras e estrangeiras,

“permitindo que algumas gerações de leitores admirassem em processo as mesmas qualidades que suas obras mais conhecidas só consolidariam”.<sup>1</sup>

Silviano Santiago fala de Antonio Candido como um “crítico atuante na imprensa, professor com sólida formação universitária, historiador com nítidas marcas de originalidade”<sup>2</sup>. À lista do autor de *Em liberdade* poder-se-ia acrescentar ainda o sociólogo, o animador cultural, o intelectual atuante, o memorialista etc.. Observe-se o que diz Florestan Fernandes:

A geração à qual pertenço não seria a mesma sem a sua presença e influência. Eu próprio não seria o mesmo se a vida não me pusesse em contato com Antonio Candido, o seu carinho, a sua severidade íntegra, a sua modéstia e orgulho intelectual — enfim, a sua personalidade de educador, que se irradia irresistível, como uma exigência de perfeição e de compromisso crítico<sup>3</sup>.

Merece ser destacado nesse discurso a referência à geração e o papel de formador, reconhecido por um dos seus coetâneos, parte daquele grupo que foi o primeiro fruto do ensino universitário no país e que tanto marcou o ambiente intelectual no período posterior. Acrescente-se que a longa militância na crítica literária e no ensino redundou na formação de parte expressiva dos críticos literários ativos hoje no País, em grande parte seus ex-alunos nos cursos de graduação e pós-graduação; ou aprendizes à distância através das mais de duas dezenas de livros que publicou, que constituem juntamente com seus textos esparsos “o maciço central da crítica brasileira.”<sup>4</sup> Isso, sem mencionar o longo magistério na Sociologia da FFLC da Universidade de São Paulo — entre 1942 e 1958 foi professor-assistente na cátedra de Sociologia II, regida por Fernando Azevedo — e a exemplar produção intelectual nessa área, em que se destaca o estudo do caipira paulista, coroada pela obra *Os parceiros do Rio Bonito*, de 1954.

É este o crítico, segundo Arnoni Prado, criador de uma escrita em que a “beleza da intuição, rara em si mesma como um recurso crítico do próprio autor”, é expressão de um método que se apóia no “pré-requisito da reflexão transparente, sob o argumento de que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem têm sempre o perigo de funcionar como

---

<sup>1</sup> DANTAS. O modo de organizar, 2002. p. 10.

<sup>2</sup> SANTIAGO. Prefácio: *A palavra empenhada*, 1994. p. 19.

<sup>3</sup> FERNANDES. O mestre exemplar, 1992. p. 33.

<sup>4</sup> DANTAS. *Bibliografia de Antonio Candido*, 2002. p. 7.

disfarce da realidade e mesmo da verdade.”<sup>5</sup> Essa escrita, clara e funcional, sem se isentar da beleza poética, se plasma em ensaios organizados em livros sempre capazes de pasmar o leitor já cativo da beleza, pela novidade do pensamento, pela erudição e pelo denso compromisso humanístico que expressam.

Para João Alexandre Barbosa, falar de Antonio Candido é falar “daquele que é, sem qualquer sombra de dúvida, o melhor crítico e historiador literário do Brasil, e possivelmente da América Latina, no século XX.” — que — “tem dedicado grande parte de sua vida intelectual ao estudo mesmo do imaginário romanesco”<sup>6</sup>. Segundo Alfredo Bosi, trata-se do produtor da “síntese mais feliz de análise e interpretação que a nossa crítica tem conhecido neste século”<sup>7</sup>. Poder-se-ia ainda acrescentar a afirmação de Fábio Lucas: “Depois da Segunda Guerra Mundial, o crítico de maior penetração foi inquestionavelmente Antonio Candido, que alia visão aguda e sólidos conhecimentos de Literatura”<sup>8</sup>.

Em uma carta para seu tradutor ao alemão, Curt Meyer-Clason, o escritor João Guimarães Rosa resume: “como bem o viu o maior crítico literário brasileiro, Antonio Candido”<sup>9</sup>. Isso, num texto datado de 17 de junho de 1963, quando o acurado leitor do escritor mineiro, a quem dedicara um dos mais importantes ensaios sobre a sua obra<sup>10</sup> até então publicados, autor ainda de estudos e livros incontornáveis, como *O método crítico de Sílvio Romero* e *Observador literário*, ainda não publicara trabalhos fundamentais como *Dialética da malandragem* ou aqueles reunidos no livro *Na sala de aula* ou *O discurso e a cidade*. Não se vai aqui alongar esse tipo de citação, antes, porém, de interromper, anota-se o que disse Álvaro Lins, crítico em tantos pontos tão divergente deste de quem aqui se fala, para quem

Antonio Candido é o que poderemos chamar, sem qualquer exagero, um crítico completo. Não lhe falta nenhum dos atributos do grande crítico.

<sup>5</sup> PRADO. Significação de *Recortes*, 1999. p. 67; 63.

<sup>6</sup> BARBOSA. Uma biblioteca universal, 1998. p. 63; 62.

<sup>7</sup> BOSI. *História concisa da literatura brasileira*, 1974. p. 541.

<sup>8</sup> LUCAS. *O caráter social da literatura brasileira*, 1976. p. 33.

<sup>9</sup> ROSA. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*, 2003. p. 115.

<sup>10</sup> CANDIDO, Antonio. O sertão e o mundo. *Diálogo*, São Paulo, n. 8, p. 5-18, novembro de 1957, depois recolhido no livro *Tese e antítese* com o título mudado para O homem dos avessos; aparecendo ainda na *Fortuna crítica de Guimarães Rosa* organizada por Eduardo de Faria Coutinho e também nas duas edições das *Obras completas* do autor de Sagarana.

Tem, em graus superiormente desenvolvidos, a inteligência, a cultura, a sensibilidade, a independência de atitudes e a nobreza dos sentimentos. [...] <sup>11</sup> Há alguma coisa, porém, em que a todos Antonio Candido sobrepuja: é na forma artística de expressão. O seu vocabulário crítico, por exemplo, é o melhor de toda literatura brasileira neste gênero. [...] Minha admiração por ele jamais teve de suportar a prova de uma decepção ou de uma dúvida <sup>12</sup>.

Deve ser anotado que essa elevada admiração sempre encontrou reciprocidade por parte de Candido. Porém, atingido esse ponto, posto por escrito o que é do conhecimento geral, não restando dúvida quanto à sua importância, parece bem justificar-se o acréscimo de mais um estudo à sua já extensa fortuna crítica.

### Testemunho e “convicções”

Os dez anos que se contam a partir de 1980 se marcam na bibliografia de Antonio Candido pela edição do livro *Teresina etc.*, pela editora Paz e Terra, do Rio de Janeiro e de *A educação pela noite*, pela Ática, de São Paulo. O segundo saiu à luz em 1987, o primeiro apareceu logo no ano de abertura do decênio. Os dois livros estão inflexionados por uma série de textos de caráter memorialístico, o mais longo deles, aquele que nomeia o primeiro. São textos densos de reflexão e memória apesar da aparente descontração com que são construídos. Segundo um ex-aluno,

Do ponto de vista literário, os trabalhos mais complexos de Antonio Candido são os mais recentes, as combinações de depoimento e análise, que passou a publicar, se não me engano, a partir de fins dos anos 60. [...] A leitura do prefácio-homenagem a *Raízes do Brasil*, das reflexões sobre “A revolução de 1930 e a cultura” ou da “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade” produz os efeitos de uma forma literária própria, realizada à perfeição. <sup>13</sup>

Silviano Santiago corrobora Schwarz quando afirma que nos ensaios de Candido, “Um discreto mas incisivo tom memorialista afoga a escrita crítica e volta à tona em páginas admiráveis de evocação”<sup>14</sup>, situando esse momento depois dos anos 70. É possível que essa recuperação do passado através do ensaísmo de caráter memorialístico se enraíze

<sup>11</sup> Como é da praxe, o colchete indica sempre a intervenção sobre o texto citado, seja cortando, seja acrescentando algum esclarecimento ou palavra omissa.

<sup>12</sup> LINS. *Literatura e vida literária*, 1963. p. 185.

<sup>13</sup> SCHWARZ. *A homenagem na Unicamp*, 1989. p. 17-18.

<sup>14</sup> SANTIAGO. Prefácio a *A palavra empenhada*, 1994. p. 20.

num período ainda anterior. De toda forma, Roberto Schwarz acerta completamente ao destacar a especificidade e importância, bem como a alta qualidade literária destes textos. No principal destes ensaios, Antonio Candido recupera a trajetória exemplar de uma obscura ativista do socialismo — Teresina Carini Rocchi — nascida na aldeia de Fontanelatto, na província de Reggio-Emilia, Itália, em 1863 e morta em Poços de Caldas, Minas Gerais, oitenta e oito anos depois. Amiga do crítico desde a infância deste, foi informalmente sua professora de língua e cultura italiana, prolongando-se a amizade até a morte. Teresina tornou-se numa espécie de fixação afetiva, e foi alvo de pelo menos três ensaios. Talvez haja aí mais do que simples manifestação de afeto, sendo possível localizar nexos mais profundos entre a biografada e o biógrafo no que se refere às concepções do mundo e da vida e “convicções” — como dizia Teresina — deste último.

O historiador Paulo Sérgio Pinheiro fala de *Teresina etc.* como um livro em que “o que parece uma fórmula de bom-senso representa, na verdade, uma ruptura violenta com as práticas tanto da historiografia oficial como da historiografia que pretendeu ser de esquerda”.<sup>15</sup> Deve ser anotado que este é o primeiro livro editado pelo escritor após a aposentadoria formal, ocorrida em 1976, embora as atividades docentes tenham se prolongado até os anos de 1990, principalmente como orientador na pós-graduação. Essa é, portanto, obra da plena maturidade, época de revisão e balanço da vida. *Teresina etc.* singulariza-se ainda entre as obras de Antonio Candido por ser, entre dezenas de livros, pode-se dizer, o único dedicado especificamente ao motivo da memória.

A partir desse livro, o seu olhar sobre o mundo é, acima de tudo, reflexivo, conduzindo-o à produção de ensaios históricos e ao balanço da própria produção acadêmica, aceitando, inclusive, publicar trabalhos que durante décadas relutara em levar a público — tais como as anotações de aulas reunidas em *O estudo analítico do poema*, publicado provavelmente em 1987 e *Noções de análise histórico-literária*, em edição bem posterior, já de 2005 —, acedendo à argumentação de pares seus quanto à importância documental dos textos e reconhecendo-os apenas amostra de um jeito de ensinar que ficara no passado. Parece não ser descabido anotar este período da biografia do autor como caracterizado pelo memorialismo, que, mesmo tendo surgido antes na sua obra e se

---

<sup>15</sup> PINHEIRO. *A belle époque* de nosso anarquismo, 4 de junho de 1980. p. 58.

projetando nos anos que seguem, marca os anos de 1980 desde o livro tomado aqui como central.

Talvez valha a pena lembrar neste ponto as palavras com que Antonio Candido encerra um depoimento sobre a revista *Clima* e também o livro que o recolhe. “E com esta nota pitoresca, dou por terminado o meu depoimento, marcado certamente pelas limitações do ângulo pessoal e as lacunas de uma memória que procura voltar para trás mais de trinta anos.”<sup>16</sup> Exatamente esse desdobramento da memória, as marcas deixadas pelas “limitações do ângulo pessoal” na recuperação do passado constituem parte importantíssima do que se busca estudar.

Merece ser registrado ainda um extrato de um texto do livro *Recortes*, em que o escritor rememora um passeio de infância ocorrido em 1929 pelas ruas de Berlim, em companhia de seus dois irmãos e de um adoentado menino brasileiro e seu jovem e amável enfermeiro espanhol: “num muro, a tinta preta, o desenho insólito e bonito da cruz gamada, tendo por baixo as palavras — ‘*Judas den Tod*’ [sic]. O espanhol não soube explicar o que era, mas traduziu: ‘Morte a Judas’.”<sup>17</sup> As crianças seguem a caminhada especulando sobre se tratar de alguma coisa associada ao Sábado da Aleluia. O homem maduro que rememora sabe, porque provou das dores daqueles que foram contemporâneos da Guerra Civil Espanhola e da Grande Guerra, que as crianças estavam assistindo a um episódio da ascensão do nazismo com todo seu corolário de desgraças e atrocidades.

Considerando que não existe lembrança desinteressada ou casual, o episódio acima traz à reflexão — e suscita perguntas sobre — a relação que o escritor estabelece com a memória, e as escolhas com que se defronta o memorialista. Solicita reflexões sobre como operam a seletividade e afetividade da memória; e sobre o testemunho como fonte e problema para o historiador etc.. São essas algumas das questões associadas ao tema do memorialismo que se projeta enfrentar neste estudo. Não esquecendo nunca que, sendo a memória um construto, a posição do narrador não é inocente. Não há neutralidade na rememoração; não a havendo também na narração.

Outra valiosa fonte do memorialismo do autor é constituída pelas entrevistas, em que recupera relevantes momentos da história do Brasil no último século. Lembra

---

<sup>16</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 156.

<sup>17</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 248.



também companheiros da militância intelectual e política, ou amigos que muitas vezes — e não por mera casualidade —, representam o que há de melhor nas artes do Brasil e do mundo. Seja exemplo o trecho abaixo em se narra uma pequena e hilariante história, na qual o dêitico da primeira linha aponta para o poeta Giuseppe Ungaretti, coadjuvado por Mário Schenberg e Paulo Emílio Salles Gomes:

Certa vez fomos visitar o Leprosário Pirapitingui, perto de Sorocaba (ele, sua senhora, Paulo Emílio, Mário Schenberg e eu). O diretor lhe contou o estranho caso de uma mulher de Sorocaba, que só vivia com mendigos hansenianos, porque “tiravam mais esmola”. Ela os trocava à medida que iam sendo internados, sempre incontaminada, porque era imune à doença. Ungaretti se entusiasmou e queria à força ir à cidade conhecê-la, achando a situação boa para escrever uma narrativa de realismo violento. E dizia, usando excepcionalmente o italiano, porque conosco só falava francês: “*Farne una storia cruda, boccacesca!*”<sup>18</sup>

Antônio Arnoni Prado fala de Antonio Candido como um escritor que transcende o texto crítico avançando em direção às lembranças, à afetividade alcançando domínios ainda inexplorados da análise<sup>19</sup>. Oswald de Andrade por sua vez relembra que “Antonio Candido diz que uma literatura só adquire maioridade com memórias, cartas e documentos pessoais e me fez jurar que tentarei escrever já este diário confessional.”<sup>20</sup> É o mesmo Candido que anota nas resenhas que escreveu sobre escritores como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e Murilo Mendes, páginas densas de análise do memorialismo, valorizando-o teórica e literariamente. Como muito já se disse, é certo mesmo que tenha sido Candido o primeiro a destacar literariamente Nava como talentoso escritor, situando-o entre os grandes valores da prosa brasileira. No ensaio dedicado ao memorialista mineiro, o crítico se revela profundo conhecedor desse gênero literário, fazendo pensar num convívio prolongado, capaz de permitir que afluam reflexões profundas e estimulantes sobre o tema. Essa compreensão valorativa do memorialismo parece ser mais um índice a apontar para a sua importância no projeto literário do crítico e a consequente demanda por seu estudo.

No livro *Recortes*, Murilo Marcondes Moura recenseia expressões como “no meu tempo de moço”, “eu vi”, “eu o ouvi dizer”, “entre os quais eu”, “tanto quanto lembro”, “foi o meu caso”, “os da minha geração” que se apresentam nos mais variados textos, numa

<sup>18</sup> Entrevista a Lúcia Wataghin, 1994. p. 250.

<sup>19</sup> PRADO. Significação de *Recortes*, 1999.

<sup>20</sup> ANDRADE. *Ponta de lança*, 1976. p. 6.

extensão que supera de muito aqueles diretamente identificados como memorialísticos ou autobiográficos. O adensamento desse tipo de expressão marca, pois, o criticismo de Antonio Candido, vinculando memória e crítica em parte não desprezível de sua reflexão, como é patente nos dois textos dedicados a Carlos Drummond de Andrade recolhidos nesse livro. É ainda Moura que anota que quando o crítico se volta diretamente para si, nos textos de caracteres francamente pessoais, “o olhar está sempre a perscrutar determinações mais gerais, como querendo indicar que a verdade íntima guarda relações profundas com o que se acha fora dela.”<sup>21</sup> Essa imbricação de duplo percurso entre memória e reflexão constitui mais um elemento entre muitos a invocar atenção para o memorialismo do escritor.

Talvez valha a pena neste ponto se fazer um parêntese a fim de atentar para esses afloramentos da subjetividade identificados por Murilo Marcondes. Certamente, toda escrita ensaística trará as marcas do sujeito, mas convém anotar que essas manifestações não terão de se dar, necessariamente, com a explícita referência à primeira pessoa gramatical como ocorre na escrita de Antonio Candido. Aliás, de lavra do próprio autor ocorre no livro *Recortes*, o caso interessantíssimo do ensaio *Cartas de um mundo perdido*, cujos caracteres de ensaio (e, subsidiariamente) de memória são nítidos, porém, não contém uma única referência explícita à primeira pessoa gramatical. Mais ainda, os afloramentos serão sempre de caráter memorialístico, aparentemente, nunca apontando para o presente, nem – como, aliás, registra Murilo Moura – para o próprio autor, mas preferencialmente, para o Outro, recuperado pela prosa digressiva. Mas, ainda assim, considerando-se a constante manifestação de tais afloramentos na totalidade do ensaísmo de Antonio Candido, eles constituem uma particular manifestação do seu memorialismo, mais característica e desafiadora ainda por ocorrer tal fenômeno mesmo em textos definitivamente caracterizados como de crítica literária.

A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair na autocomplacência, porque *o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos* [grifei], de todos que, pertencendo ao que se chama uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros, mas vão aos poucos ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma

---

<sup>21</sup> MOURA. Circunstâncias e intersecções, julho de 1993. p. 36.

certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar<sup>22</sup>.

Esse trecho, extraído do livro *Recortes*, apresenta uma concepção peculiar do memorialismo, aparentemente, subtraindo-lhe a sua condição de literatura solipsista em que o ato de lembrar o outro é, muitas vezes, apenas um pretexto para dar expansão ao egotismo daquele que rememora. Essa ideia parece reiterada pelo depoimento de Florestan Fernandes<sup>23</sup>, quando este recorda os argumentos de Candido, empenhado em convencê-lo a publicar suas memórias, usando termos assemelhados ao trecho acima, enfatizando exatamente o caráter e o valor coletivo dessa rememoração. Talvez essas ocorrências permitam localizar e identificar outra das características do memorialismo de Antonio Candido a pedir reflexão, tornando mais patentes alguns elementos da sua escrita crítica que acabaram por provocar este estudo. Elementos e características que serão mais expostos à inquirição e à crítica mais à frente, justificando-se o recorte e o específico olhar sobre a sua obra aqui propostos. Fica dessa maneira estabelecido o objetivo deste estudo: rastrear o memorialismo de Antonio Candido em suas variadas manifestações, estudando e avaliando-o em suas implicações sobre a totalidade da obra em que se inscreve. Em termos teóricos, parte-se da hipótese de que estudar esse memorialismo propiciará uma compreensão mais extensa e mais profunda do ensaísmo desse estudioso da literatura e cientista social.

### **Sobre o método**

A natureza mesma do presente trabalho impõe-lhe a necessidade de apresentar um discurso relativo à metodologia de pesquisa, o que pressupõe um posicionamento face ao método científico em geral, os ditos pressupostos teóricos-metodológicos etc.. Também e particularmente sobre as implicações desse discurso relativamente a este estudo em específico ou mais especificamente, sobre o método com que se operará para alcançar os objetivos pretendidos. Em atenção a essa demanda, nas páginas seguintes se tratará do tema partindo das considerações que faz Antonio Candido em uma resenha saída no segundo número da revista *Clima*, em julho de 1941.

---

<sup>22</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 125.

<sup>23</sup> FERNANDES. *A condição de sociólogo*, 1978.

Há aqui, porém, um ponto que é essencial: escolhendo a etnografia, fí-lo com o intuito de usar o *método* etnográfico ou um *processo* etnográfico? Na primeira alternativa tenho de aceitar a teoria de que o estudo dos não civilizados explica as sociedades civilizadas, das quais são uma etapa primitiva; isto me leva à afirmação de que as fases históricas são preponderantes no estudo da sociedade – o que compromete gravemente, se não anula, o conceito, essencial para a Sociologia, da especificidade dos fatos sociais. Usando, pois, o *método* etnográfico, tenho implícita uma série de graves pressupostos doutrinários.

Porém,

No segundo caso, isto é, se considero a etnografia como um *processo*, vou apenas usar dos dados etnográficos como um preciosíssimo instrumento de estudo comparativo, sem pressupostos de ordem etnográfica quanto à essência dos fenômenos observados.<sup>24</sup>

Cabe de início, observa Candido, distinguir entre método e processo e, em seguida, sendo coerente do ponto de vista da teoria, pagar o preço que isso implica tanto teórica quanto empiricamente na execução do trabalho. Esse texto traz dois temas importantíssimos que repercutirão na produção do crítico ou do pesquisador. O primeiro trata da recusa ao método como uma espécie de engessamento da produção de conhecimento. O segundo se refere à necessidade de ser consequente teoricamente, realizando aquilo que se promete fazer nas cartas de boas intenções que são as introduções dos trabalhos.

Apoiando-se numa concepção complexa e amadurecida do que seja a literatura, construída a partir da experiência prática da crítica militante e da reflexão sistemática, Antonio Candido recusou-se sempre à crítica preceptiva. Sempre disponível para reconhecer a importância da impressão e da intuição como recursos críticos legítimos e eficazes. Nunca se filiou a uma corrente teórica específica. “Não exporei uma teoria – que não tenho”<sup>25</sup>, diz em uma resenha, já em 1943, manifestando um aspecto do seu modo de conceber a crítica literária. O crítico construiu uma forma muito particular de aproximação à obra literária, servindo-se de instrumentos hauridos nas variadas fontes de conhecimento do mundo. Como crítico parece ser antes de tudo um leitor que chega à escrita após o refinamento da reflexão, cuja elaboração tem na exposição oral uma das suas fases.

<sup>24</sup> CANDIDO. Livros: Almir de Andrade: *Formação da sociologia brasileira*, julho de 1941. p. 81.

<sup>25</sup> CANDIDO. *Textos de intervenção*, 2002. p. 23.

Candido observa que “embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal.”<sup>26</sup> Cabendo, portanto, ao crítico deslindar “a fórmula segundo a qual a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo.”<sup>27</sup> Reconhecida sua autonomia como objeto estético, a obra literária não é, porém, uma imanência. De um lado incorpora transfundida em forma as estruturas sociais; de outro, “A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas [do escritor] e a consonância do meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.”<sup>28</sup> Ou seja, numa forma resumida: a obra literária é filha do mundo e a ele destinada, no entanto, guarda fronteiras específicas que a separam deste.

Consequentemente parece não ser muito adequado se falar em “metodologia” associada à práxis crítica de Antonio Candido; talvez, termos de sentido mais dilatado como “princípios epistemológicos” ou princípios metodológicos ou alguma coisa assemelhada, por mais amplos e, portanto, mais imprecisos, resolvam melhor a questão. O autor, em um dos seus ensaios, fala de “diretriz metodológica”<sup>29</sup>, fica pois anotada a expressão, não como definitiva, mas como registro da necessária busca do termo adequado. No “caderno de análise literária” – como o chamou desde o subtítulo – intitulado *Na sala de aula*, ocorre uma das raras exposições de alguns desses princípios.

Este caderno contém seis análises de poemas [...], partindo da noção de que *cada um requer tratamento adequado à sua natureza* [grifei], embora com base pressupostos teóricos comuns. Um desses pressupostos é que os significados são complexos e oscilantes. Outro, que o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos. Por isso, na medida em que se estruturam, isto é, são reelaborados numa síntese própria, estes elementos só podem ser considerados externos ou internos por facilidade de expressão. Consequentemente, o analista deve considerar sem preconceitos os dados de que dispõe e forem úteis, a fim de verificar como (para usar palavras antigas) a matéria se torna forma e o significado nasce dos rumos que esta lhe imprimir.<sup>30</sup>

<sup>26</sup> CANDIDO. *O discurso e a cidade*, 2004. p. 105.

<sup>27</sup> CANDIDO. *O discurso e a cidade*, 2004. p. 105.

<sup>28</sup> CANDIDO. *Literatura e sociedade*, 2010. p. 84.

<sup>29</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006. p. 137.

<sup>30</sup> CANDIDO. *Na sala de aula*, 2005. p. 5.

Parece que um primeiro grande princípio se explicita logo nas linhas iniciais, na “noção de que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com base pressupostos teóricos comuns”, ou seja, nunca sacrificar a especificidade do texto literário ao apriorismo teórico. Pode-se dizer que embora a análise requeira do analista uma certa unidade de pensamento — “pressupostos teóricos comuns” — essa não se sobreveste ao literário como uma metodologia rígida a ser aplicada de forma mecânica, mas que a interpretação parte da leitura armada, não ingênua; daí os “pressupostos”.

Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha *explication de texte* dos franceses. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício.<sup>31</sup>

E, arrematando esse curto e produtivo prefácio: “Falta dizer que concebo o meu trabalho como artesanato, ou ‘arte’, no velho sentido, dependendo por isso muito da personalidade do artesão.”<sup>32</sup> O discurso sobre o método parece ser insidioso, comparecendo mesmo na escrita de um crítico a ele aparentemente tão refratário, como é o caso deste. Na introdução à *Formação da literatura brasileira* sugere ao seu leitor que pode, se quiser, saltar esta parte do livro, encaminhando-se diretamente à parte realmente importante que é aquela em que trata criticamente do processo formativo da nossa literatura. Ou seja, o que realmente importa é a crítica e não o discurso sobre o método, não obstante a sua presença renitente.

Essas ligeiras considerações sobre o olhar que Candido lança sobre aspectos metodológicos envolvidos na sua atividade crítica têm o objetivo de introduzir as diretrizes que guiam a fatura deste trabalho. Seria importante deixar bem estabelecido que há muitas proximidades entre as concepções destacadas nesse estudioso e aquelas aqui assumidas. Serão, porém, do ponto de vista da reflexão, proximidades que geram simpatia, não sendo adequado imaginar-se uma assunção de pontos de vista e de posturas teórico-metodológicas. Uns e outras serão sempre os do autor do estudo, cujo olhar sobre os modos de pensar e operar de Antonio Candido e de todos os autores citados tem sempre o objetivo

---

<sup>31</sup> CANDIDO. *Na sala de aula*, 2005. p. 6.

<sup>32</sup> CANDIDO. *Na sala de aula*, 2005. p. 6.

precípua de prevenir-se contra o encastelamento em uma posição teórica particular que se arrisca a tornar-se uma espécie de definitivo *parti pris* teórico.

Tomando-se essas considerações como parte dos pressupostos com que se opera, se cogita esquadrihar a obra do escritor a partir de uma pesquisa que atinja a parcela mais ampla possível da sua totalidade (como é possível vislumbrar na bibliografia no final deste trabalho), atentando especialmente àquela de caráter nitidamente memorialístico, como a maioria dos textos contidos em *Teresina etc.* e muitos dos que estão recolhidos em *Recortes* e ainda em outros livros como *Textos de intervenção* e *A educação pela noite*. Serão analisados também artigos esparsos, prefácios, além de entrevistas e depoimentos, sempre em busca de compreender o papel que desempenha o memorialismo na produção de Antonio Candido, bem como sua repercussão nos outros escritos do autor.

Neste ponto deve ser registrada importância do livro de Vinicius Dantas, *Bibliografia de Antonio Candido*, de 2002, que facilitou de muito o esforço de pesquisa necessário à produção deste trabalho. Esse livro cataloga as bibliografias ativa e passiva de Candido até o ano de 2001, restando ao pesquisador identificar e catalogar praticamente só a produção posterior a esse ano. Partindo desse apoio, foi feito um longo itinerário por bibliotecas, livrarias, arquivos, acervos públicos e particulares, que permitiu acumular um expressivo acervo, base que assegurou a este estudo a possibilidade de explorar muitos textos quase que desconhecidos, perdidos em jornais e revistas ou manuscritos espalhados por diversos pontos do país. Falando da constituição do acervo seria de justiça ainda registrar que os 16 números da revista *Clima* foram gentilmente cedidos por Maria Zilda Cury, o que tornou muito mais rico e produtivo o trabalho de pesquisa e escrita, uma vez que sem essa contribuição dificilmente se alcançaria a totalidade da circulação dessa publicação.

Projeta-se também atentar para alguns dos aspectos teóricos atinentes à questão do memorialismo. Apesar de ter recebido nos últimos anos importantes aportes críticos — de que é exemplo a contribuição do próprio Candido em alguns ensaios que podem ser ditos seminiais —, o assunto continua ainda carente de tratos teóricos diversificados como via necessária à acumulação da massa crítica requerida pelos estudos literários. Serão analisados ainda artigos, ensaios e textos diversos dedicados à análise da sua obra e da personalidade literária, atentando-se às resenhas publicadas em periódicos acadêmicos bem

como em jornais e revistas não especializados. Sempre que se mostrar necessário proceder-se-á ainda a um cotejo com fontes historiográficas, literárias, jornalísticas e de outros ramos do saber, visando sempre compreender o período histórico estudado, assim como a inserção no fluxo histórico das personagens, eventos e atos descritos.

A aplicação do instrumental teórico da crítica e da historiografia literária a partir das múltiplas e cerradas leituras dos textos considerados, se dará como resposta às solicitações delas derivadas. Afinal, há sempre a expectativa de que ao acúmulo de leituras corresponda o acúmulo reflexivo, tanto quanto são geradores de reflexão os múltiplos diálogos estabelecidos a partir dessas leituras. Anota-se ainda que se opera com a convicção de que não pode o pesquisador pretender que o texto diga aquilo que quer ouvir, e mais, que toda leitura é (e deve sempre ser) um diálogo e muito mais presente se faz esse imperativo para a leitura crítica. Diálogo em que a voz mais ressoante é sempre aquela que fala no texto, acrescente-se.

Projetando-se produzir um texto que pode ser inicialmente definido por sua condição de trabalho de crítica literária, deve ser registrado, no entanto, que o objeto do estudo é a memorialística, mas também a reflexão crítica do autor considerado. Ou seja, algumas vezes se olhará para um texto que pode ser dito literatura no sentido estrito ou amplo, como são, por exemplos os textos dedicados a Dona Teresina. Em outros momentos esse olhar terá como objeto textos de crítica literária em ensaios e resenhas, nessas condições o discurso se volta para a própria crítica, constituindo-se numa espécie de crítica da crítica. Será sempre um metadiscurso, discurso sobre discursos, porém operando sobre partes e aspectos diversos da produção considerada.

É ainda preciso enfatizar que esse itinerário não poderá em momento algum excluir o rigor metodológico. Longe disso. Também não se perderá de vista que, devido ao objetivo de acompanhar uma tão longa trajetória de um crítico literário e sua produção, o estudo poderá eventualmente adquirir certas características de história literária. Isso implica o reconhecimento de que o ponto de vista da história literária como uma das formas legítimas para se estudar a literatura tanto quanto a crítica literária, operando, porém, no presente caso como auxiliar à última.

Fica também estabelecido que a amplitude do olhar proposta não é isenta de dificuldades do ponto de vista metodológico. Primeiro se deve anotar a lição de Ferdinand



Saussure a ensinar no seu *Cours de linguistique générale* que o olhar constitui o seu objeto, em consequência, o propósito de se produzir um texto de crítica literária exige que não se renuncie à sua perspectiva; segundo, acautelar-se para não permitir que a multiplicidade dialógica se transforme em ecletismo teórico. Trata-se, portanto, da tarefa de recusar o dogmatismo e qualquer outra forma de redução do pensamento crítico. E ainda, prevenir tanto a complacência quanto um relativismo emoliente, tendentes a desarmar o estudioso, conduzindo-o a um esvaziamento teórico descompromissado, numa espécie de recusa ao positivismo a operar como uma forma de seu oposto arrefecido de todo ímpeto ao conhecimento e à pesquisa sistemática<sup>33</sup>. Objetivos que se buscará alcançar tomando como exemplo a obra estudada e ainda valorizando o caráter unificador que a visada da crítica literária deve garantir ao trabalho.

Insiste-se ainda a já referida necessidade de se evitar que o discurso metodológico sirva de cobertura para a ideia do método como um a priori, um *parti pris* teórico (retomando expressão já usada) que conduz do método ao método, num voo rasante sobre a obra, mero pretexto para o discurso sobre o método. Mirando-se no exemplo da boa prática crítica, há a ideia de não se admitir separação entre o método e o objeto. Nessa visada crítica a obra estudada será ponto de partida e de chegada, num itinerário que poderá visitar variadas formas de conhecer o mundo, sem nunca perdê-la de vista; nem às suas conexões com o mundo. Este trabalho adota esse ponto de vista não recusando as dificuldades envolvidas na escolha.

Finalmente, solicita-se atenção à ampla bibliografia de caráter teórico que fecha este trabalho, passando por variados campos do conhecimento e da reflexão, como filosofia, sociologia, história, psicologia, psicanálise etc.. Bibliografia complementada por outras, paralelas, constituídas de dezenas e dezenas de obras literárias referidas à primeira pessoa, dos mais variados gêneros (autobiografias, memórias, romances memorialísticos, autobiografias ficcionais e ficcionalizadas etc.). Deve ser referido ainda um terceiro *corpus* de obras, voltadas à análise específica do motivo autobiográfico (em sentido amplo, incorporando as variadas formas de “literatura pessoal”<sup>34</sup>, isto é, caracterizada pelos motivos das memórias e da autobiografia mais diversas manifestações. Explorando ainda

---

<sup>33</sup> GAGNEBIN. *Lembrar, escrever, esquecer*, 2006. p. 43.

<sup>34</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 64.

outros campos do conhecimento, atentando para não perder nunca de vista o objetivo de estabelecer um necessário e permanente diálogo dessas obras com a crítica literária. Seria importante estabelecer que o memorialismo aqui se coloca sob a égide da literatura pessoal, tornando-se essa expressão, portanto, uma espécie de conceito relacionado a um campo específico da literatura referido à primeira pessoa.

A verdade é que a análise dos motivos autobiográfico e memorialístico tem até o momento se apoiado nas reflexões de uns poucos pensadores, como é o caso de Philippe Lejeune, sistematicamente invocado, juntamente com o seu diáscuro sobre o pacto autobiográfico. Por isso, o texto que segue (e conseqüentemente a pesquisa que o subsidia) assume como uma de suas principais tarefas ampliar esse arco, buscando auscultar outras vozes e campos do conhecimento. O que não significa em momento algum – esclareça-se – desprezar as contribuições dos estudiosos consagrados pela tradição crítica universitária. Projeta-se um movimento assemelhado àquele efetuado pelo crítico literário uruguaio Ángel Rama, que se apropriou de conceitos elaborados pelo autor de *Formação da literatura brasileira* para reflexões específicas sobre a literatura brasileira, – como a ideia de “sistema literário” – e construiu uma reflexão específica (e extremamente pessoal, acrescente-se) sobre novos objetos de estudo <sup>35</sup>.

Afora as inúmeras referências espalhadas pela sua obra, foram localizados dezenas de resenhas e ensaios de Candido dedicados à análise de textos do gênero que ele nomeia literatura pessoal, alguns dos quais, a título de exemplo, vão listados a seguir <sup>36</sup>. A partir

---

<sup>35</sup> Vejam-se inúmeros exemplos no livro do crítico uruguaio (RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, 2001), e ainda o ensaio de Rocca, bem como diversos outros textos presentes no livro que o recolhe (ANTELO. *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*, 2001).

<sup>36</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. 3. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006; Os olhos, a barca e o espelho; Poesia e ficção na autobiografia. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 5. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 47-60; 61-83; Roda de peru. In: \_\_\_\_\_. *Observador literário*. 3. ed. rev. e ampl. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 81-86; Salinas no cárcere. In: \_\_\_\_\_. CANDIDO, Antonio. *Recortes*. 3. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 227-229 (e mais diversos outros textos nesse livro); Crítica e memória. In: \_\_\_\_\_. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 33-42; Prefácio inútil. In: ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. 2. ed. crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. XI-XIII; Pedro Nava: uma obra em prosa franca. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 de março de 1973; Viagem ao mundo planetário onde moram os poetas Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 de março de 1973; Estratégia. In: ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. p. xv-xx; O Ateneu. In: \_\_\_\_\_. CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. v. 2. p. 270-271; Marcel Proust, de George D. Painter. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 4, n. 185, 11 de junho de 1960. p. 2; *Compreensão de Proust*, de Alcântara da Silveira. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 4, n. 165, 16 de janeiro de 1960. p. 2; Perenidade da biografia. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento

desses trabalhos se buscará recuperar um *corpus* crítico referente ao motivo memorialístico na sua produção. Deve ser registrada ainda que se considerará com especial atenção as reflexões sobre esse motivo em obras de memorialistas, de que são exemplos Pedro Nava, Afonso Arinos e Darcy Ribeiro. Ocorrem ainda casos como o de Brito Broca que, como Candido, garante dupla entrada nas referências bibliográficas do trabalho, na condição de acurado memorialista e de crítico literário que iluminadamente refletiu sobre o assunto.

Este estudo se organizará em seis blocos de texto, além desta Introdução. Sumariamente a estrutura desses blocos será a seguinte:

Capítulo 1: O tempo e o lugar. Consta de alguns tópicos que tratam de questões teóricas como os conceitos de memorialismo; sua especificidade e sua continuidade relativamente aos demais gêneros literários. Analisa a relação entre o memorialismo e a história; entre memorialismo e autobiografia e ainda entre este e a ficção. Destaca também as possibilidades e riqueza literária do gênero, apresentando alguns casos exemplares do memorialismo nacional, como Machado de Assis, Darcy Ribeiro e Pedro Nava entre outros.

Capítulo 2: A memória pensada. Recorta da produção crítica de Candido uma fração atinente ao memorialismo. Contumaz leitor de diários e confissões, o crítico desde os primeiros escritos destacou e valorizou as variadas formas de literatura pessoal, construindo um amplo *corpus* de reflexões sobre o motivo memorialístico. São resenhas, prefácios, intervenções públicas, entrevistas etc.. Textos de circunstância, mas, também, textos mais elaborados, que permitem surpreender o seu pensamento em sua evolução e complexidade. Análise sumária dessa produção.

Capítulo 3: A memória escrita. Este capítulo, tal como os dois seguintes, se dedica ao memorialismo de Antonio Candido nas suas diversas fontes. Essa escrita é rastreada ao longo do empreendimento literário do autor, nas suas mais variadas manifestações desde os anos de 1950, quando o livro *O observador literário* recolhe as suas primeiras manifestações memorialísticas, apontando personagens que se tornarão emblemáticas no seu ensaísmo. Analisa-se ainda o embrião de alguns temas e motivos à memória associados que serão depois muito explorados.

---

Literário, São Paulo, ano 3, n. 122, 28 de fevereiro de 1959. p. 1; Limites da biografia. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 3, n. 117, 24 de janeiro de 1959. p. 1; *Documents iconographiques*, de Marcel Proust. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 3, n. 112, 20 de dezembro de 1958. p. 2; *Mon amitié avec Marcel Proust*, de Fernand Gregh. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 3, n. 106, 02 de novembro de 1958. p. 2; Notas de crítica literária: Eu e não-eu. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 13 de fevereiro de 1947; Notas de crítica literária: A sombra do amanuense. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 30 de maio de 1946. p. 4; Notas de crítica literária: Apostilas ao amanuense. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 08 de outubro de 1944. p. 7; Estilo e psicologia de Proust. *Clima*, São Paulo, n. 12, p. 130, abril de 1943.

Capítulo 4: A memória falada. Dedicado à localização e análise das entrevistas e depoimentos de Candido, parte importante da sua rememoração. O *corpus* explorado se inicia pelo depoimento a Mário Neme e chega à entrevista concedida para este estudo. Destaca-se nesse material o compromisso memorialístico: um testemunho à história. Fixa momentos importantes da sua vida e retrata as pessoas que considera merecedoras de serem rememoradas. São figuras públicas, escritores, artistas, seus colegas e professores – companheiros de jornada.

Capítulo 5: A celebração da amiga: Este capítulo destaca a figura de Teresa Maria Carini Rocchi. Essa personagem fascinante conquistou a amizade de Antonio Candido quando esse era ainda menino. Permanentemente lembrada, é figura central do seu memorialismo e deu nome a um livro: *Teresina etc.*. Uma pergunta norteia o olhar sobre esse livro e essa figura humana tão incomum. Analisar e acompanhar a gênese da obra, observar a personagem em seus movimentos e na sua particular afetividade será o caminho na busca de entender: por que Teresina?

Termos finais: Reflexão e memória. Procede a um balanço do trabalho, recupera alguns temas tratados e destaca algumas omissões que o curso do estudo gerou. Desenvolve alguns pontos referentes à escrita de Candido e destaca a sua condição de ensaísta. Busca-se por essa via ir além do memorialismo (embora sem perdê-lo de vista) na intenção de melhor compreender o crítico memorialista e a sua obra. Em seguida se conduz o estudo ao seu encerramento.

Bibliografia e obras citadas. Essa parte busca ir além das referências bibliográficas, oferecendo um painel mais extenso das obras estudadas para este trabalho. Assim o leitor poderá compreender de maneira mais ampliada o itinerário percorrido. Há também a expectativa de que constitua uma contribuição a outros estudiosos do tema.

Apêndice: entrevista com Antonio Candido. Reproduz editada segundo o escopo do projeto a entrevista concedida por Antonio Candido como contribuição à realização deste estudo.

Para encerrar, anota-se que não pode ser omitida a questão da relação de simpatia ou, muitas vezes, de empatia estabelecida entre o estudioso e seu objeto de estudo. Afinal, a escolha de um autor ou obra como tema de um estudo pode (melhor dizendo, deve) ser considerada como manifestação desses sentimentos. E muita simpatia (ou empatia) é necessária para se manter em nível elevado um trabalho que ocupa tão dilatado tempo e requer tamanho envolvimento, como é da natureza de uma tese universitária. Portanto, esses sentimentos são motivadores. Por outro lado, podem terminar por cegar o estudioso para aspectos do seu objeto que correm o risco de ficar velados exatamente pelo

envolvimento pessoal. O estudioso deve, pois, mover-se acionado pela simpatia, acautelando-se, porém, contra os seus perigos.

## CAPÍTULO 1: O TEMPO E O LUGAR

Este é um capítulo de feitiço amplo, que ambiciona a compreensão do memorialismo numa aproximação de caráter simultaneamente teórico, histórico e, principalmente — como é da natureza deste estudo — crítico. Seu conteúdo, não necessariamente nesta mesma ordem, constará de alguns tópicos principais, tratando desde questões teóricas como os conceitos de memorialismo; sua especificidade e sua continuidade relativamente aos demais gêneros literários. Será analisada ainda a relação entre o memorialismo e a história; entre memorialismo e autobiografia e ainda entre este e a ficção. De Santo Agostinho e Rousseau à atualidade se traça um itinerário das origens do memorialismo às variadas formas de textos referidos à primeira pessoa. Atentar-se-á também para as possibilidades e riqueza literária do gênero, destacando-se alguns casos exemplares do memorialismo nacional, como Machado de Assis, Darcy Ribeiro e Pedro Nava, entre outros.

Surgidos desde o período inicial da ocupação e colonização do território nacional, na voz de jesuítas e viajantes estrangeiros, os relatos vinculados à primeira pessoa têm constituído fonte das mais importantes para o conhecimento do Brasil, muito embora o memorialismo propriamente dito tenha surgido tardiamente, como anota Brito Broca na apresentação que escreveu para a edição das memórias de Joaquim de Salles em 1961.

Observe-se que muitos dos temas que num estudo deste gênero seriam comumente tratados na introdução estão neste capítulo. Isso ocorre devido ao fato de se pretender, não obstante o caráter amplo, construir uma sólida reflexão sobre o motivo memorialístico, numa aproximação que levará em conta sua história, características estilísticas etc.. A expectativa é que por essa via se alcance uma compreensão mais extensa da diversidade dessa forma de expressão literária específica. Por esse itinerário se intenta alargar a reflexão sobre o motivo da literatura pessoal em suas variadas manifestações. Esse parece um passo indispensável à compreensão do fenômeno literário extremamente particular que é o memorialismo de Antonio Candido, que apresenta variadas e às vezes inesperadas configurações ao longo da sua obra.

## O concreto e o narrado

De início seria interessante estabelecer alguns tópicos importantes relativamente ao motivo da memória e de outros que lhe são contíguos, como a autobiografia. Phillipe Lejeune define esta como uma “Narração retrospectiva em prosa da própria existência, feita por uma pessoa real, em que ela destaca sua vida individual e particularmente a história da sua personalidade.”<sup>37</sup> Pode-se considerar o “pacto autobiográfico”, proposto por esse autor como estratégia discursiva de tal narração, definível por uma oposição estabelecida entre este e o pacto romanesco. O último estabelece, desde a capa do livro e da folha de rosto, a convicção de que o conteúdo não é real, é um fingimento – uma ficção, enfim. O pacto autobiográfico é, ao contrário, um acordo entre leitor e escritor que reconhece como verdadeiro, real, aquilo que o texto apresenta em forma narrativa. Portanto, seria lícito entender que a fronteira entre uma e outra narrativa dependeria fundamentalmente desse acordo entre as partes.

Já para Lereña Alberti, a autobiografia pode ser definida como “Narrativa centrada no sujeito que a cria, simultaneamente ponto de partida e objeto do texto”. Essa autora fala das *Confissões*, de Rousseau como o “texto no qual, pela primeira vez, o eu se fala na intimidade e se põe a nu, à disposição do julgamento dos leitores”<sup>38</sup>. Essa obra pode, segundo ela, ser tomada como uma espécie de paradigma do que se constituiria na autobiografia na cultura ocidental. Já o memorialismo que também reivindica uma espécie de “pacto autobiográfico” – ou, um pacto de verdade – entre leitor e escritor, se diferencia da autobiografia *stricto sensu* em alguns aspectos, o primeiro deles relacionado à posição do eu na narrativa. Talvez seja possível afirmar que na autobiografia o narrador encena uma narração direta de si mesmo, ao se pôr no centro do narrado. Já no memorialismo se pode dizer que o narrador se coloca na posição central devido à sua condição de detentor do ponto de vista sob o qual o leitor terá acesso à matéria narrada. O narrador que rememora o outro no texto memorialístico partilha com o leitor o seu ponto de vista, guiando o olhar, tomando as decisões narrativas, conquistando dessa forma a posição que o autobiógrafo assume por se fazer o centro do olhar. Talvez seja possível comparar as duas escritas

---

<sup>37</sup> “Récit retrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité.” (LEJEUNE. *Le pacte autobiographique*, 1975. p. 14).

<sup>38</sup> ALBERTI. *Literatura e autobiografia*, 1991. p. 73.

destacando a autobiografia como uma hipertrofia do narrador que se faz personagem, enquanto o memorialismo pode ser caracterizado por um certo obscurecimento do eu como personagem, pois privilegia o outro como centro do olhar.

Partindo-se da ideia de que, na autobiografia, narrador e narrado se sobrepõem e, ainda, de que no memorialismo o narrador se constrói através de um certo afastamento formal do narrado, deve ser destacado que, como ocorre em toda narrativa da primeira pessoa gramatical e como observa Michel Butor, o narrador está também se narrando, numa trama tal que faz com que por trás de todo ele narrado haja sempre um eu mais ou menos oculto pelo pronome, que narra mas é também narrado. Deve-se ainda acrescentar que todo eu narrado será sempre um ele.<sup>39</sup> Em consequência se deve registrar que esses gêneros da escrita não estão assim muito apartados. Outro dos traços a observar é aquele que distingue, de um lado, a autobiografia e o memorialismo e de outro, a ficção, referindo-se à condição do narrador. Se a ficção é a afirmação da sua condição de ente literário autônomo, a memória e a autobiografia buscam exatamente apagar esse limite entre o mundo concreto e o mundo narrado.<sup>40</sup> Ou, nos termos de Sylvia Molloy, “os testemunhos, os diários, as autobiografias, todos [são] modos híbridos de representação que querem fazer crer ao leitor que ele está diante de relatos diretos, não mediados, da vida real, narrados por indivíduos reais.”<sup>41</sup>

Claro que tal relação não dá completamente conta da literatura, construção de linguagem, por natureza, das mais complexas; capta, porém, uma reivindicação implícita nos escritos memorialísticos e autobiográficos. Seria, talvez, mais adequado dizer que se trata de estatutos dissemelhantes. Rememorar é lembrar, encenar uma recuperação do passado — “A memória seria o esforço para recuperar a experiência do passado, contra um mundo que se reduz à pontualidade,”<sup>42</sup> diz Olgária de Matos —, mas é também muito mais que isso, pois lembrar implica em escolha e escolher é confrontar o mundo. Ao definir o que deve ser recuperado pela memória, o memorialista adquiriu o poder de subverter o

---

<sup>39</sup> Segundo Michel Butor (*Repertoire II*, 1974), essa é uma característica de toda narrativa, não apenas daquelas da primeira pessoa.

<sup>40</sup> Acrescente-se, como observa Antonio Candido, que “a compartimentação dentro dos próprios gêneros é frequentemente ociosa, revelando-se estreita ante a exuberância das obras de grande qualidade.” (CANDIDO. *Brigada ligeira*, 2004. p. 69).

<sup>41</sup> MOLLOY. *Vale o escrito*, 2004. p. 31-32.

<sup>42</sup> MATOS. *História viajante*, 1997. p. 112.



mundo, pois a memória não é — e não apenas em potência — simples ratificadora. Rememorar é escolher, é reconstruir, abrindo ao memorialista infindas possibilidades, igualando, conseqüentemente, ficção e memória quanto ao estatuto da narração. São, em conseqüência, ficção e memória, construtoras de mundos literários. Fazem-no, porém, de diferentes formas (conseqüentemente, com diferentes estratégias de linguagem), diferenciando-se também quanto aos objetivos. Muitas vezes o ficcionista escreve na portada do seu livro um aviso de que as semelhanças com pessoas vivas ou mortas são mera coincidência. Já o memorialista opera com termos como “eu me lembro”, “quando eu era criança” etc., numa permanente tentativa de incluir na narrativa o ser empírico, intentando equiparar a instância narrativa à instância não literária. Sabe-se que as coisas não se passam exatamente assim, tanto as semelhanças entre realidade e ficção não são “mera coincidência”, quanto não constitui exclusiva falsificação a presença da ficção no texto do memorialista. Para usar expressão poética, pode-se dizer que ambos fingem. Fazem-no com finalidades diferentes, mas fazem-no ambos, porque, finalmente, literatura é fingimento expresso.

Explorando-se o verbete memória nos dicionários e enciclopédias, constata-se que este substantivo pode com segurança ser dito polissêmico. O sentido que neste ponto interessa registra-o como um tipo de *pluralia tantum*, isto é, uma palavra que só existe no plural. Significa, segundo o *Dicionário Houaiss*: ‘relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular; memorial’. O dicionário de Caldas Aulete fala de ‘narrações históricas escritas por pessoa que presenciou os acontecimentos ou neles tomou parte’. E, ainda nessa mesma fonte: ‘Escritos em que o autor só trata acontecimentos que lhe dizem respeito ou dos pertencentes à sua época e em que é mais ou menos interessado’. De início deve ser ressaltado que nenhuma das duas fontes menciona a autobiografia, que se subentende, seria um gênero diferenciado. Também, ambas se referem à história — acontecimentos históricos e narrações históricas, respectivamente —, considerando as memórias, portanto, uma espécie de narração histórica vinculada ao narrador.

Segundo Fábio Lucas,

O memorialismo integra a própria literatura. Quando se diz “memórias” já se convencionou ser um gênero literário definido como narrações históricas, escritas por testemunhas presenciais ou escritos em que o autor narra fatos mais ou menos ligados à sua pessoa.<sup>43</sup>

Eduardo Portella, por sua vez, destaca do memorialismo, antes de tudo, o seu caráter ambíguo, considerando-o uma espécie de “entidade literária autônoma: mas que se situa no meio caminho entre a autobiografia e a história. [...] Porém, sem ser nunca história e nunca autobiografia. Embora servindo a uma como à outra.”<sup>44</sup> Ambiguidade que, se anota, não lhe retira o caráter de gênero literário específico. Registre-se que Hannah Arendt equipara a lembrança à história<sup>45</sup>, o que parece concordar integralmente com a proposição de Portella, que situa à parte a distinção entre memória e história, destacando ainda a afetividade da primeira, que a diferencia da objetividade visada pelo historiador. Isso o leva a afirmar que as memórias são “acronológicas, mais afetivas, puramente subjetivas.”<sup>46</sup> Claro está que a subjetividade do memorialismo não atinge esses extremos, mas é, sem dúvida, componente dos mais importantes. Abre, porém, espaços para a objetividade e alguma objetivação, não ocorrendo, em consequência, uma absolutização do sujeito, o que, provavelmente, as tornaria bem menos atraentes como objeto de leitura e efetivas como fonte documental. Mas, desse esforço definidor se quer reter sobretudo a ideia de uma afetividade derivada de um sujeito que recorda, ao mesmo tempo que é também motivadora da recordação.

Para o autor de *Dimensões*, a memória é uma “literatura onde o autor é o centro e principal personagem da obra.”<sup>47</sup> Mas, sempre literatura. Literatura pelo propósito literário daquele que rememora, diversamente do depoimento historiográfico que procura um certo caráter científico, documental, uma pretensão à objetividade que requer um pacto de leitura diferente daquele pleiteado pelo texto literário. O memorialista escreve indiferente ao valor histórico da sua escrita ou se não indiferente, certamente considerando-o secundário relativamente à afetividade e ao valor artístico, melhor dizendo, literário. Pode-se ainda cotejar memória e história pondo em destaque o particularismo característico da primeira em oposição ao universalismo que deve definir a segunda. Por mais que busque o universal,

---

<sup>43</sup> LUCAS. *Mineiranças*, 1991. p. 244.

<sup>44</sup> PORTELLA. *Dimensões I*, 1959. p. 185-186.

<sup>45</sup> ARENDT. *The human condition*, 1998.

<sup>46</sup> PORTELLA. *Dimensões I*, 1959. p. 186.

<sup>47</sup> PORTELLA. *Dimensões I*, 1959. p. 187.

o memorialista será sempre um ser singular que opera a partir de uma perspectiva particular ao passo que o historiador, produzindo uma narração que quer ser ciência, terá sempre de se haver com temas e questões de caráter universal, mesmo quando historia o particular como a vida de um indivíduo, que só se torna interesse histórico por sua vinculação ao coletivo, aspirando portanto à universalidade. Não signifique isso, porém, uma omissão do alcance universal da literatura. Essa, como é característico da arte, vincula o indivíduo ao universal num nível não alcançável pela história, como é também característico das ciências em geral. Essas por sua condição mesma, que as vincula ao transitório e imediato, não alcançam nem aspiram alcançar a universalidade e a permanência que caracterizam as artes ou a filosofia.

Estabelecido isso, certamente continuariam em aberto diversas questões fundamentais sobre o tema, como a relação entre memória e ficção e mesmo memória e história (afinal, não parece suficiente a consideração sobre a *petite histoire* contida na ideia de história vinculada ao narrador); verdade e verossimilhança; objetivos legítimos e ocultos, assim como as estratégias de validação de que se serve o memorialista tanto quanto a questão da autonomia do memorialismo como gênero literário específico etc..

Para uma memorialista pouco à vontade nessa condição, as memórias são um “gênero universitário um tanto incômodo, nem *curriculum vitae* nem autobiografia”<sup>48</sup>. Por sua vez, o crítico Haroldo Bruno reitera sobretudo o caráter de *petite histoire* que comumente adere à escrita, definindo-a como uma “espécie de história privada, o homem, o meio e o tempo parecem conjugar-se numa contextura lógica para fixar a imagem integral do indivíduo.”<sup>49</sup> Aceitando como dado o incômodo atribuído ao gênero tanto quanto suas características de *petite histoire*, parece necessário que se matize a ideia de uma imagem integral, inexistente. Seria ainda necessário avançar em busca de uma compreensão que alcance além do que poderia ter ou não do currículo e da autobiografia, não sendo um ou outro.

Nem mesmo uma personagem literária como a boneca Emília, da obra de Monteiro Lobato, nas suas *Memórias da Emília* conseguiu escapar ao que parece ser uma espécie de fatalidade entre os livros de memórias, que, quase inevitavelmente se iniciam por algumas

---

<sup>48</sup> MATOS. *História viajante*, 1997. p. 25.

<sup>49</sup> BRUNO. *Estudos de literatura brasileira*, 1957. p. 193.

considerações sobre o motivo memorialístico. Aqueles que – como os de Vivaldo Coaracy (*Couves da minha horta*) ou Manuel Bandeira (*Itinerário de Pasárgada*) – escapam a esse roteiro são uma espécie de raridade literária. Essa fatalidade permite estabelecer o recorte desse discurso comum nos textos de memorialistas como Pedro Nava, Afonso Arinos ou Erico Verissimo como importante fonte para o tratamento das questões apresentadas nestas considerações. Dizendo com outras palavras, trata-se do projeto de compreender o memorialismo a partir de uma visada teórica que busca valorizar as reflexões do memorialista sobre o seu específico afazer literário, reconhecendo como legítimas suas interrogações e suas angústias tanto quanto suas considerações de caráter valorativo relativamente às formas que o ato de escrever impõe ao seu empreendimento.

### **O vitral partido**

Erico Verissimo registra, em *Solo de clarineta*, a travessia de um bosque de oliveiras durante viagem a Portugal: “Em breve o olival ficou para trás no espaço e, irrecuperavelmente, no tempo.”<sup>50</sup> A palavra chave nesse trecho é esse irrecuperavelmente, aí posto exatamente por aquele que o está negando. Parece ser boa palavra a dizer-se do memorialismo, a sua condição de recuperador do que ficou para trás, “irrecuperavelmente” perdido no tempo.

Anote-se o que diz Antônio Sérgio Bueno: “O passado não é irrevogável. Cada leitura que dele se faz modifica-o de algum modo. À revelia de si mesmo, o memorialista acaba interferindo nesse passado.”<sup>51</sup> Não há reparos a fazer ao crítico, tanto quanto ao escritor, que diz da irrecuperabilidade do passado ao mesmo tempo em que procede à sua recuperação. Ou seja, o passado (irrecuperável no tempo, segundo o memorialista) é, contraditoriamente, recuperável, ainda que modificado pela escrita da memória. Esta, ao trazê-lo literariamente à vida, altera-o seja pela reelaboração do factual, seja pelo agenciamento de novos sentidos provocado pela sua reinscrição no fluxo da vida.

Estabelecido esse ponto, cabe perguntar sobre a capacidade de recuperação do memorialista que, normalmente, escreve em idade avançada, rememorando fatos e pessoas com as quais teve contato na infância. O ser humano esquece. Sobrevivem, porém,

<sup>50</sup> VERISSIMO. *Solo de clarineta*, 1976. v. 2. p. 202.

<sup>51</sup> BUENO. *Visceras da memória*, 1997. p. 23.

momentos de natureza afetiva que convocam, de alguma forma, o esquecimento. E também, deve ser observado que a sua relação com a memória não é pacífica nem harmônica. O ditador que ordena que se apaguem palavras e imagens, tentando com esse ato mudar a história, apenas pratica em grau superlativo um ato que os homens praticam a todo momento: a desmemória, o esquecimento, o apagamento de rastros. O que é condenável no seu ato, o que o torna monstruoso não é apagamento em si, é a tentativa de sonegar ao outro a história, é sua dimensão política. Para que exista a memória é necessário que haja o esquecimento: assim como a palavra demanda o silêncio para existir, também a memória existe em função do esquecimento. A este se opõe o rememorar, alinhando-se a ele ao selecionar o rememorado. Sem o esquecimento os homens viveriam numa espécie de presente permanente sem passado e sem futuro, um limbo tal como a eternidade em que Santo Agostinho nas suas *Confissões* situa a divindade. Em outras palavras, a lembrança e o esquecimento são como as duas faces de Jano, inseparáveis: lembra-se porque se esquece; esquece-se para lembrar. Platão situou magnificamente o problema com a metáfora do bloco de cera, presente no *Teeteto*:

Pois bem, supõe, tendo em vista o argumento, que nas nossas almas há uma espécie de bloco de cera que recebe as impressões; num, maior, noutra, mais pequeno; noutra, da cera mais pura, noutra, mais suja, nuns de cera mais dura, noutros, mais líquida, nalguns, mais apropriada.<sup>52</sup>

Essa cera, segundo o sábio, uma prenda da Memória, mãe das musas, tão variadamente distribuída, mesmo quando da melhor qualidade e maior pureza, sempre está exposta à sobreposição das marcas, ao apagamento de uma marca pela outra e à deformação física causada pela passagem do tempo e pela sua condição mesma de ente corpóreo, material, em consequência, plástico e conformável. Essa metáfora, muito citada, pelos que escrevem sobre a memória, é aqui recuperada especialmente pela relevância que dá ao aspecto inicialmente físico da memória, que constitui, porém, uma dádiva da mãe das Musas. Ou seja, parece registrado aí tanto o aspecto mais comezinho e contingente da lembrança quanto a sua associação ao mundo das Musas, isto é, a busca humana pela superação da temporalidade.

---

<sup>52</sup> PLATÃO. *Teeteto*. 192c-d. (Os diálogos de Platão são identificados pelo sistema alfanumérico já consagrado, o que permite o cotejo com qualquer boa edição da sua obra).

Ampliando a expressão platoniana pode-se dizer que a plasticidade natural dessa cera faz com que se deixe moldar pelos interesses e pela afetividade de quem rememora. Caso exemplar está em Brás Cubas (voz ficcional de um memorialismo encenado), que não se lembra da cor das calças que usou no dia anterior, mas recupera com acurada precisão microscópicos detalhes da sua experiência de vida, do final da infância à idade adulta. Assim como essa personagem machadiana, também o memorialista, tendente ao esquecimento sistemático, mediado pelo afeto busca vencê-lo pela escrita, suprimindo pela imaginação as amplas lacunas da memória.

Observe-se agora o que diz Autran Dourado: “Procurei ser fiel e justo mais a mim mesmo do que à realidade. [...] um depoimento às vezes cruel, mas sempre verdadeiro, da minha visão de um período histórico brasileiro bastante conturbado.”<sup>53</sup> E também o que diz Jorge Amado: “De logo quero avisar que não assumo qualquer responsabilidade pela precisão das datas, sempre fui ruim em datas, [...] A referência a ano e a local destina-se apenas a situar no tempo e no espaço, o acontecido, a recordação.”<sup>54</sup> Pedro Nava, por sua vez, é um escritor que pode ser considerado paradigmático em pelo menos dois aspectos do seu memorialismo. O primeiro deles, a altíssima elaboração literária alcançada pelo seu texto, situando o escritor entre os grandes inventores da língua e da literatura e um inovador do gênero na série literária brasileira. O segundo, a obsessão com a verdade. Diz ele: “Para quem quer escrevê-las [memórias] sendo leal consigo mesmo — há de fazer tábua rasa das imposições familiares, das vexações do interesse material, do constrangimento idiota da vida social.”<sup>55</sup> Isto é, é preciso cobrir-se com a “filosofia do exílio”<sup>56</sup> e escrever “ferindo pela escrita”<sup>57</sup>, reitera o autor de *Balão cativo*.

Parece lícito imaginar que uma reflexão sobre o motivo da memória deve passar também pela consideração do que dizem esses três memorialistas: de uma parte, a fidelidade a si, em detrimento dos fatos, caracterizada por Dourado e a imprecisão da memória apontada por Jorge Amado; doutro, a obsessão com a verdade, o ferir com a escrita, de Pedro Nava. Essa estreita linha delimita o roteiro do memorialista.

---

<sup>53</sup> DOURADO. *Gaiola aberta*, 2000. p. 193.

<sup>54</sup> AMADO. *Navegação de cabotagem*, 2006. p. 9.

<sup>55</sup> NAVA. *Beira-mar*, 1985. p. 198.

<sup>56</sup> NAVA. *Beira-mar*, 1985. p. 198.

<sup>57</sup> NAVA. *Beira-mar*, 1985. p. 199.

José Mindlin, por sua parte, entende o memorialismo como uma “prolongada conversa, embora unilateral, que se poderia classificar de conjunto de respostas sem perguntas.”<sup>58</sup> Observe-se que esta ideia, que poderia ser dita bakhtiniana, por destacar no gênero seu aspecto dialógico, valoriza o leitor ao situá-lo como que na posição de motivador da escrita memorialística, concedendo-lhe uma espécie de coautoria; ideia que vários outros momentos da escrita de Mindlin confirmam. Tem-se, assim, um memorialismo diferenciado, que parece negar a ideia matricial de um gênero de escrita que muitas vezes arrisca se tornar uma espécie de literatura solipsista em que o ato de lembrar o outro é apenas um pretexto para dar expansão ao egotismo daquele que rememora, voltado sempre preferencialmente para si. Nesse aspecto, diverge Mindlin de forma peremptória de um conceito e de uma prática bastante presentes no memorialismo e na avaliação que deles faz o senso comum literário, em consequência se constitui numa espécie de paradigma do memorialista sempre comprometido com o leitor.

Para prosseguir nesta sondagem é importante registrar a dificuldade de se falar de maneira definitiva sobre o motivo da memória na literatura. A verdade é que quanto mais avança a reflexão, mais complexa se apresenta essa variedade literária, unindo-se a outros gêneros de escrita e extravasando os limites da literatura e da arte em direção à história, à filosofia e a outras formas de conhecimento do mundo. Como observa Afonso Arinos, o gênero memorialístico

se disfarça e infiltra em obras de várias categorias. Stendhal, Boswell, Montaigne falam sempre de si, da sua experiência, quando escrevem romances, biografias ensaios. [...] As correspondências, os diários, as narrativas de viagens, os discursos parlamentares se confundem, também, frequentemente, com as memórias.<sup>59</sup>

Também Antonio Candido, em um prefácio, observa “como é relativa a divisão dos gêneros.”<sup>60</sup> Considerando-se o que dizem os dois pensadores, deve ficar registrada a ideia de que as fronteiras entre os gêneros, mais que linhas de demarcação de territórios, constituem-se em pontos de interseção e locais de encontro, em que as diversas escritas se tocam e se fertilizam mutuamente. Assim, tentar estabelecer fronteiras é na maioria das

---

<sup>58</sup> MINDLIN. *Uma vida entre livros*, 1997. p. 14.

<sup>59</sup> FRANCO. *A alma do tempo*, 1961. p. 3.

<sup>60</sup> CANDIDO. *Os melhores poemas*: Álvares de Azevedo, 2005. p. 9.

vezes ato arbitrário, justificável como recurso heurístico ou didático. Entretanto, o reconhecimento de uma certa inextrincabilidade entre memória, vida e conhecimento (e do seu conseqüente valor) não pode conduzir à defesa de nenhuma forma de monismo redutor. Afinal, fosse essa a postura teórica, não se justificaria o trabalho do pesquisador ou do crítico literário.

Caracterizando-se o memorialismo, se não se pode deixar de anotar que memórias não são apenas lembranças; são lembranças passadas pelo crivo fino da escrita, e essa implica em escolhas e reelaboração, como está dito. Também não se deve omitir que a memória não é apenas individual; é também social. Compreendendo-se esse segundo aspecto como o “processo que permite à sociedade renovar e reformar sua compreensão do passado a fim de integrá-lo em sua identidade presente.”<sup>61</sup> Ou seja, trata-se da forma com que os indivíduos e os grupos de uma determinada sociedade e época se relacionam com o seu passado<sup>62</sup>. A lembrança não existe num vazio, tanto quanto ocorre com aquele que rememora. O dizer de quem rememora é também o dizer da sua época e do seu mundo; a memória é sempre um processo de criação tanto quanto de transformação.

Sem dúvida que a grande preocupação do memorialista é, como observa um deles, a imagem que projetará para a posteridade, o julgamento a que será submetido. O problema está em que por mais que escreva visando operar sobre as futuras consciências o memorialista não tem domínio sobre a interpretação do que escreve. O leitor tem outros interesses e motivações e a leitura é mediada por afetos muitas vezes conflitantes com o escrito. Esse memorialista é Afonso Arinos que no seu *A alma do tempo*, também se confessa atraído sobre tudo pela possibilidade de refazer em outras medidas o mundo que ficou para trás. A boneca Emília – melhor dizendo, Monteiro Lobato – na sua imensa sabedoria, já observara que

Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos

---

<sup>61</sup> GEARY. Memória, 2006. p. 167.

<sup>62</sup> HALBWACHS. *Mémoire collective*, 1968. Existe tradução dessa obra (HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. de Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990 e outras edições).



outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar a ideia de que está falando a verdade.<sup>63</sup>

Tanto o grande homem quanto a boneca levada tocam em um problema que não pode ser excluído das reflexões sobre o motivo memorialístico. Afinal, produzir uma boa imagem de si mesmo pode parecer uma tentação aliciante para boa parte da humanidade, não excluídos os que escrevem memórias, mesmos os grandes dentre eles, não sendo casual que Antonio Candido aponte o memorialista Rousseau, como mentiroso contumaz<sup>64</sup>. Assim, às dificuldades geradas pelos limites da memória se acrescentam as falhas produzidas pela ânsia de ser bem visto e bem lembrado.

Pedro Nava parece ter logrado um caminho para enfrentar alguns dos desafios postos ao memorialista quando, no capítulo em que recorda seu tio Ennes de Souza, figura a vida deste “como um vitral partido. Consigo reconstituir um ou outro pedaço colorido. Não encho todos os claros nem tapo todos os rombos — mas creio que, apesar das falhas, vou conseguindo dar uma ideia do parente e mestre.”<sup>65</sup> Fica então registrada essa imagem como uma metáfora forte do memorialismo: vitral partido, de que o memorialista preenche alguns claros, deixando a maioria, no entanto, abertos ao leitor que os preencherá ou não.

Mesmo não sendo um mentiroso contumaz, nem sempre o memorialista está comprometido com a disjunção entre os campos literários. Por exemplo, esse mesmo Pedro Nava, “memorialista, cuja condição é ter um pé na história e outro na ficção”<sup>66</sup>. Ou, em forma questionadora,

Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança? onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedra, tijolo — argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pelo cal [sic], pelo reboco da verossimilhança — manipulados pela imaginação criadora. Foi bem assim? devia ter sido assim? Ou é como se tivesse sido assim?<sup>67</sup>

Esta complexa relação que o memorialismo estabelece entre realidade e ficção exigiria, talvez, um aprofundamento na reflexão sobre a relação entre verdade e memorialismo, avançando além do ponto que se alcançou até aqui. Opera-se, porém, com

<sup>63</sup> LOBATO. *Memórias da Emília*, 1971. p. 10.

<sup>64</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006.

<sup>65</sup> NAVA. *Chão de ferro*, 1976. p. 192.

<sup>66</sup> NAVA. *Beira-mar*, 1985. p. 406.

<sup>67</sup> NAVA. *Balão cativo*, 1973. p. 287-288.

uma restrição de espaço que não pode ser ignorada e dar a adequada atenção a cada um dos pontos em que se toca implicaria num alongamento excessivo do texto que, afinal, precisa atender a um objetivo específico. De toda forma, reitera-se que, diferentemente da ficção, cuja verdade não pode nunca ser buscada na confrontação com o mundo real, o memorialismo solicita todo o tempo tal cotejo. Nava trata do tema, num momento das suas memórias, que merece ser recuperado, embora demandando uma citação um pouco longa. — “Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade?”<sup>68</sup> —

É com essa pergunta que entro nesta fase das minhas memórias, fase tão irreal e mágica e adolescente como se tivesse sido inventada e não vivida. Se eu fosse historiador, tudo se resolveria. Se ficcionista, também. A questão é que o memorialista é forma *anfíbia* [grifei] dos dois e ora tem de palmilhar as securas desérticas da verdade, ora nadar nas possibilidades oceânicas de sua interpretação. E como interpretar? o acontecido, o vivido, o FATO — já que ele, verdadeiro ou falso, visão palpável ou só boato tem importância igual — seja um, seja outro. Porque sua relevância é extrínseca e depende do impacto psicológico que provoca. Essa emoção, desprezível para o historiador, é tudo para o memorialista cujo material criador, pode, pois, sair do erro. Mentira? Ilusão? Nada disso — verdade. Minha verdade, diferente de todas as verdades. [...] O que chamamos Tempo — passado, presente, mesmo sua dimensão futura — é apenas fabricação da memória. [...] Ainda se o que vai aqui fosse escrito por mim... [...] Escrevem os outros. [...] Eu só copio.<sup>69</sup>

A transversa citação de Pessoa, na parte final de um trecho que começa pela questão do evangelista, parece ter sido posta aí com a finalidade de ratificar no leitor desatento a condição literária da memória. Solicita sua atenção à reflexão que a escrita envolve ao apresentar-lhe seu mundo vivo nas pessoas e seres que faz reviver pela palavra. Deve ser registrado ainda o afastamento entre o historiador e o memorialista anotado relativamente à emoção, tanto quanto à questão da verdade, fortemente enfatizada pelo memorialista.

### **Astúcias da etimologia**

Na tradição grega a história é patrocinada pela musa Clio, filha de Mnemósina, a memória. Portanto Clio liga definitivamente a história à memória. Interessante anotar que esses termos unidos pela musa vão se ligar também ao nome da astuta Hístoris, de cujo feito se fala a seguir. Conforme reconta Junito Brandão no seu *Dicionário mítico-*

<sup>68</sup> BÍBLIA SAGRADA, A. João: XVIII, 38, citado por Nava no original.

<sup>69</sup> NAVA. *Chão de ferro*, 1976. p. 166.

*etimológico*, Alcmena, engravidada por Zeus, entra em trabalho de parto. Hera, enfurecida pela infidelidade do marido, decide punir a mortal que atraía seu divino esposo e ordena a Ilítia, deusa dos partos, que se sente à porta do quarto da gestante e cruze as pernas e os braços, impedindo o nascimento da criança. Instruída por Hístoris, Galíntia, filha de Tirésias, que assistia à gestante, sai do quarto festejando o nascimento do maior dos heróis, filho do pai de todos os deuses. Enfurecida e sem compreender o que se passara, Ilítia descruza pernas e braços, se levanta e abandona o palácio, liberando então o caminho para o nascituro Hércules que pode finalmente vir à luz. Ora, etimologicamente, como é do conhecimento geral, em grego, esse nome — Hístoris — e história têm a mesma raiz, são, portanto, a mesma palavra, traduzível por ‘eu sei’, ‘eu vi’. Logo, deve-se falar de Hístoris, cujo nome a aponta como testemunha, como uma embusteira, enganadora, atributos ambos da astúcia. Assim se tem a mitologia e a etimologia unidas a vincular a história ao embuste, à mentira ou, no caso presente, à ficção. Confirma-o Pedro Nava, cioso guardião da verdade rememorada a operar com as ferramentas do ficcionista. Não é, por certo, o acaso a aproximar tão marcadamente, na cultura de que tanto herdou a nossa, esses termos.

Não se pretende aqui – nem seria possível – discutir cada uma das questões propostas pelo memorialista e suscitadas pelo mito, mas apenas incorporá-las à reflexão que este texto se propõe a partilhar com o eventual leitor. Reflexão que se assenta não no projeto de se estabelecer uma verdade mensurável, capturada pela lente do estudioso, mas de uma permanente dúvida frente ao mundo concreto, tão miúdo muitas vezes face ao ainda mais concreto mundo da escrita. E fica também registrada a expressão “forma anfíbia”, usada por Nava, como forma expressiva aparentemente bastante eficaz para enquadrar o gênero literário em questão.

Ressalvada a mentira sistemática e deliberada, à qual se deve sempre reservar o pântano do memorialismo, na reflexão sobre o gênero cumpre marcar essa complexa relação entre este e a ficção. Esse fenômeno pode ser observado nos mais diversos escritores, uma curiosa contaminação da literatura pela memória, por exemplo, em Graciliano Ramos. Numa passagem do livro *Infância* – recriação literária em chave ficcional do início da vida do autor –, o leitor é informado da existência do “Cavalo-Morto,

areal mal afamado que findava no sítio de Seu Paulo Honório”<sup>70</sup>. O nome, que nesse livro não passa disso, certamente lembrará ao leitor a personagem homônima do livro *São Bernardo*. Poderá então se perguntar sobre a vida e o fadário desse tão distante Paulo Honório, que batizou gente tão importante. Terá realmente existido, ou terá, em vez de batizar sido batizado pelo escritor que precisava de um nome para indicar de alguém e, talvez, não sem certa malícia, se lembrou do nome do dono da fazenda São Bernardo? Ou, quem sabe, não encontrou nesse morador da sua Buíque da infância uma personagem quase pronta, que precisou só tornar letra para fazê-la literária? Fenômeno semelhante ocorre todo o tempo na obra rosiana, que parte de um “poderoso lastro de realidade tenazmente observada que é a sua plataforma”<sup>71</sup> sobre o qual o escritor vai inscrevendo como personagens literárias, muitas vezes, pessoas com as quais conviveu. Lima Barreto é outro que, como demonstrou o mesmo Antonio Candido<sup>72</sup>, estabelece rica relação entre os dois gêneros, fertilizando a ficção com a experiência pessoal. A relação entre autobiografia e ficção é mais comum do que comumente se pensa, incluindo incontáveis outros elementos que quase sempre escapam ao leitor. Essa relação, tão enriquecedora nos casos citados, não é, porém, muitas vezes tão produtiva do ponto de vista literário; pode apontar muitas vezes para uma fraqueza da literatura, como observa Antonio Candido no último dos estudos acima citados.

Retomando o conceito de gênero literário, se deve observar que este é útil e necessário, ajuda a compreender e a apreender o fenômeno literário de uma forma que não seria acessível sem a sua existência. Entretanto, a eficácia de sua aplicação exclusiva ou como “armadura” ou forma é limitada. Os escritores quase sempre borram as fronteiras entre os gêneros, ampliando e tornando mais complexos esses limites. Guimarães Rosa reclama para seu *Grande sertão: veredas* o estatuto de poema, não consta que nenhum crítico tenha se proposto à tarefa de refutá-lo. Ainda nesse mesmo escritor, como estabelecer o que é conto, romance ou novela? Ou, como deslindar o regional do universal? Ou, de maneira mais geral, em que gênero enquadrar o *roman à clef*? E a obra de Pedro Nava, que, memória, inclui um *roman à clef*? E um livro como *El zorro de arriba y el zorro*

<sup>70</sup> RAMOS. *Infância*, 1974. p. 63.

<sup>71</sup> CANDIDO. *Tese e antítese*, 1994. p. 78.

<sup>72</sup> Os olhos, a barca e o espelho. In: CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 47-60.

*de abajo*, em que gênero de literatura estaria adequadamente enquadrado? <sup>73</sup> Séries de livros como *Diário crítico*, de Sérgio Milliet e *Jornal de crítica*, de Álvaro Lins, constituem um tipo de memória da literatura, se revelando ricos depositários das leituras e autores de uma geração, sem abdicar da sua condição de inventário crítico e de literatura pessoal, não contando ainda o *Diário de um crítico*, de Temístocles Linhares, que embaralha ainda mais os termos.

Ao memorialismo, esse gênero tão miscível, não importa ser coonestado pelo varejo dos fatos; o memorialista se afirma pela totalidade do mundo que constrói. Motta Pessanha apresenta uma questão que pode bem caracterizar a história, útil no cotejo entre essa e o memorialismo, afinal, não é ela um saber que busca a conquista de “alguma verdade exterior a seu próprio discurso, narrando e ao mesmo tempo explicando o objeto que aborda?” <sup>74</sup> Poder-se-ia ainda acrescentar que, além de explicar o objeto, define o historiador a obrigação de narrar integralmente essa verdade, ao passo que ao memorialista resta a liberdade de escolha que ao primeiro não se oferece. Ou seja, diferindo da escrita do historiador, a escrita do memorialista não deve ser aferida tão somente pela fidelidade aos fatos; pode ser aceita ou recusada como fonte histórica, ressaltando-se sempre que a aceitação não constitui um juízo de valor sobre o discurso memorialístico, mas apenas uma forma de extravasamento de seu leito — a literatura — em direção a outra forma de conhecer o mundo que é a história. Portanto, extravasamento do que é e quer ser arte para o que quer ser ciência.

Entre a autobiografia, manifestação mais explícita, mais direta da subjetividade, e uma ficção com ténues — ou aparentemente nenhuns — elementos autobiográficos, subsiste uma imensa gama de formas pelas quais o eu pode cifrar-se na escrita. Cada uma delas confere um diferente valor ao ato de se auto-escrever, cada uma permite à subjetividade se manifestar não só de forma diferente, mas também com diferentes objetivos. “Que espécie de homem sou eu? Creio que deixei nestas memórias — que alguns talvez possam classificar como autobiografia — elementos que podem ajudar o leitor a

---

<sup>73</sup> ARGUEDAS, José Maria. *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Colección Archivos. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica/Unesco, 1996.

<sup>74</sup> PESSANHA. O sono e a vigília, 1994. p. 33.

encontrar resposta a essa pergunta.”<sup>75</sup> Esse trecho, parte das anotações que Erico Verissimo deixou para conclusão de suas memórias, apresenta algumas questões interessantes. A primeira delas se refere à pergunta do memorialista — “Que espécie de homem sou eu?” — que parece ser a pergunta básica à qual todo memorialista busca responder, alguns com maior, outros com menor grau de compromisso com a verdade. Anote-se que na realidade, muitas vezes, a intenção profunda é não responder à pergunta, mas, convencer o leitor de que era esse o propósito do escritor, como tão sabiamente observou a boneca Emília. Outro elemento importante está na contiguidade entre memória e autobiografia e, ainda, um terceiro elemento a ser levado em conta está no caráter revelador das memórias, que, mesmo quando se empenham em esconder, na maioria das vezes, revelam muito mais do que poderia ser a intenção do “eu por trás do texto”.

Desde o minuto em que nasce, a criatura humana não só entra na História, da qual não poderá jamais livrar-se, como também começa a sua estória. Não conheço biografia que por mais erudita, seca e sem imaginação que seja consiga fugir de contar uma estória.<sup>76</sup>

Pertencendo à história, o memorialista estará, portanto, sempre fazendo história, mesmo quando, na escrita, recusa o seu estatuto para contar apenas uma estória. Para borrar ainda mais qualquer ideia de bordejamento, anota-se ainda o memorialismo fictício de Machado de Assis, (*Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires*), que faz o mesmo percurso de Nava, só que em sentido oposto, isto é, partindo da ficção fingida em memória, enquanto o primeiro parte da memória, não hesitando ante a ficção, cujos recursos incorpora integralmente.

Não parece desarrazoado afirmar que muito mais importante que a separação entre memorialismo e ficção, estabelecida já pela sua condição de gêneros literários diversos, é a sua contiguidade. Essa reclama para as duas formas a condição de literatura – arte, em consequência –, convidando o leitor a atentar às continuidades entre os territórios contíguos, mirando-os ora de um dos lados da tênue fronteira, ora, do outro. As duas perspectivas, ressaltando a continuidade onde comumente se atenta apenas à

---

<sup>75</sup> VERISSIMO. *Solo de clarineta*, 1976. v. 2. p. 318.

<sup>76</sup> VERISSIMO. *Solo de clarineta*, 1976. v. 2. p. 308.

descontinuidade, ajudam também a perceber sutis diferenciações que poderiam escapar àquele que se deixe ofuscar pela ilusão da separação nítida e definitiva.

Para encerrar, anota-se que o memorialismo é considerado aqui como uma forma enquadrável no que Antonio Candido chama mais genericamente literatura pessoal, como já foi dito. Essa pode se apresentar em variadas formas, como as memórias, a autobiografia, o diário íntimo e o diário (a distinguir os dois tipos a premeditada destinação à publicação ou não); a correspondência, o auto-retrato, autobiografia ficcionalizada, ficção autobiográfica, poema autobiográfico, *roman à clef*, relato de viagem, o testemunho, o memorial acadêmico e o ensaio e, finalmente, o currículo. Observe-se que os termos iniciais e finais dessa lista registram também os matizes em que a inscrição do eu no texto transita da literatura à simples escrita. Claro está que essa pequena lista não tem a pretensão de cobrir a totalidade das possibilidades e alcance dessa escrita, tendente sempre a extravasar os marcos em que a limitada razão do crítico tenta contê-la, como se tem visto.

### **O arco da memória**

Este capítulo se constrói, pode ser dito, em dois movimentos. O primeiro, encerrado nas linhas acima, buscou construir um acervo reflexivo sobre o motivo da memória em sua complexa condição de literatura mais diretamente vinculada ao concreto. Num segundo movimento, projeta-se percorrer alguns memorialistas, atentando exatamente para esse transbordamento de fronteiras tão característico do gênero, traçando, simultaneamente, um ligeiro esboço do gênero na literatura brasileira. Não se projeta situar historicamente as obras referidas, apenas apresentar alguns memorialistas que em sua variedade que acabam por constituir um painel dessa escrita que, como observa Brito Broca, surgiu tarde na literatura brasileira.

Assim, quem procura fazer a história política, social ou literária do Brasil no século passado esbarra logo na escassez de depoimentos sobre os homens e os fatos. Os escritores românticos não puderam escrever memórias, porque na maior parte morreram moços. Alencar cujo desaparecimento aos 48 anos podemos considerar também prematuro, deixou apenas um fragmento autobiográfico, [...]. Políticos como Francisco Otaviano, o Visconde do Rio Branco, Ferreira Viana, ao mesmo tempo jornalistas, manejando a pena com facilidade e elegância, não cuidaram de escrever memórias. O ostracismo político levou, no entanto, Nabuco a

enriquecer a literatura brasileira com esse livro admirável que é *Minha formação*, e o Visconde de Taunay a legar-nos suas copiosas *Memórias*, sem uma certa unidade, mas de grande interesse, sobretudo no que concerne à Guerra do Paraguai.<sup>77</sup>

Desde o período colonial, no entanto, o Brasil vem acumulando uma razoável fortuna de obras que podem ser ditas literatura pessoal. Associado inicialmente às narrativas de viajantes, subgênero literário que muito foi incrementado durante o século 19, quando, com o deslocamento da família real portuguesa para o Brasil, foram incentivadas as viagens de missões científicas e de sábios estrangeiros ao país, mas que acompanha a história nacional desde o período anterior, em textos como os de Hans Staden. A partir do livro do aventureiro alemão, inúmeros outros viajantes registraram suas impressões sobre esta terra. Já no século 19, Schlichthorst, Saint-Hilaire, Beaufort, Taunay, Burton e mais dezenas e dezenas de outros puseram em letras de forma suas memórias das terras desta parte dos novos mundos.

A partir especialmente da segunda metade deste século começam a surgir as primeiras narrativas memorialísticas dos políticos e estadistas, originadas nas mais diversas motivações, com as mais variadas finalidades, grandes e pequenos do Império e depois da República fizeram correr muita tinta para registrar suas impressões do mundo, e acima de tudo, quase sempre, de si. Entregam-se à tarefa, já àquela época, até mesmo figuras secundárias, sem nenhum relevo, na ânsia de se mostrarem importantes em sua servilidade aos reais donos do poder. Algumas dessas obras superam, porém, a rastaquerismo corriqueiro e atingem dimensão literária, caso, seja exemplo, de Joaquim Nabuco, autor de livros com justiça incluídos no cânone literário nacional. Eliane Zagury observa que

Ao nos debruçarmos sobre a literatura memorial produzida no Brasil, precisamos ter em mente que se trata de matéria difusa e pouco estudada, talvez vítima de um purismo esteticista que a tenha desdenhado, por estar mais próxima de suas motivações sociais e psicológicas que o fascinante produto de transformação que são a poesia, ficção ou teatro — não por outras razões ainda detentores com exclusividade da denominação de grandes gêneros.<sup>78</sup>

Talvez a palavra mais adequada para se falar sobre esse gênero na literatura nacional seja variedade. Variedade perceptível já na qualidade literária dos textos

<sup>77</sup> BROCA. Apresentação, 1961. p. 5.

<sup>78</sup> ZAGURY. *A escrita do eu*, 1982. p. 14.



oferecidos ao leitor, desde os píncaros de um Graciliano Ramos, um Drummond, até a prosa rarefeita de aprendizes de escritores para sempre esquecidos — melhor dizer, muitas vezes, nem registrados — pela história literária. Da sutil escrita de um aristocrata, como Joaquim Nabuco, à fome explícita de uma coletora dos detritos da metrópole, como Carolina Maria de Jesus<sup>79</sup>, se expõe um itinerário. Da arte poética entranhada em memória do *Itinerário de Pasárgada*, de Manuel Bandeira, passando pelo verso memorial dos três volumes de *Boitempo* se alcança Graciliano Ramos que liga as duas pontas do arco da memória. O criador de *Vidas secas* abre primeiro o amargo baú da infância para em seguida fechar sua obra com o inacabado *Memórias do cárcere*, em que seu implacável olhar humanístico recupera o tempo passado nas prisões do Estado Novo getulista, traçando de si e do mundo um retrato impiedoso e ao mesmo tempo tocante. Nesse itinerário se explicita um *corpus*, sem precisar-lhe fronteiras, tal a sua amplitude. Tomando como ponto de partida Machado de Assis e sua recusa ao memorialismo, nas páginas seguintes se empreenderá um sumário dessa produção.

### **A memória sonogada**

Esse escritor poderia ter sido um grande memorialista, conforme anota Brito Broca,

possuía legítima vocação para o gênero, a instâncias de José Veríssimo, deu-nos apenas essa página modelar, “O velho Senado”, verdadeira obra-prima, mas muito pouco para quem podia escrever dois ou mais volumes de recordações. Seus escrúpulos o impediam de realizar uma obra de caráter confessional.<sup>80</sup>

A página modelar de que fala Broca é uma sutil crônica de saudade engastada nas *Páginas recolhidas*, que poderia ser lembrada também como exemplar daqueles momentos em que a escrita literária se aproxima da escrita do historiador, seja como um depoimento, seja como registro específico de um momento histórico. O cronista Machado de Assis que rememora seu passado de jornalista político registra a história em sua dimensão cotidiana. São aqueles momentos em que os homens e mulheres que aparecem nos anais e compêndios históricos partilham sua vida com os homens e mulheres comuns na sua condição de testemunhas e figurantes da narração histórica. Esse aspecto não será

<sup>79</sup> JESUS. *Quarto de despejo*, 2000.

<sup>80</sup> BROCA. Apresentação, 1961. p. 5.

explorado, fica, porém, registrado como parte das múltiplas possibilidades abertas pela obra literária nos múltiplos diálogos que pode engendrar com o conhecimento.

Não obstante a sua resistência ao memorialismo, o autor de *Quincas Borba* manteve uma relação bastante intensa com a literatura pessoal em suas variadas formas. Aliás, a sua obra romanesca constitui, em si, um desafio à reflexão quanto à questão da pessoa gramatical na narrativa; cindindo-se em escritos distintos, da primeira e da terceira pessoa. Claro está que — a lembrar àquele que lê que se trata de Machado de Assis — essa simples divisão não constitui em si uma explicação ou caminho seguro à compreensão.

Narrado na terceira pessoa, o romance *Esau e Jacó* se torna uma narração memorialística, uma espécie de primeira pessoa disfarçada, a partir da escrita marginal da Advertência que abre o livro e, mais tarde, pela publicação da obra que o sucede, *Memorial de Aires*, francamente apresentado como uma obra de memória em forma de um diário que teve sua escrita “decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões”<sup>81</sup>, como informa a “Advertência” inicial, assinada por M. de A.

Esse *Memorial de Aires* foi, segundo Brito Broca, um livro em que o autor

pôs muito de si, da imensa solidão que o envolveu e que aceitou, estoicamente, depois da morte da esposa. O substrato autobiográfico é visível. O Conselheiro Aires encarna a tristeza resignada, a filosofia de conformação de Machado de Assis, já velho e só no mundo.<sup>82</sup>

Essa afirmação é mais ou menos consensual dentre uma parcela expressiva dos leitores especializados e não será aqui confrontada ou apoiada, apenas se a registra, como uma visada de si importante à reflexão sobre a escrita machadiana. Certo é que, ficção, inscreve muito da personalidade do escritor na figura do Conselheiro Aires, que, não por acaso, reivindica as posições de narrador e de autor textual, escamoteando o escritor, ou, substituindo-o plenamente; condição que o habilita a ser visto talvez como um alter ego. Porém, se quer destacar acima de tudo o seu aspecto de memorialismo fictício, em que se une às *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, tornando a narrativa em primeira pessoa altamente dominante — numa proporção de quatro para um — entre os romances da maturidade literária machadiana, em que apenas *Quincas Borba* é

<sup>81</sup> ASSIS. *Obra completa*, 1962. p. 1096.

<sup>82</sup> BROCA. *Machado de Assis e a política*, 1957. p. 59.

integralmente uma narrativa na terceira pessoa. O narrador machadiano se oferece ao leitor, em substituição ao outro, de carne e osso que permanece oculto, tão escrupulosamente, que mesmo ao se fazer ficção nega o leitor, que é posto face um ser de palavras tão evanescente e intangível quanto seu criador.

Algumas perguntas muito interessantes poderiam ser formuladas neste ponto: por que deixou um escritor tão profícuo, e tão afeito à narrativa em primeira pessoa, tão poucos textos memorialísticos? Nos seus poucos registros do gênero, a quem relembra Machado? E, acima de tudo: a quem não relembra? O que revelam — e o que poderiam revelar — os ditos e os não ditos desse memorialista que preferiu se calar? Que fantasmas e ossos guardam seus baús, que até mesmo as entrelinhas querem omitir? É provável que os seus escritos não ofereçam respostas a muitas dessas perguntas, mas, talvez, lendo-os seja possível descobrir ou pelo menos vislumbrar algumas das suas omissões e algumas das marcas que deixaram naquilo que foi dito. É de todos por demais conhecido o pudor do escritor em falar da sua vida pessoal. Aparentemente, dedicou-se à tarefa de construir-se como figura pública, numa espécie de estratégia da aranha, urdindo uma teia a isolar o ser humano da imagem construída, estátua de carne e osso — uma espécie de *êidolon* platônico — a substituí-lo e a ofuscar os olhares indiscretos ou admirativamente curiosos dos leitores.

Apesar de tudo, talvez seja possível localizar afloramentos memorialísticos, ou, para melhor dizer, de rememoração, espalhados pela sua obra. Segundo diz Lúcia Miguel Pereira no seu livro *Machado de Assis*, estudo crítico e biográfico ainda hoje fonte indispensável ao estudo do autor: “Esse homem tão recatado, tão cioso da sua intimidade, só teve um descuido, só deixou uma porta aberta: seus livros. São eles que nos revelam o verdadeiro Machado.”<sup>83</sup> É aí, portanto, que ele deve ser procurado. Assim, entre as páginas de crítica literária, poemas, contos e mesmo nos romances, de alguma forma — enviesada, certamente, como é da natureza desse autor tão complexo —, talvez seja possível a um olhar mais atento recuperar marcas do passado, dos fatos e das pessoas que de alguma forma partilharam da sua existência.

Para essa leitora, a obra de Machado de Assis foi um “transbordamento do eu, traíndo quase sempre os pontos de mira desse ambicioso, os ideais que queria alcançar — e

---

<sup>83</sup> PEREIRA. *Machado de Assis*, 1988. p. 22.

alcançou — na existência real.”<sup>84</sup> Ou, como expressou Guilhermino César: “Machado de Assis, sem ter escrito um livro de memórias, foi talvez o ficcionista brasileiro décimo-oitocentista que mais sugestivamente refletiu a sua própria ascensão na hierarquia social do tempo do Império.”<sup>85</sup> Não é, porém, possível deslindar da literatura a vida concreta, pelo aspecto mesmo de transposição necessário à consecução da obra. O mesmo se dá com o *Memorial de Aires*, como já se disse, calcado nos diários do escritor, como mostra o estudo de Maria Helena Werneck<sup>86</sup>, corroborando Brito Broca. Porém, ao se inscrever na literatura, Machado não se revelou, ao contrário, velou-se em personagens, transfundiu a vida concreta em literatura, negando-se ao leitor como pessoa carnal, ofertando-se-lhe, em espírito e letra, como é da natureza da arte.

Diz o casmurro Bentinho – ou melhor, o dr. Bento Santiago –, sobre o seu projeto literário: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência.”<sup>87</sup> Machado de Assis, ao contrário da sua personagem, escolheu deixar desatadas essas pontas. Afinal, a velhice do escritor consagrado, estátua em vida, reconhecido ainda antes dos 50 anos como maior escritor nacional, o que teria a atar com a infância e adolescência do moleque descalço, agregado filho de agregados, do Morro do Livramento? Havia a separá-los um monumento literário e a escondê-los, ambos, uma obra, cujas pontas podem — e devem — ser atadas, ao contrário das pontas da vida. Não as uniu o escritor e é vão empreendimento tentar o leitor fazê-lo em seu lugar.

Antonio Candido, num luminoso ensaio — Esquema de Machado de Assis — observa que a vida de Machado de Assis é irrelatável comparada à grandeza do escritor, e que pouco interessa, enquanto esta interessa muito. Realmente, considerando-se o aspecto literário, isto é, relativamente à efabulação ou às significações, tem toda razão o crítico. Ocorre, porém, que o leitor, esse animal estranho, não se guia apenas pela razão, e, em consequência, a curiosidade pelos dados sobre o autor é quase inextinguível, especialmente quando se trata deste de quem aqui se fala, cuja importância é proporcional à sua habilidade em sonhar-se aos olhos curiosos, ao mesmo tempo em que se mantém onipresente na sua obra, absorvente e desdenhoso — sorvedouro insaciável. Talvez por isso, segue Machado

<sup>84</sup> PEREIRA. *Machado de Assis*, 1988. p. 23.

<sup>85</sup> CÉSAR. *Memorialismo no Brasil*, 1978. p. 627.

<sup>86</sup> WERNECK. *O homem encadernado*, 1996

<sup>87</sup> ASSIS. *Obra completa*, 1962. v. 1, p. 810.

sendo, talvez, o mais biografado dos escritores brasileiros e, ao que parece, muita tinta ainda será gasta em revelações (pouco prováveis) sobre sua vida e em infundáveis especulações.

### **Ego summus, ego narrator**

Um arco aberto pela discrição machadiana poderia ter na ponta oposta Darcy Ribeiro, autodeclarado vaidoso e egotista — “Escrever e falar de mim mesmo é a tarefa que mais me agrada e gratifica”<sup>88</sup> —, que intenta a literatura pessoal em pelo menos três principais empreendimentos. O primeiro deles, “num louco capítulo autobiográfico, *Egosum*, posto no meio do texto sem qualquer razão nem explicação”. Dividindo o livro em duas partes, essa estrepitosa manifestação do eu autoral parece ali posta, segundo Candido, “para marcar a presença do criador no concerto das suas criaturas.”<sup>89</sup> Isso, no romance de estréia, *Maíra*. Essa primeira aventura autobiográfica foi seguida de *Migo*, que segundo o escritor “É, na verdade, um romance confessional em que me mostro e me escondo, sem fanatismos autobiográficos.”<sup>90</sup> Ou, continuando ainda a registrar a voz autoral — “*Migo* é minha autobiografia inventada, uma vida que eu até poderia ter vivido se tivesse [...] ficado em Minas.”<sup>90</sup> Ou seja, o livro é uma espécie de autobiografia da forma subjuntiva. O escritor se imagina terminando a vida em Belo Horizonte, rodeado de personagens não diretamente identificáveis a pessoas públicas. A esse círculo mais fechado se agregam referências à coloquialidade dos nomes únicos: Darcy (Ribeiro); Hélio (Pellegrino); Carlos (Drummond de Andrade); Artur Versiani (Veloso); (Eduardo) Frieiro; (Francisco) Iglesias. Esse grupo, como se percebe, é constituído por nomes de projeção nacional, que constituiriam o convívio do narrador Ageu Rigueira com seus iguais. Num certo passo, Rigueira recebe a visita de um editor chamado Vivaldo, que quer editar-lhe um livro e argumenta apelando à importância de os escritores mineiros prestigiarem os editores mineiros. Ora, um editor mineiro chamado Vivaldo, aponta numa só direção: Vivaldi Moreira. Por esses e outros caminhos assemelhados, o escritor tece uma rede de realidade e

---

<sup>88</sup> RIBEIRO. *Testemunho*, 1990. p. 9.

<sup>89</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 143.

<sup>90</sup> RIBEIRO. *Testemunho*, 1990. p. 209.

ficção a se emaranhar e envolver leitores e personagens, produzindo, aparentemente, um gênero de ficção memorialística — as memórias potenciais, na falta de melhor nomeação.

*Migo* se alinha à cotidianidade da história, ao jornal, na invasão da literatura pelo dia-a-dia: “Hoje afinal a notícia explodiu [...] Tancredo morreu! Morreu Tancredo!”<sup>91</sup> Ou, ainda mais diretamente: “Zélia do Jorge me disse hoje — 24 de março de 1988 — aqui em Paris, que Hélio [Pellegrino] morreu, ontem, no Rio.”<sup>92</sup> Em trechos como esses, por vezes o memorialismo e o diário se tocam, registrando o momento em que a *grande histoire* coletiva e a *petite histoire* do narrador, linhas nem sempre convergentes, se interseccionam. Afinal, pode o leitor em algum momento se perguntar: esse livro narra as lúbricas memórias de Ageu Rigueira ou de Darcy Ribeiro? Ou dos dois?

Já em *Testemunho*, Ribeiro produz uma espécie de almanaque autobiográfico – ou um catálogo de si mesmo –, que reúne algumas das entrevistas que concedeu, discursos, reportagens sobre ele, um pungente depoimento sobre a própria trajetória intelectual e uma longa e detalhada cronologia de vida, bibliografias etc.. Assim, três vezes o escritor memora, as três vezes recusando-se a se deixar enquadrar nos limites específicos de um gênero. Parece não ser temerário afirmar que Darcy Ribeiro alarga os horizontes da literatura pessoal, rompe limites, inventa novos territórios literários.

Alargamento de horizontes presente também em Pedro Nava, caso único na literatura brasileira, autor de uma obra de seis livros de memória, que – quase se pode dizer – constituem a totalidade da sua produção literária. Caso ainda mais peculiar, pelo alto ponto da literatura em que o situam suas obras. Incluído por Antonio Candido no cânone literário brasileiro desde o primeiro momento, seus livros são exemplares pela altíssima qualidade literária, pela capacidade de efabulação, pela confissão de compromisso com a verdade e desapego às conveniências sociais. Pode-se, com segurança afirmar que Nava estabeleceu um paradigma para o memorialismo, por todas essas qualidades e pela amplitude do seu empreendimento.

No quinto dos seus livros de memórias – *Galo das trevas* –, o escritor interrompe a narração linear que vinha fazendo, e cede o centro da narrativa a José Egon, seu primo e alterego, como informa. Essa personagem, até então secundária, substitui-se à personagem

---

<sup>91</sup> RIBEIRO. *Migo*, 1988. p. 46.

<sup>92</sup> RIBEIRO. *Migo*, 1988. p. 176.

Pedro Nava, que reservando-se a posição de narrador, parece entender que o que intenta dizer será melhor dito na nova forma narrativa, em que “José Egon Barros da Cunha. Primo e amigo. Colega do Pedro II, depois da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e grande paralelismo da minha vida inteira”<sup>93</sup> se torna o centro da ação narrada. É interessante observar como a personagem, que o narrador considera seu sócia se cola ao narrador, que se espanta: “E o que me assombra é que a existência do Egon era um carbono, uma espécie de xerox da minha. [...] Sua existência foi a minha e a minha continua a ser a de José Egon de Barros da Cunha.”<sup>94</sup>

A invasão da narrativa do memorialista pelo verdadeiro *roman à clef* que constitui a história de José Egon – Zegão nos volumes que cobrem a vida estudantil do autor – é apenas um dos muitos espantos dessa obra a tantos títulos surpreendente. Bastante citado em outras partes deste estudo, não se alongará neste ponto o discurso sobre o valor literário de Nava e sua obra, anotando-se, porém, um ensaio de Antonio Candido de que se falará mais à frente, como fonte para seu reconhecimento e compreensão do seu empreendimento.

No livro *Balão cativo* o memorialista recorda suas andanças pelas ruas e morros do Rio de Janeiro em companhia do tio, o também escritor, Antônio Salles. Nesses périplos, importantíssimos na formação do jovem provinciano que se conforma no homem de que surgirá o escritor temporão, percorrem redações e livrarias, confeitarias e salas de conferência, ruas e becos da Capital da República, dando-lhe a oportunidade do convívio social com os escritores da época. Ao rememorar esses encontros, lembrar esses homens e mulheres e retratá-los no seu memorialismo, Nava se junta a uma série de escritores como Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Vieira Fazenda, Luiz Edmundo, Vivaldo Coaracy, Lima Barreto, Medeiros e Albuquerque, entre outros, para formar o grupo daqueles que instituíram um memorialismo da cidade Rio de Janeiro, centrado na vida urbana e na forma específica de sociabilidade que gera. Dentro desse memorialismo, se destaca o que Broca<sup>95</sup> nomeou “vida literária” no período da chamada *Belle époque* carioca. A partir dessa primeira aparição a vida literária será presença pode-se dizer

<sup>93</sup> NAVA. *Galo das trevas*, 1981. p.106.

<sup>94</sup> NAVA. *Galo das trevas*, 1981. p.110.

<sup>95</sup> Coerentemente, Brito Broca, escritor e crítico literário que sempre reivindicou a condição de jornalista literário, modestamente sublimando seu talento em permanente trabalho em favor da literatura em jornais e em publicações como a Revista do Livro, não deixou livros de memórias. Legou, porém, farto material memorialístico publicado na Imprensa, depois da sua morte organizado em livro por Francisco de Assis Barbosa (BROCA. *Memórias*, 1968).

permanente na obra do autor de *Baú de ossos*, constituindo mesmo importante repositório de informações sobre os anos do Modernismo em Belo Horizonte. E esse é apenas um exemplo. Suas obras se ligam às obras desses autores formando um amplo painel da vida na Capital da República e da Província em um período em que o escritor tanta importância tinha na vida social do país, contribuindo para o conhecimento da sociedade em importantes aspectos, além de constituírem crônica das mais saborosas.

Esse pequeno sumário da produção memorialística no país, unilateralmente enfatizando seu caráter de gênero construído sobre a contiguidade entre vida e literatura, cumpre o papel de introduzir o estudo do memorialismo específico sobre que se debruça este estudo, caracterizado por uma espécie de simbiose complexa e rica entre diferentes gêneros literários e entre esses e a reflexão e o conhecimento. Assim, nas páginas seguintes se falará do memorialismo de Antonio Candido, sempre em busca das marcas dessa simbiose e das suas consequências desde os aspectos mais visíveis à superfície do texto, tais como o estilo e a forma, às mais profundas, isto é, mais dificilmente alcançáveis, tais como as questões associadas às concepções filosóficas e teóricas.



## CAPÍTULO 2: A MEMÓRIA PENSADA

Este capítulo se organiza a partir do intensivo repasse da escrita de Antonio Candido, em busca de sua produção crítica, de que se recorta uma fração da parte atinente ao memorialismo. Quase que por natureza um devorador de diários e confissões, o crítico soube desde os primeiros escritos destacar e valorizar as variadas formas de literatura pessoal. Em consequência, construiu um amplo *corpus* de reflexões sobre o motivo memorialístico; desde resenhas, prefácios, intervenções públicas, entrevistas, ou seja, textos que podem ser ditos de circunstância. Mas, também, textos mais longos, que permitem surpreender o seu pensamento em sua evolução e complexidade. São escritos como dois ensaios publicados pelo suplemento literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, ainda nos anos de 1950, dois raros momentos de reflexão não vinculada diretamente à análise de uma obra, ou os textos dedicados a alguns memorialistas mineiros. Receberá atenção também o ensaio dedicado a Graciliano Ramos e ainda outros, menos longos que esse, mas também desafiantes, tratando de escritores como Cyro dos Anjos ou José Lins do Rego. Proust, espécie de leitura em moto contínuo que o crítico vem empreendendo ao longo de sua extensa vida de leitor e analista, é por demais lembrado pelos seus leitores, será tratado apenas lateralmente, considerando que mereceria um olhar particular e atento, ficará de certa forma parcialmente contornado.

Essa produção não foi nunca sistematizada, ao contrário, se espraia desde o seu trabalho inicial até os últimos escritos publicados. Grande parte sequer foi recolhida em livro. Projeta-se percorrê-la destacando alguns dos seus pontos mais elevados e organizando-a, numa tentativa de reconhecer seus eixos principais como um necessário passo rumo ao objetivo mais geral de compreender a relação do crítico com o memorialismo, bem como o papel e as repercussões deste na totalidade da sua produção. Ou seja, o olhar sobre o crítico da memória constitui o preâmbulo da aproximação ao memorialista, o que, se espera, poderá auxiliar numa compreensão ampliada do crítico literário, do professor, do intelectual, enfim.

## Um acervo crítico

Tem se apresentado, já se disse, como uma verdadeira recorrência no criticismo de Antonio Candido, a afirmativa da importância da literatura pessoal na constituição de uma literatura. Data dos anos de 1950 a já referida assertiva de Oswald de Andrade <sup>96</sup> sobre a insistência do crítico para que ele organizasse seus papéis e publicasse suas memórias; o que o crítico confirma, aprofundando ainda a importância da literatura pessoal na própria formação.

Eu li muito o *Diário* de Amiel, e muito o *Diário* dos Goncourt, que são uns escritores medíocres, mas eu li. Eu lia diários dos ingleses... Um livro que me fascina é a autobiografia do Alfieri, aquele grande dramaturgo italiano do século 18. Essa é a minha convicção: o Brasil não tem literatura pessoal, o Brasil precisa ter literatura pessoal. Quando eu falava isso com ele, não tinha se publicado as cartas do Mário de Andrade, por exemplo. Não havia nada. Por isso é que eu insisti com o Oswald. Eu digo, eu confirmo o que disse naquele momento; confirmo que a literatura pessoal é, sobretudo, um índice de civilização para uma literatura, mostra que os escritores têm noção da importância do eu deles para o eu que escreve. Porque, como disse o Wolfgang Kayser, o escritor que diz eu não é ele, é um eu que ele criou. Brás Cubas não é o Machado de Assis. Machado de Assis não é Brás Cubas, não é Quincas Borba, não é nada disso. Para compreender o eu que cria o texto é muito importante o eu que produz textos. <sup>97</sup>

Quase uma década antes das conversas com Oswald de Andrade, porém, Candido já se mostrava atento ao tema, como se depreende do artigo que publicou em fevereiro de 1946, por ocasião do primeiro aniversário da morte de Mário de Andrade, em que antevê a importância que a sua correspondência adquirirá para a literatura brasileira.

Há, com efeito, muitos Mários de Andrade, além dos já conhecidos, que irão se revelando aos poucos; entre estes, o homem que escrevia cartas. A sua correspondência encherá volumes e será porventura o maior monumento literário do gênero na língua portuguesa; terá devotos

---

<sup>96</sup> ANDRADE. *Um homem sem profissão*, 1976. E ainda a 11 de outubro de 1952: “O crítico Antonio Candido, intimando-me a escrever as minhas memórias, dizia-me da falta que nos fazem os documentos pessoais, os testemunhos e as observações sobre os acontecimentos contemporâneos.” (ANDRADE. *Telefonema*, 2007. p. 548) Volta ao assunto em crônica de dois de outubro de 1954: “A mania das ‘memórias’ pegou. Aliás, o crítico Antonio Candido, grande autoridade, declara que uma literatura não existe sem o complemento humano de ‘memórias’, dados pessoais, cartas, biografias etc.” (p. 631)

<sup>97</sup> CANDIDO. Entrevista de quatro de maio de 2009.

fervorosos, e só ela permitirá uma vista completa da sua obra e do seu espírito.<sup>98</sup>

Dentre tudo que afirma o crítico no primeiro dos dois extratos acima, parece interessante enfatizar essa valorização do “eu que produz o texto” paralelamente ao “eu que cria textos”. O reconhecimento do eu que produz textos numa era em que estruturalismo e *new criticism* ainda são fantasmas a assombrar o trabalho de muitos estudiosos da literatura, especialmente num crítico que sempre acreditou firmemente na autonomia da arte, terá, no mínimo, a importância de chamar à reflexão. Deve ser enfatizada a valorização da correspondência do autor de *Remate de Males*, a sancionar o dito sobre a importância do olhar sobre a escrita pessoal precocemente detectável no criticismo de Candido. Também a exata compreensão da personalidade de Mário de Andrade ao se mostrar capaz de antever a importância dessa correspondência cujo conteúdo o crítico certamente não conhecia, tanto quanto certamente não seria conhecedor da sua exata dimensão. Em crônica de seis de julho de 1948, Oswald de Andrade lembra que o crítico lhe dissera que o melhor livro de Lobato “talvez venha a ser *A barca de Gleyre*”<sup>99</sup>, corroborando a atenção que dedicava ao tema e antecipando uma visada sobre a obra adulta do escritor que seria no futuro partilhada por expressiva parte da crítica literária.

Mais um aspecto do reconhecimento da importância dessa literatura pode ser observado no livro *Noções de análise histórico-literária*, resultado de curso ministrado em Assis em 1959, em que o crítico mostra a centralidade da sua aplicação nos estudos literários. Enfatiza ainda a sua importância, seja na identificação e no estabelecimento de autoria, seja na compreensão ampliada da obra. Desse pequeno livro deve ser destacada ainda a expressão “manifestações pessoais” com que o crítico se refere a documentos que o escritor produz, “geralmente, sem intuito artístico nem finalidade de divulgação, exprimindo sentimentos ou circunstâncias de ordem pessoal, como cartas, diários, notas etc.”<sup>100</sup>. Ou seja, outra forma de dizer literatura pessoal, merecedora de estudo e atenção do crítico mesmo quando não tornada pública. Nesse curso, oferecido a estudantes do primeiro ano da graduação, o professor mostra como o uso do dado pessoal contribui para o

---

<sup>98</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 2004. p. 91.

<sup>99</sup> ANDRADE. *Telefonema*, 2007. p. 413.

<sup>100</sup> CANDIDO. *Noções de análise histórico-literária*, 2005. p. 24.

esclarecimento de elementos textuais que sem esse recurso permaneceriam definitivamente obscuros. Deve ser frisado que ao incentivar a atenção às manifestações pessoais, dirigindo-se a jovens que se iniciam no estudo da literatura, a pedagogia literária de Antonio Candido se compromete inequivocamente com a sua valorização pelos estudos literários. Seja considerado centralmente, seja marginalmente, mostra o crítico, o documento pessoal adequadamente utilizado muito acrescenta ao estudo metódico.

Excetuado o livro dedicado a Graciliano Ramos – uma fração pequena do que produziu – Antonio Candido não sistematizou sua produção dedicada ao motivo memorialístico, ao contrário, ela se encontra espalhada desde o seu trabalho crítico precoce, quando ainda estudante da graduação na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP até os últimos escritos publicados, grande parte sequer recolhida em livro. Apesar disso, é possível classificá-la ainda que precariamente, podendo constituir a própria extensão e circunstância dos textos o critério inicial. Nessa condição devem ser observados com atenção dois textos recolhidos no livro *A educação pela noite*; o primeiro,

“Os olhos a barca e o espelho”, analisa trechos dos diários de Lima Barreto, procurando detectar sementes virtuais de ficção no registro da experiência pessoal, a fim de ver como ela se mistura ao sentimento social para desagüarem combinadas na elaboração da escrita.<sup>101</sup>

O segundo, dedicado ao conjunto de memorialistas formado por Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava, enceta “uma análise da infiltração da poesia e da ficção na autobiografia”<sup>102</sup>, em que se destaca especialmente a valorização do último escritor. Resultado de uma apresentação pública em Belo Horizonte, este texto foi publicado diversas vezes, antes de chegar à sua forma final no livro. Constitui legitimamente, portanto, amostra das mais refletidas e efetivas da visada do crítico sobre o motivo da memória na literatura. Essas três autobiografias atraem o seu olhar tanto pela alta qualidade literária quanto pela capacidade de partir do que é intrinsecamente particular como a experiência de vida de um indivíduo para alcançar a mais alta expressão universal.

Como crítico militante, primeiro na revista *Clima*, depois nos rodapés semanais e mais tarde nos ensaios escritos para o suplemento literário do matutino *O Estado de S.*

---

<sup>101</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 9.

<sup>102</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 9.

*Paulo*, Candido recepcionou escritos de memórias e obras de ficção com forte lastro memorialístico, como é o caso dos textos de Lima Barreto, José Lins do Rego e Cyro dos Anjos, gerando outra vereda específica pela qual manou sua reflexão crítica.

Registro especial deve ser dado ao já referido *Ficção e confissão*, dedicado ao estudo da obra de Graciliano Ramos, reconhecidamente marcada pelo trânsito entre a ficção e o memorialismo. Fruto de quase sessenta anos de reflexão, esse livro reúne trabalhos de momentos diversos da carreira do crítico, e constitui por si outra fonte indispensável para o estudo da sua produção crítica em geral e muito especialmente sobre o motivo da memória na literatura.

O escritor Marcel Proust tem sido ao longo do tempo objeto de perene leitura de Antonio Candido e foi retomado em mais de um ensaio, analisando aspectos diversos da sua escrita. Ainda obras dedicadas à análise dessa escrita foram recepcionadas pelo crítico, gerando outro significativo veio de reflexão sobre o memorialismo, especialmente sobre a complexa relação entre memória e escrita literária. Deve ser buscada ainda a relação estabelecida entre o crítico e esse escritor no que tange à forma literária, em que mais de um leitor aponta a influência que este teria exercido sobre aquele; o que será aferido, mesmo que rapidamente.

São encontráveis ainda textos de caráter mais apuradamente reflexivo, como dois ensaios publicados no suplemento literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, posteriormente recolhidos em um dossiê que a revista *Remate de Males* dedicou ao crítico, intitulados Limites da biografia<sup>103</sup> e Perenidade da biografia<sup>104</sup>. Ali a paixão do leitor se recolhe em favor de uma aproximação acautelada e inquiridora à escrita biográfica, permitindo entrever muitos dos problemas e dificuldades que deve enfrentar também aquele que escreve na primeira pessoa. Esses dois textos constituem uma espécie de pórtico reflexivo ao empreendimento rememorativo que o crítico estava então por iniciar com a publicação d'*O observador literário*. São, assim, essenciais para uma visão mais ampla e compreensiva do seu olhar sobre a literatura pessoal. O crítico reflete sobre o gênero, na busca de estabelecer seus limites e seu alcance.

---

<sup>103</sup> *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, v. 3, n. 117, p. 1, 24 de janeiro de 1959.

<sup>104</sup> *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, v. 3, n. 122, p. 1, 28 de fevereiro de 1959.

Candido observa que de uma parte o biógrafo opera numa espécie de metempsicose que lhe permite dar voz ao outro, como ocorre na biografia de Machado de Assis por Alfredo Pujol. Reconhece a importância de um tal estudo, mas observa que esse traço do escritor um retrato convencional e não consegue mostrar o complexo ser humano por trás do fundador da Academia, que para ser adequadamente avaliado biograficamente teria de aguardar ainda a pena de Lúcia Miguel Pereira. A clara visão dos limites da literatura pessoal fica registrada ainda no olhar sobre Joaquim Nabuco, por vezes solicitado como exemplar em outros dos vários aspectos desses limites: a hipertrofia do eu que fala, espelhada no eu narrado, que nunca chega verdadeiramente a se configurar como um outro na sua narrativa – *Um estadista do Império* – ou de um eu que se faz pauta do mundo – *Minha formação*. “Mas o pólo oposto também é perigoso.” – alerta o crítico,

Para o biógrafo, o núcleo do trabalho é por definição um estudo de personalidade, mesmo quando a finalidade seja outra. Ora ao dissolver pura e simplesmente a biografia no contexto histórico social poderá fazer obra excelente de historiador, mas estará ao mesmo tempo hipertrofiando o que não deve passar de quadro.<sup>105</sup>

Essa compreensão dos claros limites do texto biográfico coextensiva ao seu olhar sobre o memorialismo é perceptível em outra parcela importante da produção de Candido ligada ao tema, constituída pelos prefácios que escreveu para inúmeros livros de memórias. Dentre esses devem ser especialmente destacados aqueles produzidos por um grupo de pessoas enquadradas em uma ampla rubrica geral de lutadores pela liberdade. São livros de memórias de combatentes contra o nazismo e o Estado Novo, de militantes da luta pelo socialismo e opositores à ditadura militar imposta ao país a partir de 1964. São normalmente textos curtos e sem maiores preocupações em elaborar uma reflexão crítica sobre a obra que apresentam; textos por excelência chamados de circunstância. Foram produzidos aparentemente como uma espécie de aval à obra que antecede, uma forma de confirmação da posição do prefaciador ante o arbítrio e a violência por que aquelas pessoas quase sempre foram atingidas, – atos solidários. Ou uma tomada de posição ética, se poderia dizer. Mais que por seu volume – e são muitos – são importantes por representar

---

<sup>105</sup> CANDIDO. Limites da biografia, 1999. p. 63.

um aspecto fundamental do modo de ser no mundo do crítico literário e professor, em permanente defesa da liberdade e dos direitos civis.

Projeta-se construir nas próximas páginas uma espécie de consolidação dessa reflexão, recuperando e discutindo alguns pontos. Além de expor a extensão – já destacada – desse material, essa recuperação servirá também como uma espécie de ponto de inflexão, tomando como centro o pensamento do crítico que é também memorialista sobre o memorialismo e a literatura pessoal em geral. Dessa maneira a aproximação crítica à literatura pessoal se revela em sua plenitude a condição de eixo articulador do empreendimento memorialístico tanto quanto do estudo que o analisa.

### **Perus e rodas de peru**

Em um texto recolhido no livro *Brigada ligeira*, de 1945, Antonio Candido analisa a relação entre memória e literatura, considerando largamente produtivas algumas das possibilidades que essa abre ao escritor. Na opinião do crítico a literatura brasileira muito deve à memória, sendo mesmo delineável nela “uma linha bastante sólida da memória, das suas técnicas, das suas armadilhas, do seu encanto ao mesmo tempo sedutor e doentio.”<sup>106</sup> Esse encanto sedutor ou doentio pode ser visualizado em escritores como Graciliano Ramos, a quem considera um mágico nas técnicas da memória, e Octávio de Faria que “carrega nos círculos do seu inferno burguês uma adolescência irremediável”<sup>107</sup>. José Lins do Rego, por sua vez, é considerado um escritor saudável e forte que carrega uma memória mais grupal que individual e Cyro dos Anjos, com a sutileza de um artista das recordações, seria aquele que produz uma literatura em que confluem o passado e o presente.

O último, autor de uma obra curtíssima, partiu do romance em clave memorialística, em que sua ficção se fornece como fonte indispensável àqueles que se proponham à tarefa de recuperar a Belo Horizonte dos anos 30 e 40 do século passado. Em seguida, abandona a ficção para mergulhar na pura memória no livro *Explorações no tempo*, que, depois, com o título mudado para Santana do Rio Verde, será unido a *Mocidade*, amores no definitivo *A menina do sobrado*, numa carreira literária que passou ainda pela poesia nos *Poemas coronários*. Literatura duas vezes memória.

<sup>106</sup> CANDIDO. *Brigada ligeira*, 2004. p. 82.

<sup>107</sup> CANDIDO. *Brigada ligeira*, 2004. p. 82.

No mesmo campo literário que os autores de *Caetés* e *Abdias* operam também escritores como Raul Pompéia e Fernando Sabino, criadores que se deixam marcar – em alguns casos aprisionar, como observa Candido – pela adolescência, recuperada em obras que por sua vez marcam a literatura nacional. Àquele sutil artista das recordações Candido dedica outro ensaio do mesmo livro, empenhado na análise da obra *O amanuense Belmiro*, em que transita um ser aprisionado pelo passado a que retorna através da escrita, que o afasta sempre da ação.

Acontece, porém, que a sensibilidade de Belmiro, jogando-o como uma bola entre o passado e o presente, perturbando este com os arquétipos daquele, desmanchando a pureza daquele com a intromissão das imagens deste, não lhe permite uma existência atual.<sup>108</sup>

A personagem, assim, termina por ser considerada pelo crítico como uma espécie de fugitivo da vida, que mergulha no presente e emerge no passado, perdido para ambos. Já no livro *A educação pela noite* Candido analisa as complexas relações entre literatura e memória, enfocando o que chama “autobiografias poéticas e ficcionais” de Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava. Assim nomeadas porque

mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em parte como se fosse produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico.<sup>109</sup>

Traços que, segundo o crítico, terminam por conferir um cunho acentuadamente universal a algo tão particular e contingente quanto é a vida de um indivíduo. Candido observa que a literatura surgiu em Minas Gerais durante o século 18, com caráter acentuadamente universalizante. Registra também o especial gosto do público mineiro pelas narrativas de primeira pessoa, particularmente a autobiografia, configurando duas vertentes literárias opostas e complementares.

Ora, não esqueçamos que uma das obras mais importantes no processo de naturalização dos valores cultos no Brasil se apresenta de certo modo como confissão em verso (não importa se imaginária ou real): a *Marília de Dirceu*. O fato de ter havido essa autobiografia de uma situação amorosa em contexto tão universal quanto foi o do Arcadismo, sobretudo em seus aspectos neoclássicos, permite colocar sob a sua égide a pesquisa,

<sup>108</sup> CANDIDO. *Brigada ligeira*, 2004. p. 75.

<sup>109</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 61.



não apenas do ficcional ligado ao real, mas do universal através do particular, tomando como exemplo o particular por excelência, que é a narrativa da própria vida.<sup>110</sup>

As expressões “ficcional ligado ao real” e “universal através do particular” devem ser destacadas, porém, não se prolonga na exploração das suas potencialidades. Deixando-as em suspenso, aqui se abre um parêntese para registrar a importância e as implicações da leitura dos poemas de *Marília de Dirceu* como uma confissão em verso. Na interpretação que o crítico constrói para a Lira 77<sup>111</sup>, recolhida no livro *Na sala de aula*, após sucessivos movimentos de leitura, considera que

Assim como as partes do poema são elementos de um conjunto próprio, o poema por sua vez é parte de um conjunto formado pelas circunstâncias da sua composição, o momento histórico, a vida do autor, o gênero literário, as tendências estéticas do seu tempo etc.<sup>112</sup>.

Em consequência, focalizar a vida do autor — no caso, Tomás Antônio Gonzaga — buscando “a função estrutural dos dados biográficos”<sup>113</sup>, permite ao crítico afirmar que se fosse outro o seu autor, a Lira 77 seria diferente sendo a mesma. Isto é, não fossem os fatos biográficos conhecidos de Gonzaga, não seria possível capturar inteiramente os significados ocultos no poema. Num outro passo, em que analisa a obra de Santa Rita Durão, registra os documentos autobiográficos que este deixou, onde confessa as vilanias e traições que praticou e os logros sofridos. Candido observa que, graças a esse legado, o poeta é a personagem literária da época melhor conhecida em sua humanidade, considerando os documentos inestimáveis e incomparáveis a outros das nossas letras.

Neles aparecem a sua miséria moral, os seus rompantes, cálculos, ambições e decepções, a sua erudição e os seus hábitos. Que, se não ajudam a penetrar no miúdo da análise, talvez ajudem a entender alguns traços gerais do poema, como o gosto pelo contraste e a energia das descrições, enquadrando o senso da crueldade, a complacência nos transe

---

<sup>110</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 62-63.

<sup>111</sup> Essa é a numeração atribuída por Rodrigues Lapa, na edição preparada para o Instituto Nacional do Livro. Trata-se da lira que começa pelo verso “Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro”, de número 15 da segunda parte, na disposição estabelecida por Afonso Arinos de Melo Franco para a Livraria Martins, 1943, que é aquela dada pelas primeiras edições das três partes, segundo informa no prefácio para a edição de 1972.

<sup>112</sup> CANDIDO. *Na sala de aula*, 2005. p. 33.

<sup>113</sup> CANDIDO. *Na sala de aula*, 2005. p. 5.

sangrentos – e de repente o desejo de remanso e bonança, a ternura e a leveza da alma.<sup>114</sup>

Claro está que nos dois casos seria possível ler e interpretar sem esses dados. Tanto Gonzaga quanto Durão dispensam elementos biográficos para serem compreendidos apreciados. As suas obras, como é da natureza da obra literária, requerem apenas leitura compreensiva. Assim, seria sempre possível ler e fruir do poema, mas dispondo desses dados a leitura se tornou mais iluminada, mais rica de sentidos e a fruição mais completa.

No mesmo livro, procedendo à análise de um poema de Álvares de Azevedo, o crítico registra que “a biografia do poeta não ajuda a elucidá-lo.”<sup>115</sup> Em outra parte, falando da mesma obra e do mesmo poeta, adverte: “em nenhum momento estou pensando na sua vida”<sup>116</sup>. Havendo ainda os casos em que cabe à ficção explicar a vida do autor<sup>117</sup>. Ou seja, o leitor avisado tem sempre em mente, que não se trata de um método biográfico de leitura do poema, mas de uma leitura capaz de incorporar os mais variados recursos, inclusive os dados biográficos, desde que adequados ao objetivo final de uma maior e mais completa compreensão e conseqüente fruição da obra literária.

Talvez se deva imaginar a presença do conceito aristotélico de mimese a presidir sempre essa aproximação entre vida e literatura. Não se trata de colocar um sinal de igualdade entre uma e outra, mas da sutil percepção e registro de que se interpenetram e o caminho para se aprofundar no conhecimento de uma pode ser não perder de vista as manifestações da outra. Assim, o arranjo das líras pode ser contestado, como o faz Afonso Arinos, supondo outra distribuição mais adequada historicamente, mas se pergunta: a suposição – mera hipótese de leitura – do seu conteúdo autobiográfico acrescentou ou diminuiu o alcance poético da obra analisada? E a resposta proposta acima parece irrecusável.

Em conseqüência seria interessante ainda enfatizar o sistema de leitura em que se inscreve esse uso pontual do dado biográfico como elemento interpretativo. Após sucessivas aproximações ao poema, didaticamente destacadas para o leitor pelo sistema de numeração dos passos interpretativos, o crítico afinal introduz o elemento biográfico.

<sup>114</sup> CANDIDO. *Na sala de aula*, 2005. p. 9.

<sup>115</sup> CANDIDO. *Na sala de aula*, 2005. p. 44.

<sup>116</sup> CANDIDO. *Os melhores poemas: Álvares de Azevedo*, 2005. p. 11.

<sup>117</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006.

Oferece, assim, depois de uma interpretação extensa e profunda, um índice a mais no mapa da leitura. Lembrando a condição de “caderno de análise literária” que o autor atribui ao livro que acolhe o ensaio, pode-se melhor reconhecer o valor pedagógico desse sistema de exposição, bem como o seu efeito sobre uma mente aberta ao aprendizado. Esse ensaio tanto quanto a totalidade do livro que o recolhe expõem ao leitor, em pleno funcionamento, o maquinismo da crítica integrativa <sup>118</sup> de Antonio Candido.

Encerrada a digressão se observa que o crítico lê aqueles memorialismos a partir de algumas das tensões que os percorrem: particular X universal; recordação X invenção; poesia (e prosa poética) X prosa. Tensões que podem ser identificadas tanto internamente às obras, quanto no seu conjunto, especificando-as como um grupo particular pela exemplaridade, pela sua alta qualidade literária e pelas escolhas que representam quanto às possibilidades da forma literária relativamente ao gênero memorialístico.

Candido resenha a produção do memorialismo mineiro tomando como marco inicial os singelos *Apontamentos para se unir ao Catálogo dos Acadêmicos da Academia Brasílica dos Renascidos*, que Cláudio Manuel da Costa enviou em 1759 ao censor da referida Academia. Registra ainda que de Minas Gerais saiu a melhor obra da memorialística brasileira de todo o século XIX, as *Minhas recordações*, de Francisco de Paula Ferreira de Resende. Obra a ser valorizada pelo seu estilo peculiar e original e

como exemplo da capacidade demonstrada por tantos mineiros de, inserindo o seu eu no mundo, mostrar os aspectos mais universais nas manifestações mais particulares, um avesso da autobiografia estritamente individualista do tipo [Joaquim] Nabuco, da qual o interesse é de outro tipo e consiste em reduzir o geral à contingência do particular. <sup>119</sup>

O crítico situa a obra *Minha formação*, deste escritor, como exemplar daquele tipo de obra em que o dado pessoal se dissolve na vaidade, a mais particularizadora das forças atuantes no ser humano. “Ferreira de Resende, ao contrário, alcança naturalmente o cunho generalizador através da sua candura arguta e do desejo de fazer viver o seu tempo e o seu meio, graças ao relato da sua vida.” <sup>120</sup> Tempo e meio destinados a viver também graças à

---

<sup>118</sup> “Para uso próprio chamo a minha posição crítica de ‘integrativa’, procurando fundir perspectivas diferentes para obter um resultado mais completo. E sempre tive o gosto de pensar em função dos contrários.” (CANDIDO. Os vários mundos de um humanista, junho de 1993. p. 38-39).

<sup>119</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 64.

<sup>120</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 63.

menina Helena Morley que pelo final do século “enchia os seus cadernos com essa flor de graça e verdade que é *Minha vida de menina*, uma das obras primas da literatura pessoal no Brasil.”<sup>121</sup>

Analisando a biografia de Feijó, escrita por Octavio Tarquínio de Sousa, Candido faz alguns comentários relativos ao trabalho do historiador, legitimamente aplicáveis ao memorialista, que com esse tantas vezes confina. Observa que o livro de Tarquínio deve ser lido como reconstituição e como interpretação, a última servindo à primeira sempre em nível elevado. Aqui se estabelece o que deve ser uma diferenciação entre as duas atividades, uma vez que o memorialista opera com uma liberdade que o seu acostado do campo científico não tem. Tarquínio, diz o crítico,

Sabe que a fidelidade aos documentos é condição básica nesse processo, e que a imaginação é uma das suas chaves. Sabe que o historiador – homem de observação e escrupulo – se aproxima do artista quando recria o personagem, soprando vida nos documentos do passado. Sobretudo, sabe o que é imaginação para o historiador. Porque há dela uma péssima concepção, que pode levar ao arbitrário e ao devaneio histórico, em prejuízo irremediável do alcance da obra e, mesmo, da sua honestidade. Imaginação, em história, não consiste em inventar cenas, diálogos, solilóquios, intercalando-os num trabalho que afora isto, às vezes, é sóbrio e objetivo, com o fim de arejá-lo ou descalçar uma bota difícil. Consiste na própria atitude com que o historiador se coloca diante dos fatos e dos papéis, e na maneira porque os interpreta, os faz falar – num esforço de *simpatia* [grifei] que lhes dá vida sem falseá-los e que, muitas vezes, lhes supre as deficiências. Neste caso, a imaginação não é uma coisa que acrescenta (o que seria arbitrário), mas que sugere, que esclarece, que vê os fatos de novos ângulos e, portanto, que revela.<sup>122</sup>

São palavras que, com alguma ressalva relativamente à proximidade ao artista que caracteriza o historiador, se aplicam de ponta a ponta ao memorialista, que é o artista ele mesmo, usando por isso da imaginação que acrescenta, recriando literariamente o mundo rememorado, porém se servindo muitas vezes dos instrumentos do historiador – de que são exemplares os memorialismos de Pedro Nava e do próprio Antonio Candido. A bússola do memorialista se deixa nortear ora pela poesia, ora pela história, das duas se servindo, às duas servindo. Nessa condição deve reverências tanto a Clio quanto a Polímnia; em

<sup>121</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 64.

<sup>122</sup> CANDIDO. *Folha da Manhã*, 14 de janeiro de 1943. p. 5.

consequência, se lhe é lícito criar, não lhe é permitido mentir – como bem o sabe e registra o mesmo Pedro Nava, tanto quanto esse crítico e memorialista de quem se fala.

Deve ser observado ainda que, como ensina Arendt, as histórias da história não têm autor <sup>123</sup>. Ou seja – interpreta-se –, esta se escreve sozinha, nos fatos, nos documentos, nas marcas que deixa. Ao historiador cabe a tarefa de ler essa escrita e paráfraseá-la analisando e interpretando-a nos livros e compêndios. Por isso, escreve fadado ao fracasso como narrador, pois narra sem impor autoria ao narrado. O memorialista, ao contrário, é sempre o autor das suas narrativas. Esse fracasso do primeiro concomitantemente ao sucesso irreconstruível do segundo funda a diferença entre os dois narradores. Operando sobre o mesmo material, almejando os dois à narração, jogam um jogo que é uma espécie de trapaça, pois o resultado está dado a priori: o fracasso de um e o sucesso do outro. Se o memorialista falha como narrador autoral exclui-se dessa condição, pela falsificação ou por ter-se reduzido à condição de depoente. O historiador se vence como narrador terá sua narrativa validada pelos seus pares ou pela posteridade, ou pelos dois, e perderá em consequência a condição autoral, pois sua narrativa é estabelecida como pertencente à história. Se fracassa como narrador terá fracassado como historiador; se logra a vitória como narrador, não obtendo, porém, a validação, terá fracassado como historiador. Fracasso irreconstruível de um lado correspondente sempre à vitória inescapável do seu outro.

No ensaio *Apostilas ao amanuense* <sup>124</sup>, Candido se serve de um livro aparentemente de pequena relevância – *História da família Versiani*, escrito por um Ruy Versiani Veloso –, desentranhando a relação entre literatura e memória n’*O amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos e explorando as possibilidades que o conhecimento da biografia pode oferecer ao crítico exigente e adequadamente aparelhado. Cotejando os ascendentes do escritor, comportadamente enfileirados no livrinho do seu colateral, com as personagens deste livro estabelece relações inesperadas e afinidades insuspeitadas entre Cyro e o tímido e introspectivo Belmiro. Dessa maneira um livro que em princípio poderia parecer interessar apenas aos portadores do sobrenome Versiani, nas mãos do crítico se transforma em instrumento da exegese literária, enriquecendo a leitura, tornando transparente uma relação entre vida e literatura. Escritores como esse e como José Lins do Rego – “nostálgico da

---

<sup>123</sup> ARENDT. *The human condition*, 1998.

<sup>124</sup> CANDIDO. *Folha da Manhã*, 8 de outubro de 1944. p. 7.

infância e da adolescência”<sup>125</sup> – são a confirmação do que diz Antonio Candido: tanto e de tal maneira se sobrepõem nas suas obras ficção e memória que parece tarefa vã tentar separá-las. Isso sem grande necessidade de reiterar que muitas vezes o leitor tem ainda de se haver com uma “literatura de imaginação vasqueira, onde a maioria costeia o documento bruto”<sup>126</sup>.

Importante aspecto da contiguidade entre ficção e vida é explorada em um ensaio, catalogando variados graus de aproximação e afastamento entre essas duas instâncias relativamente à personagem literária<sup>127</sup>. Ali mostra como a literatura se serve da vida para criar; e como a atenuação em variados graus da separação entre uma e outra pode resultar em enriquecimento para as duas. Aqueles que partem do lastro memorialístico, ou a este alcançam no seu trânsito pelas veredas da literatura, alargam os horizontes da arte e devem ser alvo de especial atenção, merecedores de serem destacados pelo olhar crítico, não pela contiguidade à vida, mas pela qualidade literária, como é o caso, por exemplo, deste de quem se passa a falar.

### **A obsessão do silêncio**

A Graciliano Ramos, que considera um “mágico nas técnicas da memória”<sup>128</sup>, Antonio Candido dedicou o ensaio *Ficção e confissão*, obra que, “apesar da mudança de certos juízos, mostra a constância de um ponto de vista que se formou cedo”<sup>129</sup>, como registra. O crítico relembra que, após a morte do escritor, “Antônio Olavo Pereira, que dirigia a sucursal paulista da Editora José Olympio, me convocou para dizer que Graciliano tinha manifestado o desejo de que fosse escrita por mim a introdução à próxima edição de sua obra.”<sup>130</sup> Em atendimento a essa solicitação reuniu os cinco ensaios que lhe dedicara, publicados nos rodapés do *Diário de S. Paulo*, em 1945, por ocasião do lançamento de *Infância*. Esses textos foram reescritos, unificados e ampliados e passaram a constituir o ensaio longo *Ficção e confissão*, publicado como prefácio à terceira edição de *Caetés*, ganhando também uma edição em separata com o mesmo título, pela mesma editora. Na

<sup>125</sup> CANDIDO. *Presença da literatura brasileira*, 1968. v. III. p. 251.

<sup>126</sup> CANDIDO. *Tese e antítese*, 2006. p. 111.

<sup>127</sup> CANDIDO. *A personagem do romance*, 2002. p. 51-80.

<sup>128</sup> CANDIDO. *Brigada ligeira*, 2004. p. 82.

<sup>129</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006. p. 9.

<sup>130</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006. p. 13.

condição de prefácio foi publicado pelo menos vinte vezes. Posteriormente o autor agregou-lhe outros textos e em 1992 foi publicado pela editora 34 o livro *Ficção e confissão*, com o subtítulo ensaios sobre Graciliano Ramos. Posteriormente a obra foi revista pelo autor e republicada em 2006, pela editora Ouro sobre Azul, em sua terceira edição, dada como definitiva. Essa forma característica de *Ficção e confissão* – ensaio a que se agregam outros ensaios produzidos em diferentes épocas – dá-lhe um interessante aspecto de descontinuidade e de repetição. Interessante porque permite acompanhar a evolução do pensamento do crítico em suas descontinuidades e permanências, constituindo uma espécie de biografia da sua recepção à obra de Graciliano Ramos.

Nessa espécie de leitura progressiva que empreende da obra desse escritor, Candido toma como uma espécie de vértice o livro *Infância*, — “uma evocação cheia de encanto da quadra infantil”<sup>131</sup>. Essa obra cumpre o papel de definitivamente eliminar qualquer dúvida que pudesse ainda existir quanto ao caráter literário do memorialismo. Violentamente vincado pelo olhar do adulto, o livro não traz a marca de “inocência” que costuma caracterizar esse tipo de literatura e se constitui numa espécie de portal de uma fundamental transição da escrita de Graciliano, que salta da ficção rumo ao memorialismo. O crítico considera fundamental esse trânsito. Observa que Ramos parte de uma obra com mais puras características ficcionais, passa por um livro muito marcado pelos elementos tomados à experiência infantil — *Angústia* —, sucedido por outro memorialístico, porém em tonalidade ficcional — *Infância* —, espécie de ponte que o conduz à narrativa de *Memórias do cárcere*, em que o escritor recupera sem rebuços um momento cruciante de sua trajetória humana. Daí imagina que

Isto permite supor que houve nele uma rotação de atitude literária, tendo a necessidade de inventar cedo o passo, em certo momento, à necessidade de depor. E o mais interessante é que a transição não se apresenta como ruptura, mas como consequência natural, sendo que nos dois planos a sua arte conseguiu transmitir visões igualmente válidas da vida e do mundo.

Concluimos daí que no âmago da sua arte há um desejo de testemunhar sobre o homem, e que tanto os personagens criados

---

<sup>131</sup> CANDIDO. *Iniciação à literatura brasileira*, 2007. p. 108.

quanto, em seguida, ele próprio, são projeções desse impulso fundamental, que constitui a unidade profunda dos seus livros.<sup>132</sup>

Abre-se um curto parêntese para perguntar se não seria assemelhada a esta, afinal, a trajetória do próprio Antonio Candido, evoluindo da crítica matizada pela memória à memória em estado mais puro que vai invadindo seus escritos, até culminar em *Teresina etc.*, quando sua escrita assume o estatuto do memorialismo, matizando-se de crítica em *Recortes*. Nesse ponto da sua trajetória começa a se definir um período em que mesmo os estudos literários, ressalvadas algumas exceções poderosas, são publicados não apenas pelo seu valor intrínseco, mas também como objetos da memória.

Voltando, porém, a Graciliano é forçoso concordar com o crítico quanto ao trânsito da ficção à literatura pessoal, tanto quanto é forçoso reconhecer a também apontada superioridade de *Infância* sobre *Memórias do cárcere* relativamente à fábrica literária. São também patentes as características ficcionais que o crítico aponta no primeiro desses livros. Observe-se em contraface aos elementos pessoais em *Angústia*; a distensão literária de *Viagens*. Ou seja, não se trata da ideia de uma recusa à literatura em geral ou à ficção em particular, mas da busca de uma específica forma de expressão do eu pela via da escrita. Essa demanda dos recursos ficcionais na expressão literária da primeira pessoa autoral talvez seja uma regra universal, ou, ao menos bastante ampla para recobrir, por exemplo, um memorialista como Pedro Nava.

Em carta ao crítico, reproduzida no ensaio, Graciliano Ramos se declara uma espécie de Fabiano, e Fabiano completo houvesse a seca destruído sua gente, reduzindo-o à condição em que subsistem o vaqueiro mais Sinha Vitória e os meninos sem nome das *Vidas secas*. Mas resta sempre a questão do quanto de um há no outro – ou quanto afasta de si o criador à criatura? Essas são algumas das questões postas pela leitura da obra de Graciliano Ramos empreendida por Antonio Candido, que percorre-a buscando sempre o indivíduo literariamente inscrito. Do João Valério dos *Caetés* ao Graciliano das *Memórias do cárcere*, o crítico percebe uma espécie de viga mestra de uma unidade insuspeitada na característica diversidade da enxuta obra do escritor. Não se trata, é claro, de uma diluição ou equalização da diversidade. Ao contrário disso, a unidade se mostra mais visivelmente exatamente nessa variedade, que é, na verdade, a primeira via do escritor para alcançá-la.

<sup>132</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006. p. 103.



“João Valério anda às voltas com o episódio histórico do bispo D. Pero Sardinha, devorado pelos índios caetés; mas o que busca, na verdade, é refúgio para onde correr, sempre que for necessário um contrapeso às decepções da vida.”<sup>133</sup> Paulo Honório, por sua vez, busca na narrativa não uma alternativa à vida, como João Valério, mas uma explicação. Narra na expectativa de que esse ato lhe permita compreender porque a sua vida desandou. João Valério quer substituir a vida pela narrativa, Paulo Honório quer compreender a vida pela via da narrativa. O primeiro desses narradores despedaça as pessoas do seu convívio para dos pedaços fazer seus Caetés. Estabelece por essa via o estatuto de uma ficção da primeira pessoa em trânsito para a primeira pessoa ficcionalizada, desaguando na memorialística de *Infância* e das *Memórias do cárcere*, em que o olhar de Graciliano sobre o mundo se apresenta na sua inteireza – implacável e comprometido. Entre o eu da primeira pessoa ficcional e o sofrido eu memorialístico, anota-se como passo indispensável a experiência literária da terceira pessoa em *Vidas secas*. Nesse livro a terceira pessoa – é bom lembrar Butor e sua ideia de labilidade (*glissement*) pronominal, de que já se falou – esconde a primeira pessoa autoral numa espécie de autobiografia potencial, como já se viu.

Candido observa que “Lendo *Infância* concluímos que as obras de Graciliano Ramos se concatenam num sistema literário pessimista”<sup>134</sup>. Parece, porém, haver no escritor, para além desse pessimismo registrado pelo crítico, uma espécie de otimismo recôndito, visualizável exemplarmente na decisão de Paulo Honório em narrar-se e à sua particular experiência do mundo, na busca de compreender-se e situar-se face a si mesmo, a esse mundo hostil e à experiência transformadora do amor. Nesse ato ele se faz personagem e dessa forma do ser embrutecido emerge ante os olhos do leitor o homem. Assim como *Vidas secas* aponta para um futuro, como registra o crítico, também *São Bernardo* aponta nesse sentido, pois o fazendeiro brutal se revelou capaz de, pela experiência do amor, para ele ainda não totalmente compreensível, se tornar um novo ser.

Ao dar às suas lembranças um tratamento absolutamente literário, o autor de *Infância* tal como os dois de quem se falou anteriormente contribuiu também para o incremento dessa espécie de simbiose entre arte e vida de que se vem falando e que muitas

---

<sup>133</sup> CANDIDO, *Ficção e confissão*, 2006. p. 29.

<sup>134</sup> CANDIDO, *Ficção e confissão*, 2006. p. 75.

vezes caracteriza a literatura. Onde, nesse livro, o tratamento literário registrou a memória e produziu a ficção? Se toda biografia é uma estória, como anota Erico Verissimo, toda estória — sabe-se — é também autobiográfica. Ou, nos termos do crítico: “É claro que toda biografia de artista contém maior ou menor dose de romance, pois frequentemente ele não consegue pôr-se em contato com a vida sem recriá-la.”<sup>135</sup> Reiterando, da fusão simbiótica entre experiência de vida e literatura surge uma obra literária específica – *Infância*, que revela ao leitor o artista que se inscreve literariamente e o ser humano concreto coabitando e partilhando.

Antonio Candido chegou inicialmente a considerar que as obras memorialísticas de Graciliano manteriam o nível literário alcançado na ficção. Posteriormente mudaria de opinião, mas fica o registro como mais uma amostra da sua inclinação à valorização do memorialismo. Talvez, do ponto de vista da análise estética, ao tratar de *São Bernardo* o crítico atinja o ponto mais alto deste estudo. Mas o certo mesmo é que o ponto de culminação do estudo está no discurso sobre as *Memórias do cárcere*, obra que constitui uma espécie de estuário em que desagua a expressão literária de Graciliano Ramos, segundo a leitura do autor de *Ficção e confissão*.

O crítico avalia que existe um tipo de escritor que se realiza plenamente pela escrita pessoal e que permeia o mundo de si, sem disfarce. E cita como exemplares desse tipo: Montaigne, Peppys e Amiel. Existe, por outro lado, um tipo de escritor que se realiza plenamente na ficção. Desses oferece como exemplos Balzac, Machado de Assis, Dickens e Dostoiévski. Há ainda um tipo que opera pelas duas formas de expressão, uma complementando outra; de que são exemplares, segundo o crítico, Rousseau e Stendhal. Há aqueles vocacionados para a confissão, que se realizam nos escritos íntimos, como os diários e que, circunstancialmente, se servem da ficção. Desse tipo cita como único exemplo o caso de Benjamin Constant. Porém, o caso mais comum, segundo Candido, é daquele escritor, seja romancista ou poeta, que “a certa altura sente necessidade de revelar-se diretamente, escrevendo confissões que completam e esclarecem a obra de ficção”.<sup>136</sup> Desse tipo cita inúmeros exemplos: Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Álvaro Moreyra e Gilberto Amado.

<sup>135</sup> CANDIDO, *Ficção e confissão*, 2006. p. 70.

<sup>136</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006. p. 98.

Não será, todavia, frequente o caso de Graciliano Ramos no qual a necessidade de expressão se transfere, a certa altura, do romance para a confissão, como consequência de marcha progressiva e irreversível, graças à qual o desejo básico de criação permanece íntegro, e a obra resultante é uma unidade solidária.<sup>137</sup>

Essa ideia de continuidade entre ficção e confissão – visualizável já no uso obsessivo da primeira pessoa nas escritas ficcionais, registra-se –, e a “unidade solidária” na obra resultante merecem ser mais detidamente observadas.

Seria interessante, para encaminhar-se ao cerramento desse olhar sobre o diálogo de Candido com a obra de Graciliano Ramos grifar-se os termos “unidade solidária”. Seria interessante ainda registrar ao lado da diversidade anteriormente referida, a continuidade interna estabelecida pela linguagem caracteristicamente econômica, pelo estilo – agreste nos termos de Candido –; pela visada sobre o mundo; pela concepção ideológica e pelos compromissos éticos que se somam ao olhar desiludido sobre a condição humana, que talvez deva ser lida no texto de Candido por trás do termo pessimismo. Portanto quer-se registrar a obra do criador de *Caetés* como diversa e unitária, caracterizada tanto pelos compromissos humanos e literários que expressa quanto pela desassombrada independência do escritor.

Paralelamente deve ser registrado também como produto da atividade crítica de Candido um recorte sobre a obra do escritor, numa pequena antologia que organizou para a coleção Nossos Clássicos da editora Agir. Já por esse tempo operava com a consciência de que “Toda antologia implica uma interpretação embrionária, na medida em que escolhe; ao escolher, adota um modo de ler a obra, de que resulta o acolhimento de certas partes e o abandono de outras.”<sup>138</sup> Assim se observa que Candido concebe seu trabalho de historiador da literatura como um trabalho de crítica literária, como expõe na *Formação da literatura brasileira*, tanto quanto é uma atividade crítica aquela exercida pelo antologista. Nessa condição talvez devesse ser olhado esse pequeno volume didático. Ali estão expostas tanto a labilidade da ficção de Graciliano rumo à confissão como a centralidade das *Memórias do cárcere*, que se corroboram no texto introdutório, que seria depois o segundo capítulo do livro *Ficção e confissão*.

<sup>137</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006. p. 98.

<sup>138</sup> CANDIDO. Prefácio a *Poesias escolhidas*, de Teófilo Dias, 1959. p. 4.

Esse livro revela ao leitor ângulos novos de que se olhar a obra de Graciliano Ramos, pontos recônditos até então obscuros, e revela também muito do crítico que o escreveu, tanto pela leitura didática propiciada pela sua condição de texto organizado em camadas que se sobrepõem com o passar do tempo, quanto pelo acúmulo de reflexões e análises sobre o aspecto específico da relação entre os muitos eus que a obra literária contém; ora mostrados escancaradamente, ora velados pela transposição à forma literária. Essa caminhada para o universal através da busca da individualidade inscrita na literatura dá substância ao universal ao localizá-lo na humana concretude de um ser específico. Parece ser essa uma característica do pensamento e da escrita de Candido, que quer sempre ver o humano concreto, isto é, o humano configurado em uma pessoa particular, com nome, endereço e biografia, para através desse se alçar na busca do universal.

### **O real e o imaginado**

Se a compreensão da obra de Graciliano Ramos passa pelo seu trânsito da ficção ao memorialismo, com uma pausa intermediária no memorialismo ficcionalizado de *Infância*, José Lins do Rego, por sua vez, amadurece de obra a obra, num percurso exemplarmente marcado pelo trânsito de *Menino de engenho*, de 1932 a *Fogo morto*, editado em 1943. Candido observa que

à medida que avançou de um livro para outro, o memorialista algo perdido na poesia evocativa deu lugar ao romancista, adstrito às leis da ficção, compreendendo e analisando cada vez mais a realidade que antes englobava numa apreensão indiscriminada, exuberante mas primária.<sup>139</sup>

Esse itinerário permitiu ao escritor, nos termos de Candido, a conquista de um claro discernimento da realidade, que passa a ser percebida em sua autonomia relativamente ao sujeito. Aquisição devida à mudança progressiva da forma por que se processam as relações entre a personalidade do escritor que se forma e o mundo em que se forma. O elevado nível literário alcançado em *Fogo morto*, sem dúvida o auge criativo do escritor, deveu-se antes de tudo à progressiva libertação de uma espécie de fixação autobiográfica, em benefício da observação do mundo, o que exige do sujeito um consciente afastamento do objeto, diz o crítico.

---

<sup>139</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 2004. p. 35.

Se escolheu a ficção em lugar da autobiografia direta, foi talvez pela maior liberdade que ela dava para retocar, preencher, generalizar, de modo a conferir maior amplitude ao dado pessoal, aproximando-o do caráter de paradigma, que diz expressamente ter visado.<sup>140</sup>

Para o escritor a fixação memorialística se constituiu em uma espécie de prisão de que teve de se libertar para alcançar a plenitude da sua capacidade criativa. Segundo a análise de Antonio Candido, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, fortemente marcados pela relação entre ficção e memória, cumprem percursos paralelos e divergentes, sendo o ponto de chegada de um o ponto da partida do outro.

Também no ensaio Esquema de Machado de Assis, Antonio Candido trata da relação entre ficção e memória, situando-a nos termos da relação entre “o fato real e o fato imaginado”<sup>141</sup>, eixo do grande romance proustiano tanto quanto de *Dom Casmurro*. Analisando a obra do criador de Capitu relativamente ao ciúme e suas implicações, nela identifica uma espécie de reversibilidade “entre o que aconteceu e o que pensamos que aconteceu”<sup>142</sup> (crucial para o memorialista, tanto quanto para a análise do memorialismo, registre-se), patente no comportamento do dr. Bento Santiago a partir do que vê – ou imagina ver – ante o féretro do amigo morto. O ciúme o conduz a construir mentalmente uma emaranhada rede envolvendo a própria mulher e o morto, com tal pertinácia e eficiência que ao final não terá a menor importância o que é real, acontecido, e o que é imaginário, “porque a consequência é exatamente a mesma nos dois casos: imaginária ou real, ela destrói a sua casa e a sua vida.”<sup>143</sup>

No ensaio seguinte a esse – Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade – a relação entre o fato real e o fato imaginado será apreciada como a relação entre a mentira e a verdade, entre realidade e ficção, explorando ainda diretamente a relação entre crítica literária e biografia. Candido recupera um episódio da complicada relação entre Oswald e Mário de Andrade, em que o primeiro é pego numa deslavada mentira sobre o amigo e companheiro das jornadas modernistas. Confrontado por Mário, desarma-o “retrucando simplesmente, com a limpidez risonha do seu olhar azul:

<sup>140</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 2004. p. 34-35.

<sup>141</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 25.

<sup>142</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 25.

<sup>143</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 25.

“Eu menti!”<sup>144</sup>

Essa confissão definitiva e desarmante, o leitor prevenido associa-a a uma cena do *Macunaíma* em que o herói conta que caçou dois veados no Largo do Arouche. Desmentido pelos irmãos – a caça não passara de dois ratos – e ante a cobrança dos ouvintes, a solução oswaldiana serve à personagem de Mário de Andrade:

“Eu menti!”<sup>145</sup>

Essa pequena digressão mariodeandradiana está incrustada em um longo ensaio rememorativo com certo recorte crítico dedicado a Oswald de Andrade, em que Candido anota marginalmente não poder recuperar o que de elevado muitas vezes o ouviu dizer de Mário de Andrade, “pois esqueci a maior parte e a memória vai deformando o resto.”<sup>146</sup> Assim, de maneira discreta instaura dois temas centrais e definitivos para se pensar o motivo memorialístico na literatura: a relação entre lembrança e esquecimento e entre fantasia e memória – domínios do sono e da vigília, territórios assinalados para a reflexão sobre o real e o imaginado.

### **O lúcido visionário**

Nas linhas seguintes se reproduz integralmente o texto com o título acima que Candido escreveu para o livro que Júlio Castañon Guimarães organizou por ocasião do centenário do nascimento do poeta Murilo Mendes.

Como todos sabem, Murilo Mendes era um viveiro de contrastes. Libérrimo e disciplinado, caprichoso e cumpridor, fantasista e estrito, tudo nele convergia para a divergência. Assim, era católico e revolucionário com a mesma naturalidade com que violava as conveniências e respeitava as formas. Se infringia os códigos banais, observava na conduta a mais refinada, embora calorosa polidez, como um aristocrata capaz de criar o escândalo, mas incapaz de perder a linha. Pontual nos compromissos e corretíssimo na correspondência, gabava-se de manter registro das cartas expedidas.

Para quem pensa no lado feérico da sua poesia, talvez pareçam estranhas essas coexistências. Mas o fato é que nele a imaginação transbordante se desdobrava em projeto, traçado com rigor e executado de maneira meticulosa. Às vezes as pequenas coisas revelam traços característicos de

<sup>144</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 42.

<sup>145</sup> ANDRADE. *Macunaíma*, 1988. p. 95.

<sup>146</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 42.

uma personalidade literária. Por isso tomo a liberdade de lembrar um fato pitoresco de ordem pessoal.

Estando em Roma, em começo de 1962, fui à sua casa para irmos juntos (se bem me lembro) a uma reunião na de Ignazio Silone (onde, aliás, tive a oportunidade de conhecer, além do anfitrião, dois escritores que apreciava, ambos militantes antifascistas de boa têmpera: Nicola Chiaromonte e Paolo Milano, autor de um livro sobre Henry James). Antes de sairmos, Murilo disse que ia pôr dedicatória num volume dos seus poemas traduzidos em italiano, que queria dar a minha mulher e a mim. Ficamos na sala sua senhora, Maria da Saudade, e eu; ele foi para outra, talvez escritório. As dedicatórias tomam geralmente um ou dois minutos. Mas, no caso, os minutos corriam e ele não voltava. De cá, Maria da Saudade lembrou-lhe o compromisso; ele respondeu de lá que estava fazendo a dedicatória, e isso se repetiu umas duas vezes. Eu pensei comigo mesmo que com certeza, ao contrário da prática habitual, redigia um texto longo ou transcrevia poemas. Cerca de quinze minutos depois ele me deu o livro onde li: “Para Antonio Candido e Gilda esta pequena lembrança italiana com todo o afeto e a admiração do Murilo. Roma 19 jan. 1962”. Tanto tempo para isto? Sim, mas vejam: o pequeno texto vinha disposto como poema, em nove linhas escritas a três cores e letras maiúsculas (salvo o seu nome) que eram maiores nos nossos nomes, sendo o da minha mulher em verde e o meu em vermelho; o resto era azul...

Conto o fato para deixar claro como revestia meticulosamente de fantasia as menores coisas, mas compondo com rigor. E isso talvez ajude a entender o fascínio que exercia e a irradiação da sua personalidade originalíssima. Em Roma pude verificar o seu prestígio, vendo de que maneira artistas e escritores se honravam com uma apresentação dele, um prefácio ou a mera presença nos eventos. E ele não se regateava, porque era generosamente disponível.

Mário de Andrade planejou e chegou a anunciar um livro intitulado *Três picos*, ou seja, três culminâncias, no qual estudaria as obras poéticas de Manuel Bandeira, Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade. Nada mais justo do que essa consagração expressa na metáfora orográfica. E naturalmente seria preciso acrescentar à avaliação crítica a ressonância pessoal a que aludi.

Quando Murilo esteve no Rio pela última vez tencionei ir até lá visitá-lo, mas soube que já estava saindo de viagem e eu não chegaria a tempo. Só pude mandar um telegrama, onde mencionei minha decepção por não poder, pessoalmente, “honrar o altíssimo poeta”, servindo-me do famoso verso de Dante para indicar a escala do meu sentimento e da minha admiração.<sup>147</sup>

---

<sup>147</sup> CANDIDO. O lúcido visionário, 2001. p. 15-16.

Cortando-se o texto a partir do início do terceiro parágrafo – “Estando em Roma, em começo de 1962...” – configuram-se até o final quatro parágrafos, dominados pelo puro memorialismo. No primeiro e mais longo desses, ocupando mais da metade da parte recortada, a figura central é o próprio poeta; no segundo comparece Mário de Andrade e no terceiro, Antonio Candido, leitor de Murilo Mendes. Todos eles apontam para o poeta, claro, centro para que se voltam todas as luzes acionadas pelo crítico.

O primeiro dos parágrafos recortados é na sua maior parte tomado pela narração de um fato banal – a oferta e conseqüente dedicatória de um livro de poemas. Candido narra-o meticulosamente, explorando cada momento dos alongados quinze minutos dispendidos pelo poeta. Ao detalhar e dilatar o episódio, o crítico convoca o leitor ao pensamento, de certa forma, partilhando com ele aqueles momentos e a dedicatória. Este se porá a imaginar como foram gastos os quinze minutos, imaginará o poeta pensando em uma dedicatória, vacilando entre uma e outra possibilidade, em seguida redigindo uma ou mais opção em rascunho. Fazendo em um momento subsequente a opção pela redação final, que será então organizada em versos, ganhando o estatuto visual da poesia. A escolha das três cores diferentes possivelmente será entendida como alguma forma de exploração da poesia visual; talvez o verde e o vermelho remetam o leitor primariamente à ideia de união (ou aproximação) entre Brasil e Itália, representados o primeiro pelo azul e a segunda pelo vermelho, unidos os dois países no verde, comum às suas bandeiras. Leitura perfeitamente coerente com um livro de um poeta brasileiro traduzido ao italiano; poeta nascido em Juiz de Fora e vivendo em Roma. O leitor poderá pensar ainda que dedicado a um casal, embora assinado por Murilo, o livro liga os dois casais, então, o vermelho e o verde passarão a incluir também Portugal, pátria de Maria da Saudade.

Quinze minutos para quem tem um compromisso e escreve uma dedicatória são realmente um largo período de tempo. O leitor continua refletindo; agora sobre a escolha das cores para os nomes de Candido e Gilda. Seria lógico imaginar uma conexão entre a cor vermelha e a militância política de Candido; mas a Gilda, como atribuir o verde? Seria talvez uma reiteração da sua vinculação à pátria, contraposta ao internacionalismo da militância crítica de Candido, que crítico da literatura brasileira, sempre atentou muito à literatura produzida além-fronteira, dedicando-lhe ensaios iluminadores? Ou seria o verde



uma cor mais fértil e mais feminina, se ligando e se opondo ao sangrento e masculino vermelho?

Talvez o quarto de hora não tenha se esgotado, e a imaginação do leitor pode continuar a divagar, tomando o lugar do crítico que espera naquela sala de Roma. Candido, porém, disse mais e convém explorar também o restante do seu discurso. O próprio crítico analisará rapidamente esse episódio na compreensão da personalidade poética de Murilo. A essa altura o leitor, que já foi informado do destino do poeta e do crítico, poderá, no parágrafo seguinte, acompanhá-los à reunião na casa do escritor Silone, onde conhecerá os dois lutadores antifascistas e descobrirá o prestígio de que desfrutava e a atenção e respeito de que o poeta brasileiro era alvo na capital italiana. Terá descoberto também que “ele não se regateava, porque era generosamente disponível.” E já terá a essa altura um retrato bastante vívido do poeta e do ser humano, se sentindo certamente mais convidado à leitura dos seus versos.

No parágrafo seguinte, o penúltimo, o crítico chama o testemunho de Mário de Andrade, três vezes elogioso ao poeta de Juiz de Fora; primeiro por tencionar dedicar-lhe um livro; segundo, por chamar a esse livro *Três picos*, numa altamente significativa metáfora orográfica e, terceiro, por colocá-lo na companhia de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

Finalmente, no último parágrafo, o crítico se faz centro da própria lembrança e relembra um encontro que não houve entre si e o poeta. Encontro que poderia ter sido a última vez que se encontravam e ao não acontecer representaria uma perda para quem rememora, porém, constitui oportunidade para mais uma vez valorizar a figura de Murilo Mendes, unindo-a a Dante e Virgílio, pelo fragmento citado do primeiro – “honrar o altíssimo poeta” –, ali reproduzido “para indicar a escala do meu sentimento e da minha admiração.”

Chegados ao final do texto, retomam-se os dois parágrafos iniciais, a partir mesmo das palavras de abertura do ensaio: “Como todos sabem, Murilo Mendes...” Observe-se o caráter quase coloquial dessa expressão que inclui o leitor e chama-o à cumplicidade. “Murilo Mendes era um viveiro de contrastes.” É uma afirmação definitiva e Candido irá esmiuçá-la nas linhas seguintes, primeiro, alinhando esses contrastes, retratando o poeta se servindo de um recurso que é especialmente produtivo nas suas mãos: a exploração das

tensões produzidas pelas polaridades alinhadas em pares antitéticos, que poderiam se neutralizar, mas por ele manipuladas sempre resultam num retrato matizado, em que luz e sombra se combinam resultando em mais clareza sobre a personalidade do retratado. “Às vezes” – sabe-o bem o crítico – “pequenas coisas revelam traços característicos de uma personalidade literária.”

O crítico se serve da última frase do segundo parágrafo para com certa humildade pedir licença ao seu leitor a fim de “lembrar um fato pitoresco de ordem pessoal.” Claro que este não recusará a um pedido tão gentilmente feito. Estará, porém, sendo embaido. A digressão e o fato pitoresco já se apresentam desde a primeira linha, em que o retrato do poeta se constrói a partir do conhecimento pessoal e do convívio tanto quanto da leitura de suas obras, de que o crítico é profundo conhecedor. Fato que não é, aliás, escamoteado – ao contrário, é escancarado – pela escrita, desde o “Como todos sabem...” de que já se falou. Encerra-se aqui essa leitura digressiva da escrita de Antonio Candido, registrando-se que se pretendeu salientar a digressão da escrita como um convite à digressão da leitura e sugerir o quanto poderá esta ser produtiva, dependendo unicamente da qualidade da primeira, capaz de abrir novos horizontes de leitura através do apelo à memória pessoal.

Da mesma natureza do texto dedicado a Murilo Mendes, há muitíssimos outros; destes se registra a curta introdução que escreveu para um livro de Armando Ferrari<sup>148</sup>, colega dos corredores da Universidade de São Paulo dos anos de 1940 à década de sessenta, que desde o título – Digressão sobre o autor – previne o leitor do seu conteúdo. Ali, o olhar do crítico se faz substituir pelo olhar do amigo que rememora e introduz (quase se poderia dizer induz) à leitura ao retratar um intelectual inquieto, marcado pelo “ardor, a vivacidade mental, a franqueza e a rapidez de percepção, que o fazia formular juízos cortantes e certos”<sup>149</sup>, entre outras respeitáveis qualidades. Traça, ainda que sumariamente, o itinerário da sua formação intelectual em São Paulo e mostra o ser fascinante que as letras escondem querendo revelar ao leitor curioso.

Célia Pedrosa, que vê o trabalho de Antonio Candido como uma renovada atualização da vontade ilustrada, identifica a digressão como principal traço estilístico da

---

<sup>148</sup> FERRARI, Armando. *O eclipse do corpo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995

<sup>149</sup> CANDIDO. Digressão sobre o autor, 1995. p. 11.

sua escrita. “Antonio Candido elege um procedimento estilístico básico — a digressão”<sup>150</sup>. Anota-se essa opinião para acrescentá-la a um fato, a ligação afetiva ininterrupta e profunda do crítico com a obra de Proust, praticante contumaz da escrita digressiva. A leitura sistemática dos textos de Antonio Candido estimula também à reflexão sobre o papel exercido neles pela digressão, cuja presença talvez se possa estabelecer como resultado provável da formação mesma do crítico, na sua condição de constante leitor de Proust, como se observou. Porém, talvez possa conduzir também à ideia de que o uso da digressão, muitas vezes, constitui um recurso deliberadamente buscado, não resultado espontâneo da escrita. Dessa forma, cabe anotar que ao lado de textos em que a digressão inesperadamente explode ante o leitor ocorrem inúmeros outros que parecem clamar por ela e nos quais não comparece. Registre-se como exemplo o prefácio de quase quatro páginas que escreveu para o livro *Uma vida entre livros*, de José Mindlin, amigo de longa data e de convívio permanente. O texto em momento algum se torna digressivo, estrutura-se totalmente a partir da leitura do texto prefaciado, que é parafraseado e comentado de ponta a ponta. Como esse existem outros, o registro de um como exemplo parece suficiente.

Seria assim, resultado quase que natural como decorrência da leitura, a ideia da organicidade da digressão, um passo estilístico quase que inseparável do autor. Porém, em Antonio Candido o estilo é uma construção deliberada, uma opção programática, não meramente orgânico. Tudo nele aponta para a reflexão, para a autoconstrução, tal como seu modo de ser aponta para a ideia de escolha, nunca de aceitação de uma imposição originada do impulso interno espontâneo, da convenção social ou da tradição. Candido é um conservador<sup>151</sup> que escolheu ser socialista; adolescente destinado à Medicina que se fez cientista social; cientista social que se fez professor de literatura. Então não parecerá exagero imaginar que a escolha dos termos não digressivos em que se vaza o prefácio a José Mindlin cumpre, ou pode cumprir, para aquele que quer ver, a função de lembrar ao leitor a autonomia do crítico que escolhe. Desse prisma, Proust seria objeto da leitura não como originador de um jeito de ver e escrever o mundo, mas como afinidade eletiva, fruto da escolha afetiva que é também racional e consequente. Modo de ser e de fazer que por sua vez permite retomar a constatação de Célia Pedrosa quanto à vontade ilustrada como o

---

<sup>150</sup> PEDROSA. *Antonio Candido*, 1994, p. 184.

<sup>151</sup> CANDIDO. Os vários mundos de um humanista, junho de 1993.

fazer-se de um homem que em pleno século 20 recupera os valores caros às Luzes, atualizando-os em sua escrita, em seu pensamento, em sua intervenção sobre o mundo, isto é, tomando-os como valores plenamente vividos. Essa deliberada escolha da ilustração como caminho para a humanização estabelece a vontade de conhecer como expressão e caminho de um compromisso com o que é mais profundamente humano. Talvez passe por aí a compreensão do seu memorialismo, espécie de expressão escrita dessa opção, escolha afetiva e consciente da vontade de conhecer e de transformar pelo conhecimento e, sobretudo, expressão de um compromisso ético específico. No plano da teoria essa escolha se projeta na sua escrita da formação da nossa literatura como a “história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura”<sup>152</sup>. O mesmo movimento pode ser localizado ainda em ensaios como *O direito à literatura*, em que esta é vista como manifestação universal, indispensável ao indivíduo e à sociedade e caminho para a humanização. Esses são alguns exemplos colhidos entre muitos outros que poderiam ser apontados como característicos desse aspecto do seu pensamento.

### **Do particular, do universal**

Numa carta ao amigo Padre Orlando Vilela, incentivando-o à publicação da sua obra, Candido registra: “Sentimos no livro [...] a realidade viva da sua experiência; tão viva, que perde a ligação com a contingência mais particularizadora que a localiza como sua, para adquirir um significado geral, humano, incorporando-se a nós.”<sup>153</sup> Nesse trecho o crítico insiste no que parece ver como mais um paradigma da relação entre a escrita memorialística e a leitura – a tensão entre o particular e o universal. A obra memorialística será mais válida, mais eficaz, mais realizada, na medida em que conseguir alcançar essa transição, em que o mundo pequeno do memorialista se vincula ao grande mundo humano. Vale dizer, no momento em que transita naquilo que é essencial na condição de depoimento à condição de literatura. Sem este trânsito, a obra poderá até brilhar, mas não terá se realizado em plenitude. Afinal, é o grande papel da literatura “exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte”<sup>154</sup>. Ou, como

---

<sup>152</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, 2007. p. 27.

<sup>153</sup> CANDIDO. Carta sem título ao padre Orlando Vilela, 1976. p. 73.

<sup>154</sup> CANDIDO. *Tese e antítese*, 2006. p. 112.

diz em outro momento: “Um artista nada mais faz que tomar os lugares-comuns e renová-los pela criação.”<sup>155</sup> Por exemplo, analisando o memorialismo poético de Drummond, o crítico observa que neste autor a “experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade”<sup>156</sup>. Reitera nessa passagem outro aspecto da transição que busca no memorialismo, sempre tensionado entre as possibilidades do eu e do outro; do individual e do coletivo; do particular e do universal.

Se, por um lado, a atenção do olhar crítico à condição de obra literária relativamente ao memorialismo é determinante, há nele, também, outro olhar sobre essa escrita. São os momentos em que atenta para páginas “que parecem coladas na vida, sem a intermediação das estratégias literárias.”<sup>157</sup> São aqueles casos em que “a escrita se confunde com a voz do escritor e os leitores são admitidos à sua presença viva.”<sup>158</sup> Trata-se daquelas obras de memórias em cuja caracterização serão empregadas palavras como “sinceridade”, “firmeza”, “bravura”, “integridade” etc.. Esses termos, especificamente, se referem a “Lélia Abramo, que nunca vergou a espinha, nunca sacrificou a consciência a conveniência e desde muito jovem se opôs à injustiça da sociedade.”<sup>159</sup> São palavras do prefácio que Candido escreveu às suas memórias, aqui tomadas como características de um tipo de memorialismo a que o crítico dedicou uma atenção muito especial; são as memórias de lutadores, pessoas que se distinguem pelo compromisso com a liberdade, o socialismo e que se caracterizam pelas qualidades que são destacadas em Lélia Abramo, artista e lutadora pelo socialismo e em permanente prontidão para a defesa da liberdade e do sonho.

Candido prefaciou também o livro de Luiz Roberto Salinas Fortes em que esse reflete sobre a condição humana em um texto que se abre e fecha pelas experiências dos cárceres da ditadura militar. O prefaciador observa que o escritor parece se abstrair de si, desprender-se para poder se encarar como se fora uma outra pessoa a fim de que “a reflexão pudesse extrair todo o significado possível daqueles momentos, não obstante tão pessoais e

---

<sup>155</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006. p. 76).

<sup>156</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 67.

<sup>157</sup> CANDIDO. Prefácio a *Vida e arte*, 1997. p. 11.

<sup>158</sup> CANDIDO. Prefácio a *Vida e arte*, 1997. p. 11.

<sup>159</sup> CANDIDO. Prefácio a *Vida e arte*, 1997. p. 13.

tão pessoalmente expostos.”<sup>160</sup> Cita uma página do livro em que supõe encontrar a chave para o entendimento da obra, e explica que Salinas

sugere então o dever de expor o que aconteceu a tantos, transbordando a sua singularidade para exprimir o destino de outros. O que sofreu, muitos sofreram, e quem sabe sofrerão; por isso, a sua experiência representa um estado mais geral de coisas e justifica o aparente relevo dado ao indivíduo falando na primeira pessoa. O destino possível de outros leva a testemunhar.<sup>161</sup>

Um livro em que o crítico percebe e destaca a qualidade humana daquele que testemunha e ainda a excelente qualidade da escrita, e que transcende sua circunstância e se justifica pela exemplaridade que releva a dor daquele que sofre em favor da dor de outros que também sofreram ou poderão vir a sofrê-la. Ou seja, parece que o crítico literário obscurece e omite o escritor para assim iluminar o ser humano. Textos como esse Candido escreveu diversos. Apolônio Sales, os presos do Presídio Tiradentes, Marighela são alguns daqueles a quem dedicou sua atenção, prefaciando-lhes os memorialismos ou os escritos que os rememoram.

Nascido entre os *happy few*, o escritor soube transpor a muralha imposta pela vinculação de classe e abarcou com sua simpatia aqueles e aquelas condenados à margem da vida, seja pelo nascimento, seja por optarem pelo caminho da luta pela justiça social e pela liberdade, tornando-os personagens importantes (e, às vezes, centrais) no seu projeto de vida. Isso repercutiu no seu memorialismo e na sua reflexão sobre o motivo da memória, em que comparecem muitas vezes em posição destacada. Trata desses homens e mulheres em textos em que o crítico não comparece para expor a sua leitura literária. Ao contrário, recebe-os na sua condição de documentos humanos e retratos de pessoas. Nessa suspensão do ato crítico, que não se fecha no momento instaurador da crítica, o olhar acurado do leitor especializado se põe em recesso e o ser humano se revela por trás do ser que escreve. Essa revelação permite a visão em perspectiva de alguém que poderia permanecer insuspeitado ao leitor que o conhecesse apenas de textos de análise literária, de história ou sociologia. No entanto, cumpre registrar, esse ser está sempre presente também nesses textos,

---

<sup>160</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 228.

<sup>161</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 228.

percorridos todos eles pelo mesmo amor à gente que gerou aqueles que os produziram e que, na escrita, é feita personagem.

Prefaciando o livro de crônicas de um conterrâneo de Poços de Caldas, Candido observa que o livro admite duas leituras iniciais: como coleção de cenas destacadas ou como “momentos de um destino urbano através de um escritor da mais fina raça.”<sup>162</sup> Porém, considerando-se a existência de duas diferentes famílias de leitores, aqueles que nasceram ou vivem na cidade e os de fora, são possíveis pelo menos mais duas leituras. Os nativos serão tocados não só pela beleza do texto, mas também penetrarão no mais íntimo de cada assunto, porque serão capazes de visualizar as ruas, árvores, pessoas que povoam e ganham vida no texto.

Os leitores de fora podem apenas imaginar – estimulados pelo texto, que lhes propõe uma galeria de tipos, sugere o encanto dos lugares e prende a sua atenção com os fatos e cenas. Em resumo, este é um livro que possui todos os elementos para plantar-se no particular de uma comunidade e também soltar-se no espaço livre da percepção literária.<sup>163</sup>

Ou em outras palavras, transitar do particularismo da condição de leitor cassiense à universalidade a que se vincula a fruição literária. Do discurso crítico-afetivo sobre outro dos seus conterrâneos se recorta o trecho seguinte, que reitera a relação entre o particular e o universal tanto quanto a leitura em dois planos, afetivo e literário.

No entanto, quem viveu em Cássia, quem foi penetrado através dos poros do corpo e da alma pela sua realidade, pode experimentar um outro nível de emoção, porque percebe essa realidade inspiradora na filigrana daqueles poemas cheios de terra e de mato, de sol e de lavoura, de boiadeiros e de boiadas. O vento que num poema espalha as flores e alvoroça o vestido das moças, e noutro poema levanta a poeira da estrada, pode ser o que tantas vezes vimos soprar. A montanha que, num terceiro poema, surge como mirante do mundo, deve ser a que nos habituamos a ver de longe, como sentinela do nosso espaço familiar. O leitor vinculado à região de Cássia é portanto capaz de fazer uma leitura em dois planos, segundo a qual a experiência particular de vida se conserva na universalidade da experiência poética.<sup>164</sup>

Na verdade subjaz às escolhas do crítico o mesmo norte. Na memória literariamente tratada que convida o leitor a “soltar-se no espaço livre da percepção literária” (Arinos,

---

<sup>162</sup> CANDIDO. Prefácio a *Da quieta substancia dos dias*, 1991. p. 9.

<sup>163</sup> CANDIDO. Prefácio a *Da quieta substancia dos dias*, 1991. p. 9.

<sup>164</sup> CANDIDO. *Artigos de autoria de Antonio Candido*, 2008. p. 16.

Cyro dos Anjos,); ou na escrita plantada no particular de uma comunidade ou de uma vida, como é o caso da memória dos lutadores (Lélia Abramo, Apolônio Salles e outros): o trânsito entre o individual e o coletivo, entre o particular e o universal, alcançável literariamente na primeira e como experiência de vida na segunda. Parece que se pode dizer que o crítico obscurece os valores estéticos em favor do universalismo dos valores humanos encarnados nesses homens e mulheres, ou melhor, amalgama uns ao outro. Mas há ainda aqueles textos como os de Pedro Nava e Jurandir Ferreira (em outro nível, está claro) que se realizam duplamente, seja como experiência de vida, seja como experiência literária.

### **A crítica da memória**

Há textos em que o crítico rememora sua trajetória de leitura, recuperando – ou tentando recuperar – seus primeiros contatos com certos autores, criando uma espécie de linha digressiva da leitura, que permite compreender como se formaram certas afinidades literárias que caracterizam sua experiência no trato com a literatura.

Em um livro coletivo saído em 1997 e dedicado a Décio de Almeida Prado <sup>165</sup> há um texto de Antonio Candido, posteriormente recolhido no livro *O albatroz e o chinês*. Curiosamente, porém, no ensaio que dedicou ao amigo pode-se dizer da vida inteira, não fala deste, fala dos “arrabaldes do trabalho crítico” <sup>166</sup>.

No entanto, um capítulo vivo da periferia da crítica seria o que registrasse com o devido senso de oportunidade a história da nossa experiência afetiva com as obras, inclusive procurando determinar de que maneira fomos levados a encontrar, conhecer e amar as que se tornaram prediletas, sobretudo quando nos fazem companhia pela vida toda, na sucessão das releituras. <sup>167</sup>

Exatamente assim, propõe uma crítica afetiva, autobiográfica, voltada para os arrabaldes da leitura, empenhada em descobrir como se formam os leitores, que se deixam muitas vezes marcar mais por obras secundárias, de baixa tensão literária, que pelas obras-primas: “*Os três mosqueteiros* podem ter sido mais importantes que *Os Lusíadas*... E que,

---

<sup>165</sup> AGUIAR, Flávio. (org.). *Décio de Almeida Prado: um homem de teatro*. São Paulo: Edusp, 1997.

<sup>166</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 33.

<sup>167</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 33.



portanto, pode não haver correlação entre o valor intrínseco da obra e o efeito que ela exerce sobre nós.”<sup>168</sup>

Surpreendentemente, o ensaio de 1997, uma espécie de memória da leitura, se volta não para uma obra situada no arrabalde, mas para um clássico da literatura ocidental, François Villon – “que venho lendo e relendo em várias edições há sessenta anos e ao qual cheguei por etapas inesperadas.”<sup>169</sup>. O crítico historia a sua caminhada por essas etapas inesperadas rumo à obra – aí, sim – passando pelos arrabaldes cinematográficos até alcançá-la “num estenderete de livros bonitos e baratos da coleção ilustrada *Bibliotheca Magna*, editada *À l’enseigne du pot cassé*”<sup>170</sup>.

Assim, pela mediação desses poucos fragmentos o mocinho das fitas pitorescas, mais adequadas para meninos, começou a tornar-se o poeta destinado só a adultos capazes de perceberem uma das mais extraordinárias representações da vida que a literatura soube criar.<sup>171</sup>

Dessa maneira, descontraidamente, propõe novos caminhos para a crítica literária, sondando a periferia do ato de leitura, trazendo ao escrutínio e à reflexão momentos e atos que o pesquisador costuma desprezar por desimportantes, e mostrando que por ali passa a construção de afinidades e a formação do leitor, cuja sensibilidade pode se deixar marcar nesse percurso de uma forma que só a madura capacidade de reconhecê-lo permite revelar.

No discurso que pronunciou na Unicamp, por ocasião da doação da biblioteca do pai à Universidade em 1989, Candido aplica método semelhante e transfere à terceira pessoa, visando não à periferia, mas ao cerne mesmo das leituras paternas, “tentando reconstruir através dela a evolução mental de meu pai no terreno das humanidades”<sup>172</sup>. Dessa forma, traça um rápido esboço da história intelectual do dr. Aristides de Mello e Souza<sup>173</sup>, desfolhando as sucessivas camadas de livros que vão sendo agregados à sua biblioteca de médico culto e socialmente interessado. No mesmo discurso sugere que se aplique o método a outros leitores, como Sérgio Buarque de Holanda ou sua própria mãe,

<sup>168</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 33.

<sup>169</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 34.

<sup>170</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 35.

<sup>171</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 35.

<sup>172</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 236.

<sup>173</sup> Há ainda outro texto em que Candido, por ocasião do centenário do nascimento do pai, rememora-o em um preito de admiração filial e respeito. (Um centenário. In: CANDIDO. *Artigos de autoria de Antonio Candido*, 2008. p. 19-23). Considerando-se ainda as dezenas de referências esparsas em textos e entrevistas, torna-o outra das personagens do empreendimento memorialístico do autor.

Dona Clarisse Tolentino, para cujas leituras sugere mesmo um roteiro. Veja-se, igualmente, que falar da biblioteca familiar é falar de sua própria genealogia intelectual, no sentido lato.

Ao associar metodologicamente a crítica à memória, Antonio Candido mais que reconhecer o seu valor heurístico, atribui-lhe potência ontológica. Mais que fornecedora de subsídios ao conhecimento, essa proposição reivindica à memória a condição de forma de conhecimento do mundo: traços de um itinerário, mas também conhecimento específico acumulado. Vida vivida, tanto quanto vida pensada, a ser recuperada no mapa formado pela acumulação de livros, – que constituem bibliotecas –, mas são também a memória materializada, demandando estudo e iluminação crítica.

João Alexandre Barbosa, exemplar leitor de Antonio Candido, atentou a essa proposição e se pôs a imaginar o trabalho que resultaria dos esforços de um pesquisador que acatasse a sugestão, aplicando-a ao próprio crítico. Barbosa sugere ainda o mesmo tipo de estudo, voltado para a mesma biblioteca, ou mesmas, já que considera também a de Dona Clarisse Tolentino, só que aplicado ao próprio Candido. – “Cresci numa casa onde havia essa coisa curiosa: meu pai e minha mãe tinham cada um a sua biblioteca.”<sup>174</sup> – Ou seja, analisar-se as obras que a constituem nos anos da sua formação, para compreender a sua contribuição para a formação de uma “atmosfera de cultura familiar que terá sido, sem dúvida, de grande importância para a aprendizagem de um certo gosto pelo livro, pelas ideias e pela literatura.”<sup>175</sup> Esse é um dado que não deve ser minorado na busca de se conhecer esse leitor crescido entre duas bibliotecas que junto com ele se desenvolveram e formaram um capital cultural humanístico. O contato precoce com a palavra escrita redundou em um humanismo que desde bem cedo também se deixaria impregnar pela paixão transmitida pela vulcânica Teresina. Já para essa contumaz doadora de livros, por sua vez, o roteiro teria de ser outro, talvez buscando as marcas deixadas pela absorção dos livros no seu temperamento apaixonado e na sua voz e escrita, – como Candido rapidamente empreende no longo ensaio que lhe dedicou – para em seguida tentar compreender como alcançaram o menino que se tornaria o crítico pertinaz.

Memória e crítica podem se imbricar de variadas e surpreendentes maneiras na escrita de Antonio Candido. Observe-se, por exemplo, o caso muito especial de um ensaio

---

<sup>174</sup> CANDIDO. Os vários mundos de um humanista, junho de 1993. p. 30.

<sup>175</sup> BARBOSA. Uma biblioteca pessoal, julho de 1998. p. 61.

de altíssima erudição, “O poeta itinerante”, recolhido no livro *O discurso e a cidade*, em que o crítico executa um movimento de interpretação do poema Louvação da tarde tomando como principal material de referência a correspondência entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira. “Nesta descrição crítica tentei seguir a indicação do poeta na carta a Manuel Bandeira”<sup>176</sup>, confirma. Dizendo-se metaforicamente que este ensaio interpretativo se articula a partir de duas colunas, a segunda seria formada pelas referências memorialísticas, constituídas pelas informações que o autor do poema ou seu interlocutor Pio Corrêa, ou ambos, passaram ao crítico, que assim transporta para dentro da literatura elementos extraliterários que cumprem o papel de articuladores do movimento interpretativo, enriquecendo-o sem, porém, interferir na análise ou na interpretação propriamente ditas.

Como mais um produto dessa trama entre crítica e memória deve ser apontado um ensaio dedicado a Nietzsche, que foi escrito, pode-se dizer, à memória do pai, que, admirador do filósofo alemão, pretendia escrever um estudo que até título já tinha: *O mito do eterno retorno em Nietzsche e Dostoiévski à luz da teoria física da entropia*<sup>177</sup>. O Dr. Aristides Candido morreu em 1942, antes de realizar a obra sonhada.

Eu não me conformava que o guru do meu pai fosse considerado uma das fontes do pensamento nazista. Achava que aquilo não podia ser verdade. Li todos os livros de Nietzsche que eram do meu pai e tive um curso sobre ele dado pelo professor Jean Mangué, em 1940. Eu não sou Nietzscheano, mas por causa do meu pai tinha que escrever aquele artigo de 1946 intitulado “O portador”<sup>178</sup>.

Dessa maneira, graças à inclinação literária e filosófica do dr. Aristides Candido, o autor da *Genealogia da moral* foi objeto de um estudo que se tornou clássico, com ampla e durável circulação<sup>179</sup>.

---

<sup>176</sup> CANDIDO, *O discurso e a cidade*, 2004. p. 243.

<sup>177</sup> CANDIDO. Conversa com Gilda e Décio, 1993/2001. p. 95.

<sup>178</sup> CANDIDO. Conversa com Gilda e Décio, 1993/2001. p. 95.

<sup>179</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 2004. p. 79-87. Esse texto foi publicado originalmente em dois rodapés subsequentes na *Folha da Manhã*, de São Paulo, nos dias 30 de janeiro e 06 de fevereiro de 1947, sempre na quarta página. Foi ainda inúmeras vezes reproduzido no volume dedicado a Nietzsche da série *Os Pensadores*, da editora Abril e mais tarde Nova Cultural.

## Memórias de leitura

Continuando ainda a atentar a essa associação entre a memória e a escrita que percorre o ensaísmo de Antonio Candido, deve ser destacado o que poderia ser chamado de suas memórias de leitura, que se voltam não para o arrabalde da literatura em particular, mas, num aspecto geral, rememora sua particular experiência de leitura de inúmeros livros, alguns deles formadores de gerações de brasileiros, ou testemunha sobre a sua recepção. Tanto se preocupa com o tema, tantas vezes retomou-o, que recortá-lo na obra constituiria alentada contribuição ao estudo da história da leitura no Brasil do século 20. Uma amostra desse memorialismo da leitura está no ensaio que escreveu para servir de prefácio à quinta edição do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

*Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, publicado quando estávamos no ginásio; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado quando estávamos no curso suplementar; *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado júnior, publicado quando estávamos na escola superior.<sup>180</sup>

Segundo o crítico esses são livros considerados chave, exprimindo o sopro de radicalismo intelectual liberado pela Revolução de 30, que sobreviveu mesmo ao Estado Novo. Esse novo olhar sobre o país, em especial sobre o seu passado, se impõe como superação a pensadores como Oliveira Viana até então dominantes na reflexão sobre o país. De *Casa grande e senzala* destaca “a força revolucionária, o impacto libertador”<sup>181</sup>; o livro se manifesta como espécie de ponte entre o naturalismo dos velhos intérpretes do país e a visão moderna de cunho marcadamente sociológico que se implantaria a partir dos anos de 1940. *Raízes do Brasil*, cujo êxito imediato tornou-o “um clássico de nascença”<sup>182</sup>, constituiu importante instrumento auxiliar à juventude universitária de então na compreensão da realidade do país, contribuindo para a construção dessa nova mentalidade. Ressalte-se que as leituras são lembradas *pari passu* à formação escolar, reiterando o caráter formativo que tiveram para o crítico, presentes que estão na sua memória como etapas da constituição de sua base intelectual e do seu posicionamento ético-político.

<sup>180</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 125.

<sup>181</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 126.

<sup>182</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 126.

Outro produto exemplar dessa produção crítica vincada pela memória é o ensaio Esquema de Machado de Assis (recolhido no livro *Vários escritos*) e, como lembra o crítico, escrito como uma palestra para os alunos do professor Hower da Universidade da Flórida a partir das suas memórias de leitura da fortuna crítica machadiana <sup>183</sup>.

Seguindo ainda o roteiro da memória por outras vias, poder-se-ia lançar um olhar sobre a produção ensaística de Candido, na sua condição de memórias de leituras, o que seria produtivo para compreender o seu amadurecimento intelectual e a evolução do gosto; do leitor que conciliava Dinah Silveira de Queiroz e Proust, Senhora Leandro Dupré e Clarice Lispector, Ignazio Silone e Guimarães Rosa nos rodapés semanais dos jornais e na revista *Clima* até alcançar o autor de *O discurso e a cidade*, reunindo Manuel Antônio de Almeida, Verga, Aluísio Azevedo, Caváfis e Kafka. Ou, a trajetória do crítico inexperiente, em certos momentos ainda capaz de valorizar livros e autores desimportantes, mas já dotado da agudeza do olhar, ao crítico maduro, dedicado às suas afinidades eletivas. Não se pretende aqui fazer esse roteiro, está claro, já que pelo escopo deste estudo implicaria na diluição do seu motivo fulcral. Fica porém o registro da importância que teria (ou terá, se espera) um percurso desses, sorte de biografia do crítico em seu processo de formação e autoformação, em que cada leitura constitui como que o instantâneo de um momento específico do percurso.

Candido obsessivamente retratou o seu tempo, mantendo vivas aquelas pessoas que com ele o partilharam. Acaba assim por fornecer um retrato de si muito mais detalhado e completo que aquele que seria possível depreender de uma obra puramente crítica ou acadêmica. Embora avesso a entrevistas, concede ao longo da vida dezenas delas, a jornalistas, professores, estudantes, amigos, pesquisadores. Observe-se que em muitos desses discursos o fio da memória muda o ensaio individual em que se inscreve, tornando memória da experiência aquilo que sem a sua presença seria apenas um texto literariamente motivado. Da mesma forma o memorialismo em sua intrincada trama ao longo da sua obra torna-a de empreendimento crítico vazado em termos de literatura pessoal pela forma ensaística em um vasto panorama da memória do crítico. Claro está que para uma mais completa compreensão do motivo da memória no nesse empreendimento de escrita, tão rico

---

<sup>183</sup> CANDIDO. Entrevista de quatro de maio de 2009.

e transfigurador, seria fundamental ainda um olhar sobre a sua produção propriamente memorialística. A essa tarefa serão dedicadas páginas seguintes, numa jornada cujo ponto de chegada será finalmente alcançado no quinto capítulo quando definitivamente se encontra a superlativamente doce e azeda Teresa Maria Carini Rocchi, melhor dita, Dona Teresina. Antes, porém, se passará pelo memorialismo desse crítico do memorialismo em algumas das suas variadas manifestações.

### CAPÍTULO 3: A MEMÓRIA ESCRITA

Este terceiro capítulo, tal como os dois seguintes, será dedicado ao memorialismo de Antonio Candido nas suas diversas fontes. Exacerbado com o lançamento de *Teresina etc.*, em 1980, a trilha do memorialismo pode ser rastreada ao longo do empreendimento literário do autor nas suas mais variadas manifestações desde os anos de 1950, principalmente. As produções que marcam o seu surgimento podem ser localizadas desde meados da década anterior, como já se viu.

O livro *O observador literário* recolhe alguns textos que constituem as primeiras manifestações do memorialismo de Candido, apontando algumas personagens que se tornarão emblemáticas nessa vertente do seu ensaísmo. Nesse livro podem ser apontados ainda o embrião de alguns temas e motivos à memória associados que serão mais tarde muito explorados. Marca uma espécie de inflexão em sua obra ao sedimentar o motivo memorialístico que culminará com a obra dedicada a Teresina Carini, espalhando-se pela sua escrita crítica e se fazendo presente em alguns dos mais importantes ensaios que o autor publicou.

#### **Linhas da memória**

O lançamento de *Teresina etc.* marca definitivamente a existência e a importância de um veio da memória na produção ensaística de Antonio Candido, como já assinalado mais de uma vez neste texto. Para adequadamente situar e compreender esse veio é preciso retornar a 1959, mais exatamente ao livro *O observador literário*, então lançado. Este livro é constituído por 12 ensaios, publicados entre 1943 e 1959, organizados em três grupos, que, esquematicamente, podem ser ditos de literatura brasileira, literatura estrangeira e o último sob o signo da memória. Neste último bloco estão recolhidos textos dedicados a Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Teresina Carini Rocchi e um obscuro tenentezinho dos Voluntários, morto a 24 de junho de 1866 na campanha do Paraguai.

Os textos dedicados a Mário de Andrade e a Teresina Carini são transparentemente memorialísticos, o primeiro desde o título: *Lembranças de Mário de Andrade*. Já aquele dedicado a Oswald, publicado originalmente em 1956, por ocasião do segundo aniversário da morte do escritor, fala do motivo da viagem na sua obra; seria, em consequência, um texto de análise literária, posto porém sob signo da memória pela ação do motivo viajante como uma metáfora da viagem definitiva do escritor, isto é, a sua morte.

Pensando que Oswald de Andrade morreu, – isto é, que partiu, – lembro-me com insistência da função desempenhada, em sua vida e obra, pelo tema da viagem; função de sonho e ideal, que o irmanam ao menino de Baudelaire.<sup>184</sup>

E quando lembramos que está morto, pensamos involuntariamente que partiu para mais uma viagem, buscando novos mundos para a sua fome antropofágica de sonho e liberdade.

Oswald, viajante.<sup>185</sup>

Observe-se que mesmo sem essas referências diretas, a simples associação da escrita à efeméride lutuosa somada ao motivo da viagem, seria suficiente para engendrar a evocação metafórica da morte, chamando à memória<sup>186</sup>.

O último dos quatro ensaios desta terceira e última parte do livro termina pelos parágrafos que seguem:

Não haveria mais correspondência com as irmãs. A mão que laçara bois, e suspendia o manejo da espada para lhes mandar saudades, cruzava-se agora com a outra, numa espera sem fim. Mas as cartinhas ingênuas, que pouco ou nada significariam, mesmo para o lidador de papéis velhos, se tivesse ficado como os irmãos plantando café na terra roxa, ou desbravando a terra branca, têm hoje um sentido comovedor e quase trágico. A menor palavra, o gesto mais frágil com que sulcamos a vida podem adquirir significados conforme a parábola que ela descreve:

<sup>184</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 1959. p. 89.

<sup>185</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 1959. p. 93.

<sup>186</sup> Os ensaios de Antonio Candido são caracterizados pela ampla circulação, havendo alguns deles mais de vinte vezes impressos em variadas publicações. Neste texto se procura trabalhar sempre com a última edição a contar com a revisão final do autor. Essa opção é facilitada pela existência das edições revistas e atualizadas pelo autor, lançadas nos últimos anos pela editora Ouro sobre Azul, do Rio de Janeiro. Mesmo no caso dos ensaios avulsos, não incluídos em livro, se buscou sempre que possível aquela edição que trazia indicação de revisão autoral, ainda que sumária. No caso das citações acima, do ensaio Oswald viajante, optou-se pela primeira edição em livro, de 1959, não inocentemente. Ocorre que a edição definitiva pela Ouro sobre Azul, facilmente acessível, que permite ao leitor cotejar os dois breves parágrafos e constatar como uma escrita já madura e concisa em 1959, de que se poderia dizer que não há o que cortar sem redução do conteúdo essencial, buscou uma economia ainda maior de ênfase, perceptível na pontuação e distribuição dos parágrafos, já que não era possível economizar os termos.



escritas por quem ia morrer, estas cartas são estacas que levam cada vez mais perto da noite. O mocinho valente quer se afrontar e se sente imortal no seu arrojo; mas nós, com a ciência fácil que o tempo confere vamos lendo em cada letra o lento caminhar seguro para a morte, entre dedicatórias, erros de linguagem, fala caipira, lembranças aos compadres, nostalgia do pátrio sertão. Vemos que saiu de lá emprazado para encontrá-la nos campos de Curupaiti, marchando inelutável entre promoções e medalhas, que só serviam para apressá-la. Houvesse podido mandar uma última carta, do outro lado da barreira, teria por certo – rompendo pela primeira vez a reservada modéstia – confessado à irmã querida: Mana Branca – saiba mecê que morri bem. E porque assim foi, está vivo ainda hoje, ao contrário dos que se extinguiram nos duros catres de peroba.

Vive, pois, meu tenentinho, já que tão bem morreste.<sup>187</sup>

São palavras do texto *Cartas do voluntário*, que poderiam ser aqui transcritas, prescindindo de qualquer outro motivo além do prazer de constatar que é possível ao ensaísta tocar a poesia sem perder suas qualidades de reflexão e questionamento. Parece que o crítico alcança aquela mesma “superação do ensaísmo pela poesia do ensaio”<sup>188</sup> de que fala Augusto Meyer.

Esse ensaio constituirá uma vertente que se mostrará bastante produtiva a partir de então na escrita de *Candido*, uma espécie de memorialismo do outro, uma vez que a personagem rememorada não foi do convívio do autor, aliás, já morrera há mais de cinquenta anos quando este nasceu. Tal afastamento no tempo e o fato de o texto construir-se sobre as cartas do jovem combatente apontam para a condição de um estudo histórico, que submerge, porém, na motivação afetiva da escrita manifesta no texto, e no fato de não se tratar de alguém que poderia ser considerado como uma figura histórica. Antes, trata-se de uma daquelas pessoas que souberam deixar suas humildes marcas na história, “embora não necessariamente na historiografia”<sup>189</sup>, segundo os termos de Lygia Chiappini. Ou seja, pertencente à história pela perspectiva temporal, sem ser, porém, uma personagem histórica, uma vez que os valentes tenentinhos que morrem anônimos em guerras distantes não costumam encher os panteões ou as páginas dos livros. Além disso, marca a introdução definitiva do memorialismo na ensaística de *Candido*, confinando páginas com essas três

<sup>187</sup> CANDIDO. *Observador literário*, 2004. p. 116.

<sup>188</sup> MEYER. *Textos críticos*, 1986. p. 312.

<sup>189</sup> CHIAPPINI. Além do eu, abril de 2003. p. 97.

personagens que se mostrarão extremamente presentes na lembrança do crítico: Teresina, Mário e Oswald de Andrade.

A um veio memorialístico que se volta para figuras excluídas da historiografia, ligadas afetivamente a Antonio Candido, pertencem os inúmeros ensaios que o crítico escreveu para o jornal *A Vanguarda*<sup>190</sup>, de Cássia, sul de Minas. Nesses escritos fala dos seus ascendentes pelo ramo paterno, membros das elites agrárias locais, muitos desses detentores de títulos de nobreza. Esse ramo desaguará no livro *Um funcionário da Monarquia*, de 2002. É certo, porém, que não se esgota aí. São textos apoiados em extensa pesquisa bibliográfica e sobre guardados e memórias familiares, porém, afetivamente motivados. Podem ser vinculadas a esse ramo, espécie de ramo secundário ou paralelo, algumas produções dedicadas a figuras também não historiografadas, como duas escravas de Poços de Caldas, que souberam se manter apuradas<sup>191</sup>.

### **Trezentos-e-cincoenta**

Mário de Andrade, que Antonio Candido considerava “um dos maiores escritores brasileiros”<sup>192</sup>, foi objeto de mais de uma dezena dos seus escritos. Constitui a relação que essa escrita estabelece uma das mais interessantes ocorrências no empreendimento literário do crítico. O criador do Macunaíma é merecedor por si só de um estudo específico que buscasse desentranhar as dezenas e dezenas (alcançando provavelmente centena) de referências e citações espalhadas pelos ensaios e entrevistas do crítico, juntando-as à produção especificamente a ele dedicada<sup>193</sup>. Seria certamente um painel rico e policromado, abarcando variados aspectos de sua personalidade literária bem como do homem em sua face pública ou na vida familiar e na relação com os amigos.

---

<sup>190</sup> Oito desses textos estão reunidos em uma pequena edição amadora organizada por um primo de Antonio Candido: *Artigos de autoria de Antonio Candido*: extraídos dos textos publicados pela *A Vanguarda*, jornal editado em Cássia, Sul de Minas. Um dos ensaios trata de um poeta local, o outro das duas escravas citadas acima, também recolhido em *Textos de intervenção* (2002. p. 293-296); os seis restantes tratam de ascendentes do crítico, incluindo um dedicado ao centenário do pai, Aristides Candido de Mello e Souza.

<sup>191</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004.

<sup>192</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 119.

<sup>193</sup> Há ensaios dedicados a Mário de Andrade espalhados pelos livros *O albatroz e o chinês*, *O discurso e a cidade*, *O observador literário*, *Recortes*, pelos números especiais das revistas *Remate de Males* e *Literatura e sociedade*, além de outros não recolhidos em volume, dispersos em livros de outros autores e periódicos.

São textos os mais variados que vão desde resenhas de livros à narração de episódios envolvendo o grande criador. Partindo do dedicado escrevedor de cartas, Candido rememora o escritor, destacando de início o homem público, chegando ao ser humano em toda sua complexidade, para desaguar na análise de sua produção literária e concluindo que o escritor, ao final da vida,

estava, portanto, no mais alto ponto da carreira. Os homens que se constroem amadurecem lenta, mas seguramente. O que foi obtido no plano da arte e no plano da existência com rigor persistente brilha depois com fulgor também intenso e duradouro. Mário de Andrade morreu ao entrar nessa etapa de serena grandeza, que construiu com as próprias mãos e não pôde fluir.<sup>194</sup>

Esse pequeno ensaio é significativo do olhar de Candido sobre Mario de Andrade em alguns aspectos. O primeiro dos quais o definitivo reconhecimento da grandeza e do valor do ser humano tanto quanto do escritor, desde sempre situado pelo crítico nos pontos mais elevados.

Conheci pessoalmente Mário de Andrade numa visita que lhe fizemos em 1940, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio e eu. Mas devo dizer que não tive muito convívio com ele. As nossas relações eram cordiais mas mais ou menos cerimoniais, embora nos encontrássemos com certa frequência [...] Algumas vezes me convidou para ir à sua casa.<sup>195</sup>

Trechos como este acima não são raridade no memorialismo de Antonio Candido que, mais de uma vez, se refere a Mário de Andrade marcando uma espécie de distanciamento do grande escritor e homem público. Nesse mesmo depoimento o crítico lembra sua ida matinal para a escola secundária em que lecionava; durante certo tempo o ônibus em que ia não podia seguir o itinerário habitual,

Então desviava pela rua Margarida, costeando a casa de Mário, na esquina de Lopes Chaves. Mais de uma vez eu o vi, antes das 7, de pijama azul, no terracinho que havia perto do quarto dele, imóvel, grandalhão, cismando com o olhar míope perdido no infinito.<sup>196</sup>

Ao lado da ternura muito presente no seu memorialismo, há sempre um cuidado em não se colocar muito junto aos que são lembrados, salvo daqueles amigos que poderiam ser

<sup>194</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 2004. p. 95.

<sup>195</sup> CANDIDO. *A lembrança que guardo de Mário*, 1994. p. 13.

<sup>196</sup> CANDIDO. *A lembrança que guardo de Mário*, 1994. p. 25.

ditos “da vida inteira”, como Paulo Emílio, Décio de Almeida Prado, Florestan Fernandes e mais alguns poucos. Parece uma espécie de tentativa de colocar entre parênteses a figura do autor que, renitente, acaba muitas vezes extravasando da memória para a crítica literária, transpondo fronteiras tentando tornar o mesmo aquilo que seria por natureza diferente.

A rica relação que o empreendimento rememorativo de Candido, gerada pela sua ilimitada admiração por Mario de Andrade, traduzida ainda pelo volume da sua leitura crítica, permite vislumbrar o que poderia talvez ser apontado como um dos motivadores dessa rememoração: fixar em letra, para que fique para as próximas gerações, essa figura fascinante de homem público, artista e ser humano.

Mário de Andrade era primo de Gilda de Moraes Rocha, filha de fazendeiros de Araraquara, estudante da FFLC e participante do grupo *Clima*. Na condição de parenta do interior, morou em casa do escritor, cuja mãe era sua tia-avó e madrinha, de onde saiu para se casar com Antonio Candido. Assim, este frequentava já nos tempos de estudante e crítico literário aprendiz a casa do escritor, onde, nos finais de semana ia encontrar a namorada, que datilografava seus rodapés semanais. Tornaram-se amigos de uma amizade que durou até a morte do grande escritor, já então terrivelmente próxima.

Parece não haver necessidade de se argumentar em favor de uma identidade de propósitos e objetivos entre os participantes de *Clima* e o Modernismo, especialmente de uma parcela desse movimento cuja face pública é Mário de Andrade, em luta

para fazer da arte e do saber um bem comum; para incorporar as conquistas do Modernismo à tradição que ele veio atualizar e fecundar; para extrair dos grandes ideais do decênio de 1920 as consequências no terreno da educação e da pesquisa.”<sup>197</sup>

No caso de Antonio Candido essa identidade é particularmente marcante, como se constata nesse prefácio, entre inúmeros outros dos seus ensaios. A primeira das incontáveis vezes que Mário comparece na escrita de Candido ocorreu aparentemente em uma resenha na revista *Clima*. Neste escrito o crítico analisa a poesia vislumbrando por trás da poesia o poeta e sobre os ombros deste o homem civil em sua aventura de viver, com suas concepções “do mundo, do homem e do objeto próprio da poesia.”<sup>198</sup> O crítico destaca

<sup>197</sup> CANDIDO. Prefácio a Paulo Duarte: *Mário de Andrade por ele mesmo*, 1971. p. XV.

<sup>198</sup> CANDIDO. Livros, janeiro de 1942. p. 72.

ainda os múltiplos poetas contidos no poeta, que fala com muitas vozes, de muitas maneiras poéticas. Aí, nesse texto de janeiro de 1942, se esboçam os traços essenciais de um retrato que se manterá coerentemente ao longo do seu percurso crítico e rememorativo.

Do retrato de Mário de Andrade, poeta que é “trezentos, trezentos e cinquenta”, seria interessante guardar como parte dessa multiplicidade, a condição de polímata e de homem de letras que se fez, isto é, cuja condição de amante e praticante das belas letras se constrói à margem da Academia.

### Um poeta entre cogumelos

A serviço del-Rey,  
prudência; El Rey de perto queima, de longe esfria.  
Antônio Vieira citado por Autran Dourado

O crítico relembra Carlos Drummond de Andrade:

Tivemos alguns contatos, muito boas relações, mas nunca fui à casa dele e nunca convivemos, salvo em 1947, no segundo Congresso Brasileiros de Escritores, em Belo Horizonte, onde durante uma semana estivemos na mesma comissão e íamos todas as noites tomar chope e cantar no Bar Pingüim, com Rodrigo Mello Franco de Andrade, Décio de Almeida Prado, Arnaldo Pedroso d’Horta e outros. Eu sou muito esquivo, ele também era. Houve duas vezes em que nos encontramos no Rio e um fingiu que não viu o outro...<sup>199</sup>

O autor de *Sentimento do mundo* parece provocar em Antonio Candido a mesma inclinação a colocar entre parênteses a figura do autor que se identifica no seu discurso sobre Mário de Andrade. Não obstante, há episódios bem lembrados, como o que segue. No dia 9 de novembro de 1943 a polícia do Estado Novo reprimiu violentamente uma manifestação dos estudantes de direito, o que redundou na morte de um rapaz, vários feridos e dezenas de prisões. A censura se encarregava de manter em silêncio os meios de comunicação; Candido relembra que com a ajuda de uma colega se empenhou em divulgar os fatos, para isso, preparou um relato pormenorizado dos acontecimentos. Reproduziu em diversas cópias e enviou-as a conhecidos e amigos no Rio de Janeiro, entre os quais Carlos Drummond de Andrade.

Pensando na coisa, vejo agora que nunca soube se o relato chegou aos destinatários; mas tempos depois recebi de Drummond a cópia de um

---

<sup>199</sup> CANDIDO. A grande revolução cultural do Brasil, janeiro-fevereiro de 2002. p. 24.

poema novo, “O medo”, dedicado a mim e com epígrafe tirada de um artigo meu daquele ano<sup>200</sup> – o que me encheu de desvanecimento que se pode imaginar. Ora, lá aparecem uns versos que sempre supus alusivos ao relato dos acontecimentos daquela tarde de repressão violenta<sup>201</sup>.

Esse poema seria posteriormente recolhido no livro *A rosa do povo*; e os versos são os que seguem:

Refugiamo-nos no amor,  
este célebre sentimento,  
e o amor faltou: chovia,  
ventava, fazia frio em S. Paulo.

Fazia frio em S. Paulo...  
Nevava.  
O medo com sua capa,  
nos dissimula e nos berça.<sup>202</sup>

Como observa o crítico, esse livro, juntamente com o anterior, *Sentimento do mundo*, de 1940, pertencem à fase mais ativa da militância política do poeta, socialista e democrata, portanto, em conflito com o Estado ao qual estava vinculado por sua condição mesma. – “Hoje sou funcionário público.”<sup>203</sup> – Essa situação conflituosa do intelectual de esquerda incrustado no aparelho de estado dominado por uma ditadura liberticida também aparece num prefácio escrito por Candido. ali se serve de uma digressão para esboçar brevemente o perfil de alguns intelectuais da época do Estado Novo.

Carlos Drummond de Andrade “serviu” o Estado Novo como funcionário que já era antes dele, mas não alienou por isso a menor parcela da sua dignidade ou autonomia mental. Tanto assim que as suas ideias contrárias eram patentes e foi como membro do Gabinete do Ministro Capanema que publicou os versos políticos revolucionários de *Sentimento do mundo* e compôs os de *Rosa do povo*. Já um Cassiano Ricardo se enquadrou ideologicamente e apoiou pela palavra e a ação, porque o regime correspondia à sua noção de democracia autoritária e nacionalista [...]. Outros que nem vale a pena nomear, para poderem repousar com menos infelicidade no seio de Deus, eram pura e simplesmente escribas vendidos, sem alma nem fé.<sup>204</sup>

E aqui é importante lembrar que à medida que o tempo passa, a condição transitória de funcionário público vai-se esfumando, como dado biográfico secundário que é; o poeta

<sup>200</sup> CANDIDO. Plataforma da nova geração. In: \_\_\_\_\_. *Textos de intervenção*, 2002. p. 237-250.

<sup>201</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 25.

<sup>202</sup> DRUMMOND. *Nova reunião*, 1987. p. 118.

<sup>203</sup> DRUMMOND. *Nova reunião*, 1987. p. 65.

<sup>204</sup> CANDIDO. Prefácio a Sérgio Miceli: *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*, 1979. p. xii.

está cada vez mais vivo e mais presente. Certamente pela imensidão da sua poesia, mas também pela condição de ser humano que se recusou a alienar “a menor parcela da sua dignidade ou autonomia mental”.

O trecho anterior foi recortado do prefácio que Candido escreveu para um livro de Sérgio Miceli, em que dissente do autor, recusando sua divisão dos escritores que se integraram ao aparelho de estado na condição de funcionários depois da Revolução de 30 entre funcionários-escritores e escritores-funcionários. O crítico parece dizer ao pesquisador que há o indivíduo e há a multidão, ao nomear cabe mostrar por inteiro o nomeado, percebendo-o na sua integralidade de ser humano e não apenas como mais um nome, que ao se juntar a outros na multidão termina perdendo a individualidade e a própria condição de nome, restando como uma seta acusadora a apontar o nomeado. Nesse ponto surpreende-se o Candido cientista social em conflito de raiz com a ciência social e sua necessidade de generalizar.

### **O escritor dividido ao meio**

“Oswald de Andrade morreu em 1954 e sua obra era mal conhecida, apesar do rumor causado pela sua pessoa e pela sua lenda.” Por sua vez, “Mario de Andrade morto em 1945 conheceu em vida uma glória sólida e extensa, vendo a sua obra suficientemente difundida e estudada.”<sup>205</sup> Deve-se observar que o silêncio da crítica relativamente ao autor de *Os condenados* se devia muito à sua personalidade. Escrevendo permanentemente nos jornais costumava atacar com certa ferocidade àqueles que se aventuravam a criticar sua obra.

Talvez por isso, curiosamente, essa personagem seja introduzida na ensaística de Antonio Candido, em seu primeiro livro, *Brigada ligeira*, num texto que busca deliberadamente o afastamento. O crítico inicia a análise da sua obra com um longo proêmio em que tenta estabelecer uma espécie de impessoal território da pura análise literária, propício, parece avaliar, ao projeto de se dedicar ao estudo do romance oswaldiano. Opostamente ao que ocorre na análise da obra de Graciliano Ramos, Antonio Candido se empenha em estabelecer uma clara linha demarcatória entre o eu textual e o eu

---

<sup>205</sup> CANDIDO. A literatura brasileira em 1972, 1979. p. 26.

empírico, operando criticamente no intervalo entre as duas faces, voltado para o homem de papel, excluindo o de carne e osso. Claro está que esse método, se se mostrou eficaz do ponto de vista crítico, foi totalmente ineficaz do ponto de vista do resguardo pessoal do crítico. De nada serviram a sua cautela ou o rigor analítico; e Oswald, como era do seu feitio, “se defendeu me atacando de rijo num artigo depois recolhido no volume *Ponta de lança*.”<sup>206</sup> – como recorda o crítico.

O Sr. Antonio Candido [...] confunde sério com cacete. [...] Fala já por delegação da posteridade. Para isso, de dentro do capote da ‘seriedade’ tira economicamente três sorrisos: um sorriso fino, um sorriso cético e um sorriso mineiro, neste último entrando algum latim e muita malandragem.<sup>207</sup>

Apesar dessa muita malandragem, de alguma leviandade carrancuda etc., fato é que o ataque desabusado àquele que o escritor parecia considerar seu inimigo permaneceu sem resposta, mantendo o crítico a postura que assumira desde o proêmio do artigo inicial. “Certo dia” – relembra Candido –

no fim de 1945 ou começo de 1946, estando eu na Livraria Jaraguá (a velha, a verdadeira) entra ele, dirige-se a mim e diz mais ou menos que fizera mal em reagir com veemência contra o último artigo da *Folha da Manhã*, pois no ensaio eu mostrara não me haver deixado influir por isso, conservando uma atitude objetiva. Propunha então consolidar a nossa amizade e declarava que dali por diante eu ficava com a liberdade de escrever o que quisesse a respeito de sua obra, que ele não se molestaria nem responderia.<sup>208</sup>

Esse início das relações entre os dois é significativo do temperamento e do caráter desses dois homens tão singulares. Oswald aparentemente acabou por perceber o calibre do seu analista e desistiu dos ataques. Ou seja, talvez se possa dizer que o método da separação entre os eus acabou se mostrando funcional também nesse caso, só que com efeito retardado.

Terminaram amigos, de uma amizade que durou além da vida de Oswald, acompanhando-o o crítico até os seus últimos e difíceis dias. Oswald de Andrade “morreu em 1954, depois de um sofrimento comprido e pavoroso”<sup>209</sup>, registra Antonio Candido.

<sup>206</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 40.

<sup>207</sup> ANDRADE. *Ponta de lança*, 1972. p. 43.

<sup>208</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 36.

<sup>209</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 44).



“Era bonita e comovente a amizade deles.”<sup>210</sup> – lembra a filha do crítico. Após a morte do amigo, Candido cuidou do seu legado literário e dirigiu ainda a edição da sua obra. Empenhou-se em preservar-lhe a memória, introduziu na Universidade a sua obra, encaminhando estudantes à pesquisa e produção monográfica sobre ela.<sup>211</sup>

Ao longo dos anos o intervalo analiticamente estabelecido pelo crítico entre os seus oswaldianos foi se estreitando e o texto foi cada vez mais ganhando um colorido afetivo e sentimental em que a crítica se apresenta matizada pela memória do escritor morto. Vera Chalmers observa que nesses ensaios “o depoimento pessoal vem em auxílio do juízo crítico, configurando uma escrita, que é analítica mas conserva no ensaio alguma coisa da digressão da crônica biográfica e até autobiográfica.”<sup>212</sup> Na verdade, essa caracterização parece poder ser estendida a uma parte um pouco mais ampla da produção do crítico, mas toca em um ponto fundamental do seu criticismo atinente a Oswald, em que a forte carga afetiva terminou por sobrepor, em certa medida, o amigo ao escritor e ao ser humano. Em decorrência, nos escritos posteriores àqueles que provocaram a ira do escritor modernista, recolhidos em *Brigada ligeira*, a afetividade cada vez se manifesta com mais força, restando ao criticismo posição ancilar relativamente àquela.

“Sempre me pareceu que Oswald de Andrade era dividido ao meio, como homem e como escritor”, – observa Antonio Candido, que o considera

espontâneo e intuitivo, mentalmente brilhante, mas pouco ordenado. Por isso, nunca procurou domar racionalmente o jogo das contradições. Viveu com elas e elas formaram os dois blocos opostos a que aludí e indicam certa incoerência, que, aliás, parecia não perturbá-lo.<sup>213</sup>

O crítico anota ainda que em Oswald de Andrade, “as contradições não existiam apenas na obra narrativa; estavam presentes também no seu comportamento, no seu modo de ser e até de falar.”<sup>214</sup> Isso, no entanto, não o conduziu nunca a emitir algum juízo de valor sobre o ser humano, ou a rememorar qualquer episódio que possa estender ao campo pessoal essa fragmentação do ser tão firmemente constatada. Memorialistas os mais

---

<sup>210</sup> ESCOREL. Antonio Candido e a menina, 2008. p. 66.

<sup>211</sup> CANDIDO. A grande revolução cultural do Brasil, janeiro-fevereiro de 2002.

<sup>212</sup> CHALMERS. O fio da meada, 1992. p. 218.

<sup>213</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 40.

<sup>214</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 42.

diversos citam episódios a destacar esse fracionamento característico do escritor, que permanece omissa na escrita de Antonio Candido, que tão bem o percebe e aponta.

Por que Oswald de Andrade permaneceu um retrato incompleto no memorialismo de Candido? Por que o crítico não explorou essa fratura que o tornou um ser muito mais complexo e literariamente muito mais rico e provocativo? A razão mais plausível aponta para a amizade, perceptível ainda no cuidado que teve em proteger seus escritos, selecionando aqueles que deveriam permanecer fora do alcance dos estudiosos, cujo acesso ao arquivo oswaldiano devia passar pelo seu consentimento. O crítico explica essa seleção como uma forma de proteger pessoas ainda vivas, vítimas do verbo incontido do escritor. Será? Pode ser. Mas, talvez também para proteger a memória do próprio criador de Serafim Ponte Grande, numa aparente tentativa de não deixar a imagem de *gavroche* aderida à figura de Oswald, tendente a obscurecer o ser humano e o escritor.

O olhar sobre o memorialismo atinente ao escritor modernista se interrompe nesse ponto. Não por falta de material, que fique registrado. Seria, entretanto, importante que ficasse marcada a incompletude do retrato aqui traçado como correspondente a uma incompletude também existente nos escritos de Candido. Escritos que, sendo muitos, têm nessa incompletude sobre importante característica que apontam um dos seus aspectos definidores. Escritos que poderiam abrir um caminho para a análise e o conhecimento que ficou deliberadamente recusado. Em resumo: olhar incompleto sobre um retrato caracteristicamente incompleto.

### **O arquiteto da memória**

Avesso por temperamento aos grupos (as “panelinhas” e “curriolas”) tão típicos da sociabilidade brasileira, recusando-se na maturidade a participar de agrupamentos e organizações como as chamadas academias de letras, a trajetória pessoal de Antonio Candido se fez marcar por algumas amizades que poderiam ser ditas “da vida inteira”. De algumas dessas amizades já se falou aqui, ou se falará, como os “chato-boys” (apelido dado por Oswald de Andrade ao grupo da revista *Clima*). O grupo, claro, incluía também algumas “chato-girls”, que Oswald de Andrade cavalheirescamente não nomeou, como Gilda de Mello e Souza, Ruth Alcântara, Sara Lifichitz ou Lourdes Campos Machado. São ainda pessoas de convívio posterior e mais próximo, como é o caso de João Alexandre

Barbosa, além de outros que permaneceram geograficamente afastados, mas afetivamente ligados, como Francisco Iglésias e Emílio Moura, que moravam em Belo Horizonte. Numa lista desse tipo poderia ser incluído mesmo Carlos Drummond de Andrade, com quem Candido nunca entreteve uma relação mais próxima, mas que permaneceu, além da admiração de origem literária, objeto de uma especial afetividade desde os anos de 1940 quando fortuitamente tiveram contato direto e indireto, como já se viu.

Há ainda aquelas que o crítico sempre elegeu como espécies de guias intelectuais, com quem mais amiudadamente entreteve seu comércio intelectual, destacando-os sempre pela influência que exerceram na sua formação acadêmica, como os professores franceses Jean Maugué, Roger Bastide e Paul Arbousse-Bastide – Bastidinho e Bastidão nos corredores da FFLCH dos anos de 1940 –, especialmente os dois primeiros, além do italiano Ungaretti. Tome-se como exemplo o que Candido diz de um ensaio que Roger Bastide publicou na *Revista do Brasil* nos anos 40<sup>215</sup>, que considera que talvez seja o primeiro ensaio a tratar da obra de Machado de Assis de forma realmente contemporânea. Isso numa época em que surgiam leitores de Machado do calibre de Barreto Filho, Augusto Meyer, Lúcia Miguel Pereira, todos alvos da admiração de Candido.

Este ensaio, somado a outros do mesmo autor, bem como ao seu ensino e ao seu convívio, teve muita influência em mim, coisa que custei a perceber. Quando o reli há tempos, depois de muitos anos, senti que foi uma das fontes de várias ideias que estão na base da minha concepção de literatura brasileira. Os pontos de vista de Bastide se incrustaram de tal modo na minha mente, que perdi a noção do quanto lhe devo.<sup>216</sup>

A memorialística de Candido tem elegido seus mitos, e um deles é sem dúvida o professor de filosofia Jean Maugué. Esse francês, que não construiu uma carreira acadêmica, lutou na Resistência durante a Segunda Grande Guerra, passou pela diplomacia e terminou a vida como professor de liceu na França, é considerado pelo crítico como o professor de maior influência na sua formação.

Era um gênio didático, um expositor elegante, expressivo e penetrante, tinha uma inteligência original, pronta e luminosa, completada pela imaginação fora do comum e o mais incrível senso de auditório. Não fez carreira universitária no seu país, em grande parte porque não quis. Não

---

<sup>215</sup> BASTIDE, Roger. Machado de Assis paisagista. *Revista do Brasil*, 3. fase, v. III, n. 29, p. 1-14, novembro de 1940, republicado nas obras completas de Machado de Assis em quatro volumes (v.1. p. 34-45).

<sup>216</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 115-116.

terminou a tese de *doctorat d'État*, não respeitava as convenções acadêmicas, era irreverente, meio preguiçoso, e apesar disso era admirado pelos colegas, não apenas por nós.<sup>217</sup>

Essa admiração sem restrições é encontrável também entre os demais participantes da aventura da revista *Clima*, como Gilda de Mello e Souza, Rui Coelho e Paulo Emílio. O trecho acima é apenas uma pequena amostra de uma das muitas vezes que Candido o rememora; é ainda copiosamente citado nas suas entrevistas e depoimentos. Ocorre, porém, num certo momento a constatação de que

Maugüé foi ficando apenas uma lembrança para os antigos alunos. Gilda e eu procuramos, então, testemunhar sobre o papel importante que ele desempenhou no começo da Faculdade. Eu falei dele em artigos e entrevistas, ela<sup>218</sup> escreveu um ensaio comparando a visão que tinham da arte ele, Bastide e Lévi-Strauss.<sup>219</sup>

Nesse trecho se vislumbra uma face importante da rememoração de Antonio Candido, espécie de memória arquitetada: uma rememoração deliberadamente construída, visando valorizar alguém cujo papel e importância é percebida como obscurecida. Também Fernando Azevedo foi alvo desse tipo de testemunho, que reiteradamente relembra o valor, destaca os feitos e a figura, reivindicando o olhar e a atenção do leitor. A sistemática valorização de figuras humanas e intelectuais não se esgota no memorialismo, estende-se em outros rumos e abarca, por exemplo, Manuel Bonfim, que, aparentemente, nunca foi objeto de um estudo específico, mas a partir de *O método crítico de Sílvio Romero* é sistematicamente citado em estudos e entrevistas, em aulas e em conversas (e convém não subestimar o poder fertilizador das suas conversas informais) como intelectual exemplar, cuja obra merece atenção, tornando-o uma espécie de personagem, reiteradamente reclamada à luz, expondo-o à atenção das novas gerações. Pio Lourenço Corrêa, inúmeras vezes rememorado em ensaios críticos e memorialísticos; Sérgio Buarque de Holanda, para quem Candido editou um livro póstumo – *Capítulos de literatura colonial* – e organizou outro, resultado de um seminário em sua homenagem<sup>220</sup>, poderia ter um terceiro livro constituído pelos textos que Candido lhe dedicou e à sua obra. Livro semelhante rendeu

<sup>217</sup> CANDIDO. Entrevista à *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, outubro de 2001. p. 15.

<sup>218</sup> MELLO E SOUZA. A estética rica e a estética pobre dos professores franceses. In: \_\_\_\_\_. *Exercícios de leitura*, 1980. p. 9-34.

<sup>219</sup> CANDIDO. Entrevista à *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, outubro de 2001. p. 18.

<sup>220</sup> CANDIDO, Antonio. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

Florestan Fernandes. Essas pessoas e inúmeras outras aqui não nomeadas constituem verdadeira galeria das personagens eleitas pelo empreendimento rememorativo de Antonio Candido. A lista é ainda mais longa, podendo-se talvez mesmo dizer que uma das características da produção intelectual do crítico, que sucessivamente retoma um tema, um motivo, uma personalidade literária, e amplia a cada vez o discurso, incorpora novos elementos e torna mais iluminado criticamente o objeto ou a personalidade a que atenta.

**“Não sei; mas vou estudar a questão...”**

Diz o memorialista Antonio Candido: “Rebusquei na medida do possível o velho baú da memória, tirando fora alguma coisa que sobrou na lembrança. Terei sido exato, ou terei deformado involuntariamente? Não sei.”<sup>221</sup> Retenha-se a pergunta: “Terei sido exato, ou terei deformado involuntariamente?” Retenha-se também a resposta: “Não sei.” Pergunta e resposta podem ser a busca de um efeito retórico, que se completaria à frente, quando o crítico diz depor como uma “contribuição lateral para um possível estudo”<sup>222</sup> sobre o tema de que fala. Não parece ser esse objetivo, ou, mesmo considerando-se esse o objetivo imediato, parece haver mais escondido nesse discurso.

Em um pequeno ensaio sobre Rimbaud, depois de rememorar o prestígio dos simbolistas franceses na São Paulo dos anos trinta, pontua: “Hoje em dia não sei como andam as coisas.”<sup>223</sup> Esse tipo de afirmação é um lance bastante comum na sua escrita – a modéstia intelectual construída. Neste mesmo ensaio, depois de uma primorosa análise do poema *Fleurs*, de Rimbaud, arremata: “Mas não tenho certeza se é mesmo assim.”<sup>224</sup> Essa expressão, a par da fina ironia, reitera a modéstia e lembra ao leitor a relatividade das proposições de leitura do crítico, quem quer que seja este, mesmo um grande, ou o maior de todos<sup>225</sup>. Mais uma dessas frases, para encerrar a série: “Se for como suponho (pode não ser)”<sup>226</sup>. Agora, observe-se a página de abertura do ensaio *Os olhos, a barca e o espelho*, recolhido no livro *A educação pela noite*, onde são encontradas as expressões “talvez”,

<sup>221</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 83.

<sup>222</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 83.

<sup>223</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 130.

<sup>224</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 135.

<sup>225</sup> Esse tipo de formulação é bastante comum nos textos do autor. Acrescente-se, como mais um exemplo uma pequena brochura que reúne alguns textos seus, em que aparece pelo menos mais duas vezes (CANDIDO. *Artigos de autoria de Antonio Candido*, 2008. p. 11/39).

<sup>226</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 41.

“quem sabe”, “nos leva a perguntar”, “pode ter” e ainda “pode estar”. Isso numa única página<sup>227</sup>.

Essa extensa listagem parece autorizar a afirmação de que se trata de uma escrita literária que se articula pela dúvida, expressão de um pensamento que se constrói sob a sua égide, tomando-a como método e como sistema. Adicione-se à dúvida metódica a dialética, em uma formulação aberta, em que o crítico elabora uma tese e uma antítese, deixando a síntese a cargo do leitor. Ou, muitas vezes, formulando-a discretamente, sem ênfase, se pode dizer, solicitando a participação reflexiva daquele que lê; seja para completar, onde a síntese não é apresentada; seja para ler adequadamente onde a formulação aparece discretamente ensombrecida pela forma expositiva. Todas essas parecem características que fundem no crítico e no memorialista o professor, que segundo Candido deve ser versado na difícil arte de responder aos seus alunos: “Não sei; mas vou estudar a questão e, se puder, na próxima aula tentarei dar uma resposta.”<sup>228</sup>

“Sainte Beuve — uma espécie de parente rico dos críticos — disse que o crítico é aquele que lê melhor que os outros e os ensina por isso a ler. Duvido, leitor, ao menos no meu caso.”<sup>229</sup> Essa espécie de humildade, irmã da dialética, no crítico (que é sempre o professor) ante o conhecimento é completada simetricamente no seu sistema pensante pela concepção da crítica como “casaca-de-ferro” da literatura – a expressão é dele, e é também ele quem esclarece que esse é um termo usado em São Paulo e no Rio,

lá em Minas era charuto. Charuto era o seguinte: tem o circo. Tem o palhaço, tem a equilibrista, tem a mocinha, tem o galã e tem aqueles quatro rapazes fardados que carregam o tapete, puxam o cavalo, seguram a bola. Eles ajudam o artista.<sup>230</sup>

Em linguagem de circo, o crítico não passa de um charuto, um casaca-de-ferro<sup>231</sup>, o que pode ser também posto em linguagem literária: “a crítica é cinzenta, e verdejante o

---

<sup>227</sup> Cita-se ainda como exemplar dessa postura o prefácio de *Formação da literatura brasileira*, que parece autorizar de forma definitiva a ideia de encará-la como constitutiva do modo de ser e de pensar do crítico.

<sup>228</sup> CANDIDO. O primo, 1981. p. 299.

<sup>229</sup> CANDIDO. Rodapé: notas de crítica literária: de leitor para leitor, 2000. p. 194.

<sup>230</sup> CANDIDO. Entrevista de maio de 2009.

<sup>231</sup> A entrevista citada nesta parte do texto retrata o pensamento de Candido hoje, sua visada do papel ancilar do crítico face à literatura está expressa desde a primeira resenha que Candido publicou em jornal, inaugurando seus rodapés diários na *Folha da Manhã* – Notas de crítica literária: ouverture –, em sete de janeiro de 1943, reproduzido no livro *Textos de intervenção* (2002. p. 23-30).

áureo texto que ela aborda.”<sup>232</sup> A linguagem é outra, mas a função que lhe está reservada é a mesma – carregar o tapete, puxar o cavalo, segurar a bola. O crítico – cinzento, humilde, obscuro – ajuda pela análise e pela interpretação o único verdadeiro artista, que é o escritor.

Essa concepção da relação crítica-arte está expressa também em uma epígrafe inserida no livro *O discurso e a cidade*, abrindo o admirável quarteto Quatro esperas, atribuída a Giuseppe Verdi, em que se destaca a superioridade da criação: “Copiar a realidade pode ser uma coisa boa; mas inventar a realidade é melhor, muito melhor.”<sup>233</sup> Ou ainda n’*O observador literário*, de lavra do próprio Antonio Candido: “Se não podemos ser criadores, sejamos ao menos observadores literários.”<sup>234</sup> – diz, concluindo a apresentação da primeira edição.

Emoldurando o texto desde as primeiras manifestações do seu criticismo e presente na sua prática cotidiana de professor e crítico literário a ideia da pouca relevância do trabalho crítico está – é apenas um exemplo – no texto de 1944 em que Sainte Beuve é dado como parente rico dos críticos e dona Teresina Carini como leitora exemplar, tanto quanto na escrita de 1959, do recém-professor de literatura. Assim, não estranha que Antonio Candido conclua uma conferência, – Esquema de Machado de Assis –, recomendando aos seus ouvintes, depois leitores: “O melhor que posso fazer é aconselhar a cada um que esqueça o que eu disse, compendiando os críticos, e abra diretamente os livros de Machado de Assis.”<sup>235</sup> Fica, pois, registrado o conselho ao leitor: esqueça o crítico, leia o prosador, o poeta, únicos verdadeiros artistas, mas não deixe de atentar ao casaca-de-ferro, seja ele crítico ou memorialista, porque às vezes dele podem nascer surpreendentes tesouros. Mas disso o leitor já sabe.

### **Recortes do viver e do pensar**

Os anos noventa foram altamente produtivos para Antonio Candido que teve nesse período pelo menos nove livros publicados. A saber: *Recortes e O discurso e a cidade* (1993), *Ensayos y comentarios* (1995), *Lembrando Florestan Fernandes e Teresina e seus amigos* (1996); *Iniciação à literatura brasileira* (1997). Além desses seis que são cinco,

<sup>232</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 109.

<sup>233</sup> CANDIDO. *O discurso e a cidade*, 2004. p. 131.

<sup>234</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 1959. p. 8.

<sup>235</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 32.

uma vez que *Teresina e seus amigos* é uma separata em formato de bolso do livro *Teresina etc.* lançado em segunda edição em 1992, o escritor teve três coletâneas organizadas por terceiros, lançadas no exterior. São elas: *Crítica radical* (1991), *On literature and society* e *L'endroit et l'envers* (1995). Por último se registra a antologia recolhida na edição especial da revista *Remate de Males*, da Universidade de Campinas, que em 1999 dedicou um número ao autor (não contando o dossiê da revista *Literatura e Sociedade*<sup>236</sup>, que recolhe alguns dos seus rodapés literários), completando dessa forma, dez diferentes edições em menos de dez anos. Afora as inúmeras reedições de diversas obras anteriores, que, na verdade, estão permanentemente mantidas em catálogo pelas editoras. Acrescentem-se ainda as dezenas de ensaios, entrevistas e escritos de circunstância não recolhidos em volume e ter-se-á uma ideia da incrível produtividade do autor nesse período.

Excetuado *Ensayos y comentarios*, antologia preparada pelo autor para circular entre os falantes de língua espanhola, chama a atenção nesses livros a sua unidade interna, saliente na sua obra desde o título, em publicações como *Literatura e sociedade* ou *Tese e antítese*<sup>237</sup>. Não são mera recolta de artigos, cobrindo um período da produção do seu autor; articulam-se a partir de um nítido projeto e se apresentam como uma totalidade orgânica de sentido. Nesse aspecto o livro *Recortes*, de 1993, parte da produtiva safra de que se falou, poderia ser visto como uma espécie de exceção, aproximando-se em certos aspectos às antologias preparadas por terceiros, uma vez que é constituído por textos diversos, sem muita unidade aparente. São escritos curtos – todos eles podendo ser ditos de circunstância<sup>238</sup> –, como prefácios, encartes, discursos, perfis, palestras etc., conformando uma espécie de livro solto, como diz o autor no prefácio. O livro cobre um período que vai de 1972 ao próprio ano de publicação. Apenas quatro desses escritos são inéditos e muitos deles, observa o autor, têm uma tonalidade pessoal: evocam amigos mortos ou relatam acontecimentos ligados à sua vida. Porém, por entre esse mosaico aparentemente

<sup>236</sup> Rodapé: notas de crítica literária. *Literatura e sociedade*, São Paulo, USP, n. 5, p. 167-247, 2000.

<sup>237</sup> Unidade, aliás, percebida e destacada pela crítica desde o lançamento da obra, como se registra no ensaio *Convite à controversia*, de João Alexandre Barbosa, publicado no suplemento literário d' *O Estado de S. Paulo* (São Paulo, ano IX, n. 421, 13 de março de 1965. p. 1), posteriormente recolhido no livro *Opus 60*.

<sup>238</sup> O conceito de circunstância talvez não seja muito produtivo para falar dos escritos de Candido, uma vez que corre o risco de cobrir e não cobrir adequadamente boa parte deles. Observe-se que falando em circunstância num sentido funcional, como propõe Murilo Moura (julho de 1993), de circunstância seria um livro como *Na sala de aula*, que é uma obra didática, o que é aplicável também a *Formação da literatura brasileira*, também didática, escrita sob encomenda do editor. Na verdade, o mesmo se dá com boa parte da obra saída em livros.



atravancado de figuras do passado, de homenagens, de recordações e de sonhos parecem aflorar alguns veios que seguidos talvez confirmam alguma unidade à totalidade aparentemente inorgânica. Flora Süssekind destaca no livro exatamente sua condição de obra marcadamente evocativa e pessoal, “no qual se define, porém, uma tripla interligação, não à toa centrada nas noções de geração, testemunho e perspectiva, fundamentais no pensamento crítico de Candido.”<sup>239</sup>

Essa ideia de geração – não se falará dos outros dois pontos – está bem representada no eixo mesmo de uma obra de Antonio Candido, que por sua vez tem posição estruturante na sua produção e mesmo na literatura brasileira em geral – *Formação da literatura brasileira*, em que se expressa na imagem da tocha que vai sendo passada entre os corredores, por sua vez central na constituição da sua proposição de estudar a literatura como sistema. Constitui-se um sistema literário – se pode resumir – quando se constitui uma geração capaz de produzir, cultivar e transmitir uma tradição. Exposta nesse livro essa ideia retorna em outros estudos, como *Introdução ao Romantismo no Brasil*, em que é exemplarmente empregada no estudo dos chamados poetas pantagruélicos e no ensaio mais curto *Primeiros baudelairianos*, recolhido no livro *A educação pela noite*.

A partir mesmo dos anos quarenta em que estreou como crítico literário, o olhar de Candido parece já vincado pela ideia de geração. Observe-se que o tema se impôs à época, talvez pelo influxo de pensadores da estatura de Mário de Andrade, que, no número inaugural da revista *Clima*, procede a um rigoroso balanço de uma geração. Seja por livros como *Testamento de uma geração*, de Edgar Cavalheiro<sup>240</sup>, em que a geração intelectual anterior prestava contas, ou *Plataforma da nova geração*, de Mário Neme (contendo as análises e perspectivas da novíssima geração). Os dois inquéritos antes de se tornarem livro foram séries em um jornal de alto prestígio entre as camadas pensantes. A ditadura estadonovista chegava ao fim, como chegava ao fim a guerra que dividira o mundo; a industrialização avançava e o país parecia na iminência de definitivamente se livrar do lastro do atraso político e econômico. Tudo isso vinculado ao fato de o crítico manter fortes vínculos com um grupo geracional extremamente coeso e capaz de dialogar com a geração anterior estabelecendo o espaço de cada uma, talvez tenha ajudado a constituir uma espécie

---

<sup>239</sup> SÜSSEKIND. *A voz e a série*, 1998. p. 250.

<sup>240</sup> CAVALHEIRO, Edgar. (org.). *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1944.

de leito para essa ideia e sentimento de vínculo geracional, que se instala e permanece como uma referência para os que a sucedem.

A ideia de geração funciona, pois, como trava ao “falar de si” característico à escrita biográfica. E permite, ao mesmo tempo, o exercício de um tipo de “perspectiva dupla”, de “iluminação recíproca”, entre sujeito e horizonte geracional, próximo à detectada por Antonio Candido entre personagens e acontecimentos na obra de Graciliano Ramos. Numa duplicidade que marcaria igualmente a constante tematização do testemunho na reflexão de Candido.<sup>241</sup>

Nesse livro – *Recortes* – o crítico como que presta contas da sua geração, apontando e destacando em especial seus companheiros de jornada. Dado esse evidente aspecto geracional talvez seja possível dizer que o livro definitivamente caracterizado por esse vínculo tem mais nítidas características memorialísticas que *Teresina etc.*, embora o último livro possa ser contrariamente dito uma obra memorialística. Ocorre que devido principalmente ao fato de ser constituído de grande número de textos — são cinquenta no total —, permite ver um retrato mais nuançado do seu autor tanto quanto do seu memorialismo. Em *Teresina etc.* avulta a figura da personagem que o nomeia, que acaba por exacerbar a visão de apenas umas das múltiplas faces do escritor, embora das mais importantes ou, mesmo, decisiva.

Há em *Recortes* um ensaio — As transfusões de Rimbaud<sup>242</sup> — que se inicia pelas palavras “No meu tempo de moço”<sup>243</sup>. Alguns aspectos desse pequeno texto — são quatro páginas — merecem ser comentados. Primeiro, a frase inicial, em que a expressão “No meu tempo de moço”, que situa no passado os fatos descritos pelo escritor. Mas não um passado qualquer, que poderia ser apontado por uma data, ainda que fluida, como por exemplo: “Por volta de 1935...” ou “Há cerca de 40 ou 45 anos atrás...” etc., ao contrário disso, a expressão usada, mais que à fluidez do tempo referido, aponta ao sujeito da afirmação. “No meu tempo de moço” torna explícito no texto crítico aquele, que esse tipo de escrita, mesmo quando claramente ensaística, muitas vezes tenta disfarçar, senão ocultar — o sujeito. Esse texto poderia ser tomado como uma espécie de escala reduzida do livro que o contém, falar dele seria uma espécie de metonímia, uma vez que traz em forma reduzida

<sup>241</sup> SÜSSEKIND. *A voz e a série*, 1998. p. 252.

<sup>242</sup> CANDIDO. As transfusões de Rimbaud. p. 130-135. Originalmente escrito para a *Folha de S. Paulo* e publicado no caderno Letras de nove de setembro de 1991 com o título de Transfusões.

<sup>243</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 130.

aquela que talvez seja a principal característica do livro: a exposição da subjetividade. Nesse aspecto, poderia ser aproximado aos *Ensaio*s de Montaigne, embora Candido, diferentemente do fidalgo não fale apenas de si, mas se exponha exatamente ao falar do outro.

O autor explica a edição desse livro por ter terminado se convencendo de que incorria em erro ao imaginar que um crítico só se realiza bem nos textos mais longos e mais elaborados. “Penso que não tinha razão, pois muitas vezes um crítico se realiza bem nos escritos de circunstância, tanto quanto nos mais elaborados.”<sup>244</sup> Mais do que a realização do crítico, visível em qualquer dos seus escritos, importa neste livro a revelação humana, o partilhamento entre escritor e leitor de experiências de leitura e de vida, angústias, afetividades e sonhos de um homem e de sua geração.

### **Afloramentos da memória**

A publicação de *Teresina etc.*, como já se viu, não inaugura na obra de Antonio Candido a intromissão das lembranças e as suas marcas. Longe disso. Essas se insinuam na sua escrita desde os textos iniciais nos já longínquos anos de 1940. Desde então a memória de maneira discreta vem se apresentando e, suave e impositiva, marca sua presença e influência ao aflorar, às vezes de maneira surpreendente, em meio ao ensaio crítico, ou substituindo-o integralmente como ocorre principalmente em relação a Oswald e Mário de Andrade; mas não só. Esses afloramentos da memória tão característicos parecem um fenômeno bem específico do seu jeito de fazer crítica literária e merecem um olhar mais atento.

O termo afloramento, significando o ato de aflorar, é aqui tomado no seu sentido mais comum, relacionado à geologia: ‘Emergência de um veio à superfície da terra; a extremidade desse veio’, conforme a lição do dicionário de Caldas Aulete. Assim como o veio aflora à superfície do solo, revelando o que a terra oculta, a memória aflora no texto crítico de Antonio Candido, modificando-o e revelando travejamentos que permaneciam ocultos pela escrita. Não são sempre a mesma coisa, têm razões, objetivos e consequências diversas, repercutindo de variadas formas nos textos em que ocorrem.

---

<sup>244</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 11.

O texto crítico em que se engasta o memorialismo é por este modificado, ao mesmo tempo o reconfigura ao conferir-lhe o caráter indagador que caracteriza o ensaio crítico. Os afloramentos no interior do ensaio crítico não são casuais nem gratuitos. Tome-se por exemplo o ensaio Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa, do livro *Vários escritos*, em que a memória opera sobre o texto literário duplamente. Primeiro dá-lhe direção e sentido, pois o leitor sente que todo o ensaio crítico, num itinerário de duzentos anos, se torna com essa presença um corpo construído para acamá-la; secundariamente, introduz o próprio memorialista no universo do jaguncismo, para em seguida vinculá-lo ao próprio protagonista do *Grande sertão: veredas*.

Os jovens de agora não supõem que, ainda há bem pouco, a umas duas ou três centenas de quilômetros das suas salas de aula, passavam-se coisas e movia-se gente como as que narra a literatura evocada nestas palestras. E acho que não cumpriria nelas a minha tarefa se, entrando um pouco no campo das recordações, não desse o meu próprio testemunho a respeito.<sup>245</sup>

O trecho acima do ensaio referido abre, na parte final, uma digressão em que Candido recorda a própria infância no Sul de Minas, enriquecendo o ciclo de quatro aulas que completava como parte de um curso sobre cangaço na realidade brasileira, ofertado por José Aderaldo Castello aos alunos da Universidade de São Paulo em 1966. O crítico relembra ter visto os fins do jaguncismo em Minas. Cabras valentes e coronéis facinorosos, mandões e mandantes de inúmeras mortes, desfilando à frente de seus bandos, montados em bestas garbosas. Tornando recurso didático uma das características do seu memorialismo, além de depor e partilhar a experiência pessoal apresenta aos estudantes documentos que corroboram e fortalecem o discurso, vinculando e ajudando a fixar as dimensões pessoais e sociais dos acontecimentos históricos que testemunhou.

Sem dúvida, o tom pessoal do depoimento traz para próximo dos estudantes, em ambiente urbano na rica, industrializada e cosmopolita São Paulo, uma realidade que logo ali, bem próximo deles não estava ainda, na verdade, totalmente desaparecida. Basta lembrar que sequer ainda se haviam completado 30 anos da morte de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e que muitos dos antigos chefes de “volantes” como as lembradas no ciclo de palestras estavam ainda ativos como policiais de patente elevada, em diversas

---

<sup>245</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 123.

polícias estaduais, inclusive em Minas Gerais. Deve ser destacado ainda no trecho citado, para além do propósito testemunhal, um empenho em obter uma direta vinculação da literatura à vida, sem rebaixar a arte à condição de puro documento.

No prefácio que escreveu para o Livro *As ciências no Brasil*, de Fernando de Azevedo, há um momento em que Candido se deixa dominar pela recordação e registra que

Fui aluno e, em seguida, durante dezesseis anos, colaborador de Fernando de Azevedo na Universidade de São Paulo. Durante trinta e tantos anos, até a sua morte, fomos amigos fraternais, apesar da diferença de idade. Lembro bem do seu esforço no preparo e realização deste livro, e nunca esquecerei a intensidade com que acreditava nas ideias sobre as quais o baseou<sup>246</sup>.

A esse pequeno trecho compete o papel de introduzir uma nota pessoal num texto que sem ele, no molde sobriamente acadêmico em que é vazado, seria frio e formal, falando da vida e dos feitos de mais um acadêmico já morto. Ao recordá-lo na sua condição de chefe, companheiro dos afazeres universitários e fraternal amigo, Candido aproxima-o de si, distinguindo-o do rol dos mortos ilustres – afinal se trata do amigo daquele que se dirige ao leitor – e humaniza-o ao retirá-lo da fria distância imposta pela morte aconchegando-o com o manto da amizade, que só amplia o respeito manifestado pelo prefaciador e, dessa forma, partilhado pelo leitor. Por esse meio aproximam-se todos e o morto revive pela memória antes de reviver pelo seu legado intelectual ao qual o leitor é apresentado.

Num pequeno texto sobre Vinicius de Moraes, Candido sumaria a produção literária do poeta desde o primeiro livro; a certo momento ocorre: “Numa tarde de domingo ele nos leu inteiro, o livro ainda inédito; e aliás teria sido preciso vê-lo naquele tempo [...] não se espantando de nada e fazendo da sua poesia um espanto permanente de tudo.”<sup>247</sup> Essa digressão, a qual se seguirá outra, intervém fortemente no texto alterando em rememoração o que era aparentemente um roteiro literário, reconfigurando como experiência de vida o que até então se apresentava apenas como experiência de leitura.

Em outro pequeno texto dedicado ao poeta, Candido esclarece alguns dos dados memorialísticos com que trabalha no texto acima, lembrando que tomou conhecimento do poema Balada do Mangue ainda antes da publicação do livro *Poemas, sonetos e baladas*,

<sup>246</sup> CANDIDO. Prefácio a Fernando Azevedo: *As ciências no Brasil*, 1994. p. 8.

<sup>247</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 2004. p. 104.

que o contém. O livro seria editado em 1946, pela Editora Gaveta, do pintor Clóvis Graciano.

Em 1943 Vinicius de Moraes veio a São Paulo entregá-lo ao editor e nessa condição fez dele uma leitura completa na casa de Lauro Escorel, na rua Manuel da Nóbrega, presentes apenas os donos da casa e eu. Lembro do impacto causado em nós três por este e outros poemas do livro, que marcou o amadurecimento do poeta.<sup>248</sup>

No mesmo texto o crítico lembra que outro poema incluído no livro fora publicado pela *Revista do Brasil* em sua terceira fase, dirigida por Octávio Tarquínio. O poema se inicia pelos versos:

E eu que era um menino puro  
 Não fui perder minha infância  
 No mangue daquela carne!  
 Dizia que era morena  
 Sabendo que era mulata  
 Dizia que era donzela  
 Nem isso não era ela  
 Era uma moça que dava.<sup>249</sup>

Nesse poema – Rosário –, “Vinicius contava a sua iniciação sexual, com a naturalidade lírica e tranquila que, na sua obra, purifica qualquer tema ou qualquer palavra, por mais crus que sejam.”<sup>250</sup> Essa afirmação, que em outra circunstância seria entendida como uma interpretação do poema, vinculando numa só entidade o ser poético e o poeta, parece perder essa condição dada a condição memorialística do texto, que transfere ao autor do poema a responsabilidade pela reivindicação do seu caráter autobiográfico. Não signifique isso que a reivindicação anula a separação dos dois entes, anula porém o caráter meramente interpretativo da afirmação do crítico, modificando drasticamente o texto (ou a sua leitura), portanto.

O último livro de Candido, *O albatroz e o chinês*, recolhe um pequeno ensaio intitulado Pio Lourenço de Oliveira, carinhoso perfil de um culto e originalíssimo fazendeiro de Araraquara, interior de São Paulo, primo e grande amigo de Mário de Andrade, que o chamava afetuosamente “Tio Pio” e em sua chácara de Araraquara escreveu *Macunaíma*, conforme o leitor fica sabendo em outro texto recolhido no mesmo livro.

<sup>248</sup> CANDIDO. Um poema de Vinicius de Moraes, outubro-dezembro de 2001. p. 71.

<sup>249</sup> MORAES. *Antologia poética*, 1984. p. 104.

<sup>250</sup> CANDIDO. Um poema de Vinicius de Moraes, outubro-dezembro de 2001. p. 71.

Pio Lourenço, que é de 1875, tinha dezoito anos quando Mário nasceu, em 1893, e dadas as relações de família, reforçadas pelo casamento com Dona Zulmira em 1897, conviveu com ele a vida toda, vendo-o nascer, crescer e tornar-se um dos maiores escritores do Brasil. Quase naturalmente, passou para ele a amizade que teve pelo pai, e como ambos eram apaixonados pelos estudos e a literatura, formaram vínculos duradouros e firmes.<sup>251</sup>

Parece mais que explicada a sua presença na ensaística do crítico: afetivamente ligado a Mário de Andrade, envolvido com assuntos culturais e figura humana das mais fascinantes, acabou por atrair-lhe o olhar. Leia-se, porém, um parágrafo do prefácio que Candido escreveu em 1964 para o livro *Parceiros do Rio Bonito*:

Não posso deixar de lembrar, com saudade e reconhecimento, o meu velho amigo Pio Lourenço Corrêa, falecido em 1958, admirável tipo de fazendeiro paulista, culto e reto, que me acolheu várias vezes na sua chácara dos arredores de Araraquara, e a quem devo muito do que percebo da cultura rústica. A sua conversa era uma lição constante; a sua experiência, imensa; a sua memória, prodigiosa. Erudito e estudioso da língua e das ciências naturais, caçador e investigador dos costumes; conhecedor minucioso da flora, da fauna e da técnica rural, devo-lhe mais do que poderia registrar, porque são coisas que se incorporam ao modo de ver e de sentir. Quando ele desenterrava das recordações de setuagenário o que contara na infância um velho pai setuagenário, parecia-me tocar no vivo o século XVIII de Araraguaba, onde sua avó falava língua-geral e cuja tradição ele mantinha, na escarpada austeridade do seu caráter.<sup>252</sup>

Certamente, esse trecho é mais que suficiente para desvelar, por trás do distanciamento sobre que se constrói a afetividade do ensaio de 2002, a memória. Isso num texto que ao leitor desavisado se apresentava como de interesse puramente literário, fruto da admiração por um escritor e pesquisador provinciano afetivamente próximo a uma admiração literária e humana. No caso do ensaio dedicado a Vinicius, a re-significação ocorre pela intervenção de um trecho memorialístico no corpo do texto; relativamente a Pio Lourenço, a mudança se dá pela intervenção de outro texto.

“Confesso que a leitura me fez voltar quase insensivelmente às experiências de moço”<sup>253</sup>, com esses termos Antonio Candido introduz num prefácio quatro sólidos parágrafos de rememoração, em que atribui à leitura o papel de uma espécie de gatilho das recordações. O prefaciador esclarece desde o princípio que a recordação não é gratuita, mas

<sup>251</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 119.

<sup>252</sup> CANDIDO. *Os parceiros do Rio Bonito*, 2010. p. 15.

<sup>253</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 112.

o caminho para a busca de “um primeiro esclarecimento por meio dessa forma precária mas viva de conhecer que é a impressão pessoal”<sup>254</sup>. Esse esclarecimento metodológico se dá no corpo de uma rememoração do convívio com colegas e amigos integralistas nos anos trinta, em Poços de Caldas e depois em São Paulo. Não se esgotam porém na lembrança, esta é apenas um caminho para tentar compreendê-los e adequadamente situar historicamente o movimento político a que se filiavam.

Resumidamente, em quatro sucintos parágrafos, Candido mostra como é possível tornar a experiência pessoal em instrumento de conhecimento. Acima de tudo, mostra-a como um caminho auxiliar na aceitação do outro e no estabelecimento da empatia como necessário caminho para aquisição desse mesmo conhecimento. Na mesma medida estabelece a necessidade fundamental do reconhecimento da legitimidade do pensamento adverso, mesmo quando esse, olhado retrospectivamente, se mostra historicamente incorreto e politicamente inadequado. E conclui: “Assim, mesmo partindo da mera experiência pessoal bem sei quanto é preciso pensar com objetividade, ter o senso dos matizes e calcular a força especificadora das condições históricas.”<sup>255</sup> Dotado dessa competência, o indivíduo se torna capaz de fazer com que a memória funcione como método de conhecer o mundo.

Os prefácios constituem mesmo um caso especial nessa relação entre crítica e memória. Na verdade acabam servindo para lembrar que qualquer tentativa de classificação será sempre provisória e insuficiente. Tome-se para exemplo um pequeno texto na abertura da edição crítica de *Perto do coração selvagem*, preparada por Benedito Nunes e publicada nos Archives da Unesco. É um prefácio – no livro chamado *Liminar* – aparentemente comum, em que o crítico reporta o lançamento desse livro, o primeiro da autora, em 1943. Uma coisa, porém, será desde o início chamada à atenção dos conhecedores do criticismo de Candido: a sua relação especial com a obra e sua autora, já que foi um dos pioneiros na sua recepção crítica, tendo sido capaz de acolher adequadamente a escritora que surgia, não obstante a perplexidade que demonstra diante do texto. Assim, a recuperação do ambiente literário em que “Clarice Lispector instaurava as aventuras do verbo, fazendo sentir com

---

<sup>254</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 112.

<sup>255</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 113.



força a dignidade própria da linguagem”<sup>256</sup>, destacando outras obras transformadoras que surgiram à época pode ser um ato meramente crítico, mas que se impõe como rememoração, com tal força que o próprio crítico termina por sucumbir ao avassalamento imposto pela memória, o que o leva a fazer o que raramente o leitor encontra na sua escrita: uma autocitação, trazendo à cena um texto seu sobre a autora. Isso pode ser tomado como um estímulo à reflexão sobre a condição mesma da digressão no interior do criticismo de Antonio Candido. Pois, se pode ocorrer um avassalamento da escrita pela memória, o leitor deve atentar para presença de uma digressão motivada, isto é, o pensamento digressivo deliberadamente construído como recurso didático, como já foi dito – uma espécie de pedagogia da digressão. Deve-se atentar ainda para a possibilidade da sua presença como recurso retórico ou estilístico. Parece ser o que se dá no ensaio *Uma palavra instável*, recolhido no livro *Vários escritos*, que discute o nacionalismo a partir das flutuações sofridas por essa palavra ao longo do processo histórico. O texto trata de um tema político e acadêmico, bem pouco vinculado à afetividade e ganha, a certa altura, caráter digressivo. Não se trata de um texto oral ou destinado à oralização, mas de ensaio formal, escrito para um livro temático coletivo. Claro está que nem sempre há essa transparência, por mais preparado que se apresente, nem sempre o leitor conseguirá fazer a distinção, localizando a motivação de cada afluência digressiva. Cabe-lhe unicamente ser crítico e reflexivo, sabendo de antemão que nem tudo se oferece limpidamente à análise.

O livro *A educação pela noite* guarda um ensaio ao qual se pode produtivamente prestar alguma atenção. Trata-se de uma palestra pronunciada na Biblioteca Municipal de São Paulo, em 1978, em homenagem a Sérgio Milliet; devidamente publicada no boletim daquela Instituição<sup>257</sup>, foi também incluída como prefácio na reedição do *Diário crítico*<sup>258</sup>. Finalmente chega à obra que o acolhe, que recebeu sua condição definitiva na “5ª. edição revista pelo autor”, de 2006, quase trinta anos e oito edições depois da sua primeira apresentação pública. Pode ser considerada como obra que atingiu seu ponto máximo de elaboração, representativa do pensamento e do modo de fazer crítica literária do seu autor.

---

<sup>256</sup> CANDIDO, No começo era de fato o verbo, 1988. p. XVIII.

<sup>257</sup> CANDIDO, Antonio. Sérgio Milliet e o ato crítico. *Boletim Bibliográfico*, São Paulo, Biblioteca Municipal Mário de Andrade, v. 39, n. 34, p. 49-62, julho-dezembro de 1978.

<sup>258</sup> CANDIDO, Antonio. Sérgio Milliet, o crítico. In: MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. 10 v. São Paulo: Martins, 1981-1982. v. 1: 1940-1943. p. IX-XXX.

Não se explorará aqui esse ensaio dedicado ao amigo e mestre, por desnecessário, mas fique registrado que ali se vê funcionando em plena potência essa espécie de verdadeira instituição do criticismo de Antonio Candido.

O certo mesmo é que a ocorrência desses afloramentos memorialísticos parece ser mais um índice da força da expressão ensaística na relação desse crítico com o conhecimento. Afinal, o que pode ser mais caracteristicamente ensaístico que a digressão memorialística? Há que se destacar ainda a capacidade que têm esses momentos de imbricação entre ensaio e memória de vincular literatura e vida. Ao substituir a simples exposição didática ou reflexiva por um depoimento pessoal, o autor traz à superfície do seu texto essa relação de contiguidade — de unidade, talvez seja a melhor expressão — entre essas duas instâncias, que o estudo metódico tende muitas vezes a separar.

### “Crítica e memória”

Diz Antonio Candido: “um vezo meu é protelar demais a publicação de escritos prontos, e mesmo não publicá-los”<sup>259</sup>, como o livro *Parceiros do Rio Bonito* o comprova. Instado por José Olympio a entregar a obra à edição após a defesa, protelou, pensando em revê-la antes de publicar, o que acabou não ocorrendo e o livro só saiu em 1964, dez anos depois da sua redação final. *O estudo analítico do poema* redigido em 1964 foi publicado sem data, provavelmente em 1987, a instâncias de Walnice Nogueira Galvão; *Um funcionário da Monarquia* foi planejado desde os anos de 1950, como diz o autor na dedicatória a Lúcia Miguel Pereira, e só foi concluído em 1985<sup>260</sup>, vindo à luz em 2002. Em entrevista pessoal<sup>261</sup>, o crítico declarou que por motivação interna teria publicado muito menos. Por exemplo, *Formação da literatura brasileira*, que foi encomendado pelo editor José de Barros Martins em meados dos anos quarenta e só lhe foi entregue em 1957, não existiria. O mesmo se dá com *Brigada ligeira* – que foi editado para compor currículo, com vista ao concurso de 1945 na FFCL da USP – e outros. *O método crítico de Sílvio Romero* foi escrito nesse mesmo ano, como tese exigida pelas regras do referido concurso, quando teve pequena edição de pouco mais de cem exemplares, como determinava a praxe

<sup>259</sup> CANDIDO. *Um funcionário da Monarquia*, 2007. p. 145.

<sup>260</sup> “Este ensaio foi terminado em 1985, depois de um preparo vagaroso e espaçado que durou dez anos. Mas não pensei em publicá-lo”. (CANDIDO. *Um funcionário da Monarquia*, 2007. p. 11).

<sup>261</sup> ENTREVISTA. 04 de maio de 2009.

acadêmica. Ganhou uma edição ainda limitada aos muros da Academia em 1963, no *Boletim* número 266, da FFCL, e só circulou mais amplamente a partir da terceira edição, de 1988, através da editora da Universidade de São Paulo, mais de quarenta anos depois de escrito. Há mesmo o curioso caso de um rodapé em defesa de Erico Verissimo, então violentamente atacado pela Reação, que, devido à censura estadonovista permaneceu inédito até ser recuperado em livro por Sandra Pesavento<sup>262</sup> e incluído no livro *Érico Veríssimo: o romance da história*, com um atraso de 58 anos.

Talvez seja lícito imaginar que essa resistência à publicação do que escreve se vincule parcialmente à modéstia intelectual de que já se falou, que redundava numa espécie de concepção socrática do saber. Não se deve, porém, se tratando de Candido omitir a sua muitas vezes afirmada – e confirmada – condição de professor, que se realiza preferencialmente pela fala e não pela escrita. “O fato é que as aulas estimulavam os meus escritos, e quase todos os meus ensaios são sucedâneos de cursos e conferências.”<sup>263</sup> Assim fica explicado que alguns dos seus principais ensaios são resultados de aulas e cursos ministrados ao longo da carreira, tendo passado pelo teste da fala e por longa elaboração antes de se fixarem na escrita. É o caso dos livros *A personagem de ficção* e *Na sala de aula*. Também estão nessa categoria ensaios como *Dialética da malandragem*, recolhido no livro *O discurso e a cidade*, e ainda *O patriarca e Timidez do romance*<sup>264</sup>, recolhidos no livro *A educação pela noite*, entre muitos outros. Talvez. O certo, porém, é que essa dilação acaba por conferir-lhes um sensível caráter memorialístico, às vezes, mesmo exacerbado, como se dá no texto em defesa de Erico Verissimo.

A relação acima estabelecida entre a escrita e a palavra falada em sala de aula não deve ser subestimada no criticismo de Candido. Citada aqui de passagem, deve ser considerada como importantíssima na elaboração da sua produção intelectual. Uma visada sobre o seu *Memorial do candidato*, apresentado à Universidade de São Paulo em 1974, mostra dezenas e dezenas de aulas e cursos, muitas vezes ministrados mais de uma vez, que se tornaram ensaios e livros publicados posteriormente. Deve ser observado ainda que essas aulas e cursos, como o crítico já declarou inúmeras vezes, eram meticulosamente

<sup>262</sup> CANDIDO. *Agora é com a literatura*, 2001. p. 19-22.

<sup>263</sup> CANDIDO. *Os vários mundos de um humanista*, junho de 1993. p. 39.

<sup>264</sup> CANDIDO. Entrevista de quatro de maio de 2009.

preparadas por escrito e anotadas, como se confirma nos livros já referidos, que são apenas pequena amostra desse aspecto da elaboração da sua escrita.

Voltando, porém, à relação proposta entre escrita e memória, observa-se que essa parece confirmada pelo crítico nas inúmeras manifestações sobre a publicação de trabalhos seus, que só reconhece legítimos pelo seu valor de rememoração, “como amostra do que se fazia naquele tempo”<sup>265</sup>. Na introdução de um livro, considera-o como peça de museu, válido apenas como recurso “para mostrar como se podia ver o problema há meio século.”<sup>266</sup> Considerações como essas parecem constituir verdadeira tendência, cita-se como exemplo, ainda a nota prévia aos ensaios sobre Eliot, republicados no volume nove da revista *Inimigo Rumor*<sup>267</sup>, e serão, certamente, encontrados em outras escritas. Portanto, não parece descabida a ideia de um caráter memorialístico passível de ser atribuído à circulação impressa do seu trabalho. Não se trata do erro metodológico de afirmar que tudo que Candido escreveu é memória; fosse assim, não se autorizaria um estudo como este. Trata-se de destacar um caráter de memória estabelecido pelo discurso do crítico a partir de um certo momento na sua trajetória, e da conseqüente valorização desse motivo na totalidade do seu criticismo.

Já o ensaio *Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade – Vários escritos* – é um texto memorialístico desde o título absolutamente transparente, mas é também, em concomitância, rigoroso ensaio literário, se voltando sobre a crítica do próprio autor, num movimento de autocritica e de autoleitura, reavaliando e ajuizando valores da escrita já posta em letra de forma. Fique então registrado que tanto a crítica penetra a memória, quanto a memória perpassa a crítica, tornando-as um tecido tão bem tramado que uma se mostra como parte intrínseca da outra, muitas vezes inseparáveis entre si.

Essa trama entre o discurso acadêmico e a memória e entre aquele e a palavra falada constitui característica das mais importantes da prática de Candido. Assim como se serviu da palavra falada para ensinar, também dela muitas vezes se serviu como instrumento para a sua rememoração. A esse aspecto do seu empreendimento rememorativo será dedicado o capítulo seguinte.

---

<sup>265</sup> CANDIDO. *O estudo analítico do poema*, 2006. p. 7.

<sup>266</sup> CANDIDO. *Noções de análise histórico literária*, 2005. p. 8-9.

<sup>267</sup> CANDIDO. *Notas de crítica literária*, 2000.

## CAPÍTULO 4: A MEMÓRIA FALADA

Curiosamente para um intelectual avesso a entrevistas, dezenas de vezes o crítico se serviu desse meio para expor seu pensamento. Parte importantíssima do empreendimento rememorativo de Antonio Candido, as entrevistas e depoimentos aqui explorados constituem um longo rosário que se inicia pelo depoimento a Mário Neme, já referido, e se prolonga até a entrevista concedida como contribuição a este estudo. Muitas vezes têm finalidade pedagógica, outras vezes incidem sobre questões específicas propostas por pesquisadores. Muitas vezes é perceptível que falou obedecendo a uma espécie de imperativo ético, como ocorreu inúmeras vezes no período da ditadura militar, principalmente no período final quando essa já não dispunha da capacidade de calar a imprensa. Outras vezes parece se tratar de um objetivo pedagógico em que a voz ressoa para esclarecer um tema, apresentar uma reflexão, para ensinar, enfim, rotina na vida de uma pessoa que foi sempre antes de tudo um professor (o que deve ser sempre lembrado).

Porém, percorre seus depoimentos e entrevistas, acima de tudo, o compromisso memorialístico, ali o crítico depõe à história fixando momentos importantes do seu percurso e, sobretudo, retratando aqueles homens e mulheres que tem considerado merecedores de serem rememorados. Assim, inúmeras vezes fala da efervescência cultural dos anos de 1930, da fundação da USP e do importante papel desempenhado pela família Mesquita nesse processo. Retrata figuras públicas, escritores, artistas, seus colegas e professores. A esse percurso e a esses retratos se passa nas páginas que seguem.

### **O roteiro da palavra**

Ao longo da dilatada carreira Antonio Candido concedeu dezenas e dezenas de entrevistas. Isso apesar de, como observa na entrevista concedida em quatro de maio de 2009, “Um dos meus bordões é dizer que não gosto de dar entrevista.” Mas pondera: “No entanto, eu não fiz outra coisa na vida.” Realmente, ao longo da carreira o professor falou com jornalistas, estudantes, intelectuais e, especialmente, para seus pares; falou para jornais

e revistas, publicações acadêmicas, rádio e televisão e para acervos de pesquisas. Agrupadas essas entrevistas formam um *corpus* considerável, constituindo um arquivo de história oral, capaz de contribuir de maneira relevante para a reconstituição da história intelectual e política do país no século passado.

Dentro desse acervo o professor destaca algumas entrevistas que considera especiais. É o caso, por exemplo, daquela concedida a Gilberto Velho e Yone Leite, publicada na revista *Ciência Hoje*; outra concedida à revista *Praga*; a terceira, incluída no livro *Muitos caminhos, uma estrela*, e, ainda outra para a revista *Transformação*, também reproduzida no livro *Brigada ligeira e outros escritos*. Candido destaca também, como muito importantes as duas entrevistas a Luiz Carlos Jackson, incluídas no livro *A tradição esquecida*, em que esse pesquisador estuda a repercussão do livro *Parceiros do Rio Bonito*. Embora não citada pelo crítico, deve ser destacada também aquela concedida a Adriano Schwartz e Maurício Santana Dias e publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* quando do lançamento do livro *Um funcionário da Monarquia*, posteriormente incluída na segunda edição da obra. A entrevista concedida à revista *Praga* contém, pode ser dito, um posicionamento definitivo de Candido face ao marxismo. Curiosamente, como observa ele, intitulada *Marxismo e cultura*, cumpre exatamente o papel de esclarecer que o crítico não é marxista, embora tenha recebido dele uma não pequena influência, como é mais ou menos do conhecimento geral. A essa pequena lista poder-se-ia acrescentar ainda uma entrevista concedida ao professor Michel Launay, publicada pela revista *Linha d'Água*<sup>268</sup> em que o crítico se alonga no trato das questões relacionadas ao método em seus aspectos gerais e particularmente quanto ao ensino superior e ao papel do professor.

A verdade é que para quem se propõe a estudar a palavra de Candido terminam por ser muito importantes todas as entrevistas que ganharam a estabilidade da forma do livro, o que amplia significativamente a lista acima. É o caso, por exemplo, daquela incluída no livro *Rememória*<sup>269</sup>; ou de outra recolhida num livro de Fanny Abramovich<sup>270</sup>. Já o livro *3 Antônio & 1 Jobim*<sup>271</sup> recolhe dois interessantes encontros; o primeiro deles é o que dá

<sup>268</sup> Entrevista de Antonio Candido com Michel Launay em 30 de agosto de 1978, abril de 1990. p. 3-9.

<sup>269</sup> AZEVEDO, Ricardo; MAUÉS, Flamarion. (org.). *Rememória*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

<sup>270</sup> ABRAMOVICH, Fanny. *Quem educa quem?*. São Paulo: Summus, 1985. p. 89-96

<sup>271</sup> MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo Roberto. (org.). *3 Antônio & 1 Jobim: histórias de uma geração*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

nome ao livro e reúne em um longa conversa os escritores Antônio Callado, Antônio Houaiss, o compositor Antônio Carlos Jobim e o crítico, mediados e provocados por Zuenir Ventura. O segundo encontro tem por provocador o mesmo Zuenir Ventura e junta Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Décio de Almeida Prado. Um livro de Sandra Jatahy Pesavento, de 2001, dedicado a Erico Verissimo, acolhe uma entrevista em que Candido registra seu depoimento sobre esse criador. O estudo de Elizabeth Lorenzotti dedicado ao suplemento literário do jornal *O Estado de S. Paulo* – “Que falta ele faz!” – recolhe uma curta entrevista do crítico e dedica-lhe largas páginas de estudo <sup>272</sup>. Ao mesmo suplemento é dedicado outro livro que também guarda um depoimento de Candido <sup>273</sup>, em que rememora sua atividade pela criação desse meio de divulgação da literatura. São as únicas duas obras de que se tem notícia, dedicadas ao estudo desse empreendimento; as duas valorizaram adequadamente o seu criador, ouvem-no e transcrevem suas palavras. Sobre o livro de Lorenzotti deve ser registrado paralelamente que reproduz pela primeira vez um importante documento que é o projeto de Antonio Candido para a criação daquele suplemento literário.

Essas entrevistas, tal como outras aqui citadas, além de constituir parte do empreendimento rememorativo do crítico, contribuem também para a compreensão de diversos outros temas excluídos dos seus textos escritos ou neles pouco tratados. É o caso, por exemplo, de um tópico central relativamente à atividade do crítico, do cientista social ou do professor, qual seja a questão do método e, concomitantemente, tópicos como a concepção de literatura e a relação entre essa e a vida social. Por exemplo, na entrevista à revista *Transformação* o crítico trata diretamente do assunto, de forma relativamente ampla, considerando-se a sua resistência em falar das chamadas questões metodológicas. Nas entrevistas são encontradas também certas recorrências, explicáveis, algumas pela reiterada curiosidade dos leitores, outras serão – é provável – internamente motivadas por convicções, nostalgias ou lealdades.

---

<sup>272</sup> LORENZOTTI. *Suplemento Literário*, 2007.

<sup>273</sup> WEINHARDT. *O Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo*, 1987.

## Enigmático rapaz de Cássia

Existe um curioso rapaz de Poços,  
cujo segredo decifrar não posso:  
Nascido no Rio de Janeiro,  
É paulista ou será mineiro  
Esse enigmático rapaz de Poços? <sup>274</sup>

Antonio Candido de Mello e Souza é mineiro “(apesar de nascido no Rio) de Santa Rita de Cássia (atual Cássia)” <sup>275</sup> e nasceu em 1918, filho do médico mineiro Aristides Candido e de D. Clarisse Tolentino, de família carioca. Nessa pequena cidade viveu com a família até os dez anos, deslocando-se então para a Alemanha, em companhia dos pais e dos dois irmãos, em uma viagem de cerca de um ano, destinada à especialização do pai, com a finalidade de ocupar cargo de direção na reorganização e valorização das estâncias hidrotermais de Minas Gerais. Dessa viagem já se falou anteriormente neste trabalho. Em entrevista a Luís Carlos Jackson o crítico declara considerá-la fundamental na sua formação, tendo sido, talvez, a mais importante ocorrência da sua vida intelectual. Como ocorre comumente entre os memorialistas, o crítico rememora esse período como uma espécie de tempo edênico, protegido das dores e das violências do mundo.

Minha mãe era absorvente e superprotetora, e não me deixou ir para a escola elementar. Como era bem aparelhada, me ensinou tudo: ler, escrever, aritmética, geografia, história, um pouco de francês. <sup>276</sup>

Além de toda importância que representa a experiência da intensa vida cultural europeia para um menino precoce, como ele foi, essa viagem foi importantíssima, entre outros motivos, por ter-lhe propiciado o contato com *mademoiselle* Marie Rohlf de Sussex, que continua a tarefa educativa iniciada pela mãe de Candido. “Tenho veneração pela memória dessa senhora católica, monarquista, conservadora, como era também minha mãe e como eu fui até uns treze, quatorze anos.” <sup>277</sup> Com *mademoiselle* de Sussex o menino estudou história, língua francesa, um pouco de literatura, frequentou teatros para conhecer os clássicos franceses, em suma, tornou-se familiar à língua e à cultura <sup>278</sup>, iniciando a

<sup>274</sup> Limerick dedicado a Antonio Candido por Décio de Almeida Prado, por aquele citado na conversa com o mesmo Décio e Gilda, recolhida no livro *3 Antônios e 1 Jobim* (p. 93).

<sup>275</sup> CANDIDO. O primo, 1981. p. 299.

<sup>276</sup> CANDIDO. Os vários mundos de um humanista, junho de 1993. p. 30-31.

<sup>277</sup> CANDIDO. Entrevista a Luís Carlos Jackson, 2002. p. 151.

<sup>278</sup> CANDIDO. Os vários mundos de um humanista, junho de 1993.



aquisição daquela bagagem cultural de caráter universalista, fundamental à formação de um intelectual da época. Pouco mais de um ano depois,

Quando voltamos da Europa, fomos morar em Poços de Caldas, estação termal cheia de forasteiros, com muito mais recursos culturais, inclusive uma livraria notável, que vendia livros franceses e ingleses, além dos brasileiros. Foi ela a única, em toda a minha vida, onde vi à venda o raríssimo *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, cuja tiragem foi mínima e quase não circulou.<sup>279</sup>

Nessa cidade, avançada e cosmopolita, Antonio Candido cursa o quinto ano, também chamado admissão (ao ginásio), que não era obrigatório, mas que no seu caso de criança educada em casa, permitia-lhe o prosseguimento dos estudos, habilitando-o a cursar as quatro séries do ginásio. No quinto ano teve

uma professora de alta categoria, a segunda mulher, sem contar a minha mãe, que teve influência marcada na minha vida cultural. Chamava-se dona Maria Ovídia Junqueira, era muito instruída, protestante, de formação norte-americana. Graças a ela comecei a ler a *Bíblia* e tive contato com a língua inglesa. Ela tinha uma biblioteca excelente, onde pela primeira vez vi no original as obras de Shakespeare, Dickens, Thackeray. Essa senhora continuou sendo minha professora no ginásio, e quando acabei este já lia mais ou menos bem os textos em inglês.<sup>280</sup>

Na verdade, Antonio Candido não pôde terminar o ginásio em Poços, já que a escola em que estudava mudou de proprietários, e os novos donos, os irmãos Maristas, decidiram que não aceitariam alunos além da primeira série. O jovem frequentou o último ano, precariamente, no ginásio estadual de São João da Boa Vista, como relembra na conversa com Gilda e Décio já reportada. Em seguida se deslocou para São Paulo a fim de frequentar os preparatórios à Escola de Medicina, à qual sua condição de filho de uma família de médicos o destinava irrecorrivelmente. Antes porém, o autor fala de

uma terceira mulher, também em Poços de Caldas, que me trouxe o mundo italiano, dona Teresina Carini Rocchi, que era muito pobre e vivia de ensinar tricô, francês e italiano. Era amiga de minha mãe e de Dona Maria Ovídia, mas, ao contrário delas, era socialista, atéia, anticlerical violenta, tendo militado em São Paulo no começo do século em grupos

<sup>279</sup> CANDIDO. Os vários mundos de um humanista, junho de 1993. p. 31.

<sup>280</sup> CANDIDO. Os vários mundos de um humanista, junho de 1993. p. 31.

socialistas. Ela me abriu em grande parte a bibliografia socialista e os autores italianos.<sup>281</sup>

O menino nunca foi aluno de Teresina, mas como destaca o adulto, ela marcou profundamente sua formação, desde esse período fundamental que é o final da infância, a adolescência e o início da vida adulta. Tem-se dessa forma, uma sensibilidade definida por quatro mulheres que balizaram sua formação cultural e seu modo de olhar o mundo. O aconchego não se prolongaria muito, porém.

Enquanto Candido crescia protegido em Poços de Caldas, em São Paulo, em 1934 era fundada a Universidade de São Paulo. À época já ia avançada a aventura universitária no país. Deve ser destacado que o empreendimento contou com os recursos financeiros necessários bem como com sólido apoio político, – não obstante os obstáculos que nunca devem ser subestimados –, implantando definitivamente no país o moderno espírito universitário. Além dos recursos e do espírito, deve ser lembrado que uns e outro resultam de um comprometimento das elites (ou de uma parte expressiva delas) com o projeto universitário. O Partido Constitucionalista, Júlio de Mesquita Filho e seu cunhado, o governador Armando de Salles Oliveira à frente, conseguiram atrair para seu projeto nomes como o do educador Fernando de Azevedo, capaz de tornar concreto o que sem sua presença talvez nunca se tivesse materializado. Nesse grupo, parece consenso entre os diversos memorialistas<sup>282</sup>, Mesquita Filho, então dirigindo o jornal da família, *O Estado de S. Paulo*, merece sempre ser mencionado pelo comprometimento e empenho, constituindo justa e merecida homenagem ser hoje nome de uma universidade, – a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, dita Unesp.

A experiência da conclusão do ginásio em São João da Boa Vista foi para Candido uma espécie de antecipação do que viria em seguida, com a separação da família visando à continuidade dos estudos. Assim, dois anos depois da fundação da USP, em 1936, chega a São Paulo a fim de se preparar para o vestibular e o curso de Medicina que o esperava. Segundo o crítico, essa década de trinta em que transitou da infância ao início da idade adulta foi um período em que se gerou o que chama “uma consciência de radicalização”<sup>283</sup>

<sup>281</sup> CANDIDO. Entrevista a Luís Carlos Jackson, 2002. p. 152.

<sup>282</sup> Arbousse-Bastide, Candido Silva Dias e Ruy Coelho entre outros, todos em depoimentos à revista *Língua e Literatura*, n. 10-13 de 1981-1984.

<sup>283</sup> CANDIDO. “Sempre fui um mau militante”, 10 novembro de 1982. p. 66.

entre os intelectuais brasileiros. Essa teria sido de fato a primeira vez que “surgiu de modo ponderável uma visão não-aristocrática do Brasil; a última visão aristocrática de peso foi a de Gilberto Freyre, apesar dos elementos que trouxe para a sua superação.”<sup>284</sup> Em um traço comum – parece ser possível dizer – à sua geração, o crítico valoriza altamente a efervescência cultural e política desse período; são os anos que se iniciam com a revolução da Aliança Liberal e passam pelo fracasso da Revolução Constitucionalista de São Paulo; pelo levante da Aliança Nacional Libertadora em 1935 e pelas grandes transformações políticas e sociais que partejam o Brasil urbano e moderno e findam com a ditadura do Estado Novo implantada e, aparentemente – só aparentemente – consolidada. Há no período uma incrível ânsia de conhecimento da terra e da gente brasileira; são lançadas as grandes Brasilianas<sup>285</sup>, eclode o chamado “romance de trinta” e floresce a poesia modernista.

O ano de 1930 fica certamente assinalado na poesia brasileira pelo aparecimento de quatro livros: *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; *Libertinagem*, de Manuel Bandeira; *Pássaro cego*, de Augusto Frederico Schmidt e *Poemas*, de Murilo Mendes.<sup>286</sup>

E por *Remate de Males*, de Mário de Andrade, dono da voz acima. Isso apenas no primeiro ano de um decênio que verá surgir na prosa Rachel de Queiroz, Erico Verissimo, Jorge Amado, Cyro dos Anjos, José Lins do Rego e Graciliano Ramos entre muitos outros. Para o Modernismo, nascido na década anterior, os anos de trinta representam “a culminância em que todos seus frutos amadurecem”, redundando na fusão entre a “libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; [e] as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país.”<sup>287</sup> Surgem, em consequência, estudos como *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e, *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Junior

<sup>284</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 97.

<sup>285</sup> A “coleção Brasiliana, criada em 1931, foi seguida por outras, como Documentos Brasileiros, a partir de 1936, dirigida por Gilberto Freyre para a Editora José Olympio. Ou a biblioteca de Divulgação Científica, dirigida na Civilização Brasileira por Artur Ramos” (CANDIDO. Entrevista à *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, outubro de 2001. p. 6), e ainda a “Coleção Azul, da Editora Schmidt; Problemas Políticos Contemporâneos [...], na José Olympio” (CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 230. A coleção Brasiliana foi criada e dirigida entre 1931 e 1956 para a Companhia Editora Nacional, de São Paulo por Fernando Azevedo.

<sup>286</sup> ANDRADE. *Aspectos da literatura brasileira*, 2002. p. 37.

<sup>287</sup> CANDIDO. *Literatura e sociedade*, 2010. p. 132.

<sup>288</sup>. “Para falar a verdade, com os de Trinta é que começa a literatura brasileira.” <sup>289</sup> – chegou a afirmar, com algum exagero, Candido. Nesse período

Surgem os escritores que pouco devem ao modelo estrangeiro<sup>290</sup>, os estudiosos que começam a sistematizar o estudo do Brasil e proceder à análise generalizada dos seus problemas. A geração de Vinte foi mais um estouro de *enfants-terribles*. Tem muito do personalismo faroleiro de Oswald de Andrade, que qualificava a si mesmo de “palhaço da burguesia”, ao encetar uma fase mais funcional da sua carreira. A de Trinta é o historicismo grande-burguês de Gilberto Freyre, e é também o realismo histórico de Caio Prado Junior. É a década da “Série Brasileira” e da fundação das faculdades de filosofia; dos romances de José Olímpio e do planteamento dos problemas sociais do Brasil. Nessa década há uma *brassage d'idées* nunca vista em nossa história.<sup>291</sup>

De todo esse movimento, dessa *brassage d'idées* nasceu em 1934 a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL), núcleo estruturante da Universidade de São Paulo, que significou a real possibilidade de desenvolvimento dos estudos universitários num país cujo ensino superior se resumia até então praticamente às escolas de Engenharia, Direito e Medicina, formadora dos quadros da chamada “República dos Bacharéis”. Tratava-se de um projeto dum certa elite política e intelectual, é certo, mas, pela primeira vez possibilitou o desenvolvimento da pesquisa, do estudo desinteressado característico da Universidade de forma estável e continuada como sempre destacou e mesmo enfatizou Candido em sua lembrança. Paralelamente deve ser registrada a grande importância que o crítico sempre atribuiu a esse período da história brasileira, destacando-o em incontáveis ensaios e entrevistas ao longo da carreira <sup>292</sup>.

Foi nesse ambiente cultural que o futuro crítico literário tentou acesso à seção do colégio universitário que lhe franquearia as portas da faculdade de Medicina. Foi reprovado. A instâncias do pai frequentou um preparatório particular por um ano para tentar

<sup>288</sup> A obra *Formação do Brasil contemporâneo* seria lançada em 1942, emparelhando-se aos livros de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

<sup>289</sup> CANDIDO. *Textos de intervenção*, 2002. p. 239.

<sup>290</sup> “Talvez se possa dizer que os romancistas da geração dos anos de 1930, de certo modo, inauguraram o romance brasileiro, porque tentaram resolver a grande contradição que caracteriza a nossa cultura, a saber, a oposição entre as estruturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior – entendendo-se por litoral e interior menos as regiões geograficamente correspondentes do que os tipos de existência, os padrões de cultura comumente subentendidos em tais designações.” (CANDIDO. *Brigada ligeira*, 2004. p. 41).

<sup>291</sup> CANDIDO. *Textos de intervenção*, 2002. p. 239-240.

<sup>292</sup> CANDIDO, *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, 1998; Entrevista à revista *Trans-formação* (1979), republicada em *Brigada ligeira e outros escritos*, 1992; A Revolução de 1930 e a cultura (*A educação pela noite*, 2006); Entrevista a Heloisa Pontes (outubro de 2001); *Vários escritos* (2004) etc.

novamente no ano seguinte. Às vésperas dos exames transferiu os papéis para o curso que dava acesso à faculdade de Filosofia. Comunicou ao pai sua decisão e este apoiou-o pedindo-lhe, porém, que frequentasse também o curso de Direito para ter uma profissão que lhe garantisse a sobrevivência. E assim, “No começo de 1939 fiz vestibular para as duas faculdades, Direito e Filosofia, entrei em ambas.”<sup>293</sup>

### Uma experiência de sociabilidade

Silêncio em tudo. Que a música  
Rola em disco sem cessar.  
Uns pensam, outros suspiram,  
Um escuta.  
Mário de Andrade

Essa epígrafe é a estrofe de abertura de um poema de Mário de Andrade, recolhido no livro *Lira paulistana seguida de O carro da miséria*, de 1945. Traz explícitas ou mais ou menos codificadas referências a Lourdes Gomes Machado, Rui Coelho, Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado e Gilda de Moraes Rocha, alguns dos jovens estudantes que, recém-formados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da nascente Universidade de São Paulo, se envolveram na aventura de fazer a revista *Clima*, também nomeada no poema, cuja quarta estrofe fala codificadamente de Antonio Candido: “Minas Gerais, fruta paulista,/Sambre et Meusse bem marxante,/Periga às vezes, por confiança/Nas gageures.”<sup>294</sup> Desta revista e destes jovens e da amizade que os ligou se falará nas páginas que seguem.

Em fevereiro de 1974 Antonio Candido pronunciou, em um ciclo de estudos sobre os anos de 1940 promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, uma conferência em que reconstrói em termos pessoais a trajetória dessa revista e relembra: “Éramos um grupo alegre, sociável, irreverente, diverso da relativa circunspeção da revista, que no começo teve um ar sério e massudo, provocando em Oswald de Andrade o apelido de “chato-boys” com que procurou nos caracterizar e nos gozar.”<sup>295</sup> Entre os “chato-boys” estavam além de Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Gilda de Moraes Rocha (reconhecida pelo seu nome de casada, Gilda de

<sup>293</sup> CANDIDO . Os vários mundos de um humanista: entrevista a Gilberto Velho, junho de 1993. p. 31.

<sup>294</sup> ANDRADE. *Poesias completas*, 1987. p. 367.

<sup>295</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 143.

Mello e Souza) entre outros, que marcariam profunda e indelevelmente o panorama da crítica literária, cinematográfica e teatral do Brasil. Segundo Heloísa Pontes, nessa conferência, recolhida no livro *Teresina etc.*, o crítico “faz a um só tempo reconstrução memorialística e descrição etnográfica”<sup>296</sup>, num retrato cheio de vida e marcado pela pontuação da memória de quem viveu tão intensamente a experiência dessa publicação, e por ela foi tão fortemente marcado.

Eu diria que depois da minha família e da Universidade de São Paulo, a terceira grande coisa na minha formação foram os meus amigos do grupo *Clima*. Nós temos consciência de nos termos formado uns aos outros [...] todos marcados pela variedade de interesses com reflexos na atividade.<sup>297</sup>

O memorando relembra ainda que a revista começou a circular “em maio de 1941, com data de abril, porque houve atraso no lançamento.”<sup>298</sup> Na verdade, a data de capa saiu correta: maio de 1941. O retardo se deu devido à exigência oficial de registro da publicação junto ao DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda da ditadura, de triste memória, como relembra Candido no depoimento publicado em *Teresina etc.*. Porém, aparentemente, os editores corrigiram a data, impedindo que a revista já nascesse com registro de atraso, o que certamente não ajudaria muito um empreendimento de jovens numa terra onde esse tipo de publicação costuma durar um único número, ou, hipótese mais provável, a revista circulou em junho com data de maio, já que não existe a edição com data daquele mês, saltando a série de maio para julho, daí seguindo regularmente até o número 8, de janeiro de 1942. A ideia da publicação veio de Alfredo Mesquita, mais velho e já consagrado como escritor e teatrólogo reconhecido. Candido recorda que estava de férias na casa dos pais em Poços de Caldas, quando recebeu cartas daquele e de Lourival Gomes Machado, comunicando-lhe a fundação de revista e ainda que seria o encarregado da seção de livros. Antônio Branco Lefèvre trataria da música e Lourival Gomes Machado das artes plásticas; Paulo Emílio Salles Gomes ficaria com o cinema; Roberto Pinto de Souza era o responsável pela seção de economia e direito e Marcelo Damy de Souza Santos cuidaria das ciências, como registra o índice do primeiro número. A partir do número seguinte (julho de

---

<sup>296</sup> PONTES. *Destinos mistos*, 1998. p. 120.

<sup>297</sup> CANDIDO . Os vários mundos de um humanista: entrevista a Gilberto Velho, junho de 1993. p. 35.

<sup>298</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 141.

1941) incorpora-se o nome de Décio de Almeida Prado como responsável pela seção de teatro.

Como se vê, fui apenas informado, inclusive da atribuição que teria grande importância no meu futuro, pois de certo modo Alfredo e Lourival me definiram como crítico literário.<sup>299</sup>

Havia a ideia, sugerida por esses dois, de se convidar sempre um escritor consagrado para escrever um artigo para a abertura da revista, para esse primeiro número, o escolhido foi Mário de Andrade. “Alfredo, amigo do escritor e seu grande admirador, pediu a ele o ensaio de abertura.”<sup>300</sup> E assim, este presenteou os jovens de *Clima* e os leitores com a sua “Elegia de abril”, que seria posteriormente recolhida no seu livro *Aspectos da literatura brasileira*. Com tão ilustre padrinho, a revista circulou até novembro de 1944, tirando um total de dezesseis números.

Pouco depois do fim da revista, Mário Neme lançou em livro uma série de depoimentos de jovens intelectuais, que recolhera e publicara no jornal *O Estado de S. Paulo* sob o título de Plataforma da nova geração<sup>301</sup>. Entre os jovens depoentes, alguns dos expoentes de *Clima*, como Lourival Gomes Machado, Antonio Candido, Ruy Coelho e Paulo Emílio Salles Gomes. Todos, jovens intelectuais com reconhecimento público, o que é atestado, inclusive, por sua inclusão na lista dos depoentes convidados, à exceção de Paulo Emílio, lançados pela revista. Era o período da guerra contra o nazi-fascismo e o Brasil sofria sob a ditadura getulista, contestada pelos jovens intelectuais e estudantes que participavam da aventura intelectual-editorial. Interessante observar como, apesar de a publicação se ter mantido de certa forma uma publicação não política, reflete a politização do período, por exemplo, numa espécie de crítica literária de viés empenhado, que olha no escritor em busca do seu comprometimento social e político.

No nosso [tempo,] me parece fora de dúvida que o problema do condicionamento social da obra de arte e da sua destinação coletiva apresenta uma importância mais acentuada do que, por exemplo, o problema do seu significado religioso (no sentido largo), ou metafísico, ou simplesmente técnico. Porque os problemas aumentam ou diminuem de valor segundo a nossa atitude intelectual em face deles. E a nossa atitude,

<sup>299</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 142.

<sup>300</sup> CANDIDO. Os vários mundos de um humanista: entrevista a Gilberto Velho, junho de 1993. p. 39.

<sup>301</sup> Segundo informa Mário Neme, o inquérito ocorreu de “meados de 1943 a princípios de 1944, dele participando quase trinta escritores” (*Plataforma da nova geração*, 1945. p. 7), 25 dos quais recolhidos no livro.

nesse momento, é ou deve ser a de vê-los sob o signo da participação, segundo o qual se define o seu sentido funcional. Nenhum absolutismo doutrinário, como se vê. Nenhum monismo estético. Senso histórico, tão somente.<sup>302</sup>

Esse trecho, retirado de um rodapé publicado originalmente em junho de 1943, parece uma boa suma do pensamento estético de Antonio Candido – e talvez do grupo de *Clima* – naquele momento. Esse período coincide, no caso de Antonio Candido, com a prática da que ele chamou “crítica funcional”<sup>303</sup>, com que acertaria contas em 1945, no livro sobre *O método crítico de Sílvio Romero*, tese ao concurso à cadeira de professor de literatura da faculdade em que estudara.

“Quanto à orientação” – lembra Candido – “houve duas fases tão distintas que quase se poderia falar de duas revistas, com exagero e tudo.”<sup>304</sup> Na verdade, essas duas fases não são tão explícitas assim. Não parece ter ocorrido politização além dessa mostrada, que se expressasse diretamente no corpo da publicação, excetuados dois textos de fundo editorial. Pode ser rastreada nos depoimentos dos participantes de *Clima* a Neme, como se dá especialmente com Paulo Emílio, que encerra o livro com compactas doze páginas de texto quase que integralmente doutrinário<sup>305</sup>.

Dizia Lúcia Miguel Pereira, num artigo de 1934, que

Quando tudo ameaça ruir, o exame das bases se impõe; e a quem competirá, senão à inteligência? Chamada assim a verificar, a escolher, a decidir, ela não pode ficar alheia às preocupações sociais; nos momentos de tranquilidade, consegue o espírito encerrar-se nas construções abstratas inteiramente desinteressadas; nas outras é invencivelmente atraído para fora, para a fricção áspera e vivificante da realidade. Graças a estas não se desumaniza, não perde contato com a vida.<sup>306</sup>

Parece que a exposição áspera e vivificante da realidade operou sobre alguns dos participantes da revista, levando-os à militância política explícita, o que certamente terá sido mais que satisfatório para o mestre Mário de Andrade a criticá-los pela ausência de engajamento político e social.

<sup>302</sup> CANDIDO. Rodapé: notas de crítica literária: Artista e sociedade, 2000. p. 177.

<sup>303</sup> CANDIDO. *Textos de intervenção*, 2002. p. 38.

<sup>304</sup> CANDIDO. *Teresinha etc.*, 1992. p. 143.

<sup>305</sup> GOMES. Depoimento a Mário Neme, 1945. p. 279-293.

<sup>306</sup> PEREIRA. *A leitora e seus personagens*, 1992. p. 65.



Sérgio Milliet – importante interlocutor dos jovens de *Clima* – observa que o escritor, a exemplo de Montaigne, deve ler pouco e meditar muito<sup>307</sup>. Os jovens críticos de *Clima* leram muito, seja dos livros de ciência como preconiza Milliet, seja das obras literárias. Podem ser tomados como exemplos do resultado dessa fúria devoradora de livros os ensaios de Candido para a revista assim como os rodapés semanais para a *Folha da Manhã* e mais tarde para o *Diário de S. Paulo* ou, ainda, um famoso ensaio sobre Proust que Ruy de Andrada Coelho publicou no primeiro número da revista<sup>308</sup>. Erudição espantosa em leitores tão jovens.

É ainda o mesmo Milliet que, em uma resenha de recepção ao livro *Brigada ligeira*, entre os inúmeros elogios que sua apreciação o leva a emitir, anota uma restrição importante. Segundo ele, em lugar de Antonio Candido, “me preocuparia um pouco menos com alicerçar os meus comentários na opinião alheia.”<sup>309</sup> Assim, distraidamente, anota um aspecto fundamental do modo de ser do jovem crítico e de seus companheiros da revista: o viés acadêmico, no sentido de estudo sistemático e sistemática exposição das fontes, diferentemente da primeira geração modernista, caracterizada pelo autodidatismo e pelo brilho pessoal. Um pouco de suficiência, uma certa empáfia acadêmica certamente acometeu os “chato-boys”. Não havia muito como escapar dessa espécie de fatalidade; no acanhado ambiente intelectual de então, tão caracteristicamente provinciano e diletante, isso teria fatalmente de ocorrer porque seu empreendimento, sua posição de intelectuais de corte acadêmico, seu rigor deviam causar espanto e estranheza.

Portanto, Oswald de Andrade e todos os demais que perfilavam entre os cordiais desafetos dos rapazes e moças de *Clima*, como Luís Martins e Rubem Braga, estavam duplamente cobertos pela razão. Candido lembra que o último falava dos jovens de *Clima* como “essa estranha geração de professores que namora para casar e casa mesmo”<sup>310</sup>. Anote-se ainda o fato de que a revista dos jovens estudantes paulistanos já desde o primeiro

<sup>307</sup> MILLIET. *Diário crítico*. v. IV, 1981. p. 158.

<sup>308</sup> COELHO, Ruy Galvão de Andrada. Marcel Proust e a nossa época. *Clima*, São Paulo, ano 1, n.1, p. 20-65, maio de 1941. Republicado no livro que recolhe as contribuições de Ruy Coelho para a revista (COELHO. *No tempo de Clima*, 2002).

<sup>309</sup> MILLIET. *Diário crítico*: v. IV, 1981. p. 94.

<sup>310</sup> Antonio Candido, em crônica recolhida em *Recortes*, se mostra em dúvida quanto a quem atribuir a tirada, se a Luís Martins ou a Rubem Braga, que os considerava “circunspectos, bem-comportados, bebedores de leite maltado, malted milk, sinais sumamente negativo para boêmios dados ao uísque”. (CANDIDO, 2004. p. 196).

número repercutiu além da sua paróquia. A prestigiosa *Revista do Brasil*, então dirigida por Otávio Tarquínio de Souza, noticia que “apareceu uma nova revista, cujo título já tão vulgar é largamente compensado pelo que ela encerra de realização e de promessa.” – Publicação de gente jovem – “a quem não falta a coragem de afirmar nem a volúpia de concluir. Mas gente de ótima qualidade pelo sentido precocemente sério de seus gostos e preferências.”<sup>311</sup> O redator da nota talvez tenha sido o primeiro a se incomodar com o título aparentemente anódino da revista. Mas o nome ficou. E muito além das páginas da publicação carioca ecoou, como é do conhecimento geral e registra Candido no depoimento reproduzido em *Teresina etc.*.

Um colega de Candido, futuro professor lembra que “Na faculdade, naturalmente, *Clima* criara um foco de agitação intelectual. Os artigos do Antonio Candido na *Folha da Manhã* [...], causaram um impacto enorme.”<sup>312</sup> Mas incomodavam. Incomodava sobretudo o aspecto de “seriedade”, destacado pela *Revista do Brasil*, que lograram imprimir à sua publicação, perceptível mesmo aos leitores aos quais o grupo não falava tão de perto como Oswald de Andrade e outros das gerações anteriores.

Décio de Almeida Prado afirma que “*Clima* foi, em suma, o primeiro resultado, verdadeiramente surpreendente da Universidade de São Paulo.”<sup>313</sup> Parece não haver dúvida de que a revista foi o produto específico de uma específica experiência de socialização e de trato com o conhecimento propiciados pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da universidade nascente. Ruy Coelho expressa mais ou menos a mesma ideia: “Nós nos tornamos conhecidos com *Clima*. De uma certa maneira, não fomos nós que fizemos *Clima*, foi *Clima* que nos fez. Isto nós sentimos bem.”<sup>314</sup> O que nada difere do que afirma Décio, que reconhece que a partir da atribuição que lhe foi feita, pelos companheiros de *Clima*, da seção de teatro da revista,

Estava definido para sempre o meu destino, no jornalismo e na universidade. [...] Durante os cinquenta anos seguintes prossegui, como colega obediente, no caminho que os meus amigos – amigos do coração, é

---

<sup>311</sup> NOTAS e comentários, julho de 1941. p. 86-87.

<sup>312</sup> FERNANDES. *A condição de sociólogo*, 1978. p. 31.

<sup>313</sup> MESQUITA. *No tempo da Jaraguá*, 1979. p. 47.

<sup>314</sup> COELHO apud PONTES. *Destinos mistos*, 1998. p. 99.

verdade – haviam escolhido para mim, certamente me conhecendo melhor que eu mesmo me conhecia.<sup>315</sup>

Segundo Lourival Gomes Machado a geração de *Clima* teve “A crítica como princípio, como meio e como fim – essa atitude que parece não ter sido uma plataforma, vem sendo um sistema.”<sup>316</sup> Candido que também considera a sua como uma geração crítica, acrescenta:

Críticos, críticos e mais críticos. Quase todos têm em preparo um trabalho de história, ou de sociologia, ou de estética ou de filosofia, como os seus maiores tinham romances. E todos começam pelo artigo de crítica, como os seus maiores começavam pela poesia.<sup>317</sup>

Basta recordar a lista dos responsáveis pelas seções fixas da revista para se anotar os nomes de Antonio Candido de Mello e Souza, de Lourival Gomes Machado, de Paulo Emílio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado. Ora, coincidentemente, trata-se de quatro dos fundadores da moderna crítica brasileira nas suas respectivas áreas de atuação. Para Heloisa Pontes, os jovens de *Clima* “construíram seu espaço de atuação por meio da crítica, exercida em moldes ensaísticos mas pautada por preocupações e critérios acadêmicos de avaliação.”<sup>318</sup> Pensaram grande e atrevidamente, e assim fazendo, “formularam um dos mais bem sucedidos projetos de análise da cultura brasileira.”<sup>319</sup>

Bom exemplo da forma como era exercitada a sociabilidade promovida pela revista está na história das caminhadas empreendidas por Candido e Décio de Almeida Prado numa madrugada paulistana entre a casa do primeiro, na Aclimação, e do segundo, em Higienópolis, em sucessivas idas e vindas ao sabor da conversa, que se prolongava da reunião noturna, recusando-se a chegar ao fim, como relembra Ana Luísa Escorel<sup>320</sup>. Os passeios, as festas, as reuniões e as longas conversas eram parte do cotidiano das moças e rapazes de *Clima*. O fenômeno deixou marcas na sua memorialística, bastante refinada nesses encontros, constituindo ao fim um patrimônio comum que se reproduz com certa constância e coerência nos diversos depoimentos, entrevistas e escritos. Aristóteles na sua

<sup>315</sup> PRADO apud PONTES. *Destinos mistos*, 1998. p. 149.

<sup>316</sup> MACHADO. *Plataforma da nova geração*, 1945. p. 27.

<sup>317</sup> CANDIDO. *Textos de intervenção*, 2002. p. 242.

<sup>318</sup> PONTES. *Destinos mistos*, 1998. p. 14.

<sup>319</sup> PONTES. *Destinos mistos*, 1998. p. 14.

<sup>320</sup> ESCOREL. Antonio Candido e a menina, maio de 2008.

*Ética a Nicômaco* considera a amizade como uma virtude, ou a ela conduzindo; no caso presente, deve-se acrescentar, virtude pública, considerando-se os frutos que produziu tal amizade.

Antonio Candido sempre soube reconhecer e valorizar “a importância da sociabilidade dos escritores e dos intelectuais em geral, tanto na criação quanto nas posições ideológicas.”<sup>321</sup> A corroborar essa ideia podem ser lembrados o ensaio de que se extraiu esse trecho – Os ultramarinos –; e também a sua proposição teórica da literatura como sistema, base para o estudo da *Formação da literatura brasileira*, entre muitas outras referências. A experiência de socialização propiciada pela revista *Clima* marcou o crítico, da mesma forma marcou sua geração, firmando definitivamente esse nome tão anônimo como uma das grandes balizadoras do movimento intelectual brasileiro no último século.

### **O mais trepidante dos chato-boys**

Segundo relembra Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes “foi a grande influência que sofri. Da nossa turma [de *Clima*] era o único que tinha experiência e verdadeira consciência política.”<sup>322</sup> O crítico se considera “um indivíduo muito incapaz da política, muito incapaz, e gosto de dizer isso publicamente. A política para mim sempre foi uma espécie de senso do dever em momentos difíceis.”<sup>323</sup> E ainda em outra ocasião: “Sempre fui mau militante, porque não tenho gosto pela política, mas participei por convicção ideológica e senso de dever.”<sup>324</sup> Em três momentos diferentes, as declarações enfáticas da própria incapacidade e inapetência política parecem expressar um sentimento bastante profundo de alguém que teve um guia para a ação política

Nesse homem solar, irreverente e sarcástico, sempre pronto ao humor e à percepção do ridículo, capaz de gozações incríveis, a disposição de respeitar o próximo e preservar a sua liberdade era quase religiosa. Ele a construiu com um esforço por vezes dramático, que lembra a atitude agônica do cristão de Pascal; se não foi um líder constante, e nem mesmo um político propriamente dito, foi uma fonte de inspiração da conduta política.<sup>325</sup>

<sup>321</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 153.

<sup>322</sup> CANDIDO. Entrevista: *Rememória*, 1997. p. 35.

<sup>323</sup> CANDIDO. “Sempre fui um mau militante”, 10 novembro de 1982. p. 66.

<sup>324</sup> CANDIDO. Os vários mundos de um humanista, junho de 1993. p. 40.

<sup>325</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 269.

Esse parágrafo encerra o mais extenso texto que Antonio Candido dedicou ao amigo muitas outras ocasiões nomeado em ensaios, entrevistas e depoimentos. É este o Paulo Emílio que emerge do memorialismo de Antonio Candido – mesma imagem presente nas memórias de outros dos seus amigos e companheiros de *Clima* e de jornada – uma personagem rica e polifacetada: o adolescente cheio de vida e de gênio, o parceiro nos empreendimentos juvenis e na aventura intelectual de descoberta e estudo do Brasil; mas, também, o intelectual de projeção internacional e o professor e empreendedor cultural. O que em certa medida permite entrever o ser humano concreto que o motiva, escondido sob a figura pública.

Apesar da incapacidade política publicamente afirmada e reafirmada, nenhum perfil de Antonio Candido, por mais sucinto que queira ser, estaria completo sem um olhar ainda que sumário sobre uma das marcas que lhe deixou o convívio com o amigo: a atividade política. Desde o período de estudante na USP, passando pelas fundamentais e definitivas aventuras das revistas *Clima* e *Argumento*, Paulo Emílio e Antonio Candido estiveram ligados pela amizade, constituindo um diálogo intelectual e vivencial que só foi interrompido pela morte do primeiro. Confirmando a sua importância na opção política do crítico memorialista, como esse relembra, registra-se que entre todos os jovens acadêmicos ligados à revista *Clima* e, mais amplamente, do seu convívio, Paulo Emílio era o único que tinha experiência e verdadeira consciência política mais elaborada.<sup>326</sup>

Creio que ouvi falar de Paulo Emílio pela primeira vez ali por 1938. Alguém me contou que era amalucado, comunista e havia toureado um bode na Cidade Universitária de Paris (o que ele confirmou mais tarde). O conhecimento pessoal data do fim de 1939, quando ele voltava de uma longa estadia na França. O intermediário foi Décio de Almeida Prado<sup>327</sup>.

O mesmo intermediário ajuda a compor o retrato do jovem Paulo Emílio, reproduzindo uma carta deste ao jornal *Diário da Noite*, findada por um pitoresco desafio:

Sr. redator. Tendo tido conhecimento de que o sr. Nestor de Assis Ribeiro, bibliotecário do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, rasgou a revista *Movimento*, que a redação enviou a esse instituto de cultura, além de dizer que esse órgão da mocidade de S. Paulo é “imoral” e “dissolvente”, convido o sr. Assis Ribeiro a provar ou desmentir o que

<sup>326</sup> CANDIDO. Entrevista em *Rememória*, 1997.

<sup>327</sup> CANDIDO. *Vários escritos*, 2004. p. 253.

disse, e, em caso contrário, desafio-o para um duelo a tapa. Ficarei grato pela publicação desta. (a) Paulo Emílio Salles Gomes.<sup>328</sup>

O repto ao duelo inscreve-se numa longa tradição de nossas letras, que inclui Bilac e alguns outros; alguma vez com final trágico. Certamente não haveria risco de tragédia num duelo a tapa. Houve ridículo, que, segundo Décio, obrigou o indigitado Sr. Nestor Ribeiro a refugiar-se no interior paulista e transportou definitivamente o petulante candidato a duelista para as páginas dos jornais de São Paulo.

Paulo Emílio não era apenas esse romântico militante político ou o jovem e divertido criador de revistas disposto a enfrentar seu adversário num duelo a tapas. Contribuiu decisivamente para a educação cinematográfica dos seus companheiros de *Clima*; depois dessa experiência deu foro acadêmico à crítica de cinema e estendeu a atividade educadora a todo país com a criação da Cinemateca Brasileira. Candido relembra um artigo do quase duelista publicado na revista *Clima*<sup>329</sup> e estabelece sua importância na própria formação política e no papel de

fixador de ideias, o definidor da posição política. Foi certamente ele que me levou a não ficar nem stalinista nem trotskista, mas aceitar a posição preconizada por Paulo, de um socialismo democrático desinteressado das Internacionais, procurando soluções adequadas ao país, empenhado na luta contra o fascismo, porque esta era a manifestação contemporânea do cesarismo oposto à tradição humanista, que provinha do cristianismo por meio das revoluções dos séculos XVIII, XIX e XX. A hipótese otimista do “Comentário” era que depois da guerra haveria uma síntese da igualdade (representada sobretudo pela União Soviética) e da liberdade (representada sobretudo pela Inglaterra e pelo Estados Unidos). Este documento foi decisivo para mim e outros. A partir dele entrei para valer na militância.”<sup>330</sup>

Deve ser dado o devido destaque à importância reiteradamente atribuída por Candido à influência sobre ele exercida pelo amigo cinéfilo, influência aparentemente extensiva a todo grupo de moças e rapazes de *Clima*. Deve ser registrado que a opção pelo socialismo num nível mais afetivo e ético que político pode ser atribuída a outra origem,

<sup>328</sup> Carta reproduzida por Décio de Almeida Prado (Paulo Emílio quando jovem, 1986. p. 20).

<sup>329</sup> Trata-se do texto “Comentário” (*Clima*, n. 12, p. 87-92, abril de 1943), não assinado, mas que aparece no índice sob a rubrica “Redação”, o que parece torná-lo uma espécie de editorial. Este texto está também reproduzido em CALIL; MACHADO. *Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente*, 1986. p. 75-81.

<sup>330</sup> CANDIDO. Entrevista: *Rememória*, 1997. p. 35.

mais precisamente ao convívio com dona Teresina Carini Rocchi e outras pessoas como os irmãos Andrada no período fundamental de transição da infância à juventude.

Sem o socialismo, sem outras modalidades de luta pela justiça, como o sindicalismo e o cristianismo social, o que teria sido o mundo capitalista no século passado e neste? Digo isto para lembrar que mesmo sem tornar-se fórmula política dominante neste ou naquele país, o socialismo tem sido nesses quase dois séculos força corretiva que, ao lado de outras, forçou o capitalismo a assumir formas menos insuportáveis.<sup>331</sup>

Espécie de recorrência no empreendimento rememorativo de Antonio Candido, a crença no socialismo democrático como alternativa ao capitalismo expressa um aspecto importante da sua face política e humana. Paralela a essa crença e ao compromisso com os direitos e com a dignidade humana, talvez sua consequência, mas coisa diferente, foi a ação política que verdadeiramente preencheu uma fração pequena da sua vida.

Eu militei de 1943 até mais ou menos 1954. A propósito, devo confessar honestamente que não gosto de fazer política. Acho que nunca fui com prazer a uma reunião política e se militei foi por achar que era o meu dever. Na minha geração, que cresceu depois da Revolução de 1930, muitos achavam que tínhamos uma responsabilidade social.<sup>332</sup>

Se a militância terminou em 1954, o comprometimento com certos valores humanos (talvez se deva dizer humanísticos), ao contrário, percorre-a desde a juventude à avançada maturidade, num plano paralelo à produção ensaística e à atividade de ensino, mas impregnando também essas esferas da vida, constituindo inclusive um dos ramos da sua produção acadêmica, como se percebe em inúmeros dos ensaios aqui referidos.

Muito poderia ser dito sobre Paulo Emílio ou sobre a atividade política de Candido, porém, encerra-se este capítulo registrando que o olhar sobre as entrevistas e depoimentos do crítico teve antes de tudo a intenção de propiciar o contato com uma amostra desse rico repositório de conhecimento que oferecer um retrato completo de algum dos rememorados. É parte da expectativa que terão também permitido observar alguns aspectos da personalidade do crítico que rememora, revelados pela maior distensão que caracteriza esse tipo de material. O melhor caminho, porém, seria mesmo seguir o conselho que Candido

---

<sup>331</sup> CANDIDO. Prefácio a Apolônio de Carvalho: *Vale a penas sonhar*, 1997. p. 16.

<sup>332</sup> CANDIDO. Depoimento em *Muitos caminhos, uma estrela*, 2009. p. 46.

oferece em Esquema de Machado de Assis e se buscar a leitura direta nas fontes, pois os recortes serão sempre redutores e mutiladores.

Como se disse, anteriormente a Paulo Emílio, uma mulher com quem conviveu desde o final da infância propiciou a Antonio Candido a aproximação aos ideais socialistas, marcando-o e influenciando decisivamente nos rumos da sua vida. Essa figura humana tão presente na sua memória falada, permanentemente convocada nas entrevistas, aulas e conversas, ocupa lugar central na totalidade do seu empreendimento rememorativo. Dela, finalmente, se falará nas páginas que seguem.



## CAPÍTULO 5: A CELEBRAÇÃO DA AMIGA

Este capítulo destacará a figura de Teresa Maria Carini Rocchi, ou Teresa Carini, ou Teresina; sendo o primeiro seu nome de casada, o diminutivo acabou incorporado pela dona que muitas vezes assinava Teresina, e chegou a ser chamada dona Teresinha. Personagem fascinante, conquistou a amizade de Antonio Candido quando esse era ainda menino, recém-chegado a Poços de Caldas de um périplo europeu de um ano. Figura central do memorialismo do crítico deu nome a um livro – *Teresina etc.* – e tem sido permanentemente lembrada em suas entrevistas e depoimentos.

Por que Teresina? Essa é uma pergunta interessante para nortear o olhar do leitor sobre esse livro no mínimo incomum. Por que terá escolhido o escritor a essa mulher obscura, perdida na província, para dedicar-lhe um livro e mais que um livro, uma atenção tão prolongada, já que tão longa foi a gênese dessa obra? Fica dito que, nas páginas seguintes, acompanhar essa gênese, analisar a obra, observar a personagem em seus movimentos e na sua particular afetividade serão apenas caminhos pelos quais se transita em busca de entender: por que Teresina?

### **Uma leitora exemplar**

Em 1944, Antonio Candido publicou no seu rodapé semanal no jornal *Folha da Manhã* um artigo que terminava pelo parágrafo seguinte:

Nada mais digno do que uma vida cujos trabalhos eficientes e justos alternaram com as belas leituras. A minha excelente amiga Teresina Carini Rocchi, com os seus oitenta anos frescos e enérgicos, é uma leitora infatigável. Desde a infância vive mergulhada nos livros. Eles deram força para vencer uma existência tormentosa e foram alimento para os seus grandes ideais de liberdade. Música, livros e ação social. De tais elementos ela teceu nobremente a sua vida, e a tece ainda, com os olhos limpos e admiravelmente azuis que visaram sempre as causas justas; com sua vitalidade transbordante, sua eterna frescura de sentimentos e emoções. Os cinquenta e quatro anos de Brasil fizeram desta campeã antifascista um dos nossos melhores compatriotas. E Teresina lê, lê, sem parar. Dá os livros; não consegue formar uma biblioteca. Dá à primeira visita os livros comprados com o trabalho de todos os dias da sua dura

vida. A mim, nem sei quantos deu. Devo-lhe uma ou duas das diretrizes por que procuro me nortear e o exemplo desta chama nunca apagada que é o seu amor pelo povo e o seu ódio à Reação. Devo a melhor das amizades e o espetáculo da leitura perpétua – a leitura tornada existência dentro da existência e mola para a atividade. Por isso, celebro aqui a minha velha, nobre amiga, e convido-te, leitor, com o exemplo dela, a acreditar na vida dos livros, tão estimulante quanto a outra. Amém.<sup>333</sup>

Nesse texto, intitulado *De leitor para leitor*, Candido tece considerações sobre a relação entre o crítico na sua condição de leitor especializado e o leitor comum, situando-os no mesmo plano ante a obra literária, concluindo pelo trecho acima, que apresenta Teresina como leitora exemplar. Sumariza também sua dívida com a velha militante anarquista, com quem conviveu longamente, estabelecendo o amor pelo povo e o ódio à Reação como duas das principais contribuições desta ao seu ideário pessoal. Deve-lhe mais, porém.

Pensando no relacionamento entre esses dois seres não é exercício dos mais abstratos imaginar o quanto essa mulher madura e apaixonada terá fascinado o menino leitor, ávido pelo conhecimento e disponível para ideais que dessem substância ao humanismo em que o dia a dia com seus pais, impregnados também de curiosidade, de leituras e da melhor tradição humanística, o havia mergulhado. Essa semeadora de livros tem o crédito ainda da “melhor das amizades e o espetáculo da leitura perpétua”. Não uma leitura pouco exigente, para passar o tempo ou por desfastio – “o mau leitor é o que lê por distração”<sup>334</sup> –, mas “a leitura tornada existência dentro da existência e mola para a atividade”. O ser que configura esse modelo de leitura e de vida guiava-se por um severo e exigente código de vida, emoldurado pela absoluta generosidade e desapego aos bens materiais.

Aparentemente o parágrafo reproduzido linhas acima é a introdução de Teresina na escrita de Antonio Candido, apresentando ao leitor a velha socialista. Em 1957, mais de cinco anos depois de sua morte, ocorrida a 12 de agosto de 1951, quando faltavam quinze dias para completar oitenta e oito anos, o crítico volta a falar da amiga em um ensaio com o título *Testemunho* saído no jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>335</sup>. Tudo indica que pela primeira

<sup>333</sup> CANDIDO. *De leitor para leitor*, 2000. p. 196-197.

<sup>334</sup> CANDIDO. *De leitor para leitor*, 2000. p. 195.

<sup>335</sup> CANDIDO, Antonio. *Testemunho*. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 1, n. 20, 23 de fevereiro de 1957. p. 1.

vez desde o então já distante seis de agosto de 1944, a velha amiga volta a frequentar o ensaísmo de Antonio Candido. Essa singular mulher que

Vivia com pouco, inteiramente de um dia para o outro, ensinando tricô, italiano e francês. Protegia e ensinava de graça a muita gente, dava sem hesitar o que tinha a quem pedisse ou precisasse, mesmo ficando sem nada. Amanhã veremos.<sup>336</sup>

Esse pequeno trecho reforça duas das características mais fortes desta espantosa personagem – a generosidade e o desapego aos bens materiais, qualidades já conhecidas pelos leitores do parágrafo de 1944. Teresina

Foi uma pessoa realmente extraordinária, das que nos fazem sentir ao mesmo tempo grandes e pequenos, porque mostram, de um lado até onde pode subir a fragilidade humana; mas, de outro, acentuam, por contraste, as nossas deficiências.<sup>337</sup>

Veja-se que se trata de um ensaio de memorialismo, distinguindo-se dos textos laudatórios tão comuns na imprensa nacional já de início pelo fato de rememorar não alguém de projeção, algum dos donos do poder ou um dos seus aderentes, mas uma anônima dona de casa da província. Dona Teresina Carini, segundo o memorialista, era um bloco, e como tal morreu.

Bloco contraditório e apaixonado. Passava sem transição da cólera à ternura ou ao riso, tudo se resolvendo no fuzilar ou aveludar dos olhos, na invectiva desabrida ou na carícia meio plangente da voz abafada.<sup>338</sup>

Essa mulher tão generosa – registra o seu biógrafo – era avara de palavras quando se tratava de expressar sua indignação. Era implacável. O que suas convicções diziam que devia ser dito era dito da forma mais concisa e direta possível. Economizava as palavras, parece, na mesma medida em que não economizava os sentimentos que elas expressam. Reminiscência do castelo e da aldeia que marcaram-na permanentemente, diz Candido. Teresina era requintada mas franca. O nascimento ligava-a à nobreza, o coração e a ideologia ligavam-na à outra ponta da humanidade. O porte senhorial de grande dama inglesa; a esmerada educação formal dessa mulher intransigente em questões de moral, duma pureza agressiva e estreita. “Mais do que tudo, porém, era revolucionária, do pano

<sup>336</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 21.

<sup>337</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 1959. p. 95.

<sup>338</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 1959. p. 96-97.

onde se cortam as Louise Michel, as Vera Zazulitch, as Rosa Luxemburgo, isto é, as que pertencem a certa categoria de santidade da revolução.”<sup>339</sup>

Teresina como percebe o seu biógrafo não foi uma destacada militante e não deixou marcas no seu tempo, nem mesmo na modesta escala dos seus companheiros anarco-sindicalistas e socialistas dos primeiros anos do século 20 em São Paulo. Não tendo sido grande militante socialista e nem produzido teoricamente, parece haver certo exagero do escritor em compará-la com esses nomes que marcaram a luta pelo socialismo e a história em escala mundial. Viveu boa parte da vida e morreu reconhecida apenas pelos que lhe eram próximos, numa perdida cidade do interior de Minas Gerais que já provara dias mais gloriosos. O leitor deve se sentir compelido ao questionamento da sua grandeza, já que essa normalmente se torna perceptível exatamente pelo reconhecimento público, pela projeção além do círculo estreito do cotidiano. Dona Teresina não alcançou essa projeção.

Mas foi excepcional pela maneira por que vivia em cada instante as suas ideias, sentindo e praticando em relação ao próximo a fraternidade igualitária que elas pressupõem, e que permite fazer da vida uma tentativa de superar o egoísmo, o preconceito, o gosto da dominação, o apego aos bens materiais, a reverência pelos apoios grotescos da vaidade.<sup>340</sup>

Talvez passe por aí a grandeza e a importância que lhe atribui seu biógrafo. Isolada da militância, da ação política tanto quanto do ambiente certamente mais politizado das cidades portuária e industrial em que primeiro viveu no país – Santos e depois São Paulo – soube guardar em si os grandes sonhos do Socialismo e das diversas esquerdas e forças progressistas com que teve contato na sua longa vida, assim

Argumentava contra o fanatismo com o *Maomé* de Voltaire, pela emancipação feminina com Mary Woolstonecraft, contra a miséria com Zola, pela fraternidade com Vitor Hugo, contra a guerra com a baronesa de Suttner, pela união operária com Proudhon, contra o capitalismo com Marx, pela violência com Bakunine e pela cooperação com Kropotkine. Contra Deus com Sébastien Faure, pela pureza como vocação com Romain Rolland.<sup>341</sup>

Estranha mulher retratada por Candido, capaz dessa síntese de ideais e de sonhos, apaixonadamente acolhendo utopias e seres, amalgamando em si os sonhos de igualdade e

<sup>339</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 33.

<sup>340</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 33.

<sup>341</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 34.

liberdade e fraternidade que a humanidade vem engendrando desde a era das Luzes. O anonimato, a vida pequena de mulher sem homem numa sociedade patriarcal e preconceituosa, isolada numa cidade pequena, tudo isso concorria para fazer da sua vida uma daquelas que podia ter sido e que não foi. Pertencente ao grupo dos que são excluídos da história, – melhor dizendo, daqueles “que não têm história”<sup>342</sup> e não figuram nos anais – , sua fibra, sua coragem, sua coerência humana fizeram dela um ser especial, capaz de viver aderente a um código interno, só dela, manifesto numa têmpera especial, perceptível mesmo nessa vida tão cotidiana e ordinária a que se relegou.

A história oficial ou oficiosa pouca atenção tem dado às mulheres. Os grandes feitos, as grandes batalhas, os rasgos de heroísmo são apanágio masculino assim como são masculinas as efígies, imagens, estátuas. O espaço doméstico em que se move o sexo feminino não tem sido de grande interesse para o historiador. A vida recolhida e provinciana de Teresina parece ter sido uma sistemática recusa a essa omissão; se se isolou da atividade política imediata, foi por outro lado muito mais coerente com os grandes sonhos e ideais na vida cotidiana que muitos dos seus mais ativos camaradas. Anote-se a coerência com que rotineiramente praticou cada um dos seus sonhos, exercitando a cada momento o ideal de igualdade e fraternidade, a solidariedade ilimitada e incondicionada. Ou ainda a polemista apaixonada e incontida, capaz no entanto de ouvir o outro. Dela bem disse um companheiro:

Ma la Teresina, oh! la Teresina é sempre stata rivoluzionaria.<sup>343</sup>

Neste ponto seria interessante atentar a Sartre e sua defesa dos intelectuais, para observar o quanto de excentramento há na vida que Teresina traça para si, o que nela a faz uma mulher que bem merece ser definida como “alguém que se mete no que não é da sua conta”<sup>344</sup>, usando-se a frase definitiva com que o filósofo caracteriza o intelectual. Se não foi uma intelectual pela ação que segundo esse filósofo deve caracterizar essa condição, o foi pela condição de pessoa dada à leitura intensiva e à reflexão, mas, o foi sobretudo pela não aceitação do lugar estabelecido, pela recusa à distribuição dos papéis que encontrou no mundo, à qual sua vida foi uma permanente negação. Seja como intelectual, como mulher,

<sup>342</sup> CANDIDO. *Um funcionário da Monarquia*, 2007. p. 140.

<sup>343</sup> Alcibiade Bertolotti, em conversa com Antonio Candido. Apud: CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 57.

<sup>344</sup> SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*, 1994. p. 15.

como esposa, como socialista, como imigrante, Teresina esteve sempre fora do lugar, nunca se encaixou no que se esperaria para alguém na sua condição, no seu momento histórico ou no espaço geográfico em que viveu.

Excentramento visível na troca da Europa da *belle époque* pelo Brasil da febre amarela, novamente se põe fora do lugar ao se mover de São Paulo, em seu nascente processo de industrialização para uma cidade no interior de Minas, também em si meio deslocada, estância balneária moderna e meio cosmopolita rodeada da paisagem pré-industrial da província. Ali provará ainda novo excentramento com a decadência chegada pelo fim do jogo legalizado, que era o que verdadeiramente fazia girar a máquina da economia local. Lembrar, pois, “o ambiente carola e conformista em que Teresina nasceu e foi criada”<sup>345</sup> é acrescentar mais um deslocamento a essa trajetória. Só mesmo a sua personalidade vulcânica – a expressão é de Candido – desenvolvida em uma época também vulcânica pode possibilitar o caminho para a tentativa de compreensão de tão fascinante figura humana. Excentramento captado pelo seu biógrafo na síntese aldeia-castelo com que a caracteriza; certamente seus interlocutores (como o testemunharia aquele ativista de quem já se falou) sempre defrontavam a aldeã quando sua conveniência solicitava a castelã, que se apresentava sorridente e hospitaleira a um rachador de lenha que dividiu sua mesa com a mulher do presidente da república<sup>346</sup>. Por mais que se dê ao mundo, sua incapacidade de se dobrar às conveniências da via social põe Teresina na posição de uma vivente à margem, melhor dizendo, de uma intelectual à margem até mesmo da condição de intelectual.

Em uma de suas entrevistas Antonio Candido caracteriza o intelectual como alguém que “tem necessidade e a obrigação de refletir contra”<sup>347</sup>. Essa é uma caracterização à exata medida para Dona Teresina. A condição de ser que reflete contra, somada às suas idiossincrasias seriam já suficientes para torná-la uma personagem literária. O crítico soube sensivelmente ouvir e compreender a incansável combatente e conformar em letras seus anseios e esperanças. Assim, às vésperas do Natal de 1959, finalmente Dona Teresina chega ao livro na antologia de ensaios *O observador literário*, que recolhe o texto

---

<sup>345</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 11.

<sup>346</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 28.

<sup>347</sup> CANDIDO. *Brigada ligeira e outros escritos*, 1992. p. 238.

Testemunho, numa versão praticamente idêntica à original, apenas com ligeiras alterações de estilo, em que o prenome da velha amiga passa a ocupar a posição de título.

### **A literatura necessária**

No parágrafo anterior utilizou-se os termos “personagem literária”, que talvez devessem aparecer assim, unidos por aspas, visando dar-lhes destaque no texto, querendo antes de tudo chamar a atenção para um aspecto importante da escrita de Antonio Candido, qual seja a sua condição de criação literária, não no sentido que enquadra o ensaísmo ou o memorialismo como gêneros literários, mas apontando para a criação e a recriação literária, servindo-se de recursos característicos da ficção e da poesia.

Sabia-se muita coisa. Havia gente que começava a contar causos de manhã cedo e ainda não tinha parado à hora do almoço. Eram casos de santos, de bichos, de milagres, do Pedro Malasarte, e instruía muito, porque explicavam as coisas como eram. Por isso havia respeito e temor: os filhos obedeciam aos pais, os moços aos mais velhos, os afilhados aos padrinhos e todos à lei de Deus – pois era o tempo dos padres santos, que andavam pelo sertão ensinando a rezar, pregando, batizando e casando. Batizavam e casavam de graça, ou muito barato (600 réis e 400 réis respectivamente), ao contrário dos padres de agora, gananciosos, que ‘fazem roça’ da Igreja.

Hoje, estuda-se muito, e os filhos já sabem ver as letras; mas há três assuntos a que ninguém dá volta: primeiro fazer gente velha ficar moça; segundo, fazer o tempo voltar para trás; terceiro, dar força nova à terra, que cada vez é mais fraca.

Resumindo, na frase dum velho parceiro – “o estudo anda para diante, mas a terra e os homens andam para trás.”<sup>348</sup>

Observe-se nesse trecho tomado a *Os parceiros do Rio Bonito* como o recurso ao discurso indireto livre avança para além da fronteira da escrita acadêmica, assumindo inapelavelmente caráter literário, chegando à pura ficcionalização. Destaque-se a intervenção parentética da voz do pesquisador social, cumprindo seu papel de, como é da praxe científica, informar os dados. Recupere-se em adição a esse, dois trechos citados anteriormente; primeiro aquele que introduz Teresina no ensaísmo de Antonio Candido, de 1944, e depois o outro, referente ao tenentezinho de Araraquara que foi heroicamente morrer no sertão paraguaio (referido no terceiro capítulo), tanto quanto o trecho acima,

<sup>348</sup> CANDIDO. *Os parceiros do Rio Bonito*, 2010. p. 226-227.

todos elaboradas recriações literárias, abarcando mesmo a completa ficcionalização que ocorre no último. Percorrendo-se o ensaio dedicado a Dona Teresina não se exige esforço do leitor para perceber que o mesmo ali se dá. Candido apresenta-a, elaborada e refletidamente, como uma personagem literária.

Para melhor compreender o fenômeno acima descrito, talvez valha a pena descontinuar por um momento esse olhar sobre a velha amiga de Candido e atentar a outro dos seus ensaios, mais exatamente a Monte Cristo ou da vingança. Quando republicado no livro *Tese e antítese*, com o título reduzido para Da vingança, esse ensaio, que circulara antes em uma brochura publicada em 1952, foi amplamente modificado e acrescido. Ganhou na abertura uma longa citação da obra original seguida de uma também longa paráfrase explicativa de que se reproduz a seguir um parágrafo. Edmundo Dantès

Está a meio caminho do seu destino e entre dois pólos da imaginação humana: a montanha, de onde se descortina o mundo e se tem a sensação de poder; a caverna, onde se ocultam os mistérios que dão o poder. O pináculo que amplia, o recesso que concentra. As vastidões por onde a imaginação corre, o ovo em que ela germina. Está a dois minutos da caverna, olhando o mundo do alto morro; quando emergir da entranha do rochedo e o contemplar novamente, já estará de posse das riquezas ocultas e tudo parecerá diverso. Ansiará por sair e começar a carreira nova, dando curso a projetos que esboçou certo dia na prisão.<sup>349</sup>

A leitura do ensaio completo mostra de forma ampliada o que se observa no parágrafo acima – a cuidadosa escolha dos vocábulos, o ritmo da prosa, o prazer do jogo de linguagem que caracterizam o texto literário. Observe-se como o balanço antitético presente nas polaridades se reproduz na forma do texto que transita da narração que olha o pretérito para a antecipação que aponta o futuro. Candido como que se apropria da personagem de Dumas movimentando-a com sua prosa, tornando-a maior e mais densa ao olhar do leitor, unindo nesse movimento o crítico e o narrador. Como resultado tem-se conjuntamente com a fruição do texto literariamente tratado o cumprimento de uma tarefa fundamental da crítica: o estimulante incitamento à leitura do texto analisado.

Pode-se aqui lembrar o que disse Candido de Nava, Murilo Mendes e Drummond e afirmar que, mesmo não acrescentando elementos fantasiosos à realidade, seus textos primam por apresentá-la como se produto da imaginação, devido ao uso dos meios

---

<sup>349</sup> CANDIDO. *Tese e antítese*, 2006. p. 16.



expressivos característicos da ficção e da poesia, efetuando, em consequência, uma alteração no seu objeto específico. Essa relação intensificada entre o ensaísmo e o memorialismo e a criação literária pura, seja poética ou ficcionalmente considerada, estão apontadas por Candido, Arrigucci Jr. e numerosos outros estudiosos. Em muitos casos, como se dá com o memorialista do Caminho Novo, patenteiam-se à superfície mesmo do texto e estão textualmente assumidas e declaradas. Assim, a sua ocorrência também no texto do crítico que rememora não constituiria uma completa surpresa. O que ocorre de surpreendente é como ela se espraia, pelo memorialismo, pelos rodapés de crítica literária e mesmo pelos textos do mais puro viés acadêmico.

Então não se deve surpreender o leitor que lê seu discurso sobre um compositor popular concluir que “Da mistura, que é o sal da nossa terra, Adoniran colheu a flor”<sup>350</sup>. Trecho em que além da poesia se destaca ainda o definitivo poder de síntese. Homenageando um professor de quem muito aprendeu, poeta dos maiores, lembra sua luta com a pasta de livros, em algum momento abandonada para “voltar ao combate contra a noite impassível da lousa.”<sup>351</sup> Giuseppe Ungaretti, o poeta em questão, já foi lembrado aqui em uma anedota deliciosamente narrada por este seu aluno. Da escrita do aluno a anedota enfatiza um segundo aspecto que também deve ser mencionado nestas páginas – a capacidade de tocar a oralidade sem se afastar da mais exigente elaboração. Para não continuar em uma interminável lista anota-se por último a ocorrência de um trecho de prosa musicado por Carlos Vergueiro<sup>352</sup>, recortado do ensaio Esquema de Machado de Assis.

Antonio Candido nunca, aparentemente, se referiu a esse extravasamento literário. Parece que esse está além da capacidade de continência do escritor, em outros aspectos tão contido, expressando-se por um texto que, para além da elaboração formal, parece sempre rigorosamente pensado como um recurso didático. Em um dos seus mais luminosos ensaios – O direito à literatura, recolhido no livro *Vários escritos* – o crítico fala da necessidade universal da literatura, que parece se confirmar no seu texto, em que a poesia e a elaboração ficcional se encontram no ensaio, permeados pelo compromisso humanístico. Ao escrever

---

<sup>350</sup> CANDIDO. *Recortes*, 2004. p. 211.

<sup>351</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 2004. p. 109.

<sup>352</sup> CANDIDO, Antonio; VERGUEIRO, Carlinhos. Modo de ser. (faixa 7). LP 837.532-1. *15 anos de carreira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ideia Livre/Polygram, 1988. Relançado em 1995 em CD pelo selo Saci.

sobre Dona Teresina, uma das fontes vivas da sua formação humanística, o extravasamento literário parece alcançar um dos seus pontos de maior intensidade e elevação.

### **Da margem ao livro**

Deve ser observado que o olhar que Candido lança sobre a amiga Teresina na sua especial condição de vivente à margem, não é incidental na obra do crítico. Pode, ao contrário, ser encontrado ao longo da sua produção em textos fundamentais, como *Dialética da malandragem*, que se volta para um tipo de excluído muito peculiar, – ou, talvez se diga melhor dizendo-o semi-excluído, ou no limiar da exclusão: o homem livre e sem fortuna numa sociedade de senhores e escravos. No mesmo livro – *O discurso e a cidade* – estão ainda três outros ensaios que formam conjunto com esse. O primeiro deles *Degradação do espaço*, cujo centro são os operários de um subúrbio de Paris, a girar em torno de um boteco, nas páginas de um romance – *L'Assommoir*, de Zola. O segundo, *O mundo-provérbio*, dedicado à obra *I Malavoglia*, de Giovanni Verga, em que o crítico observa a vida dos pescadores de Acci-Trezza. O terceiro – *De cortiço a cortiço* – que também se agrupa com outros, de diversos momentos, formando o conjunto dos fundamentais estudos sobre a obra de Aluísio Azevedo, em que, mais uma vez, os viventes das franjas da vida da Corte e depois capital da República são analisados.

Há muitos anos escrevi um artigo no jornal da nossa cidade de Cássia, no sudoeste de Minas, onde vivi até os dez anos, chamando a atenção para duas antigas escravas, como contrapeso da crônica local dos barões e dos coronéis. No mesmo sentido escrevi sobre Teresina Carini Rocchi, obscura militante socialista italiana que veio para o Brasil em 1890, à qual minha família e eu próprio nos ligamos intimamente em Poços de Caldas, onde ela fora morar e onde morreu quase nonagenária.<sup>353</sup>

No primeiro ensaio acima lembrado, intitulado *Duas heroínas*, recolhido no livro *Textos de intervenção*, o escritor narra as histórias de duas ex-escravas – respeitosa e, Tia Vitória e Maria Velha – com quem conviveu, na infância, em Cássia, no Sul de Minas, parte daquele grupo de brasileiros que mesmo “vilipendiados, privados de liberdade,

---

<sup>353</sup> CANDIDO. *Um funcionário da Monarquia*, 2007. p. 140.

humilhados pela própria natureza da sua condição, souberam não obstante ensinar aos seus senhores o que valem a dedicação e a retidão moral.”<sup>354</sup> Conclui explicando que as evoca

por achar que na memória das comunidades não devem ficar apenas [...] as letras maiúsculas, que sobressaem na página e comandam os períodos; mas também o batalhão modesto das minúsculas, que formam o miolo da história e por vezes exprimem o que há nela de mais humano.<sup>355</sup>

Aqui tudo indica ser pertinente a ideia de que o olhar do escritor se caracteriza por iluminar aqueles que parecem condenados, por sua condição mesma de pertencentes ao “batalhão modesto das minúsculas”, à treva da história.

A empatia pode ser definida como a capacidade de abstrair a própria vida interior em favor da aceitação do psiquismo do outro, ou seja, mais que sentir conjuntamente, aceitar integralmente o sentimento do outro, como que se pondo no seu lugar. Essa capacidade parece se apresentar como constitutiva do olhar de Candido, a unir ensaios como *Teresina*, *Duas heroínas*, *As cartas do voluntário* etc.. Expõe-se também nesses textos — na verdade percorrendo a ensaística do autor — a questão ética, posta pela pergunta: “Quem merece ser narrado?” Mais ainda, — quem *deve* ser narrado; esses termos parecem mover esse trabalho da escrita. Tudo indica não se poder falar em generosidade no sentido estrito para essa escrita, uma vez que já etimologicamente o termo embute uma ideia de superioridade para o seu portador, o que fica excluído pelas ideias de empatia e orientação ética.

Devido à formação que tive, com muita sociologia e influência do marxismo, me interesse não apenas pela atuação dos grupos e classes dominantes, mas também pelos agentes anônimos e os personagens humildes, que são dissolvidos nas generalizações e desaparecem tragados pelas estatísticas. Raramente eles chamam individualmente a atenção dos estudiosos, e nunca dos biógrafos. Mas acho que o estudo dos indivíduos “que não têm história” pode aprofundar o conhecimento.

[...]

Registro, ainda, que a minha tese de doutorado em ciências sociais, de 1954, seguiu a mudança de enfoque realizada sobretudo a partir de São Paulo nos anos de 1940: enquanto estudiosos como Oliveira Viana e Gilberto Freyre se concentraram nas classes dominantes, nós passamos a estudar as classes dominadas, e eu insisto sempre nisso como um dos

<sup>354</sup> CANDIDO. *Textos de intervenção*, 2002. p. 294-295.

<sup>355</sup> CANDIDO. *Textos de intervenção*, 2002. p. 296.

traços distintivos da USP. Assim foi que estudei não o fazendeiro, mas o parceiro anônimo, um proletário rural.<sup>356</sup>

Deve ser observado que a formação marcada pela sociologia e pelo marxismo é apenas parcialmente aceitável como explicação para essa opção pelos esquecidos da história, uma vez que tanto uma como o outro primam por ignorá-los como individualidades, concentrando-se preferencialmente nos grupos extensos e nos grandes movimentos. Explicando as razões que o levaram a escrever sobre o conselheiro Tolentino, Candido afirma que queria escrever “não só um perfil, mas um perfil com certo valor de paradigma.”<sup>357</sup> Parece, na verdade, que essa busca do paradigmático constitui uma das bases do seu memorialismo, expondo à luz da história os homens e mulheres possuidores daquelas qualidades capazes de definir um ser humano, tais como a retidão e a solidariedade. Mediado pela memória, pela literatura ou pela ciência, seu olhar se constrói numa espécie de solidariedade permeada pelo afeto que – parece – ambiciona acolher o mundo a partir das suas bordas, onde não fora sua escrita Teresina teria restado esquecida.

### **O espanto**

Lembrando com Antonio Candido o conformismo carola do ambiente em que Teresina nasceu e cresceu, o leitor ainda conjuntamente com o ilustre crítico se espantará com sua capacidade de transformação. Como terá essa criatura, na altura dos trinta anos, culta e intelectualmente sofisticada, portanto com uma mentalidade já formada e estabelecida, mudado tanto? Como terá a Teresina da aldeia de Fontanellato se tornado a Teresina de São Paulo e depois de Poços de Caldas? Candido atribui à sua personalidade vulcânica essa mudança. Certamente o espanto com essa personalidade tão fascinante pode ser parte da resposta à questão proposta. Não é suficiente, porém. Prossegue-se na senda que a pergunta abre, sem, é claro, a pretensão de respondê-la cabalmente. Um segundo passo é apontado por Walnice Nogueira Galvão, que observa que no livro transparece acima de tudo o ser socialista de Antonio Candido, isto é, “o modo de ser que encarna uma fraternidade igualitária, animada antes de mais nada pelos sentimentos e pela ética, e não

---

<sup>356</sup> CANDIDO. *Um funcionário da Monarquia*, 2007. p. 139-140.

<sup>357</sup> CANDIDO. *Um funcionário da Monarquia*, 2007. p. 137.

só, embora também, pelo pensar e pelo agir.”<sup>358</sup> Fica registrada essa ideia de fraternidade igualitária – animadora dos sonhos dos oprimidos desde tempos imemoriais e reintroduzida na modernidade pela Revolução Francesa – tanto quanto os termos sentimento e ética.

Para falar de “sentimentos”, termo empregado por Walnice Galvão, utilizar-se-á nas linhas seguintes um termo correlato: afetividade. Portanto, fala-se da afetividade de uma pessoa; tomando-se esse tema como motivador, seria interessante formular uma hipótese. A afetividade seria duplamente propiciadora do discurso sobre Teresina. Primeiro, provocando o autor à escrita pelo afeto que este dedicou à sua biografada, no que foi plenamente correspondido, participando da sua vida e mais tarde se tornando guardião do seu acervo pessoal, constituído de papéis diversos, anotações, correspondências e outras lembranças de uma longa vida.

Ao destacar a exemplaridade de Teresina como ser socialista, Candido suscita no seu leitor uma pergunta sobre exatamente o que é para ele, Candido, ser socialista. Distante da luta política, sem nunca ter sido uma intelectual no sentido sartreano, embora deva ser reconhecida como uma intelectual no sentido epistemológico, isto é, alguém cuja visada sobre o mundo se constrói sempre a partir de uma apropriação refletida da experiência; alguém que transita do concreto vivido ao concreto pensado como via para se relacionar com o mundo, conquanto, em seu caso não se deva omitir nunca a afetividade apaixonada. E parece que exatamente pela afetividade, pela paixão, deve passar a compreensão do que seja para a concepção de Antonio Candido ser socialista. Lygia Chiappini observa que justamente o afastamento de Teresina da luta concreta a torna exemplar. Registra ainda que no discurso de Candido sobre ela na sua relação com o socialismo se estabelece que

para ser socialista, para ser classificada como tal, é necessário algo mais que pertencer a um partido ou militar externamente, é necessário moldar-se diariamente como ser, para o que não basta agir e pensar, mas é preciso integrar nisso coração, cabeça e estômago<sup>359</sup>.

Esse ser socialista, como o diz o crítico, significa um envolvimento integral, ou mais que isso, um “ser” duplamente categorizável como elemento gramatical, verbo e substantivo – continua-se a acompanhar Chiappini – seja, construir-se socialista e mais que

<sup>358</sup> GALVÃO. *Gatos de outro saco*, 1981. p. 167.

<sup>359</sup> CHIAPPINI. Além do eu, abril de 2003. p. 101.

isso, tornar-se um ser socialista, envolvendo cabeça, coração e estômago. Segundo essa concepção, como observa outra leitora de Candido já citada, ser socialista é ser “igualitário por natureza e não por decisão refletida: ou seja, de dentro para fora, a partir daquilo que constitui uma espécie de cerne ético”<sup>360</sup>, produzindo o que o crítico nomeia como afetividade socialista, que seria a segunda propiciação de Teresina ao discurso do memorialista.

Ser socialista dentre um grupo de socialistas; ir às ruas manifestar-se e confrontar a repressão policial é tarefa relativamente simples (dura e dolorosa, sim, por se opor a uma Reação sempre tão disponível à violência, nunca tendo vacilado muito ante a perspectiva do derramamento de sangue) face às escolhas dessa mulher. Dona Teresina, dia a dia, isolada nas suas convicções, conviveu com a Reação, não em sua face violenta e aparatosa, mas personificada em vizinhos e amigos, imigrantes italianos que faziam fortuna e queriam a todo custo se distanciar e se diferenciar dos baderneiros anarco-socialistas. – “Poços é uma cidade de grande colônia italiana, quase toda fascista naquele tempo.”<sup>361</sup> – A Reação não na face feroz da repressão, mas no semblante de dona Olívia Junqueira ou dona Clarisse Tolentino, as duas católicas, monarquistas, conservadoras, como está dito por Candido e registrado na entrevista a Luís Carlos Jackson, respectivamente mestra e mãe do crítico, durante décadas amigas íntimas da biografada. Em favor de Teresina deve-se anotar que dona Clarisse – tal como se deu com seu filho – terminaria por assumir muito dos seus conceitos de vida e da sua visão, como este relembra nessa entrevista. Essa mulher

foi excepcional pela maneira por que vivia em cada instante as suas ideias, sentindo e praticando em relação ao próximo a fraternidade igualitária que elas pressupõem, e que permite fazer da vida uma tentativa de superar o egoísmo, o preconceito, o gosto de dominação, o apego aos bens materiais, a reverência pelos apoios grotescos da vaidade.<sup>362</sup>

Candido observa que talvez essa circunstância haja estimulado a

densa precipitação de um “modo de ser”, segundo o qual a revolução se torna concepção integral, iluminando e condicionando o pormenor dos

<sup>360</sup> GALVÃO. A primeira paisana, setembro de 2000. p. 7.

<sup>361</sup> CANDIDO. Entrevista em *Rememória*, 1997. p. 33

<sup>362</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 33.

atos e a tonalidade da vida. À sua maneira, foi portanto uma revolucionária, embora a mais complexa que se possa imaginar.<sup>363</sup>

Revolucionária que sobre os leitores de *Candido* opera pelo exemplo de coerência e compromisso e a lembrar que ser socialista deve significar também a assunção integral dos sentimentos e da ética socialistas. Ao viver esses sentimentos e essa ética em seu cotidiano, Teresina se engrandece e transita desse cotidiano à condição de ser merecedor de ser biografado, de exemplo a ser imitado.

Um aspecto dessa personalidade fascinadora diz respeito ao gosto artístico. Leitora de Leopardi e Stendhal, apreciadora da boa ópera, assim como sabia de cor longos trechos da *Vita nuova* e da *Commedia*. Ao lado disso se dava também como leitora a poetas mínimos, insignificantes e era capaz de apreciar um quadro duvidoso porque representava cena de uma peça cujo autor ela dizia ter tendências socialistas. Quando diz de Dona Teresina Carini, destacando esses aspectos da sua personalidade, *Candido* diz também do seu tempo e desse dizer um aspecto há, relacionado à arte em geral e muito particularmente à literatura que merece ser destacado.

Era o tempo em que o socialismo e sobretudo o anarquismo pressupunham uma crença muito forte na capacidade revolucionária (transformadora e humanizadora) do saber e da arte. Quanto à literatura, isso ocorria no sentido do que se poderia chamar uma cultura de conteúdos, inteiramente voltada para a mensagem explícita das obras, sem preocupação específica pelo caráter avançado ou não da forma, que poderia inclusive ser a mais acadêmica. É o problema da mistura de intenção política avançada e gosto atrasado, frequente no universal cultural das esquerdas. Isso porque as pedras de toque eram o ataque à burguesia, a descrição da vida operária, os sentimentos humanitários, a posição anti-religiosa, a solidariedade com o pobre, etc. – considerados como condição que de ideologicamente relevante passava a esteticamente suficiente.<sup>364</sup>

Sobre esse trecho deve ser registrada especialmente a força com que fala ao momento em que foi escrito, explicitando, mais uma vez, essa característica dos textos de *Candido*, que se voltam para o passado falando ao presente. Essa espécie de primarismo do gosto artístico que subordina tudo ao empenho com a realidade, concebendo a arte como ancilar à política; que no caso dos anarquistas daquele início do século passado está tão

<sup>363</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 33-34.

<sup>364</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 53-54.

manifestamente exposta na sua imprensa, nas ilustrações e livros recomendados, nos autores citados. Na realidade, esse é um lugar comum, espécie de constante do pensamento estético das diversas esquerdas revolucionárias e mesmo de muito do reformismo. O sentido estético de um crítico literário não permite a Candido ser complacente com essa concepção da arte, mas tenta compreendê-la ao mesmo tempo em que a denuncia tanto no passado quanto no presente, abrindo-se para o futuro, uma vez que ainda hoje é possível encontrar arautos dessa estética subalterna.

### **A incompetência de Cristo**

A mesma solidariedade que mescla análise e busca da compreensão humana se imprime também ao olhar que Candido lança sobre certos companheiros de Teresina, em seu movimento que, olhado à distância, pode parecer contraditório – e o é, muitas das vezes – com os seus propósitos de transformação revolucionária. Senão, como entender que entre eles, os mais radicais, os sindicalistas-revolucionários e socialistas extremados se tornaram fascistas ou estiveram a ponto de o fazer, enquanto os reformistas, moderados pela própria natureza, lhe foram quase sempre hostis?

O que terá passado na cabeça desses agitadores do socialismo sindicalista, cansados com o gradualismo transigente dos reformistas, revoltados com o egoísmo das grandes potências em relação ao seu país, buscando uma solução inovadora, revolucionária e nacional? Vendo as coisas de hoje é fácil censurar e mostrar o que estava certo. Mas o fato é que embora o fascismo tenha sido devidamente avaliado desde logo por liberais e socialistas lúcidos (inclusive os recentes comunistas Gramsci, Silone, Togliati, Tasca), no começo ele deu lugar a equívocos, como ficou dito acima, e só o assassinato de Mateotti serviu de tira-teima para configurá-lo como ditadura reacionária de direita.<sup>365</sup>

Candido não deblatera contra os que estão mortos e enterrados. Tenta compreendê-los. Observa que, hoje, é fácil a um olhar retrospectivo ver na atitude dos social-reformistas que se mantiveram longe ou se afastaram em tempo do fascismo, a face verdadeira do socialismo; ao passo que os radicais sindicalistas-revolucionários que se deixaram seduzir pelo fascismo são vistos como traidores. Talvez, “se nos pusermos na perspectiva da época”<sup>366</sup>, propõe Candido, o olhar alcance o quanto havia de liberal na posição daqueles

<sup>365</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 73.

<sup>366</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 73.



que, reformistas, se opuseram à espécie de socialismo meio selvagem e heterodoxo que o fascismo podia ainda aparentar naquele tempo; heterodoxia socialista que pode ter sido o grande ímã daqueles revolucionários mais ansiosos, menos dispostos a confiar aos trâmites parlamentares e à ação política tradicional os seus sonhos de mudança. A passagem do tempo reconfigurou os fatos, dando à atitude dos reformistas uma aparência de coerência revolucionária que não tinha no calor da ação. Em consequência, ante a história, a grande niveladora, os revolucionários retroagiram e os reformistas encarnaram o progresso. Isso é inegável, porém insuficiente, correspondendo apenas ao olhar retrospectivo. O olhar de Candido busca a compreensão pelo abarcamento dos dois olhares, numa espécie de dialética da sincronia e da diacronia.

Cumprir afirmar que ali a invocação à perspectiva da época não deve ser barateada. O crítico reclama a perspectiva da época para adotá-la, como faz sempre que a invoca. Em muitos outros momentos, não reclamando sua presença, a faz presente pelos movimentos seu pensamento. Sua máquina pensante opera baseada em muita pesquisa e reflexão amadurecida e, acima de tudo, buscando compreender sem “retroagir os nossos conceitos atuais”<sup>367</sup>, como diz em outra parte. Ou seja, sem que os conceitos e preconceitos do presente antolhem a vista daquele que observa e critica, como reitera na invocação à perspectiva da época. A esse respeito seria interessante relembrar o que Candido escreveu sobre Sérgio Milliet, para quem

a crítica deve se adequar ao objeto, isto é, à obra analisada. Será errado criticar um impressionista do ângulo naturalista, porque o autor não quis realizar a sua obra conforme as normas deste. Se o crítico as impõe à obra estudada, estará obedecendo, não à natureza do produto que o artista ou escritor teve em mira, mas ao que uma corrente de gosto reputa necessário para configurar adequadamente a obra. O crítico deve, portanto, se situar conforme o ângulo do autor, que determinou, não do público, que espera que ela seja conforme à sua expectativa ditada pela moda.<sup>368</sup>

Destaca Candido na concepção crítica de Milliet exatamente o seu compromisso em não se deixar conformar pelos modismos do presente, de “não retroagir os nossos preconceitos atuais” ou de se colocar na perspectiva da época, dizendo em outras palavras. Ao operar norteado por essa norma o crítico se torna capaz de reconhecer valor e situar

<sup>367</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 136.

<sup>368</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 159.

adequadamente na literatura obras como o *Caramuru* e *O Uruguai*, tanto quanto personagens como Sílvio Romero, Gilberto Freyre ou esses velhos socialistas revolucionários. Talvez se possa dizer que esse movimento está sempre presente na busca de se pôr no lugar do outro, também tão caracteristicamente sua, podendo-se falar de um modo caracterizado pela aceitação e a compreensão; a aceitação gerando a compreensão e esta demandando aquela. Um permanente entendimento de que a diferença entre o eu e o outro é apenas de perspectiva, não de legitimidade.

O mesmo movimento de aproximação e afastamento, de chegada à história vindo da *petite histoire* e desta àquela pode ser visto também em outro momento deste mesmo ensaio dedicado à velha amiga. Trata-se da questão do anticlericalismo meio primário professado por ela, que chegava a argumentar com a incompetência do filho do carpinteiro no exercício da profissão do pai – Cristo não saberia fazer uma prosaica mesa. Esse fenômeno, visto em Teresina em sua face quase folclórica, que teve nos anarquistas sua face mais radical e ativa, assumindo como sua a propugnação do cura Meslier, resumida na fórmula famosa que defende como caminho para a felicidade da humanidade o enforcamento do último padre nas tripas do último rei. O crítico observa que o anticlericalismo “foi também o primeiro grande movimento que desmascarou o que agora a própria Igreja procura superar: a exploração da credulidade, pacto reacionário com as classes dominantes e esquecimento da justiça no cristianismo.”<sup>369</sup>

Houve mesmo no interior das forças progressistas, lembra Candido, uma espécie de religiosidade laica, reivindicadora de uma posição revolucionária para Cristo, considerando a instituição religiosa um desvirtuamento da sua pregação. Teresina, porém, era desabridamente irreligiosa e considerava a religião uma burla deliberada para desviar o povo dos seus verdadeiros interesses e da verdade. Chegou a cunhar uma máxima que resumia sua posição:

A verdadeira religião é – não ter nenhuma.<sup>370</sup>

O que visto ao nível do indivíduo pode não passar de uma idiosincrasia adquire sentido quando historicamente situado. Estabelece-se dessa forma uma corrente de sentido

<sup>369</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 36.

<sup>370</sup> CARINI. Apud CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 37.

a ligar a incompetência artesanal do filho do carpinteiro e o movimento pela transformação revolucionária da sociedade de classes. Na mesma medida, pedagogicamente alerta o leitor para não incorrer no erro do movimento inverso, isto é, ver como meramente idiossincrático o que é, na verdade, manifestação no indivíduo dos grandes movimentos da humanidade.

### **Teresina etc.**

Um ensaio que surgiu com o título de Testemunho e depois se tornou Teresina, que transitara das páginas do jornal para a perenidade do livro, ganha vida autônoma e se torna Teresina e seus amigos, emprestando o nome a um livro – *Teresina etc.* – de que se faz a parte principal. Do texto inicial, de 1957, à versão final neste livro, o ensaio dedicado à amiga não só cresceu no número de páginas, mas ganhou autonomia, constituindo-se em autêntica obra literária em que é possível se perceber um estilo e também uma concepção do fazer literário, seja do ponto de vista ideológico – relativamente ao papel do memorialismo e da literatura –; seja do ponto de vista estilístico, tornando-se visível o pleno amadurecimento de uma escrita que, precocemente, já em 1941 apresentava sinais de densa reflexão e elaboração. O ensaio Teresina é realmente no período entre 1957 e 1996 uma obra em progressão; e acompanhar ainda que de forma sumária as mudanças de estilo e os acréscimos de dados é também acompanhar a evolução do pensamento de Antonio Candido.

Esse texto parece pela sua escrita expressar um compromisso com a sobrevivência da memória da amiga que, pelos seus atos, pelas suas escolhas e particulares circunstâncias terminou por deixar no mundo tênues marcas da sua passagem, condenadas a rapidamente desaparecer, engolfadas pela sucessão das gerações. Fortemente impressionado pelo convívio pessoal, que o tornou testemunha da sua excepcionalidade humana que profundamente o marcou, o biógrafo se empenha em manter viva a sua memória. Retomando uma metáfora de que Candido se utiliza na *Formação da literatura brasileira* se pode dizer que recebeu de Teresina a tocha, incumbindo-se passá-la às futuras gerações pela preservação de seus papéis, dos seus valores e afetividades nele entranhados e através da escrita memorialística.

Paralelamente, convém anotar que o ensaio *Teresina e seus amigos* vem sendo sistematicamente reproduzido nas antologias de ensaios de Candido preparadas por terceiros e publicadas no exterior, como *Critica radical, On literature and society* e *L'endroit et l'envers*. Sem dúvida, parte do reconhecimento da importância desse texto por esses leitores-antologistas. *Teresina* retornaria ainda mais uma vez à bibliografia de Candido quando a editora Paz e Terra lançou uma separata da parte inicial do livro *Teresina etc.*<sup>371</sup> com o título de *Teresina e seus amigos*. O autor informa que essa edição saiu por razões meramente comerciais e que sequer tomara conhecimento dela até receber o livro impresso. Parece, porém, que o gesto comercial terminou por expressar um sentimento do autor, tornando ainda mais acessível ao leitor, em edição popular, em duas tiragens sucessivas, esse texto fundamental para a compreensão da sua personalidade, tanto em sua face humana, quanto literária.

A publicação inicial de *Teresina etc.* é uma espécie de marco na carreira de Candido, pois pela primeira vez oferece aos seus leitores um livro que não se vincula diretamente à sua dupla militância, como crítico literário e como professor. Em uma resenha Flora Sússekind observa “um estreitamento de laços entre escrita crítica e memorialismo, crescente, no ensaísmo, sobretudo desde *Teresina etc.*”.<sup>372</sup> Realmente, nos livros de que ela trata – *Recortes* e *O discurso e a cidade* – particularmente no primeiro, ocorre um adensamento do que vinha há muito solicitando presença no texto ensaístico, dando uma espécie de nova inflexão à escrita, que cada vez mais se volta para a memória, tornando explícito mesmo ao olhar não muito atento, uma das suas características que poderiam ser ditas matriciais, que vinham se apresentando nos livros do autor desde 1959, com *O observador literário*, como já se viu, passando por *A educação pela noite* até desembocar nas obras analisadas por essa estudiosa.

Uma tentativa de compreensão mais integral de *Teresina etc.* deve passar pelos diversos encaixes em que pode se ajustar no interior no empreendimento literário de Antonio Candido. Um desses múltiplos encaixes possíveis liga-o à série de retratos que o crítico traça, apoiando-se por um lado em uma tradição familiar, afetiva e por outro em intensa pesquisa e farta documentação. Nesse caso, o livro torna patente o papel dos

---

<sup>371</sup> CANDIDO, 1996, em duas edições.

<sup>372</sup> SÚSSEKIND. *A voz e a série*, 1998. p. 249.

guardados pessoais de Teresina que ficaram sob os cuidados do amigo, mas também é evidente a presença de fontes externas, documentais e bibliográficas, como explicita o terceiro capítulo – Os outros – e os inúmeros documentos reproduzidos no ensaio; tudo ligado pela afetividade que percorre o texto de ponta a ponta. Nessa série de perfis devem ser destacados ainda os de Mário de Andrade, de Pio Corrêa, Oswald de Andrade e especialmente o do bisavô de Antonio Candido, o comendador Antonio Nicolau Tolentino, a quem dedicou o livro *Um funcionário da Monarquia*. São textos que resultam de uma especial e feliz junção entre afetividade e pesquisa acadêmica; tradição oral familiar e documentos históricos e pessoais, que se somam, resultando em perfis que terminam por se constituir em contribuições valiosas para o conhecimento de aspectos importantes da história do país no período mais recente.

Os textos memorialísticos de Antonio Candido são, sem dúvida, na sua maioria, talvez – não na sua totalidade –, textos de circunstância, que é como os considera o autor e leitores como Murilo Marcondes Moura e Antônio Arnoni Prado<sup>373</sup>. Porém, considerados em conjunto, além de constituírem uma parte expressiva da sua escrita, que se prolonga no tempo, representam também um importante aspecto dessa produção. O memorialismo permite sondar-lhe a concepção de mundo e do fazer literário, crenças e expectativas. Torna possível ainda acompanhar aspectos importantíssimos da história intelectual do autor tanto quanto da história cultural do país no século 20. Nesse aspecto, é exemplar este *Teresina etc.* que reconstitui o fio da vida de uma militante do início do século, possibilita conhecê-lo os meios de vida e a sociabilidade. Figura ímpar, Teresina traz também as marcas do seu tempo e da sua circunstância, que o ensaísta figura, tanto quanto faz figurar muito daqueles que com ela conviveram, entremostrados em ricos retratos fragmentários. Assim, parece não constituir exagero reiterar que o memorialismo de Candido, além de revelar as figuras ímpares de que se ocupa, retrata também o país tanto quanto o escritor e ser humano que os produz.

---

<sup>373</sup> MOURA. Circunstâncias e intersecções, julho de 1993; PRADO. Significação de *Recortes*, 1999.

### **Teresina etc. etc.**

Esse curioso livro com etc. no título, na verdade, vai além, pois ao juntar a Teresina outros ensaios o autor justifica-o, percebendo o leitor sem dificuldade a explicação da estranheza. Acontece porém que na verdade o etc. antecede esses outros ensaios, incorporando-se mesmo a ensaio principal que a Dona Teresina Carini Rocchi associa companheiros, amigos e copartícipes da esperança e da luta socialista. Seria então uma espécie de Teresina etc. etc.. Dessa maneira, em seguida ao maestro Guido Rocchi, seu marido; Adelino Tavares de Pinho, Edgar Leuenroth e Edmondo Rossoni – de quem não se cometerá a indelicadeza de chamar amigo de Teresina – e de muitos outros o livro vai além e acolhe também outras das afeições do autor, como Sérgio Buarque de Holanda homenageado pelo prefácio escrito para a quinta edição do seu livro *Raízes do Brasil*. Estão lá ainda mais algumas recorrências do seu empreendimento memorialístico, como o congresso da Associação Brasileira de Escritores e a revista *Clima*, cuja importância na trajetória intelectual da sua geração não deve nunca ser subestimada, configurando dessa maneira o duplo etc..

No mesmo livro estão recolhidos ainda outros textos seminais, como o pequeno e crucial A verdade da repressão, que “transita pela solidariedade orgânica entre a polícia e a sociedade”<sup>374</sup>, que muito tem atraído a atenção dos leitores especializados. Nesse ensaio, a pretexto de falar do filme *Investigações sobre um cidadão acima de qualquer suspeita*, de Elio Petri, Candido reflete sobre a forma como a repressão policial age sobre o indivíduo desconstituindo-o e destituindo-o da sua condição de sujeito, com o objetivo mesmo de destruir a sua humanidade. A violência dessa ação destruidora da individualidade, observa ele, estimula à compreensão do significado do medo. E conclui com Alfred de Vigny: “Não tenha medo da pobreza, nem do exílio, nem da prisão, nem da morte. Mas tenha medo do medo.”<sup>375</sup> Esse mundo espantoso, filho do medo e da repressão em sua permanente simbiose com a criminalidade, não chega, porém, à sua escrita nessa ocasião; já no final dos anos de 1950, num ensaio que seria publicado em 1961, tratando da obra de Graciliano Ramos, o crítico atentava a essa

---

<sup>374</sup> GALVÃO. *Gatos de outro saco*, 1981. p. 166.

<sup>375</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 109.

franja de inferno que cerca nossa vida de homens integrados numa rotina socialmente aceita; franja que em geral só conhecemos por lampejos, e da qual nos afastamos, procurando ignorá-la, a fim de pacificar a nossa parcela de culpa. Que é permanente inferno dos outros, dos seres condenados à anomia moral, ao crime, à prostituição, à fome – e dos que delegamos para contê-los, para se contaminarem na mesma chama que os devora e de que tentamos nos preservar.<sup>376</sup>

O texto acolhido em *Teresina*, que dialoga com reflexões já tão antigas e certamente entranhadas no modo de ser do seu autor, tem um caráter duplo, muito interessante. É, de um lado, um texto de intervenção e, nessa condição, vincula-se mais à ação, respondendo às demandas do momento. Porém, é também um texto de reflexão aprofundada sobre um tema específico, pendendo nessa condição à permanência, visando à defesa de valores universais e à reflexão. Vincula dessa forma duas das faces públicas de Antonio Candido, na sua condição de professor que se volta para os grandes temas da humanidade, mas que é também em muitos momentos o intelectual na mais completa acepção do termo, ativo e partícipe na ação política e na luta pelos direitos humanos e pela liberdade e democracia.

Para ele a luta pela justiça e pelos direitos humanos se dá não só no pleno da ação, transitória, imediata e particular, mas também e principalmente, na esfera da reflexão, totalizadora e universalizante. Vários textos especificamente vinculados ao comprometimento com os valores universais estão na segunda parte do livro *Vários escritos*, que se abre com o ensaio O direito à literatura, seguido de mais cinco outros, todos eles exemplares do que poderia ser chamado o seu humanismo universalista, que, aliás, percorre transversalmente o seu ensaísmo crítico, como está exposto na apresentação do livro *O observador literário*, que vê na literatura “o meio principal de enxergar mais claramente os homens.”<sup>377</sup>

Também o pessoal expresso na literatura, uma aparente procura da literatura pessoal na obra literária pode ser dada como uma das características do empreendimento crítico de Antonio Candido. Não o define porém. Ocorre que essa aparente busca pelo dado pessoal caracterizador é apenas uma visão parcial de um fenômeno mais complexo. Trata-se da inquirição pelo que é humano, logo universal, partindo sempre de um aparente olhar sobre o que é pessoal e particular. Em consequência, o olhar do crítico se volta com aguda

<sup>376</sup> CANDIDO. *Ficção e confissão*, 2006. p. 125.

<sup>377</sup> CANDIDO. *O observador literário*, 1959. p. 8.

atenção para aqueles escritores que focalizaram o homem posto em condições extremas, como é o caso do assassino Luís da Silva, do fazendeiro Paulo Honório disposto a se fazer na vida sobre os destroços dos outros; ou do jagunço aposentado Riobaldo, diuturnamente confrontando o diabo e ainda o amedrontado marinheiro Jim em busca de redenção, finalmente encontrada numa segunda morte redentora ou Edmond de Dantés e sua colossal fúria vingativa.

Observe-se como o Riobaldo pactário é posto em segundo plano em favor do Riobaldo que se arriscando a perder sua alma se move pelo mundo “conservando a integridade do ser”<sup>378</sup>. Já em Joseph Conrad o crítico busca “uma visão dramática do homem”<sup>379</sup>, destacando as suas preocupações éticas; em Graciliano localiza uma concepção unitária da arte e da vida. Nos escritores mais amenos busca aqueles momentos em que o permanente devir humano subitamente emerge. Dessa maneira se compreende melhor o Asmodeu dialético que opera em *Tese e antítese* e em ensaios como *Radicais de ocasião* e *Quatro esperas entre outros*.

O crítico não só à ficção virou pelo avesso, mas também ao testemunho, tal como enfatizou a importância do ato. Palavra crítica tantas vezes – tornada escrita acadêmica n’*Os parceiros do Rio Bonito* –, presente ainda em muitos outros textos que patenteiam a solidariedade àqueles expostos à franja do inferno. Também coerentemente tornada ação na política, nos momentos mais decisivos para o fim das duas ditaduras em cujo sepultamento auxiliou o seu pouco.

Retornando ao texto que suscitou essas reflexões – A verdade da repressão –, observa-se que a sua republicação em *Teresina etc.*, por um lado lembra o bom combate que se combatera antes, nos anos de repressão mais desabrida, por outro lado se volta para o presente de uma ditadura que de certa forma – faltando-lhe já base social e projeto político –, se abranda e arrefece o ímpeto à violência na busca de um arranjo que lhe permita um fim menos melancólico que aquele a que estão condenadas as ditaduras que desabam pelo movimento dos setores sociais insatisfeitos e aptos a manifestar-se na praça pública. Naquele momento, como ocorrera em 1972, o intelectual recupera o passado para falar do presente ao presente. Qual o poeta, almeja o “tempo presente, os homens

---

<sup>378</sup> CANDIDO. *Tese e antítese*, 2006. p. 128.

<sup>379</sup> CANDIDO. *Tese e antítese*, 2006. p. 61.



presentes...”<sup>380</sup> Sabe que o passado é memória; o futuro, esperança, e o presente é a ocasião para recuperar aquele para assim melhor fazer este; práxis que se fertiliza de um para melhor construir o outro. Em consequência se entrega à escrita para “lembrar que certos momentos do passado podem servir de pretexto ou estímulo para refletir sobre o presente.”

381

### **Retrato e auto-retrato**

Pontuada pelo esquecimento, a rememoração tende não raramente a se colorir de uma incerta cor amarela do conservantismo daqueles que buscam no passado, nostalgicamente, alguma coisa que o presente perdeu ou que o passar do tempo destruiu. Buscam-se os “velhos bons tempos”, nunca reencontrados, porque, na verdade, quase nunca existidos – espécie de atualização autobiográfica do mito da Idade de Ouro. Antonio Candido parece, porém, buscar no passado não a Idade de Ouro, mas aqueles que apontam na direção de uma ruptura — aqueles de alguma forma comprometidos com a transformação histórica. A continuidade é admitida quando impregnada do humanismo mais universalista. Para este memorialista a rememoração parece ser, antes de nostálgica, ética, sem perder nunca sua condição de “memórias afetivas”<sup>382</sup>. Aliás, a afetividade seria segundo ele a marca do seu rememorar. Parece também ocorrer uma criteriosa seleção daqueles que são narrados, a deliberada busca de uma espécie de excelência.

Diretamente questionado Candido declara que seu memorialismo não tem motivação ética, apenas afetiva, evocando principalmente as pessoas que, em algum momento da vida, tiveram algum significado para ele<sup>383</sup>. Segundo o crítico, por mera sorte e algum tropismo, foi-lhe dado conviver com pessoas de alto valor. Ao introduzir o termo tropismo na sua resposta acaba em certa medida confirmando a ideia, mas é extremamente enfático na afirmação da escolha afetiva mediada pela circunstância. Descarta, portanto, qualquer escolha que deliberadamente ultrapasse esses fatores. Porém, chama a atenção o fato de praticamente todas essas pessoas se destacarem pela imagem pública de elevados

---

<sup>380</sup> DRUMMOND. *Nova reunião*, 1987. p. 79.

<sup>381</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 99.

<sup>382</sup> CANDIDO. *O albatroz e o chinês*, 2004. p. 73.

<sup>383</sup> CANDIDO. Entrevista de quatro de maio de 2009.

padrões éticos e pela coerência entre imagem e comportamento público – ou por terem enfaticamente destacada pelo crítico essa condição.

Seria, talvez, possível imaginar que a afetividade motivadora do escrito memorialístico seja uma afetividade exigente do ponto de vista ético, demandando um elevado padrão daqueles que serão incluídos. Por ser afetividade, portanto, não uma escolha exclusivamente racional, se move às vezes por razões outras, provocadas pelo toque em diferentes partes da personalidade que não as escolhas éticas. Assim a presença de um elevado padrão ético será condição necessária mas não suficiente para a inclusão no rol dos afetos, que poderá se abrir em outra direção, desde que fortemente motivado, como se deu com Oswald, escritor ilustre e respeitado e contendor desabrido, que depois se aproxima e em absoluto desacordo com sua personalidade pública, fala compreensivamente, reconhece a legitimidade do discurso do desafeto, pedindo e oferecendo amizade.

É bastante comum serem encontradas em textos dedicados a Antonio Candido citações do próprio crítico em que este fala de pessoas com quem conviveu, de amigos ou de professores, lidas reversivamente como retratando características suas tanto quanto daqueles de quem fala. Parece certo que esta é uma característica bastante saliente do seu ensaísmo: ao falar de algumas figuras especiais, merecedoras da sua admiração e afeto, ocorre essa espécie de reversibilidade do discurso, que permite ao leitor recortá-lo, aplicando ao autor o que este dissera do outro. Essa característica já foi anteriormente constatada por Lygia Chiappini, que cita outra leitora – Andréa dos Santos, num texto inédito de 1997 – que também o observara, relativamente ao livro *Recortes*. Uma hipótese interessante sobre esse procedimento de escrita, essa possibilidade de “ler no retrato um auto-retrato”<sup>384</sup>, talvez possa ser alcançada retornando-se aqui aos motivos da afetividade e da ética.

Talvez – conclui-se - o retrato que se torna auto-retrato se origine exatamente dessa exigência ética: o escritor descreve no outro aqueles atributos que julga indispensáveis a si mesmo. Retrata-os como seres elevados – que realmente são – espelhando naqueles que admira a busca da exigente auto-realização – eles são o que o eu gostaria de ser. Candido estabelece dessa forma uma espécie de exigente emulação com esses a quem retrata,

---

<sup>384</sup> CHIAPPINI. Além do eu, abril de 2003. p. 103.

descrevendo neles, na verdade, o que estabelece como permanente objetivo para si – aquilo que ao longo dos anos tem sido: um ser integralmente merecedor de ser retratado.

Assim, Oswald de Andrade não é rememorado por ser um dos mais importantes dos pares modernistas, por ter escrito livros importantes da literatura brasileira ou por ter partilhado vivências durante um importante período da vida e da formação de Antonio Candido. Para os escritores importantes, modernistas ou não, existem os ensaios de crítica literária e as resenhas. Para os que não merecem ser lembrados, existe o silêncio que lhes permita descansar junto ao Criador. Para os amigos queridos, grandes ou pequenos, existem as memórias em que sobrevivem. Oswald era um amigo querido. Amigos queridos também eram Paulo Emílio, os irmãos Andrada <sup>385</sup>, Aziz Simão, Carlos Drummond, Emílio Moura, Pio Corrêa, Sérgio Buarque; amigos eram tantos outros.

A amizade, portanto, seria também explicação mais que suficiente para a presença de Dona Teresina no memorialismo de Candido. Mas, talvez se possa imaginar ainda outras motivações, atribuindo-as à sua exemplaridade, como leitora, como ser capaz de se fazer socialista até a fração mais profunda de si, o que a tornou uma cotidiana combatente pela liberdade, abnegada e desapegada aos bens materiais e às conveniências da vida social. O biógrafo destaca entre os seus legados um em especial, que deve ser grifado: “Ela me transmitiu sobretudo a *afetividade socialista*, que acho fundamental.” <sup>386</sup> Esses termos, aqui devidamente grifados, já foram tratados, mas talvez valha a pena retomá-los e alongar um pouco o discurso sobre eles. Esta pode ser a expressão chave para compreender a biografada e o biógrafo tanto quanto a sua ligação afetiva. Uma afetividade socialista, isto é um modo de ser socialista que remete mais que à ação política, mais que à pregação à prática cotidiana do socialismo. Não fazer discurso na praça pública, já se disse, mas se dar ao próximo nas pequenas coisas do dia a dia, partilhando sonhos, bens materiais, afetos.

Provavelmente a dona Teresina Rocchi foi das pessoas que criou em mim o que eu chamo uma afetividade socialista. Não as ideias, mas uma afetividade, o gosto pela igualdade, o respeito pela pessoa independente

---

<sup>385</sup> Naturais de Santos, SP, os irmãos Antônio Carlos e José Bonifácio de Andrada e Silva foram grandes amigos de Antonio Candido e marcaram definitivamente a sua formação. O crítico lembra que foram eles que lhe possibilitaram o contato com obras fundamentais, que marcaram fortemente a sua vida e tiveram papel importantíssimo em muitas das suas escolhas. Não consta que lhes tenham sido dedicados ensaios memorialísticos, mas são constantemente lembrados com manifestações de carinho e apreço diversas entrevistas e depoimentos.

<sup>386</sup> CANDIDO. Entrevista *Rememória*, 1997. p. 32.

da origem social, a vontade de ver mais igualdade na sociedade – isso ela queria muito intensamente.<sup>387</sup>

Serão, pois, muitas as razões a auxiliar na compreensão do avultamento de Dona Teresina no empreendimento rememorativo de Candido; talvez cada uma delas suficiente por si. Mas seria muito importante destacar a herança expressa pelos termos afetividade socialista, pois a afetividade pura ou conjugada aos ideais socialistas, permite compreender muitos dos movimentos do biógrafo de Teresina tanto quanto da biografada. E ainda mais que o crítico se retrata ao lembrar aqueles que vai incluindo em sua galeria e que, acima de todos, se retrata em Teresina, em cuja pureza reencontra o menino que foi em Poços de Caldas, e busca destacar mais que aquelas qualidades que a tornam merecedora de ser lembrada, as qualidades que parece acreditar dever buscar em si.

Afetividade socialista é, pois, expressão-chave; Antonio Candido não é um intelectual socialista nem um político socialista, nunca se mostrou disposto ao tipo de exclusivismo que essa militância exige. Embora tenha atuado partidariamente por um curto período que se encerrou por volta do seu doutoramento em Sociologia, foi sempre prioritariamente professor e estudioso da literatura. Mostrou-se possuído por uma afetividade socialista, que o levou a se manifestar política, intelectual ou mesmo partidariamente em momentos que julgou decisivos. Assim se deu durante a ditadura militar, na defesa dos direitos humanos ou na ação sindical. Assim se deu em alguns outros momentos, como na fundação do Partido dos Trabalhadores e, posteriormente, algumas poucas vezes no interior desse partido.

O memorialista se lembra que sobre o túmulo de Teresina se fez gravar:

Erta la fronte  
e renitente al fato<sup>388</sup>.

De frente erguida e resistente ao destino e também porque soube ser grande na vida pequena que escolheu essa mulher prossegue na palavra escrita de Antonio Candido a sua jornada. Assim, graças a esse biógrafo, pode-se afirmar que Dona Teresa Maria Carini Rocchi se mostrou capaz para deixar no mundo a marca de si e conquistar a sobrevida que,

<sup>387</sup> CANDIDO. Entrevista de quatro de maio de 2009.

<sup>388</sup> Trata-se dos versos 110 e 111 do Canto XXVII Amore e morte, de Giacomo Leopardi: “erta la fronte, armato,/e renitente al fato,/la man che flagellando si colora/nel mio sangue innocente” (LEOPARDI, *Opere*, 1956. p. 124).

mais que a história oficial com seus monumentos e discursos laudatórios, lhe pode ofertar a literatura.

## TERMOS FINAIS: REFLEXÃO E MEMÓRIA

Este texto se apoiou até aqui numa trama constituída pelo cruzamento da reflexão sobre o motivo da memória – que a partir da introdução e do capítulo inicial têm informado a escrita – com uma particular visada da obra do autor propiciada pelos capítulos seguintes. Espera-se que esse movimento terá oferecido também uma imagem, sempre bastante inconclusiva, é claro, do crítico como pensador, memorialista e intelectual. Isto é, uma compreensão um pouco mais extensiva do seu pensamento e da sua condição de ser do mundo. Partindo da busca da apreensão do lugar do memorialismo de Antonio Candido na sua obra se procurou passar à análise da sua repercussão internamente a esta e ao mundo exterior. Pode-se dizer que se buscaram as fronteiras da história e as margens da ficção e do ensaio, ao mesmo tempo em que se tentou configurar lugar do memorialismo como gênero literário específico no interior da sua escrita.

Proseguindo-se pela senda aberta pela figuração do estudo como uma imagem ou como um retrato, deve-se acrescentar que este se faz de claros e escuros, de luzes e de sombras e no caso presente muitas são as sombras, devendo-se, em consequência destacar algumas delas. De mais de uma já se falou, lendo-se por sombra à omissão. Com resultado, traçou-se de Oswald de Andrade um retrato deliberadamente incompleto, não se explorando muitos aspectos dos textos considerados. Pouco se falou de Mário de Andrade e de Drummond; o nome de Ángel Rama é mencionado apenas de passagem na introdução etc.. Da mesma forma, textos e entrevistas capitais não foram aqui sequer mencionados – um verdadeiro rosário de omissões; deve ser dito. Também não foi explorada em toda sua potencialidade a complexa relação estabelecida pelo memorialismo entre a realidade e a ficção, que teria por consequência o aprofundamento da reflexão sobre a relação entre verdade e memorialismo.

Em alguma parte deste texto está dito que o esquecimento é parte da memória, talvez se possa da mesma forma dizer que um estudo, tanto quanto pela presença, também se conforma pela ausência, que no caso, não significa omissão, mas escolha, afinal, para se

dizer há também que se calar. Assim, quase se calou sobre a atividade política, apenas tangencialmente tratada. Também não foram explorados os silêncios de Antonio Candido, porém, não se deve omitir que o memorialista que tanto disse muitas vezes se calou. Por exemplo, o grave atropelamento por um automóvel, que sofreu aos treze anos <sup>389</sup>, não costuma figurar nas suas narrações memorialísticas. Candido relembra também que com a morte do pai precisou iniciar rapidamente a vida profissional, o que o empurrou para o magistério e para a crítica de rodapé. A verdade é que a família passou por grandes dificuldades econômicas a partir desse acontecimento. Deve ser também mencionada a sua assertiva sobre deixar descansar os mortos, reiterando-se a expressão do próprio crítico, que, quase que sistematicamente contorna os nomes envolvidos em episódios que considera pouco engrandecedores, especialmente aqueles que o tocam diretamente. Aos leitores do seu memorialismo pode ficar a impressão de que teve uma trajetória sem percalços e praticamente sem desafetos, o que certamente não é a realidade. Ou seja, o discurso memorialístico não é apenas aquilo que diz, mas também o que cala. Muitas vezes, não dizer significa e pode revelar mais que o dizer.

Definitivamente, o memorialismo de Antonio Candido – talvez se deva dizer todo memorialismo – é tão marcado pela reiteração de certos fatos e figuras, como pela ausência de outros. Um dos objetivos deste estudo foi atentar para aqueles que são narrados e, principalmente, os que são reiterados; mas as omissões são muito atraentes. Tivessem sido percorridas, o retrato esboçado seria muito mais rico, muito mais aderente ao retratado. Constatadas, essas lacunas ficam omitidas, – não esquecidas ou desprezadas. São os grandes claros do mosaico de que fala Pedro Nava, à espera de leitor que os preencha e inquiria ou saiba lê-los em sua muda loquacidade. Entre vozes e silêncios, entre lembranças e esquecimentos opera a memória, revelando acontecimentos, afetos e escolhas.

Traçou-se do crítico em consequência um retrato que, deve ser dito, tem certos traços de caricatura. Não no sentido de deliberada construção grotesca, mas por exagerar alguns traços do retratado e, ao mesmo tempo, omitir ou pouco explorar outros. Ao buscar compreender e destacar a importância do empreendimento literário de Antonio Candido se atentou especialmente para suas componentes memorialísticas, ou à memória associadas.

---

<sup>389</sup> ESCOREL. *O pai, a mãe e a filha*, 2010.

Assim, para amenizar esse aspecto caricaturesco (na ausência de expressão mais eficaz) serão analisados dois ou três pontos antes de se encaminhar para o necessário encerramento.

Esse exagero do olhar sobre o aspecto memorialístico pode em algum momento dar a impressão de que se opera a partir da pressuposição de que sua obra seria mais eficazmente definida por esse aspecto. Não há essa pressuposição. Antonio Candido são muitos, se poderia dizer parafraseando o poeta. Claro está que as reflexões de um leitor isolado em sua singularidade não poderiam nunca se oferecer como respostas integrais às inúmeras questões que surgem do confronto dessa produção intelectual tão vasta. Os diversos diálogos que empreende, os muitos campos por que se move colocam-na além desse alcance, mesmo quando recortada quanto a um motivo específico, como se dá neste caso. Nessa obra múltipla e complexa falam muitas vozes e muitas são as portas que permitem bem adentrá-la. Valiosos estudos poderiam ser talhados a partir dos aspectos teóricos e metodológicos, sobre o aspecto estilístico, sobre o historiador e o cientista social etc.. Escolheu-se entre muitos aspectos um que parecia ainda pouco estudado e que poderia por sua vez iluminar importantes características do seu empreendimento literário. Como uma de múltiplas portas, o memorialismo, ou mais extensamente, a literatura pessoal, nada pode explicar por si, mas permite perceber características que não seriam talvez de outra perspectiva vislumbradas.

Consequentemente se procedeu nas páginas anteriores à análise das especificidades do trato de Antonio Candido com a literatura pessoal nas suas diversas manifestações. Seja nos textos de escopo analítico ou puramente rememorativo, seja nas entrevistas e depoimentos ou naqueles casos aqui chamados afloramentos da memória em textos de outra natureza, principalmente nos de crítica literária. Constatou-se que a sua arte da memória opera com uma paisagem em que há muito mais gente do que coisas. Embora aponte para um fato que talvez constitua um dado geral da literatura pessoal: o memorialismo atenta mais às pessoas, ao passo que na autobiografia há muito espaço para as coisas. Poderia residir nessa sutileza muito da diferença entre os gêneros contíguos; deve, porém, ser enfatizada a sua exacerbação na rememoração do crítico.

Seu memorialismo se enquadra na tradição e na série memorialística de uma forma específica, reconformando-a, pois existe como parte de um olhar reflexivo que se volta para



o passado, para a tradição literária e, conseqüentemente, para a memória, tomando-as como objeto de uma forma peculiar, definível acima de tudo pelo seu viés crítico. Esse percurso permitiu pensar que não parece desarrazoado se imaginar que a memorialística deste pensador é uma das colunas mestras do seu pensamento e da sua mundivivência e que, em consequência, suas repercussões são amplas e profundas, o que solicita e justifica o seu estudo e avaliação. O que parece validar em certa medida o itinerário traçado.

Para amenizar o aspecto caricaturesco de que se falou, serão desenvolvidos neste capítulo dois ou três pontos referentes à sua escrita, procurando ir um pouco além do memorialismo – embora sem perdê-lo de vista – na intenção de melhor compreendê-lo e situá-lo, para em seguida se conduzir o estudo ao seu encerramento.

### **A coragem de oscilar**

Candido sempre valoriza a exposição clara e reta, pois,

Geralmente as coisas essenciais são simples, enquanto os conceitos retorcidos e ambíguos, e as cascatas de palavras, podem servir para esconder o vazio ou evitar o confronto com a reta singeleza dos princípios que definem o necessário para viver com dignidade<sup>390</sup>.

Seus textos sempre se mostraram coerentes com essa concepção do pensamento e da escrita em que parece ocorrer uma necessária coincidência, guiando-se as duas pelos princípios da clareza, tanto quanto pela franqueza e pela elegante economia dos meios. E é com certo fastio que fala da “neblina expositiva que anda na moda e parece aumentar o prestígio de quem a usa na razão inversa do grau de compreensão de quem lê.”<sup>391</sup> Quando escreve parece buscar sempre a linha reta, seja pela objetividade que a caracteriza, seja pela significativa busca do caminho mais curto, mais direto, não obstante as digressões – significados que se acrescentam. O crítico fala da poesia de Drummond e Eliot, do preconceito e da música; de Shakespeare ou de Guimarães Rosa, de temas históricos ou sociológicos. Em todos os discursos o leitor depara sempre com uma como que busca de maior harmonia e unidade entre significantes e significados. Há sempre a impressão de que as palavras operam mostrando, nunca ocultando, buscando sempre uma espécie de escrita da clareza.

<sup>390</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 103.

<sup>391</sup> CANDIDO. *Teresina etc.*, 2007. p. 111.

Depreende-se do seu discurso a permanente recusa ao que poderia ser mal chamado cientificismo, ou qualquer forma de culto retórico à ciência, ou da ideia de submissão à ciência como autoridade definitiva. Candido – cientista social por formação e experiência de magistério – se recusou a participar da SBPC por não reconhecer às ciências sociais o estatuto científico, como relembra na entrevista a Gilberto Velho. Mais tarde reviu esta posição, permaneceu, porém, a recusa ao dialeto, ao jargão, tanto das ciências humanas em geral, quanto em particular no campo da crítica literária, à qual não confere estatuto científico. O jargão, é um necessário lugar comum dizê-lo, oculta e obscurece, a escrita da claridade recusa-o, pois.

Seu trato com o conhecimento tende mais à busca da sabedoria que ao saber científico<sup>392</sup>. Em consequência, a escrita é literária, tomando diferentes formas conforme as demandas que se apresentam ao autor. Como o crítico já mostrou, o texto pode ser barroco e abundante como em João Guimarães Rosa ou áspero e objetivo como em Graciliano Ramos, sendo sempre altamente literário. De maneira assemelhada, a sua escrita varia conforme as demandas, sem perder nunca as qualidades de estilo e a alta condição de literatura, plasmada na forma do ensaio. Talvez se deva recuperar aqui a expressão “coragem de flutuar”, com que caracteriza a escrita de Sérgio Milliet.

Flutuar no sentido de mudar livremente de posição e no de circular caprichosamente entre as ideias, esposando as mais diversas formas de interpretação e reivindicando o direito da diferença constante, num momento como o da Guerra e, depois, da Guerra fria, quando toda gente procurava se encastelar num dogmatismo que apoiasse a ação a qualquer preço.<sup>393</sup>

Esse flutuar característico da escrita de Milliet, talvez, dos dois escritores, distingue de fato o ensaio. Falar da escrita de Candido é falar sobre a forma ensaio, muito bem estabelecido nesse discurso sobre o amigo mais velho. O crítico opera produzindo uma espécie de amálgama entre o ensaio, de longa tradição nas nossas letras, e o espírito inquiridor característico da formação universitária. O que é mais ou menos do conhecimento geral e mais de uma vez confirmado pelo próprio crítico, que sempre se confessou seduzido pelo ensaísmo. Isso em uma escrita rigorosa que deixa entrever na

---

<sup>392</sup> CANDIDO. Os vários mundos de um humanista, junho de 1993.

<sup>393</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, 2006. p. 155.

reflexão do humanista os veios da produção do polímata, no melhor sentido que esse termo pode adquirir.

Sabe-se que a literatura, mais do que qualquer outro gênero de produção especializada do saber, contribuiu, de maneira decisiva, no Brasil, para a formação de uma consciência nacional e para a pesquisa da vida e dos problemas brasileiros.<sup>394</sup>

Isso fica bem estabelecido no livro *Formação da literatura brasileira* ao falar do Romantismo brasileiro de cuja tradição se reconhece herdeiro, com ela estabelecendo uma tensa linha de continuidade. Praticante da forma que essa fusão entre a literatura e o autoconhecimento nacional produziu, isto é, o ensaio, com o qual se compromete de forma radical, ao mesmo tempo, representa a ascensão da moderna pesquisa universitária ao proscênio da atividade intelectual, empurrando, cada vez mais, para o segundo plano, os literatos empenhados, diletantes no campo das ciências e da produção do conhecimento.

O ensaísmo tem no empreendimento literário de Antonio Candido certas características de continuidade na medida em que se vincula a uma robusta tradição. Porém, também se volta para o futuro por guardar características de um olhar preventivamente crítico sobre uma – valha aqui a contradição dos termos – nova tradição que se funda. Com o surgimento da Universidade e, conseqüentemente dos estudos universitários, surge no país também juntamente com o rigor científico e o compromisso com a reflexão teórica, o discurso cientificista e todo seu corolário de intransigência e enrijecimento. O ensaísmo se constitui como um movimento de crítica face à nova realidade e de acautelamento, preservando como que um território livre para a dúvida sistemática, o que vale dizer para a crítica. O episódio da recusa à afiliação à SBPC pode ser visto também como parte desse acautelamento face aos malefícios que o jovem crítico literário e professor de sociologia parecia antever.

### **A letra e o espírito**

Na condição de praticante maior desse tipo de escrita já de tão longo tempo enraizada nas nossas letras, Candido soube conferir ao ensaio um estatuto de valor, diferenciando-o e explorando-o em dimensões até então inéditas. Nas páginas seguintes se

---

<sup>394</sup> CANDIDO. Entrevista com Antonio Candido, 2001. p. 421-422.

lançará um olhar específico sobre o gênero em suas particularidades e contiguidades com outras escritas como caminho para melhor entender o escritor tanto quanto essa forma.

Segundo esse crítico, para definir um escrito como encaixável nesse gênero,

é necessário que sintamos o pensamento a ensaiar-se, a experimentar os seus instrumentos e ver até que ponto pode levantar um problema, ou propor uma solução. Em geral, não propõe soluções, mas ensaia caminhos e pontos de vista que facilitam chegar até elas. É, realmente, a “*pensée qui s’essaye*”, de que fala o crítico.<sup>395</sup>

Por sua vez, Eduardo Frieiro observa que esse tipo de escrita busca interessar o leitor por meio dos livres movimentos do pensamento, sem o aparato das demonstrações rigorosas. Considera o gênero o veículo natural da crítica e diz algumas palavras que merecem ser reproduzidas. O ensaio

Não discute nem explica com método científico, apresenta a questão em forma imediata, mas a questão unicamente porque a sua resposta não traz uma solução, como se dá com a ciência ou, em esfera mais alta, com a filosofia; apenas tenta ou ensaia – o nome já o diz – explaná-la ou criticá-la, em forma acessível e lúcida.<sup>396</sup>

Essa visada, próxima àquela esposada por Theodor Adorno que vê no ensaio “a forma crítica *par excellence*”<sup>397</sup>, captura algumas das mais importantes características desse gênero tão caracteristicamente arredo à definição. Essa condição, entre outras, contribui para explicitar o caráter avesso ao positivismo, – muitas vezes inseparável da prática e do discurso da ciência –, que informa o ensaio. A partir da experiência britânica – pode-se dizer genesíaca – do *Tattler* e do *Spectator*, o ensaio se firmou e se desenvolveu como gênero caracteristicamente jornalístico, crítico no mais amplo sentido.

É ainda Frieiro que anota no seu *Novo diário* que tudo o que escreveu foram apenas “simples ensaios ou exercícios preparatórios para algum trabalho de sobremão que ficou no óvulo, se ficou.”<sup>398</sup> Esse, estabelecido pelo criador do *Basileu*, é um dos aspectos mais importantes para a compreensão do gênero ensaístico. Sua condição de “exercícios preparatórios para algum trabalho de sobremão que ficou no óvulo” vincula o gênero à etimologia forte do termo, a primeira significação a aparecer nos dicionários e

<sup>395</sup> CANDIDO. Livros: Sérgio Buarque de Holanda: *Cobra de vidro*, agosto de 1944. p. 71.

<sup>396</sup> FRIEIRO. *Torre de papel*, 1969. p. 86.

<sup>397</sup> ADORNO. O ensaio como forma, 1986. p. 182.

<sup>398</sup> FRIEIRO. *Novo diário*, 1986. p. 261.

enciclopédias. Derivada do termo do latim tardio *exagium* – ‘pesagem’ – a palavra ensaio é registrada pelo *Dicionário Aulete* como significando “esboço, rápida apresentação de um assunto filosófico, histórico ou científico sem entrar em grande desenvolvimento.” Mas esse é o último dos significados; a significação forte seria ‘experiência; prova; exame; análise; apreciação’.

O termo remete primariamente a Montaigne, todavia, talvez fosse possível recuar à antiguidade e tomar as epístolas horacianas como uma forma nascente do ensaio. Aliás, talvez se possa recuar a Platão e estabelecer o diálogo socrático como uma forma primeira desse gênero, afinal, um bom ensaísta, ainda hoje, deve ter muito do espírito de Sócrates e sua disposição a tudo discutir, tudo provar, examinar, analisar. A maiêutica socrática é uma espécie de irmã primeira do espírito ensaístico, disponível a tudo avaliar, sobre tudo discorrer, ligeiramente às vezes, às vezes com raro espírito prospectivo. Às vezes simples sofismar, às vezes profundas e definitivas interrogações. Mas, sempre, em algum ponto, se retornará ao ilustre *sieur* de Montaigne.

Tal como uma orquestra, um grupo de teatro ou o músico ou ator isoladamente ensaiam para a execução principal do seu trabalho, também o escritor ensaia, em textos provisórios, – uma fase ovular, nos termos de Frieiro –, a sua produção intelectual. Através do ensaio, experimenta-se a rota do texto definitivo que o sucederia. Desde Montaigne se estabelece essa característica do ensaio. Basta para comprová-lo acompanhar as sucessivas edições dos seus *Essais*, entre 1580 e 1596, uma ininterrupta agregação de novas escritas à escrita original, ampliando as bases e o alcance do texto. Curiosamente, o mesmo Montaigne que estabeleceu o ensaio como gênero autônomo, finalidade última da escrita, vincula-a definitivamente àquele que escreve –“Não somente ousou falar de mim, mas ainda falar só de mim”<sup>399</sup> –, como uma espécie de escrita do eu que dialoga consigo mesmo antes de se dirigir ao seu leitor.

É exatamente essa condição de escrita multiforme que destaca Alexandre Eulálio, que fala do ensaio como uma escrita movediça oscilando da filosofia à política, da novela ao documento, capaz tanto da mais alta erudição em estado puro quanto da leveza do *fait divers*. Claro que uma tal amplitude, embora dizendo muito do caráter e espírito desse

---

<sup>399</sup> MONTAIGNE. *Ensaio*s, 1987. p. 257.

gênero, não permite um grande avanço nesse caso particular. Assim, recorre-se ao mesmo Eulálio para estabelecer

seu sentido geral de livre comentário estético, expresso dentro de um critério mínimo de prosa literária cultivada. E que desse modo compreenda tanto as considerações críticas e interpretativas sobre a história da cultura nacional, na sua esfera própria e “belas letras”, quanto a variação menos livre, séria ou jocosa, sobre sentimentos, fatos, pessoas, sucessos.<sup>400</sup>

Certamente ainda não é possível estabelecer esta forma como a medida do objeto de estudo a que se atenta, mas permite uma aproximação, um vislumbre ainda não definitivo de uma matéria por natureza fugidia. Alexandre Eulálio, ele mesmo ensaísta de amplos horizontes, analisa o gênero ou espécie literária nesse ensaio primoroso acima citado, apontando um elenco de escritores entre os mais significativos da série literária brasileira que assumiram o gênero. Antonio Candido fala do livro que abre a listagem de Alexandre Eulálio destacando seu caráter de obra inaugural e a sua condição de

típico exemplo da fusão, bem brasileira, de ciência mal digerida, ênfase oratória, e intuições fulgurantes. Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira<sup>401</sup>.

Características segundo o crítico presentes também em obras já de nítido caráter científico como *Casa grande e senzala*, *Sobrados e mucambos*, *Raízes do Brasil*, todos tributários da literatura, “não apenas pelo estilo mas principalmente pelo ritmo da composição e a própria qualidade da interpretação.”<sup>402</sup> Candido não usa a palavra ensaio, mas destaca nas obras exatamente a sua condição ensaística, corroborando Eulálio e apontando algumas fundamentais características do gênero: o “ritmo da composição”, a “qualidade da interpretação”.

Não parece, portanto, exorbitante apontar essa escrita tão caracteristicamente aberta e provocativa como grandemente característica da mais elevada produção intelectual brasileira. Dada a sua forma fluida e a liberdade e a amplitude que a caracterizam, não é provável que se possa estabelecer-lhe uma definição de amplo curso. No entanto, a partir

<sup>400</sup> EULÁLIO. *Escritos*, 1992. p. 11-12.

<sup>401</sup> CANDIDO. *Literatura e sociedade*, 2010. p. 140

<sup>402</sup> CANDIDO. *Literatura e sociedade*, 2010. p. 141.

dessas mesmas características – fluidez, liberdade e amplitude – é possível reconhecer algumas particularidades mais ou menos consensuais, como a sua condição de veículo por sua própria natureza adequado à auto-expressão. Observe-se a sucessão de frases: “*I have observed*”; “*I was born*”; “*As for the rest of my Infancy*”; “*Upon the Death of my Father*”; “*I have passed*”<sup>403</sup>. Essas expressões abrem os cinco primeiros parágrafos do primeiro ensaio de Addison no número inaugural do jornal *Spectator*, no primeiro dia de março de 1711. Nesse momento seminal para a constituição do ensaio como gênero literário específico da cultura ocidental o texto do pioneiro destaca aquele ponto mais característico do ensaio desde Montaigne – a auto-expressão do eu. Informação a que se acrescenta, apenas como provocação, o fato de que se tratava de um eu ficcional, ou ficcionalizado.

Roberto Alvim Corrêa diz de um ensaísta alguma coisa que caracteriza o ensaísmo em geral: “o ensaísta, que nunca esgota todas as possibilidades, se bem que profundo, tem o senso da prodigalidade da vida, deixa que outros explorem o que ele próprio descobriu.”<sup>404</sup> Essa espécie de pródiga generosidade apontada é, sem dúvida, outra das mais fortes características do gênero, que sistematicamente se recusa à última palavra, abrindo-se ao outro, convidando-o com insistência a completar lacunas, a dizer-se simultânea e subsequentemente ao ensaísta. Assim pode-se dizer que o ensaio difere do tratado – e da escrita acadêmica em geral – pelo seu compromisso com a experimentação; pela sua exposição tateante; pela vinculação direta àquele que escreve, e ainda pela ligação também direta que busca estabelecer com o leitor. Resumidamente: uma escrita em permanente diálogo consigo mesma e com o outro.

Por outro lado, cabe acrescentar que as dificuldades na descrição definitiva do ensaio não podem em hipótese alguma conduzir a uma ideia de indistinção do gênero, que gere o risco de tornar o termo ensaio uma espécie de ônibus em que entra tudo que não é ficção ou tratado acadêmico. O ensaio tem características bem específicas que precisam ser observadas. Há de se atentar para a liberdade espiritual que demanda, o que inviabiliza chamar de ensaio textos produzidos fora dessa condição, tanto individual quanto

---

<sup>403</sup> “Tenho observado”; “Nasci”; “Como pelo resto da minha infância”; “Depois da morte do meu pai”; “Tenho passado”. ADDISON. 1950. p. 3-4.

<sup>404</sup> CORRÊA. Gilberto, ensaísta, 1962. p. 168.

historicamente <sup>405</sup>. O mesmo se dá com aspectos formais, ou, a ausência de certos aspectos formais. Por exemplo, o artigo acadêmico tem uma solicitação particular quanto ao desenvolvimento, comumente expressa nos termos “introdução, desenvolvimento e conclusão mais resumo e abstract”, seguidos das referências bibliográficas. Ora, um texto que poderia ser originalmente, um ensaio, ao renunciar à sua forma para ser encaixado nessa receita, deixou de ser um ensaio e se tornou aquilo que diz ser: um artigo nos moldes acadêmicos. Adorno observa que, como a maioria dos termos capazes de sobreviver historicamente,

a palavra ‘ensaio’, em que a utopia do pensamento – acertar no miolo da questão – se conjuga com a consciência da própria falibilidade e transitoriedade, transmite uma informação sobre a forma, tanto mais digna de nota quanto não é programática mas é característica da intenção tateante. <sup>406</sup>

Esse pequeno trecho do filósofo frankfurtiano sintetiza com rara felicidade algumas das características definidoras do ensaio. De uma parte, o caráter utópico do pensamento, a vontade de “acertar no miolo da questão”; doutro a consciência da falibilidade humana, “a intenção tateante”, mas, sobretudo a consciência estabelecida da transitoriedade. O ensaio é transitório, não sendo, portanto, casual a vinculação da sua origem ao jornal, que pela manhã retrata o mundo, opina, desafia reis e magnatas e ao fim do dia, plebeu, embala peixes e bananas na feira. Transitório e conhecedor da própria transitoriedade e a ela não renunciando, o ensaio se constituiu em gênero capaz de ultrapassar os séculos, exatamente por essa estreita vinculação ao seu tempo. De certa forma, o gênero vem cumprindo o papel de vincular ao efêmero o permanente, fazendo em consequência com que o efêmero se eternize. Ou mostrando a manifestação cotidiana do permanente nas efêmeras páginas do jornal e do magazine.

Talvez se possa estabelecer como mais uma das suas características definidoras a plasticidade, sua habilidade para auto-conformar-se, mudando de direção e de forma, derivando de um lado o ensaio de erudição e de cultura tão presente na tradição brasileira e do outro, a crônica, também tão bem aclimatada, que muitos chegam a declará-la “gênero genuinamente brasileiro”. Entre esses dois extremos um espectro quase infinito de

---

<sup>405</sup> LIMA. *Ensaio sobre a essência do ensaio*, 1946.

<sup>406</sup> ADORNO. *O ensaio como forma*, 1986. p. 180.



possibilidades se abre para o ensaísta que pela própria característica nada deve recusar como tema.

O rosário de nomes unidos pela condição de ensaístas tem coincidido, ao longo do tempo, com aqueles que têm decisivamente contribuído para o conhecimento, para o desenvolvimento do pensamento crítico e da liberdade de expressão. Como é o caso, por exemplo, de Franklin de Oliveira que fala do gênero numa linguagem que toca a poesia, forma por natureza adequada ao objetivo do ensaísta:

Cruzam-se na estrutura do ensaio o lógico e o mágico, a didática e a poesia. Como, porém, em sua trama atuam as potências líricas, ele não tem a frieza do tratado, o dogmatismo do compêndio ou o peremptório da monografia. Pertence a uma realidade lúcida: jogo de ideias, pensamento que se exercita a si mesmo na ginástica da mais imprevista dialética.<sup>407</sup>

O autor mais de uma vez aproxima essa forma literária à música, vê no ensaísta por excelência um experimentador. Na sua opinião a função do ensaio é provocar o pensamento, conduzindo-o à indagação e à dúvida. Para alcançar esse objetivo a sua estruturação interna deve ser caracterizada pelo rigor e pela abertura para as mais inesperadas combinações, uma espécie de arquitetura da flexibilidade. Apalpando, perquirindo, procurando: buscando uma forma e nessa busca construindo uma nova forma, porque no ensaio mais que a chegada importa o caminho, mapa que se traça no ato mesmo da caminhada.

A partir dessas considerações sobre o gênero, parece ser possível afirmar que a escrita de Candido, mais que vazada nessa específica forma literária, está sempre presidida pelo mais genuíno espírito ensaístico. Mais que um gênero de escrita o ensaio é expressão de uma mundividência que se enraíza na liberdade de espírito e na tolerância. O ensaísta se recusa a oferecer a boa vontade como substituta à má verdade estabelecida e estratificada; ao contrário, como convém ao genuíno gênio do ensaio, instaura a dúvida como consequência e como método.

### **Uma atividade sem sossego**

Reconhecida a definitiva condição de ensaísta como definidora de Antonio Candido, seja pelo espírito, seja pela forma, retoma-se ao roteiro que encaminha este texto para o seu

---

<sup>407</sup> OLIVEIRA. *Viola d'amore*, 1965. p. 199.

remate. Nesse percurso anota-se ainda como outra das características do crítico uma propensão a ampliar o foco do olhar quando trata dos objetos isolados e a reduzi-lo às partes quando se trata dos grandes panoramas, como registra Murilo Moura num ensaio já citado. Nessa circunstância, uma tendência a pensar a contrapelo – o termo é devido a Roberto Schwarz, registra-se –; aliás, tendência também visualizável em outros aspectos do seu pensamento: as aproximações sucessivas; a dúvida metódica; a humildade do estudioso; a abertura para o leitor.

Antonio Candido escreve como crítico literário de rodapé de jornal; escreve como sociólogo e escreve como crítico literário acadêmico; escreve memórias; escreve como estudioso da literatura do ponto de vista histórico-sociológico; assim como produz estudos histórico-sociológicos sobre a realidade brasileira e sobre personalidades; escreve estudos sociológicos e também não lhe são estranhos os estudos biográficos em curtos perfis que buscam quase sempre a exemplaridade. Premido por essa ânsia o escritor funciona como um polímata, produzindo textos enquadráveis nos mais variados campos do conhecimento, abrangendo largo trecho das chamadas humanidades, gerando uma obra múltipla, complexa e ambiciosa, mas extremamente coesa, seja pela orientação geral, seja pelo objetivo, seja pela alta tensão da elaboração literária.

O que e como se unifica essa multiplicidade intelectual? As respostas são múltiplas, mas pode-se estabelecer algumas pistas que somadas talvez constituam uma resposta, não completa e definitiva, claro, mas indicial e iluminadora. Inicialmente anota-se sua condição mesma de escritor articulada à ânsia de conhecer o Brasil. Pode-se falar ainda da permanente ação crítica, voltada tanto para o mundo como para o próprio pensador. Outro indício se relaciona ao compromisso ético que parece percorrer horizontal e verticalmente seu modo de ser no mundo. A presidir essa complexa personalidade está o espírito ensaístico. Na escrita de Candido convivem em permanente tensão diferentes discursos, diferentes saberes, unidos pela ânsia de conhecer, pelo comprometimento com a construção de uma literatura brasileira, pelo impenitente combate às mais variadas formas de Reação. Nele o ensaísmo parece ir muito além da forma literária, constituindo na verdade uma espécie de expressão profunda. Não fora ensaísta e teria sido um crítico completamente diferente. O mesmo pode ser dito relativamente ao memorialismo, cuja presença nas suas

diferentes manifestações nesta produção literária reconfigura-a, acrescentando ou alterando sentidos.

Um pensamento construído em camadas – um permanente repensar – operando sobre o pensado por si e pelo outro, sempre assimilando e reelaborando, organizando as camadas do pensado e do repensado adicionando-as a novas camadas de forma que o leitor, familiarizado com a expressão escrita fluente, sente-se pisando na terra firme do já conhecido ao mesmo tempo em que se pasma com as novidades e com as inacreditáveis ousadias desse pensamento que tão calma e modestamente executa suas evoluções.

Esse ensaísmo se manifesta em duas formas cuja dialética se expressa na tensão em que se plasma o texto: uma superficial, outra profunda. A primeira é perceptível na exterioridade do texto, no escritor capaz de expressar-se em linguagem acessível ao leitor comum, aquela difícil simplicidade de que fala João Ribeiro nas suas *Cartas devolvidas*. A segunda deve ser buscada na raiz mesma da sua expressão vinculada ao pensamento que ao se fazer texto jamais recua ante a complexidade e mesmo da inefabilidade do mundo. Na sua obra a escrita legível não significa nunca a redução do pensamento à capacidade de alcance do leitor. Ali a legibilidade significa clareza de pensamento e a busca da profunda compreensão seja dos aspectos empíricos seja da complexidade interna do objeto e suas também complexas vinculações ao mundo, que não são contornadas ou elididas. Sua linguagem clara ambiciona sempre elevar o leitor ao nível da complexidade do mundo; nunca uma operação redutora que o traz ao alcance do leitor menos exigente pelo caminho da simplificação descomprometida. A exposição clara e iluminadora está sempre apta a realizar o trânsito fundamental – a passagem do dois ao três: do pensamento simples, exposto em duas dimensões didaticamente construídas, à síntese iluminadora, que nunca é, porém, uma solução, mas apenas plataforma em que se prepara novo salto. Uma permanente visão do que é humano no seu permanente devir: da didática à dialética.

Célia Pedrosa, no livro que lhe dedicou, observa em *Candido* o emprego de termos como nuança, tonalidade e matiz, atinentes à visão, característicos da observação das artes plásticas, no entanto, não totalmente estranhos à análise literária. Essa atenção à nuança, à tonalidade, ao matiz registra-se, como se viu, em várias de suas leituras. Aqui se quer sublinhar de forma especial esses termos: nuança, tonalidade e matiz. Parecem característicos da totalidade do seu trabalho crítico que, conspicuamente evita as

generalizações, atentando mais à especificidade, à particularidade que definem o caráter de cada obra analisada, de cada pessoa que é objeto da sua narração memorialística e de cada movimento histórico observado.

Não pode ser omitida a importância que a categoria da mediação representa nesse pensamento e especialmente na sua concepção da literatura, constantemente reiterada em escritos ou entrevistas e, mais importante, permanentemente presidindo o trabalho crítico e a escrita memorialística. Pode-se citar como exemplo desse aspecto da sua armação teórica, o modo como encara a apropriação da literatura como documento, e ainda as ideias relativas à concepção da realidade estruturalmente conformada na obra literária, em que se integra. E ainda especificamente nos textos críticos em que opera com dados pessoais, como a análise do poema Louvação da tarde ou da poesia de Tomás Gonzaga.

Anote-se que mesmo aqueles textos de caráter didático ou puramente memorialísticos são presididos pelo espírito de ensaio. Mesmo um texto mais estritamente acadêmico como a sua tese de livre-docência, – talvez a parte mais acadêmica da sua produção – tem muito de ensaio; e poderia ser dita ensaio completo quando encaixada na série da sua produção, uma vez que se revela um passo de uma jornada ensaística, um momento de reflexão e reconformação da parcela da jornada já cumprida, abrindo-se para o futuro como possibilidade e florescência.

Seguir os fios trançados pelo memorialismo de Antonio Candido, que tecem em tecido extremamente matizado, porém íntegro do ponto de vista do rigor do pensamento e da reflexão, uma obra que se produziu ao longo de toda uma vida, permitiu melhor conhecer o escrito tanto quanto o escritor. Claro que em toda escrita há aquela fatia que não resistiu bem à venenosa mordida do tempo. Com Antonio Candido não é diferente. Textos há que cumpriram sua função e jazem nos jornais e prefácios em que foram depositados. No entanto, seu ensaísmo vem se marcando desde o início por artefatos que se inscrevem na história da inteligência nacional como alguns dos seus momentos de maior luz. Essas são algumas das grandes características do pensamento desse crítico que o trajeto pelo seu memorialismo em sua interseção com a sua obra mais amplamente considerada permitiu vislumbrar. Esse é Antonio Candido de Mello e Souza, memorialista, crítico exemplar, leitor impenitente, mestre de gerações.

**BIBLIOGRAFIA E OBRAS CITADAS****Obras de Antonio Candido**

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010

CANDIDO, Antonio. Traços biográficos. In: CORRÊA, Pio Lourenço; ANDRADE, Mário de. *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. São Paulo/Rio de Janeiro: SESC SP/Ouro sobre Azul, 2009. p. 9-13

CANDIDO, Antonio. *Teresina etc.*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007

CANDIDO, Antonio. Mundos cruzados. In: RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 381-385

CANDIDO, Antonio. *Um funcionário da Monarquia*. 2. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento Literário: a falta que ele faz!: 1956-1974: do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007. p. 8-9

CANDIDO, Antonio. Projeto do suplemento literário e artístico d'*O Estado de S. Paulo*. In: LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento Literário: a falta que ele faz!: 1956-1974: do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007. p. 94-120

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 5. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006

CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. 5. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. 3. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. 4. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006

CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema*. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2006

CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. 5. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006

CANDIDO, Antonio. La mirada crítica de Ángel Rama. In: MORAÑA, Mabel. (ed.). *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*. 2. ed. Pittsburg: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburg, 2006. p. 287-294

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas, 2005

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. 3. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. reorg. pelo autor. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004

CANDIDO, Antonio. *Observador literário*. 3. ed. rev. e ampl. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004

CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira*. 3. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004

CANDIDO, Antonio. *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004

CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2004

CANDIDO, Antonio; MINDLIN, José. Prefácio. In: ROSA, João Guimarães. *Ooó do vovô: correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess*. São Paulo/Belo Horizonte: IMESP/EDUS/Ed. PUC-Minas, 2003. p. 13-14

CANDIDO, Antonio. Um homem raro. In: \_\_\_\_\_. *A dimensão da noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 11-14

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: GRILO, Antônio. *Beco do Grilo*. Passos: Gazeta de Passos, 2003. p. 7-10

CANDIDO, Antonio. *O nobre: contribuição para o seu estudo*. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes/IMESP, 2002

- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: \_\_\_\_\_. (org.). *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 51-80
- CANDIDO, Antonio. *Um funcionário da Monarquia*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2002
- CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura e outros ensaios*. Coimbra: Angelus Novus, 2004
- CANDIDO, Antonio. Sentimento de liberdade. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2002. v. III. p. 2351-2353
- CANDIDO, Antonio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001
- CANDIDO, Antonio. Agora é com a literatura. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy et al. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 19-22
- CANDIDO, Antonio. As diferentes tarefas do crítico. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. II. p. 1019-1020
- CANDIDO, Antonio. Tensões críticas do Modernismo. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. II. p. 1669-1671
- CANDIDO, Antonio. Bastide, dos negros aos franceses. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. I. p. 633-634
- CANDIDO, Antonio. O lúcido visionário. In: GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Murilo Mendes: 1901-2001*. Juiz de Fora: Centro de Estudos Murilo Mendes/UFJF, 2001. p. 15-16
- CANDIDO, Antonio. Arlt: cidade real, cidade imaginária, cidade reformada. (intervenção do debatedor). In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de. (org.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 239-242
- CANDIDO, Antonio. Uma visão latino-americana. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de. *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 263-270
- CANDIDO, Antonio. Um poema de Vinicius de Moraes. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 14, n. 49, p. 70-71, outubro-dezembro de 2001
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000
- CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária. *Inimigo Rumor*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 60-89, novembro de 2000
- CANDIDO, Antonio. De leitor para leitor. *Literatura e sociedade*, São Paulo, USP, n. 5, p. 194-197, 2000
- CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: COELHO, Ruy. *Dias em Trujillo: um antropólogo brasileiro em Honduras*. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 9-13

CANDIDO, Antonio. 10 livros para conhecer o Brasil. *Teoria e Debate*, São Paulo, Função Perseu Abramo, ano 13, n. 45, p. 64-66, julho-setembro de 2000

CANDIDO, Antonio. Guimarães Rosa. *Ícaro Brasil*, Varig, ano 16, n. 182, p. 124-130, outubro de 1999

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 03 de janeiro de 1999. Caderno Mais!, p. 10

CANDIDO, Antonio. Francisco Iglésias: um homem de verdade. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 13, n. 42, p. 76, agosto-outubro de 1999

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. (orelhas)

CANDIDO, Antonio. Homenagem a João Luíz Lafetá. In: VV. AA. *Homenagem a João Luiz Lafetá*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999. p. 53-54

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: TRAGTENBERG, Maurício. *Memórias de um autodidata no Brasil*. São Paulo: Escuta/Ed. Unesp, 1999. (orelhas)

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: TRAGTENBERG, Maurício. *Memórias de um autodidata no Brasil*. São Paulo: Escuta/Ed. Unesp, 1999. (contracapa)

CANDIDO, Antonio. Literatura e valor. (debate com John Kraniauskas, Beatriz Sarlo e Roberto Schwarz). In: ANDRADE, Ana Luiza et al. (org.). *Leituras do Ciclo*. Florianópolis/Chapecó: Abralic/Gripho, 1999. p. 287-306

CANDIDO, Antonio. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 7-8

CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 81-88

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1997. p. 11-16

CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 9-24

CANDIDO, Antonio. O purgatório. In: FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. De Granville. (org.). *Tiradentes: um presídio da ditadura*. São Paulo: Scipione, 1997. p. 13-16

CANDIDO, Antonio. Entre parênteses: crítica e memória. In: FARIA, João Roberto; ARÊAS, Vilma; AGUIAR, Flávio. (org.). *Décio de Almeida Prado: um homem de teatro*. São Paulo: Edusp, 1997. p. 335-344



CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 13-16

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: ABRAMO, Lélia. *Vida e arte*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 11-13

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: MINDLIN, José. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: Edusp/Companhia das Letras, 1997. p. 9-12

CANDIDO, Antonio. *Teresina e seus amigos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária: 1920-1959*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (orelhas)

CANDIDO, Antonio. Contos de duas cidades. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Perfis buarqueanos: ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Memorial/Imprensa Oficial, 2005. p. 9-16

CANDIDO, Antonio. Nota prévia. In: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. 3 p. s. n.

CANDIDO, Antonio. *Ensayos y comentarios*. Campinas/México: Ed. da Unicamp/Fondo de Cultura Económica de México, 1995

CANDIDO, Antonio. (org.). MORAES, J. A. Leite. *Apontamentos de viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: MORAES, J. A. Leite. *Apontamentos de viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 7-19

CANDIDO, Antonio. Digressão sobre o autor. In: FERRARI, Armando B. *O eclipse do corpo: uma hipótese psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 9-11

CANDIDO, Antonio. Estima por mediação. In: VENANCIO FILHO, Alberto. (org.). *Francisco Venacio Filho: um educador brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 156-158

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: FERREIRA, Jurandir. *Um ladrão de guarda-chuvas*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995. 4. contracapa

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: RUEDAS DE LA SERNA, Jorge Antonio. *Arcádia: tradição e mudança*. São Paulo: Edusp, 1995. p. XI-XVI

CANDIDO, Antonio. Carta de Antonio Candido. *Magma*, São Paulo, DTLLC/USP, n. 2, p. 31-35, 1995

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: GUSTIN, Miracy Barbosa; VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. *Semeando democracia: a trajetória do socialismo democrático no Brasil*. Contagem: Palesa, 1995. p. 7-11

CANDIDO, Antonio. Lembrando uma vida exemplar. In: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de; CANDIDO, Antonio; SILVA, Alberto Carvalho da (org.). *USP: 1968-1969: Hélio Lourenço de Oliveira*. São Paulo: Edusp, 1995. p. 67-70

CANDIDO, Antonio. “Sagarana”. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1994. v. 1. p. 63-67

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1994. p. 78-92

CANDIDO, Antonio. Apresentação. In: POLINESIO, Julia Marchetti. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994. p. 7-8

CANDIDO, Antonio. Apresentação. In: FRANCO, Francisco de Melo. *Medicina teológica*. São Paulo: Giordano, 1994. p. XV-XVI

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: AZEVEDO, Fernando de. (org.). *As ciências no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994. p. 7-10

CANDIDO, Antonio. Um reformador. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, USP, n. 37, p. 11-17, 1994

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: VIANNA, Cícero de Brito. *Memórias do Vovô Cícero*. São Paulo: Giordano, 1994. p. 11-13

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

CANDIDO, Antonio. Patrimônio interior. In: CAVALCANTI, Lauro. (org.). *Modernistas na repartição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p. 168-173

CANDIDO, Antonio. Sílvia Pélica na Liberdade. In: ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. (org.). *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil: histórias, autores e textos*. 4. ed. São Paulo: Global, 1993. p. 329-333

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: MELLO, Mário Vieira de. *Nietzsche, o Sócrates de nossos tempos*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 11-12

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: LUCAS, Fábio. (org.). *Cartas a Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 21-23

CANDIDO, Antonio. Discurso do Professor Antonio Candido. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 93, v. 166, p. 42-45, julho-dezembro de 1993

CANDIDO, Antonio; PRADO, Décio de Almeida. Apresentação: Ruy Coelho e *Clima. Imaginário*, Dinâmica do simbólico, Revista do Núcleo Estudo Interdisciplinar do Imaginário Ruy Coelho da USP, São Paulo, ano 1, n. 1, 4 páginas não numeradas, outubro de 1993

CANDIDO, Antonio. Lucidez latino-americana. *Casa de las Americas*, Habana, n. 192, p. 14-15, julho-setembro de 1993

CANDIDO, Antonio. Young Mr. Morse. In: CANDIDO, Antonio. et al. *Um americano intranquilo*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1992. p. 7-12

CANDIDO, Antonio. A culpa dos reis: mando e transgressão no Ricardo II. In: NOVAES, Aduato. (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 87-99

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: \_\_\_\_\_. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 7-23

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: FERREIRA, Jurandir. *Da quieta substância dos dias*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1991. p. 9-12

CANDIDO, Antonio. Prêmio Moinho Santista: discurso de Antonio Candido. *Ciência e Cultura*, São Paulo, SBPC, v. 42, n. 10-12, p. 868-869, outubro de 1990

CANDIDO, Antonio. Comentário. In: \_\_\_\_\_ et al. *A interpretação*. COLÓQUIO, 2º. Rio de Janeiro. UERJ. 1988. Direção Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 208-216

CANDIDO, Antonio; RIEDEL, Dirce Côrtes; ROMANO, Roberto et al. Debate. In: \_\_\_\_\_ et al. *A interpretação*. COLÓQUIO, 2º. Rio de Janeiro. UERJ. 1988. Direção Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 217-240

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: CANDIDO, Antonio; SCHWARZ, Roberto. *A homenagem na Unicamp*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989. p. 25-34

CANDIDO, Antonio. Antologias. In: CARVALHO E SILVA, Maximiano. *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Presença, 1989. p. 67-69

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: BETTO, Frei. *Lula: biografia política de um operário*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. (4. capa)

CANDIDO, Antonio. No começo era de fato o verbo. In: LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.*. ed. crít. org. por Benedito Nunes. Florianópolis: Archivos da Unesco, 1988. p. XVII-XIX

CANDIDO, Antonio. Balanço positivo de uma vida (Dr. Aristides Candido de Mello e Souza). *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, ano XX, n. 130, p. 99-102, abril-junho de 1988

CANDIDO, Antonio. Sérgio, o radical. In: NOGUEIRA, Arlinda Rocha et al. *Sérgio buarque de Holanda vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/USP, 1988. p. 61-65

CANDIDO, Antonio. Apresentação. In: MORSE, Richard. *O espelho de Próspero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 9-12

CANDIDO, Antonio. Relações Brasil-África. *Revista do PMDB*, Encontro Brasil-África: anti-comemoração da Abolição, Partido do Movimento Democrático Brasileiro, São Paulo, n. 12, p. 13-17, 1988

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para gostar de ler*: v. 5: crônicas. São Paulo: Ática, 1987. p. 4-13

CANDIDO, Antonio. Informe político. In: CALIL, Carlos Augusto; MACHADO, Maria Teresa. (org.). *Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 55-71

CANDIDO, Antonio. Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara. In: SARTRE, Jean Paul. *Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Unesp/Paz e Terra, 1986. [4. capa]

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: GOMES, Paulo Emílio Salles. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (orelhas)

CANDIDO, Antonio. Exposición de Antonio Candido. In: PIZARRO, Ana. (coord.). *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: CEAL, 1985

CANDIDO, Antonio; ÁVILA, Affonso; GULLAR, Ferreira. Literatura e sociedade. (mesa redonda). *Letra*, Rio de Janeiro, UFRJ, ano 2, n. 2, p. 238-260, 2. semestre de 1984

CANDIDO, Antonio. O saber e o ato. *Língua e Literatura*, São Paulo, USP, ano X, v. 10-13, p. 115-120, 1981-1984

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: VALLE, José Ribeiro do; VALLE, Geraldo Ribeiro do. *Guaxupé: memória histórica: a terra e a gente*. São Paulo: Ed. dos AA, 1984. p. vii-ix

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: GOLDSTEIN, Norma. *Do Penumbrismo ao Modernismo*. São Paulo: Ática, 1983. p. ix-xi

CANDIDO, Antonio. Um banho incrível de humanidade. In: ANTONIO, João. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Record, 1982. (orelhas)

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: SEMINÁRIO ECONOMIA MINEIRA, 2º. 15 de setembro de 1982. *Minas, não há mais?*. Belo Horizonte: Cedeplar, 1982. p. 27-32

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982. p. 9-12

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: ROCCO, Maria Tereza Fraga. *Literatura, ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981. p. xi-xiii

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: ROCCO, Maria Tereza Fraga. *Literatura, ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981. (4. capa)

CANDIDO, Antonio. Sérgio Milliet, o crítico. In: MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. v. 1. São Paulo: Martins/Edusp, 1981. p. XI-XXX

CANDIDO, Antonio. Apresentação. In: SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1981. p. vii-viii

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: BROCA, Brito. *Ensaio da mão canhestra*. São Paulo: Polis, 1981. p. 7-10

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: MUSSOLINI, Gioconda. *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 9-13

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente: 1920-1945*. São Paulo: Difel, 1979. p. ix-xiii

CANDIDO, Antonio. A literatura brasileira em 1972. *Arte em Revista*, São Paulo, Centro de Estudos de Arte Contemporânea/Kairós, ano 1, n. 1, p. 20-26, 1979

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: SAFFIOTI, Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 9-10

CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Sérvio Romero: teoria, crítica e história literária*. São Paulo: LTC/Edusp, 1978. p. IX-XXX

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração: 1930-1945*. São Paulo: Brasiliense. 1978. p. 13-16

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. p. 11-20

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: HELIODORA, Bárbara. *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 13-16

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. In: ALMEIDA, Manoel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p. 317-342

CANDIDO, Antonio. A autobiografia poética e ficcional na literatura de Minas. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, IV. 8-12 de março de 1976. Belo Horizonte. Belo Horizonte: Imprensa Universitária de UFMG, 1977. p. 41-70

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: SANTOS, Paulo de Tarso. *O diálogo no Grande sertão: veredas*. São Paulo: Hucitec, 1978. p. VII-VIII

CANDIDO, Antonio. O francês instrumento de desenvolvimento. In: \_\_\_\_\_; CARONI, Ítalo; LAUNAY, Michel. (org.). *O francês instrumental*. São Paulo: Hemus, 1977. p. 9-17

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: ANDRADE, Jorge. *Milagre na cela*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 7-10

CANDIDO, Antonio. Literatura: Antonio Candido. (exposição em mesa-redonda; intervenções). In: PONTUAL, Roberto et al. *Ciclo de debates do Teatro Casa Grande*. Rio de Janeiro: Inúbia, 1976. p. 182-188; 189-190; 191; 193-194; 194-195; 197-198

CANDIDO, Antonio. Poesia ao Norte. *José*, Rio de Janeiro, Ed. Fontana, número especial 5-6, p. 73-75, novembro/dezembro de 1976

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: BARBOSA, Onédia Célia de Carvalho. *Byron no Brasil: traduções*. São Paulo: Ática, 1975. p. 9-13

CANDIDO, Antonio. A espiral e o quadrado. In: LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo: Melhoramentos, 1974. p. 9-11

CANDIDO, Antonio. *Memorial do candidato*. São Paulo: Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, maio de 1974. (datiloscrito)

CANDIDO, Antonio. *Libertas quae sera tamen*. *Argumento*, São Paulo, Ed. Paz e Terra, ano 1, n. 4, p. 158, janeiro de 1974

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: ARRIGUCCI JR., Davi. *O escorpião encalacrado*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 9-12

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento*, São Paulo, Ed. Paz e Terra, ano 1, n. 1, p. 7-24, outubro de 1973

CANDIDO, Antonio. Pedro Nava: uma obra em prosa franca. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 de março de 1973. Segunda Seção. p. 18

CANDIDO, Antonio. Viagem ao mundo planetário onde moram os poetas Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 de março de 1973. Segunda Seção. p. 1

CANDIDO (de Mello e Souza), Antonio. Teoria da literatura e pós-graduação. *Alfa*, Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, v. 18-19, p. 415-417, 1972-1973

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: LEITE, Ligia Chiappini de Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: IEB/USP, 1972. p. s. n.

CANDIDO, Antonio. Casais. In: MONTEIRO, Adolfo Casais. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: IEB/USP, 1972. p. 5-7

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, SBPC, v. 24, n. 9, p. 803-809, setembro de 1972

CANDIDO, Antonio. Literatura y subdesarrollo. In: FERNÁNDEZ MORENO, César. (coord.). *América Latina en su literatura*. México: Siglo Veintiuno, 1972

CANDIDO, Antonio. A hora é difícil, mas em um canto alguém pode estar criando. (Texto inserido em reportagem). *Visão*, São Paulo, v. XL, n. 4, p. 120-122, 28 de fevereiro de 1972

CANDIDO, Antonio. [sem título]. In: DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Edart, 1971. p. XIII-XVII

CANDIDO, Antonio. Estratégia. In: ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. p. xv-xx

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: ANDRADE, Jorge. *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 630-633

CANDIDO, Antonio. A prosa do grande amigo. In: Amigos da D.P.H.A.N.. *A lição de Rodrigo*. Recife: Amigos da D.P.H.A.N., 1969. p. 23-26

CANDIDO, Antonio. O Significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. XIX-XXX

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: MENEZES, Raimundo de. *Dicionário de literatura brasileira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Saraiva/INL, 1969. p. XI-XIII

CANDIDO, Antonio. Tendências no desenvolvimento da sociologia da educação. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (org.). *Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1969. p. 7-18

CANDIDO, Antonio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (org.). *Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1969. p. 107-128

CANDIDO, Antonio. *Introducción a la literatura de Brasil*. Caracas: Monte Ávila, 1968

CANDIDO, Antonio. Descaminho e decadência. In: REGO, José Lins do. *Fogo morto*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. xlvi-xlvii

CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: COUTINHO, Afrânio. (org.). *A literatura no Brasil*. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1968. p. 98-109

CANDIDO, Antonio. Descaminho e decadência. In: REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. xlvi-xlvii

CANDIDO, Antonio. A literatura durante o Império. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História geral da civilização brasileira: tomo 2: o Brasil monárquico: v. III: reações e transições*. São Paulo: Difel, 1967. p. 343-355

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: RAMOS, Vítor. *Estudos em três planos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966. p. 5-7

CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 3. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963. p. ix-xi

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: SPEYER, W. S. Jones. *Freud, o desconhecido*. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963. p. 9-11

CANDIDO, Antonio. Gilberto Freyre crítico literário. In: AMADO, Gilberto et al. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 120-124

CANDIDO, Antonio. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Graciliano Ramos: trechos escolhidos*. Nossos Clássicos, v. 53. Rio de Janeiro: Agir, 1961. p. 5-18

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: GARCIA MOREJÓN, Júlio. *Límites de la estilística*. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1961. p. 7-8

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: DIAS, Teófilo. *Poesias escolhidas*. (organizado por Antonio Candido). São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960. p. 3-5

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: DIAS, Teófilo. *Poesias escolhidas*. (organizado por Antonio Candido). São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960. p. 7-22

CANDIDO, Antonio. A Sociologia na Brasil. *Enciclopédia Delta-Larousse*. Rio de Janeiro: Delta, 1964?. p. 2107-2123

CANDIDO, Antonio. *O observador literário*. (Coleção Ensaio, v. 1). São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959

CANDIDO, Antonio. Limites da biografia. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano III, n. 115, 10 de janeiro de 1959. p. 1



CANDIDO, Antonio. Perenidade da biografia. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano III, n. 122, 28 de fevereiro de 1959. p. 1

CANDIDO, Antonio. Informação sobre a sociologia em São Paulo. In: *Ensaio Paulistas: contribuição de O Estado de S. Paulo às comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhambi, 1958. p. 510-521

CANDIDO, Antonio. Minerva colonial. *Revista Brasiliense*, São Paulo, n. 13, setembro-outubro de 1957. p. 85-94

CANDIDO, Antonio. Testemunho. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 1, n. 20, 23 de fevereiro de 1957. p. 1

CANDIDO, Antonio. João Guimarães Rosa: *Grande sertão: veredas*. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 1, n. 1, 6 de outubro de 1956. p. 2

CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão. In: RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. p. 9-68

CANDIDO, Antonio. Literatura caligráfica. In: RANGEL, Godofredo. *Falange gloriosa*. São Paulo: Melhoramentos, 1953?. p. 3-11

CANDIDO, Antonio. *Monte Cristo ou da vingança*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952

CANDIDO, Antonio. Macedo, realista e romântico. In: MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: Martins. 1952. p. 9-23

CANDIDO, Antonio. The Brazilian family. In: SMITH, T. Lynn; MARCHANT, Alexander. (ed.). *Brasil: portrait of half a continent*. New York: Dryden, 1951. p. 291-312

CANDIDO, Antonio. Defesa de tese de política na FFCL. *Revista de História*, São Paulo, USP, ano I, n. 1, p. 122-126, janeiro março de 1950

CANDIDO, Antonio. O nobre: contribuição para o seu estudo. *Sociologia*, São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política, v. X, n. 2-3, p. 140-155, 1948

CANDIDO, Antonio. Um crítico. In: LINS, Álvaro. *Jornal de crítica: quinta série*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. p. 11-35

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: Eu e não-eu. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 13 de fev de 1947. p. 4 (quinta-feira)

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: Monteiro Lobato. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 de dezembro de 1944. p. 7

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: Gilberto Freyre, sim; Gilberto Freyre, não. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 de novembro de 1944. p. 5 (falta)

CANDIDO, Antonio. Livros: Sérgio Buarque de Holanda: *Cobra de vidro. Clima*, São Paulo, n. 13, p. 71, agosto de 1944

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: De leitor para leitor. *Folha da Manhã*, São Paulo, 06 de agosto de 1944. p. 7 (Teresina)

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: Gilberto Freyre. *Folha da Manhã*, São Paulo, 05 de dezembro de 1943. p. 5 (falta)

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: carta para Pernambuco. *Folha da Manhã*, São Paulo, 26 de setembro de 1943. p. 5

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: um contista. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 de setembro de 1943. p. 5

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: inteligência e momento. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 de setembro de 1943. p. 7

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: os mitos e a reação. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 de junho de 1943. p. 5

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: Apostilas ao amanuense. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 de junho de 1943. p. 6

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: problema de jurisdição. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 julho de 1943. p. 5

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: uma vida exemplar. *Folha da Manhã*, São Paulo, 4 de julho de 1943. p. 5 (Biografia de Trotski)

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: vitaminose. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 de maio de 1943. p. 5

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: classificações. *Folha da Manhã*, São Paulo, 09 maio de 1943. p. 5

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: vantagens da ignorância. *Folha da Manhã*, São Paulo, 29 de março de 1943. p. 5 (Repetida)

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: um poeta e a poesia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 de março de 1943. p. 5

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: à margem. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 de fevereiro de 1943. p. 5

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: Santo Antero II. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 de janeiro de 1943. p. 5

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: Santo Antero I. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 de janeiro de 1943. p. 5

**Textos de Antonio Candido na revista *Clima*:**

CANDIDO, Antonio. Livros. *Clima*, São Paulo, n. 1, p. 107-117, maio de 1941

CANDIDO, Antonio. *Formação da sociologia brasileira*, de Almir Andrade e *Região e tradição*, de Gilberto Freyre. *Clima*, São Paulo, n. 2, p. 79-86, julho de 1941

CANDIDO, Antonio. *Janelas fechadas*: Josué Montello. *Clima*, São Paulo, n. 3, p. 68-71, agosto de 1941

CANDIDO, Antonio. O grouchismo. *Clima*, São Paulo, n. 3, p. 131-134, agosto de 1941

CANDIDO, Antonio. *A sereia verde*: Dinah Silveira de Queiroz. *Clima*, São Paulo, n. 6, p. 48-55, novembro de 1941

CANDIDO, Antonio. *Só tu voltaste*: Tasso da Silveira. *Clima*, São Paulo, n. 6, p. 48-55, novembro de 1941

CANDIDO, Antonio. Notas à margem de *Donana sofredora*. *Clima*, São Paulo, n. 8, p. 72-78, junho de 1942

CANDIDO, Antonio. *Jornal de crítica* (2. série). *Clima*, São Paulo, n. 10, p. 65-71, junho de 1942

CANDIDO, Antonio. *Apenas uma narrativa*: Antônio Pedro. *Clima*, São Paulo, n. 11, p. 88-91, julho-agosto de 1942

CANDIDO, Antonio. (assinado Joaquim Carneiro). A susceptibilidade de um conceito de Scherer. *Clima*, São Paulo, n. 11, p. 138-139, julho-agosto de 1942

CANDIDO, Antonio. (assinado Joaquim Carneiro). *A escola de ditadores*: Ignazio Silone. *Clima*, São Paulo, n. 12, p. 97, abril de 1943

CANDIDO, Antonio. Acanhamento e poesia. *Clima*, São Paulo, n. 12, p. 24-126, abril de 1943

CANDIDO, Antonio. (assinado Fabrício Antunes). A propósito de Maiakóvski. *Clima*, São Paulo, n. 12, p. 126-128, abril de 1943

CANDIDO, Antonio. (assinado Joaquim Carneiro). Estilo e psicologia de Proust. *Clima*, São Paulo, n. 12, p. 130, abril de 1943

CANDIDO, Antonio. *Cobra de vidro*, de Sérgio Buarque; *Glaura*, de Silva Alvarenga; *Poems*, de Stefan George; *Poems*, de Rainer Maria Rilke. *Clima*, São Paulo, n. 13, p. 71-74, agosto de 1944

CANDIDO, Antonio. (assinado Fabrício Antunes). Verlaine. *Clima*, São Paulo, n. 13, p. 94, agosto de 1944

CANDIDO, Antonio. (assinado Inácio Borges de Melo). Despovoamento. *Clima*, São Paulo, n. 14, p. 62-64, setembro de 1944

CANDIDO, Antonio. *Poesias*, de Fernando Pessoa; *Vidas avulsas*, de Alfredo Mesquita e *D. H. Lawrence and Susan his cow*, de William York Tindall. *Clima*, São Paulo, n. 14, p. 65-69, setembro de 1944

CANDIDO, Antonio. (assinado Joaquim Carneiro). Neo-anti-clericalismo. *Clima*, São Paulo, n. 14, p. 83-84, setembro de 1944

CANDIDO, Antonio. (assinado Fabrício Antunes). Verbetes para um vocabulário poético. *Clima*, São Paulo, n. 15, p. 70-73, outubro de 1944

CANDIDO, Antonio. Ordem e progresso na poesia. *Clima*, São Paulo, n. 16, p. 58-64, novembro de 1944

#### **Coletâneas organizadas por terceiros**

BAPTISTA, Abel de Barros. (org.). CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura e outros ensaios*. Coimbra: Angelus Novus, 2004

BECKER, Howard S. (transl., ed., and introd.). CANDIDO, Antonio. *On literature and society*. Princeton: Princeton University Press, 1995

BECKER, Howard S. (org.). *L'endroit et l'envers: essais de littérature et de sociologie*. Présentés par Howard S. Becker. Traduits du portugais par J. Thiériot. Paris: Éditions Métailié/Unesco, 1995

CANDIDO, Antonio. *Artigos de autoria de Antonio Candido: extraídos dos textos publicados pela A Vanguarda*, jornal editado em Cássia, Sul de Minas Gerais. s.l.: s. ed., 2008

DANTAS, Vinicius. (org.). *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2002

LA SERNA, Jorge Ruedas de; PRADO, Antônio Arnoni. (org.). *Estruendo y liberación: ensayos críticos*. México: Siglo Veintiuno, 2000

LITERATURA E SOCIEDADE. Rodapé: notas de crítica literária. *Literatura e sociedade*, Edição comemorativa, São Paulo, USP, n. 5, p. 167-247, 2000

REMATE DE MALES. *Remate de Males*, Antonio Candido: número especial, Campinas, Unicamp, org. por Antônio Arnoni Prado, Maria Eugênia Boaventura e Orna Messer Levin, 1999

RUSSOTTO, Márgara. (ed. y trad.). *Crítica radical*. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1991

### **Obras em colaboração**

CANDIDO, Antonio et al. *A interpretação*. COLÓQUIO UERJ, 2°. Rio de Janeiro, UERJ. 1988. Direção Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990

CANDIDO, Antonio; SCHWARZ, Roberto. *A homenagem na Unicamp*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989. (folheto, 34 p.)

CANDIDO, Antonio; CARONI, Ítalo; LAUNAY, Michel. (org.). *O francês instrumental*. São Paulo: Hemus, 1977

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. (org.). *Presença da literatura brasileira*. 3 v. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968

MELLO E SOUZA, Gilda de; CANDIDO, Antonio. Introdução. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 11. ed. il. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. lx-lxvii

MELLO E SOUZA, Gilda de; CANDIDO, Antonio. *Os deuses malditos*. In: MELLO E SOUZA, Gilda de. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980. p. 169-180

CHAUÍ, Marilena; CANDIDO, Antonio; ABRAMO, Lélia; MOSTAÇO, Edécio. *Política cultural*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984

OLIVEIRA, Lólio Lourenço de; CANDIDO, Antonio; SILVA, Alberto Carvalho da (org.). *USP: 1968-1969: Hélio Lourenço de Oliveira*. São Paulo: Edusp, 1995

### **Escritos de sociologia**

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010

CANDIDO, Antonio. *O nobre: contribuição para o seu estudo*. Plaquetas da Oficina, v. 1. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes/IMESP, 2002 (primeiro publicado in: *Sociologia*, São Paulo, v. X, n. 2-3, p. 140-155, 1948)

CANDIDO, Antonio. Euclides da Cunha, sociólogo. In: \_\_\_\_\_. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2002. p. 174-182

CANDIDO, Antonio. Tendências no desenvolvimento da sociologia da educação. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (org.). *Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1969. p. 7-18

CANDIDO, Antonio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (org.). *Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1969. p. 107-128

CANDIDO, Antonio. A Sociologia na Brasil. *Enciclopédia Delta-Larousse*. Rio de Janeiro: Delta, 1964. p. 2107-2123

CANDIDO, Antonio. Informação sobre a sociologia em São Paulo. In: VV. AA. *Ensaio Paulistas: contribuição de O Estado de S. Paulo às comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhambi, 1958. p. 510-521

CANDIDO, Antonio. As diferenças entre o campo e a cidade e o seu significado para a educação. *Pesquisa e planejamento*, São Paulo?, ano I, n. 1, p. 51-65, 1957

CANDIDO, Antonio; RIBEIRO, J. Querino. Contribuição ao estudo de problemas do ensino rural. In: RIBEIRO, J. Querino. *Pequenos estudos sobre grandes problemas educacionais: alguns aspectos do ponto de vista da administração escolar*. São Paulo: s.e., 1952. p. 17-23\*\* (Tese apresentada ao IV CONGRESSO NORMALISTA DE EDUCAÇÃO RURAL, São Carlos, outubro de 1951)

CANDIDO, Antonio. The Brazilian family. In: SMITH, T. Lynn; MARCHANT, Alexander. (ed.). *Brasil: portrait of half a continent*. New York: Dryden, 1951. p. 291-312

CANDIDO, Antonio. Sociologia: ensino e estudo. *Sociologia*, São Paulo, v. XI, n. 3, p. 275-289, 1949

CANDIDO, Antonio. Resenha: Florestan Fernandes: *A organização social dos Tupinambá*. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, (nova série), v. III, p. 473-477, 1949

CANDIDO, Antonio. Opinião e classes sociais em Tietê. *Sociologia*, São Paulo, v. IX, n. 2, p. 97-112, 1947

### **Livros e antologias organizados por Antonio Candido**

CANDIDO, Antonio. (org.). *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002

CANDIDO, Antonio. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998

CANDIDO, Antonio. (org.). *Medicina teológica: Francisco de Melo Franco*. São Paulo: Giordano, 1994

CANDIDO, Antonio. (org.). *Capítulos de literatura colonial: Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Brasiliense, 1991

---

\* Este texto ainda não foi alcançado pela pesquisa.

CANDIDO, Antonio. (org.). *Melhores poemas: Álvares de Azevedo*. São Paulo: Global, 1985

CANDIDO, Antonio. (org.). *Ensayos literários: Silvio Romero*. Trad. Jorge Aguilar Mora. Biblioteca Ayacucho, v. 93. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1982

CANDIDO, Antonio. (org.). *Silvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos/Edusp, 1978

CANDIDO, Antonio. (org.). *Trechos escolhidos: Graciliano Ramos*. Nossos Clássicos, v. 53. Rio de Janeiro: Agir, 1961

CANDIDO, Antonio. (org.). *Poesias escolhidas: Teófilo Dias*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960

### **Entrevistas e depoimentos**

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre. *Muitos caminhos, uma estrela: memórias de militantes do PT*. 4 v. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008. v. 1. p. 35-54

CANDIDO, Antonio. Entrevista do autor. In: \_\_\_\_\_. *Um funcionário da Monarquia*. 2. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007. p. 137-146

CANDIDO, Antonio. Procurei fazer uma fórmula paulista. (entrevista à autora). In: LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento Literário: a falta que ele faz!: 1956-1974: do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007. p. 79-82

CANDIDO, Antonio. O formador. (entrevista). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 de novembro de 2006. Ilustrada. p. 1-4.

CANDIDO, Antonio. Equilíbrio entre tradição e inovação. (entrevista). *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 08 de outubro de 2006. p. 2.

CANDIDO, Antonio. Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra. (entrevista a José Pedro Renzi). *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 11, n. 20, p. 7-21, 1. semestre de 2006.

CANDIDO, Antonio. Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende. (entrevista). *Calendário de Cultura e Extensão*, São Paulo, p. 10-11, maio de 2006.

CANDIDO, Antonio. O super-realismo de Guimarães Rosa. (entrevista). *Jornal da USP*, São Paulo, 15-21 de maio de 2006. p. 14

CANDIDO, Antonio. Pobres vão sentir falta de Marta, diz Candido. (entrevista a Rafael Cariello). *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 02 de novembro de 2004. Eleições 2004. p. 11

CANDIDO, Antonio. Entrevista com o Professor Antonio Candido. In: Assessoria de Comunicação Social - ACAO - SDI São Paulo, 10 de março de 2004. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sdi/imprensa.html>

CANDIDO, Antonio. Entrevista atípica. (texto escrito a partir de um questionário de Luís Sugimoto). *Jornal da Unicamp*, Campinas, Unicamp, ano XVIII, n. 250, p. 5, 3-9 de maio de 2004

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido. (entrevista a Adriano Schwartz e Maurício Santana Dias). In: SCHWARZ, Adriano. (org.). *Memórias do presente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 519-525

CANDIDO, Antonio. Experiência e vivência. (entrevista). *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 de outubro de 2003. CIEE. p. 5.

CANDIDO, Antonio. Entrevista com o professor Antonio Candido. (Entrevista a Daniel Cantinelli Sevillano). *Memória 70 anos: FFLCH/USP*. Publicado originalmente no *Informe FFLCH-USP*, São Paulo, USP, n. 4, p. 24-30, julho-agosto de 2003. Capturado em 29 de outubro de 2007, em [http://www.fflch.USP.br/sdi/imprensa/noticia/002\\_2004.html](http://www.fflch.USP.br/sdi/imprensa/noticia/002_2004.html)

CANDIDO, Antonio. Um companheiro leal e afetuoso, segundo Candido. (entrevista). *Jornal da USP*, São Paulo, 10-16 fevereiro de 2003. p. 20.

CANDIDO, Antonio. Ele encarna a voz profunda do povo. [Entrevista]. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 01 de janeiro de 2003. Nacional. p. 11.

CANDIDO, Antonio. Antônio, o encontro. (conversa entre Antônio Candido, Antônio Callado, Antônio Houaiss e Antônio Carlos Jobim, provocada por Zuenir Ventura). In: MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo. (org.). *Três Antônio e um Jobim*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993/2002. p. 17-58

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido. (conversa com Décio de Almeida Prado e Gilda de Mello e Souza, provocada por Zuenir Ventura). In: MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo. (org.). *Três Antônio e um Jobim*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993/2002. p. 89-129

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido: 6/6/1996. In: JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 125-148

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido: 30/9/1996. In: JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 148-176

CANDIDO, Antonio. Ruy Coelho era excepcional, diz Candido. (entrevista). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 de outubro de 2002. Ilustrada. p. 3.



CANDIDO, Antonio. A vocação crítica. (entrevista a Manuel da Costa Pinto). *Cult*, Revista Brasileira de Cultura, Dossiê Cult, São Paulo, ano VI, n. 61, p. 50-53, setembro de 2002

CANDIDO, Antonio. Um trabalhador intelectual. (entrevista). *Jornal da USP*, São Paulo, 17/23 de junho 2002. p. 12.

CANDIDO, Antonio. Um pouco da 'historia viva' da faculdade. (entrevista). *Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*, São Paulo, USP, n. 30, p. 2-3, maio 2002

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido fala sobre suas obras e a relação com outros escritores. (entrevista a José Geraldo Couto). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 de maio de 2002. Ilustrada. Capturado em 29 de outubro de 2007. Disponível em <http://www.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u24280.shtml>

CANDIDO, Antonio. Racismo: crime ontológico. (Entrevista). *Ethnos Brasil*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 21-28, março de 2002

CANDIDO, Antonio; MINDLIN, José. A grande revolução cultural do Brasil. (diálogo mediado por Walnice Nogueira Galvão). *D. O. Leitura*, São Paulo, Imprensa Oficial, ano 20, n. 1-2, p. 6-35, janeiro-fevereiro de 2002

CANDIDO, Antonio. Apêndice: una entrevista olvidada de Ángel Rama a Antonio Candido. In: ANTELO, Raúl. (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburg, 2001. p. 68-70

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 11-18

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. (Entrevista a Heloisa Pontes). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ANPOCS, v. 16, n. 47, p. 5-30, outubro de 2001

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido acha que país não tem um pensamento radical próprio. (Entrevista). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 de abril de 2000. p. 11

CANDIDO, Antonio. [sem título]. *Leituras*, Eça de Queiroz, Revista da Biblioteca Nacional, Lisboa, n. 7, 1 página não numerada, outubro de 2000. (facsimile de manuscrito)

CANDIDO, Antonio. A Faculdade de Filosofia mudou o panorama cultural. (depoimento a Flávio Aguiar). *Revista Adusp*, São Paulo, n. 17, p. 30-37, junho de 1999

CANDIDO, Antonio. Entrevista a Éder Sader e Eugênio Bucci. In: AZEVEDO, Ricardo; MAUÉS, Flamarion. (org.). *Rememória*, São Paulo: Perseu Abramo, 1997. p. 29-45

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. *Investigações*, Linguística e Teoria Literária, Recife, UFPE, vol. 7, p. 7-39, setembro de 1997

CANDIDO, Antonio. Entrevista a Lúcia Wataghin. In: UNGARETTI, Giuseppe. *Razões de uma poesia*. (org. por Lúcia Wataghin). São Paulo: Edusp, 1994. p. 247-253

CANDIDO, Antonio. Depoimento. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, USP, v. XX, n. 1-2 (Especial), p. 173-183, janeiro-dezembro de 1994

CANDIDO, Antonio. A lembrança que guardo de Mário. (entrevista concedida juntamente com Gilda de Mello e Souza). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, USP, n. 36, p. 9-25, 1994

CANDIDO, Antonio. Entrevista. In: FREITAS, Sônia Maria de. (org.). *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1993. p. 35-56

CANDIDO, Antonio. Entrevista. (Concedida a Ulisses Guariba em 1976, publicada originalmente na revista *Transformação*, 1979). In: \_\_\_\_\_. *Brigada ligeira e outros escritos*. 2.ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992. p. 229-252

CANDIDO, Antonio. Entrevista com o Professor Antonio Candido. (Entrevista concedida a Jardel Dias Cavalcanti; Mário Alex Rosa e Jailson). *Revirarte*, Jornal de Arte e Educação do ICHS/UFOP, Mariana, ano 1, n. 3, p. 2/4, 1992\*

CANDIDO, Antonio. Entrevista a Andréa Alves. In: ALVES, Andréa. *Sociologia e Clima: dois caminhos, um debate*. (Monografia de graduação). Rio de Janeiro: Departamento de Ciências Sociais/UERJ, 1991\*

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido: o exercício da fantasia. (Entrevista a Juremir Machado da Silva). *Zero Hora*, Porto Alegre, 15 de abril de 1991. Segundo Caderno. p. 6\*

CANDIDO, Antonio. Os mestres dos grandes mestres: Antonio Candido de Mello e Souza. (Depoimento). In: ABRAMOVICH, Fanny. *Quem educa quem?*. São Paulo: Summus, 1985. p. 89-96

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido defende diretas contra distorções. (Entrevista). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 de dezembro de 1983. p. 5

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido. (depoimento) In: *Arnaldo Pedroso d'Horta: desenhos, incisões, xilogravura*. São Paulo: Centro Cultural de São Paulo, 1983. p. 39-40

CANDIDO, Antonio. "Sempre fui um mau militante". (Depoimento inserido em reportagem de Geraldo Mayrink, Marília Pacheco Fiorillo e Paulo Sérgio Pimheiro). *Isto É*, São Paulo, ano 6, n. 307, p. 66, 10 de novembro de 1982

---

\* Esse sinal identifica as entrevistas ainda não alcançadas pela pesquisa.

CANDIDO, Antonio. O primo. In: V. V. A. A. *Estudos de filologia e linguística em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1981. p. 299-301

CANDIDO, Antonio; PRADO, Décio de Almeida. Testamento de uma geração. (Entrevista a Miguel de Almeida). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 de maio de 1981. p. 44

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido: Universidade e política. (entrevista a Paulo Mayr Cerqueira). *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, v. 26, p. 11-22, 1980

CANDIDO, Antonio. Democracia e socialismo. (entrevista a Jorge Cunha Lima). *Isto é*, São Paulo, n. 37, p. 35-38, 7 de setembro de 1977

CANDIDO, Antonio. Nos limites do possível. (entrevista a João Marcos Coelho). *Veja*, São Paulo, Abril, n. 371, p. 3-4/6, 15 de outubro de 1975

CANDIDO, Antonio. A crise na literatura brasileira. *Banas*, São Paulo, n. 1109, p. 42-48, 15-28 de setembro de 1975

CANDIDO, Antonio. O ensino superior. *Jornal da Tarde*, Caderno Especial: Nossa Escola, São Paulo, 17 de janeiro de 1975. p. 9

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido fala da década. (Depoimento). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 de fevereiro de 1973. p. 9

CANDIDO, Antonio. França ajudou brasileiros a descobrir o Brasil. *Última Hora*, São Paulo, 08 de setembro de 1964. p. 3

CANDIDO, Antonio. Os momentos decisivos. (entrevista). *Visão*, São Paulo, v. XVII, n. 11, p. 74-75, 09 de setembro de 1960

CANDIDO (de Mello e Souza), Antonio. [sem título]. In: NEME, Mário. (org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Globo, 1945. p. 29-40

### **Obras sobre Antonio Candido**

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 10-11, julho-agosto de 2008

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. In: ABDALA JR., Benjamin; CARA, Salete de Almeida. (org.). *Moderno de nascerça: figuras críticas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 213-228

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Antonio Candido: *Formação da literatura brasileira*. In: MOTA, Lourenço Dantas. (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos*. V.1. São Paulo: Ed. Senac, 1999. p. 357-379

ABRAMO, Zilah. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 15, julho-agosto de 2008

ABRAMOVICH, Fanny. Os mestres dos grandes mestres. In: \_\_\_\_\_. *Quem educa quem?*. São Paulo: Summus, 1985. p. 88-113

AGUIAR, Flávio. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 12, julho-agosto de 2008

AGUIAR, Flávio. (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1999

AGUIAR, Ronaldo Conde. Antonio Candido. In: \_\_\_\_\_. *Pequena bibliografia crítica do pensamento social brasileiro*. Brasília/São Paulo: Paralelo 15/Marco Zero, 2000. p. 310-321

AGUILAR, Gonzalo. Construir el pasado (Algunos problemas de la Historia de la literatura a partir del debate entre Antonio Candido y Haroldo de Campos). *Filologia*, Buenos Aires?, Instituto de Filologia y Literatura Hispánicas Dr. Amado Alonso, UBA, ano XXX, v. 1-2, p. 83-100, 1998

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985

ANDRADE, Carlos Drummond de. Esboço de figura. In: LAFER, Celso. (org.). *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979. p. 23

ANDRADE, Oswald. *Telefonema*. (Obras completas de Oswald de Andrade). 2. ed. aum. Org., introd., posfácio e notas de Vera Maria Chalmers. São Paulo: Globo, 2007

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976

ANDRADE, Oswald. Antes do Marco zero. In: \_\_\_\_\_. *Ponta de lança*. (Obras completas, v. 5) 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 42-47

ANDRADE, Rudá de. Carta de Rudá de Andrade. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. reorg. pelo autor. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004. p. 63-66

ANTELO, Raúl. (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburgh, 2001.

ARANTES, Paulo. *O fio da meada: uma conversa e quatro entrevistas sobre filosofia e vida nacional*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

ARANTES, Paulo. *Um departamento francês de ultramar*. São Paulo: Paz e Terra, 1994

ARANTES, Paulo. Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. São Paulo: Paz e Terra, 1992

ARANTES, Paulo. Ideologia francesa, opinião brasileira. *Novos Estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 30, p. 149-161, julho de 1991

ARAÚJO, Laís Corrêa de. A função social da obra de arte. *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, v. 3, n. 84, abril de 1968. p. 6-7

ARRIGUCCI JR., Davi. Movimentos de um leitor: ensaios e imaginação crítica em Antonio Candido. In: \_\_\_\_\_. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 234-260

ASCHER, Nelson. Candido reconstrói a memória. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 de fevereiro de 1993. Caderno Mais!, p. 9

ATHAYDE, Tristão de. *Meio século de presença literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p.

ÁVILA, Affonso. Francisco Iglesias: o amigo, o homem, o intelectual. In: \_\_\_\_\_. *Minor*: livro de louvores. Belo Horizonte: Rona, 1996. p. 51-57

ÁVILA, Affonso. *O poeta e a consciência crítica*. São Paulo: Summus, 1978

AZEVEDO, Fernando de. *História de minha vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971

BAPTISTA, Abel Barros. Posfácio: O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido. In: CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura e outros ensaios*. Coimbra: Angelus Novus, 2004. p. 248-282

BARBOSA, João Alexandre. A biblioteca imaginária ou o cânone na história da literatura brasileira. In: \_\_\_\_\_. *A biblioteca imaginária*. Cotia: Ateliê, 2003. p. 13-58

BARBOSA, João Alexandre. O método crítico de Antonio Candido. *Cult*, Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, ano 2, n. 12, p. 50-57, julho de 1998

BARBOSA, João Alexandre. Uma biblioteca universal. *Cult*, Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, ano 2, n. 12, p. 61-63, julho de 1998a

BARBOSA, João Alexandre. A formação do DTLLC: depoimento. *Magma*, São Paulo, DTLLC/USP, n. 2, p. 25-29, 1995

BARBOSA, João Alexandre. Entrevista do Prof. João Alexandre Barbosa a *Linha d'Água*. *Linha d'Água*, São Paulo, APLL, n. 9, p. 3-22, 1995

BARBOSA, João Alexandre. Esse Antonio. *Leia*, São Paulo, ano IX, n. 101, p. 85, março de 1987

- BARBOSA, João Alexandre. A paixão crítica: forma e história na crítica brasileira. In: \_\_\_\_\_. (org). *Augusto Meyer: textos críticos*. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. XI-XVIII
- BARBOSA, João Alexandre. A trajetória de um crítico. *Língua e Literatura*, São Paulo, FFLCH/USP, ano XII, n. 15, p. 95-104, 1986
- BARBOSA, João Alexandre. Convite à controvérsia. In: \_\_\_\_\_. *Opus 60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1980. p. 95-100
- BARBOSA, João Alexandre. Convite à controvérsia. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 9, n. 421, 13 de março de 1965. p. 1
- BECKER, Howard S. Preface. In: CANDIDO, Antonio. *On literature and society*. Princeton: Princeton University Press, 1995. p. vii-viii
- BECKER, Howard S. Introduction. In: CANDIDO, Antonio. *On literature and society*. Princeton: Princeton University Press, 1995. p. ix-xxiv
- BECKER, Howard S. Préface. In: CANDIDO, Antonio. *L'endroit et l'envers: essais de littérature et de sociologie*. Paris: Éditions Métailié/Unesco, 1995. p. 9-10
- BECKER, Howard S. Introduction. Traduction: Daniel Lemoine. In: CANDIDO, Antonio. *L'endroit et l'envers: essais de littérature et de sociologie*. Paris: Éditions Métailié/Unesco, 1995. p. 11-30
- BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 13-14, julho-agosto de 2008
- BOSI, Alfredo. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 10, julho-agosto de 2008
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974
- BOSI, Alfredo. *Literatura e sociedade*. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 10, n. 470, 19 de março de 1966. p. 6
- BOTELHO, Maria Izabel Vieira. *Literatura e sociedade: uma abordagem sociológica de obras literárias românticas*. *Gláuks*, Revista de Letras e Artes, Viçosa, UFV, v. 5, n. 2, p. 15-26
- BROCA, Brito. Introdução à literatura brasileira. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio da mão canhestra*. São Paulo: Polis, 1981. p. 243-303
- BRUNO, Haroldo. Por uma crítica integral. In: \_\_\_\_\_. *Estudos de literatura brasileira: 2. série*. Rio de Janeiro: Leitura, 1966. p. 246-250
- BRUNO, Haroldo. Por uma crítica integral. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1965. p.

BRUNO, Haroldo. Duas notas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1963. p.

CAIRO, Luiz Roberto Velloso. História da literatura, literatura comparada e crítica literária: frágeis fronteiras disciplinares. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, PUCRS, v. 3, n. 1, p. 79-87, abril de 1997

CAIRO, Luiz Roberto Velloso. Do florilégio à antologia de poesia brasileira da invenção: uma reflexão sobre o paradigma da história da literatura brasileira. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, UFMG, v. III, p. 43-53, outubro de 1995

CAMPOS, Haroldo de. O maior crítico brasileiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.4

CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem e outras metas*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 1992

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: Casa de Jorge Amado, 1989

CARONE, Edgard. *Memória da Fazenda Bela Aliança*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991

CARPEAUX, Otto Maria. Brasil: ausências e presenças. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 9, n. 414, 23 de janeiro de 1965. p. 1

CARVALHAL, Tania Franco. Antonio Candido e a literatura comparada no Brasil. CONGRESSO DA ABRALIC, I. Porto Alegre. 1-4 de junho de 1988. *Anais*. 3 v. Porto Alegre: UFRGS, 1988. v. I, p. 13-16

CARVALHO, Gil de. *O discurso e a cidade*. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 132-133, p. 278, abril-setembro de 1994

CARVALHO, José Murilo de. Veredas do poder. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. III. p. 2373-2375

CAVALCANTI, Maria Neuma Barreto. *Clima: contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo: FFCLCH/USP, 1978. (Dissertação de mestrado)

CÉSAR, Guilhermino. Um homem da geração *Clima*. In: LAFER, Celso. (org.). *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979. p. 63-68

CÉSAR, Guilhermino. O barroco e a crítica literária no Brasil. *Revista da Universidade de Minas Gerais*, Belo Horizonte, UMG, p. 52-68, setembro de 1964

CHAGAS, Wilson. Antonio Candido e o nacionalismo. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 7, n. 332/333/334, 01/08/15 de junho de 1963. p. 3/4/4

CHAGAS, Wilson. Do universal na literatura. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 7, n. 319, 23 de janeiro de 1963. p. 2

CHAGAS, Wilson. Da literatura como sistema. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 7, n. 311/312, 29 de dezembro de 1962/01 de janeiro de 1963. p. 3/3

CHALMERS, Vera. O fio da meada: um estudo da crítica de Antonio Candido sobre Oswald de Andrade. In: AGUIAR, Flávio. (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1992. p. 218-228

CHAMIE, Mario. Uma questão nominalista. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 5, n. 208, 219 de novembro de 1960. p. 6

CHAUVIN, Jean Pierre. Antonio Vírgula Candido. *Ciência e Cultura*, Campinas, SBPC, v. 56, n. 2, p.04-05, abril-junho de 2004

CHIAPPINI, Lígia. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 13, julho-agosto de 2008

CHIAPPINI, Lígia. Além do eu: história e memória em *Teresina etc.*, de Antonio Candido. *Tempo Social*, São Paulo, USP, n. XXXX, p. 97-111, abril de 2003

CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de. *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001

CHIAPPINI, Lígia. Forma e história na crítica literária brasileira: a atualidade de Antonio Candido. In: ANDRADE, Ana Luiza; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANTELO, Raúl. (org.). *Leituras do Ciclo*. Florianópolis/Chapecó: Abralic/Grifos, 1999. p. 157-167

CHIAPPINI, Lígia. *Formação da literatura brasileira* ou a história de um desejo. *Linha d'Água*, São Paulo, Associação de Professores de Língua e Literatura, n. 7, p. 10-23, abril de 1990

CHIAPPINI (de Moraes Leite), Lígia. Teoria da literatura e ensino da literatura: o caso brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 52-65

COELHO, Nelly Novaes. Resenha bibliográfica: *Presença da literatura brasileira*. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 9, n. 417, 13 de fevereiro de 1965. p. 2



COELHO, Nelly Novaes. Resenha bibliográfica: *Tese e antítese. O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 8, n. 378, 25 de abril de 1964. p. 2

CORPAS, Danielle; CAMENIETZKI, Eleonora Ziller; ALVES, Luís Alberto Nogueira. (org.). *40 anos de Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Universitária José Bonifácio/Depto de Ciência da Literatura-UFRJ, 2000

COSTA, Walter Carlos. A verdejante crítica de Antonio Candido/Nova edição das obras de Antonio Candido. *Diário Catarinense*, DC Cultura, Florianópolis, 21 de janeiro de 2005. Capturado 23 de março de 2008. Disponível em: [http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/WalterCarlosCosta/Resenha\\_Antonio\\_Candido\\_Albatroz\\_chines\\_e\\_notas\\_sobre\\_obra\\_completa\\_06mai05.doc](http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/WalterCarlosCosta/Resenha_Antonio_Candido_Albatroz_chines_e_notas_sobre_obra_completa_06mai05.doc).

COUTINHO, Afrânio. *Formação da literatura brasileira*. In: \_\_\_\_\_ *Conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 198?. p. 37-52

COVIZZI, Lenira Marques. Anônimo de Antonio Candido. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, USP, n. 39, p. 199-200, 1995

CRISTÓVÃO, Fernando. A literatura como sistema nacional. In: \_\_\_\_\_. *Cruzeiro do Sul, ao norte*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. p. 13-43

CUNHA, Cilaine Alves. Visões do Romantismo. *Cult*, Revista Brasileira de Cultura, Dossiê Cult, São Paulo, ano VI, n. 61, p. 60-64, setembro de 2002

DANTAS, Macedo. Três aspectos de Antonio Candido. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 8, n. 395, 23 de agosto de 1964. p. 2

DANTAS, Paulo. “*Ficção e confissão*”. *Revista Brasiliense*, São Paulo, n. 17, p. 171-172, maio-junho de 1958

DANTAS, Raymundo de Souza. Elogio do crítico. *Leitura*, Rio de Janeiro, ano 19, n. 37, p. 30, junho de 1960

DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2002

DANTAS, Vinicius. O modo de organizar. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2002a. p. 9-11

DANTAS, Vinicius. Apresentação. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2002b. p. 15-22/123-128/229-235/331-336

DÉCIO, João. Candido, Antonio: *Tese e antítese*. *Alfa*, Marília, FFCL, n. 7-8, p. 227-231

DIMAS, Antônio. Os primeiros leitores de *A cultura brasileira*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, USP, n. 37, -. 19-33, 1994

DOSSIÊ CULT: Antonio Candido. *Cult*, Revista Brasileira de Cultura, São Paulo, ano VI, n. 61, p. 49-64, setembro de 2002

DOSSIÊ CULT: Antonio Candido: 80 anos. *Cult*, Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, ano 2, n. 12, p. 49-63, julho de 1998

DULCI, Luiz. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 13, julho-agosto de 2008

SCOREL, Ana Luísa. *O pai, a mãe e a filha*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010

SCOREL, Ana Luísa. Antonio Candido e a menina. *Piauí*, São Paulo, ano 2, n. 20, p. 62-66, maio de 2008

FERNANDES, Florestan. *A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*. São Paulo: Ática, 1995

FERNANDES, Florestan. O mestre exemplar. INCAO, Maria Angela D'; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992. p. 33-36

FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980

FERNANDES, Florestan. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978

FOLHA DE S. PAULO: o crítico central. *Folha de S. Paulo*, Mais!: O crítico central, São Paulo, 19 de julho de 1998. p. 5.4-5.10 (dossiê dedicado ao crítico)

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Antonio Candido: um crítico que fez história. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 175-180

FRANCESCHI, Antônio Fernandes De. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 10, julho-agosto de 2008

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *A alma do tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961

FRANCO, Maria Sylvania Carvalho. Ser simples. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.10

FREIXEIRO, Fábio. Tentação do enigma. In: \_\_\_\_\_. *Diversos/dispersos: literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980. p. 160-163

FROTA, Wander Nunes. Rascunho preliminar para entender o 'sistema literário' de Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira* através do 'campo literário' de Bourdieu e vice-versa. In: BRANDÃO, Saulo Cunha Serpa; LIMA, Maria Auxiliadora

Ferreira. (org.). *Ensaio reunidos*: Coletânea do Mestrado em Letras UFPI. Teresina: Halley, 2005. p.207-223

GALINDO ULLOA, Javier. Literatura brasileira: Antonio Candido. (Iniciación a literatura brasileira: resumen para principiantes. *Siempre!*

GALVÃO, Walnice Nogueira. O mestre. *Teoria e Debate*, São Paulo, Partido dos Trabalhadores, n. 78, p. 8-9, agosto de 2008

GALVÃO, Walnice Nogueira. Pesquisadora rebate ataques a Antonio Candido. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 de janeiro de 2005. Caderno Mais!. p. 5

GALVÃO, Walnice Nogueira. A primeira paisana. *D. O. Leitura*, 500 Anos de Brasil: As Pioneiras (encarte), São Paulo, Imprensa Oficial, ano 18, n. 9, p. 6-7, setembro de 2000

GALVÃO, Walnice Nogueira. Figurantes mudos. *Jornal de Resenhas* (Encarte da *Folha de S. Paulo*), São Paulo, n. 40, 11 de julho de 1998. p. 3

GALVÃO, Walnice Nogueira. O dia em que o crítico subiu na mesa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.6

GALVÃO, Walnice Nogueira. Teresina – e muito mais. In: \_\_\_\_\_. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 167-170

GARBUGLIO, José Carlos. Antonio Candido: *O método crítico de Silvio Romero*. *Revista de Letras*, Assis, FFLC de Assis, v. 6, p. 174-176, 1965

GARBUGLIO, José Carlos. Antonio Candido: *Tese e antítese*. *Revista de Letras*, Assis, FFLC de Assis, v. 6, p. 178-181, 1965

GINZBURG, Jaime. . Entre continuidade e ruptura: concepções de história em Antonio Candido. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, VI, 1999, Florianópolis. CONGRESSO DA ABRALIC, VI: Literatura Comparada e Estudos Culturais. Florianópolis: ABRALIC - UFSC, 1998. CD Rom

GINZBURG, Jaime. Bosi, Alfredo: *Literatura e resistência*; Candido, Antonio: *Textos de intervenção*. *Chasqui*, Temple, Arizona, United States, v. XXXII, n. 1, p. 122-125, 2003

GINZBURG, Jaime. . Entre continuidade e ruptura: concepções de história em Antonio Candido. *Lócus*, Juiz de Fora, UFJF, v. 7, p. 69-76, 1999

GOMES, Angela de Castro. Sociologia dos chato-boys. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. II. p. 1304-1305

GOMES, Renato Cordeiro. Olhar para dentro/olhar para fora: literatura nacional e fronteira. *Revista de Estudos de Literatura*: 100 anos de Mário, Belo Horizonte, Faculdade de Letras/UFMG, v. 1, n. 1, p. 58-64, outubro de 1993

GOMES, Renato Cordeiro. Para além das fronteiras: Literatura e subdesenvolvimento, de Antonio Candido. *Ensaio de semiótica*, Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura, Belo Horizonte, UFMG, v. XVIII-XX, n. 9-10, p. 117-127, 1987-8

GOTO, Roberto. *Malandragem revisitada*. Campinas: Pontes, 1988

GRANDE CANDIDO, O. *Visão*, São Paulo, v. 37, n. 10, p. 190-192, 21 de novembro de 1970

IGLÉSIAS, Francisco. *Vários escritos. Suplemento Literário*, Belo Horizonte, v. 6, 6 de fevereiro de 1971. p. 3

IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 224

INCAO, Maria Angela D'; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992

ITINERÁRIOS. *Itinerários*, Revista de Literatura, Araraquara, Unesp, n. 30, janeiro-junho de 2010

JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002

LAFER, Celso. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 11-12, julho-agosto de 2008

LAFER, Celso. A atividade sem sossego. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.8

LAFER, Celso. (org.). *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979

LAJOLO, Marisa. A leitura em *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido. *Desenredo*, Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 76-90, janeiro-junho de 2005

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 4. ed. def. São Paulo: Pioneira, 1983

LIMA, Luiz Costa. O mestre à distância. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.6

LIMA, Luiz Costa. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995

LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991

LIMA, Luiz Costa. Antonio Candido: *Literatura e sociedade*. *Tempo Brasileiro*, Revista de Cultura, Rio de Janeiro, ano IV, n. 8, p. 164-167, fevereiro de 1966

LIMA, Rachel Esteves. A reação ao beletrismo. In: \_\_\_\_\_. *A crítica literária na universidade brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1997. p.108-120 (Tese, Doutorado)

LIMA, Rachel Esteves. Antonio Candido: a história em cena. In: \_\_\_\_\_. *A crítica literária na universidade brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1997. p.184-189 (Tese, Doutorado)

LINS, Álvaro. *Literatura e vida literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963

LOPEZ, Telê Ancona. Ser aluna de Antonio Candido. In: INCAO, Maria Angela D'; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992. p. 41-47

LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento Literário: a falta que ele faz!: 1956-1974: do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007

LUCAS, Fábio. Emílio Moura: as amizades eletivas. *Diversa*, Belo Horizonte, UFMG, ano 6, n. 11, p. 18-19, maio de 2007

LUCAS, Fábio. *Vários escritos de Antonio Candido e suas inovações*. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 143-144, p. 248-250, janeiro-junho de 1997

LUCAS, Fábio. *O discurso e a cidade*. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 132-133, p. 276-277, abril-setembro de 1994

LUCAS, Fábio. Antonio Candido: *A educação pela noite e outros ensaios*. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 98, p. 137-8, julho-agosto de 1987

LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Quíron, 1976

LUCAS, Fábio. Razões do crítico. In: \_\_\_\_\_. *A face visível*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 169-171

LUCAS, Fábio. *Compromisso literário*. Rio de Janeiro: São José, 1964. p. 103-111

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987

M., J. Obra fundamental. *Época*, São Paulo, ano 3, n. 153, p. 101, 23 de abril de 2001

MAINARDI, Diogo. Esforço e memória. *Veja*, São Paulo, ano 26, n. 9, ed. 1277, p. 78-79, 3 de março de 1993

MALARD, Letícia. Estudos de literatura no Brasil contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. *Escritos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Comunicação, 1981. p. 33-40

MARTÍNEZ, Agustín. Radicalismo e latinoamericanismo en la obra de Antonio Candido. In: CANDIDO, Antonio. *Crítica radical*. Ed. y trad. de Márgara Rusotto. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1991. p. IX-XXX

MARTÍNEZ, Agustín. La crítica estética de Antonio Candido. *Ejercicio crítico*, Caracas, año 1, enero-junio de 1985

MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo. (org.). *Três Antônios e um Jobim*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. 2 v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983

MARTINS, Wilson. A crítica sociológica. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 10, n. 460, 08 de janeiro de 1966. p. 2

MASINA, Léa. *Percursos de leitura*. Porto Alegre: Movimento, 1994. p. 121-128

MASSI, Augusto. [sem título]. In: DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2002. (orelhas)

MATOS, Olgária. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 14, julho-agosto de 2008

MESQUITA, Alfredo. No tempo da Jaraguá. In: LAFER, Celso. (org.). *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979. p. 39-57

MEYER, Marlyse. Para brindar Antonio Candido. In: INCAO, Maria Angela D'; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992. p. 17-26

MICELI, Sérgio. Literatura da pátria livre. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. III. p. 2353-2354

MICELI, Sérgio. Retrato do crítico jovem. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. III. p. 2483-2485

MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. 10 v. 2. ed. São Paulo: Martins, 1981. v. III. p. 112-116; v. IV. p. 91-96; 182-184; v. X. p. 222-223

MINDLIN, José. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 12, julho-agosto de 2008

MINDLIN, José. Milhares de livros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.10

MOISÉS, Leyla Perrone. Antonio Candido: amor à literatura. In: *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 329-334

MOISÉS, Leyla Perrone. O amor à literatura. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.5

MOREIRA, Vivaldi. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. v. 1. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. (orelhas)

MORICONI, Ítalo. Horizontes formativos, lugares de fala: Antonio Candido e a pedagogia do poema. *Gragoatá*, Niterói, UFF, n. 12, p. 47-62, 1. semestre de 2002

MOTTA, Leda Tenório da. *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*. Rio de Janeiro: Imago, 2002

MOTTA, Leda Tenório da. Sociologia de um mito. *Rumos: os caminhos do Brasil em debate*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 77-80, maio-junho de 1999

MOTTA, Leda Tenório da. *Clima e Noigandres: a crítica literária brasileira entre dois fogos*. *Revista de USP*, São Paulo, USP, n. 39, p. 120-129, setembro-novembro de 1998

MOURA, Murilo Marcondes de. Circunstâncias e intersecções. *Novos Estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 36, p. 33-39, julho de 1993

MOUTINHO, J. G. N. *Tese e antítese*. In: \_\_\_\_\_. *A fonte e a forma: 50 ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 26-29

MOUTINHO, J. G. N. *Vários escritos*. In: \_\_\_\_\_. *A fonte e a forma: 50 ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 120-123

MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. *Tese e antítese*. In: \_\_\_\_\_. *A fonte e a forma*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 26-29

MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. *Vários escritos*. In: \_\_\_\_\_. *A fonte e a forma*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 120-123

MUSSE, Ricardo. Além da história literária. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. I. p. 28-29

MUSSE, Ricardo. Luminares e luminosos. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. II. p. 1813-1814

MUSSE, Ricardo. Duas ou três coisas sobre Antonio Candido. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, Unesp, n. 18, p. 43-50, 1996

NITRINI, Sandra. Antonio Candido, um comparatista dialético. In: \_\_\_\_\_. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 194-210

NOTAS e comentários: *Clima. Revista do Brasil*, São Paulo, ano IV, 3. fase, n. 37, p. 86-87, julho de 1941

NUNES, Benedito. Crítica literária no Brasil ontem e hoje. *Cult*, Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, ano 3, n. 26, p. 20-24, setembro de 1999

NUNES, Benedito. Historiografia literária do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998. p. 205-246

NUNES, Benedito. Um pacto de generosidade com o leitor. *Folha de S. Paulo*, Mais!: O crítico central, São Paulo, 19 de julho de 1998. p. 5.8 (também publicado em NUNES, Benedito. *Crivo de papel*. São Paulo: Perspectiva, 1998)

OHATA, Milton. [sem título]. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2002. (orelhas)

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. A literatura brasileira vista por um mestre. In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. Belo Horizonte: Cuatiara, 1996. p. 149-150

OLIVEIRA, Francisco de. A tradição celebrada. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. III. p. 2354-2355

OLIVEIRA, Franklin de. Homenagem a Antonio Candido. *Cadernos de Opinião*, São Paulo, Inúbia/Paz e Terra, n. 13, p. 7, agosto-setembro de 1979

OLIVEIRA, Franklin de. *Formação da Literatura brasileira*. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, INL, ano V, n. 17, p. 229, março de 1960.

ORTOLAN, Carlos Eduardo. A história dos brasileiros entrelaçada à de sua ficção. *Biblioteca Entrelivros*, Retratos do Brasil, ed. esp. n. 8, p. 48-53, s. d. (circulou em 2007)

OTSUKA, Edu Teruki. A crítica integradora de Antonio Candido (Nota sobre De cortiço a cortiço). *Magma*, São Paulo, DTLLC/USP, n. 4, p. 55-60, 1997

PAES, José Paulo. História e indivíduo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.6

PAVAM, Rosane. Jogo da memória. *Isto É*, São Paulo, n. 1223, p. 67, 10 de março de 1993

PEDROSA, Célia. *Antonio Candido: a palavra empenhada*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994

PEDROSA, Célia. Literatura, cultura e ideologia: o trabalho de Antonio Candido e uma genealogia da crítica literária contemporânea. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 2:



Literatura e Memória Cultural, 1990, Belo Horizonte. *Anais*. 3 v. Belo Horizonte: ABRALIC: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991. v. 2, p. 107-110

PEREIRA, Hamilton (Pedro Tierra). Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 12-13, julho-agosto de 2008

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A leitora e seus personagens*. Rio de Janeiro: Graphia, 1992

PICCHIO, Luciana Stegagno. A arte da observação. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.6

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 694

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Um reencontro com ‘*il miglior fabbro*’ . *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 de dezembro de 1999. Caderno Mais!, p. 19

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Antonio Candido: uma honesta consistência. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 de agosto de 1984. p. 3

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Claridade Antonio Candido. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 05 de outubro de 1990. p. A/3

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *A belle époque* de nosso anarquismo. *Isto É*, São Paulo, ano 5, n. 180, p. 58-9, 4 de junho de 1980

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Esboço de figura. *Isto É*, São Paulo, p. 68, 4 de julho de 1979

PINTO, Manuel da Costa. Os anos de formação de Antonio Candido. *Cult*, Revista Brasileira de Cultura, Dossiê Cult, São Paulo, ano VI, n. 61, p. 54-55, setembro de 2002

PINTO, Manuel da Costa. Rigor e militância. (Entrevista com Vinicius Dantas). *Cult*, Revista Brasileira de Cultura, Dossiê Cult, São Paulo, ano VI, n. 61, p. 56-59, setembro de 2002

PINTO, Manuel da Costa. Formação da crítica brasileira. *Cult*, Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, ano 2, n. 12, p. 58-60, julho de 1998

PINTO, Manuel da Costa. A aventura de *Clima*. *Cult*, Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, ano 2, n. 12, p. 63, julho de 1998

POMPEU, Renato. Passado vivo. *Veja*, São Paulo, n. 620, p. 84, 23 de julho de 1980

PONTES, Heloisa. *Destinos mistos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

PRADO, Antônio Arnoni. Antonio Candido, anotador à margem. In: \_\_\_\_\_. *Trincheira, palco e letras*. São Paulo: Cosacnaify, 2004. p. 305-311

PRADO, Antônio Arnoni. Retrato de uma geração. In: \_\_\_\_\_. *Trincheira, palco e letras*. São Paulo: Cosacnaify, 2004. p. 313- 320

PRADO, Antônio Arnoni. Significação de *Recortes*. In: AGUIAR, Flávio. (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 61-70

PRADO, Antônio Lázaro de Almeida. Antonio Candido et alii: *A personagem de ficção*. *Revista de Letras*, Assis, FFCL de Assis, v. VIII-IX, p. 319-325, 1966

PRADO, Décio de Almeida. O melhor amigo. (Entrevista a Bernardo Carvalho). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.9

PRADO, Décio de Almeida. Paulo Emílio quando jovem. In: CALIL, Carlos Augusto; MACHADO, Maria Teresa. (org.). *Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 15-26

PRADO JR., Bento. Mestre abre dupla via entre arte e vida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 de maio 1992. Caderno Mais!. p.11

PRADO JR., Bento. A formação de uma tradição crítica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 de maio 1993. Caderno Mais!. p.18

PULS, Maurício. Ética e política. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.10

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Antonio Candido: *Teresina etc.. Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, 1. série, n. 17, p. 185-8, outubro de 1982

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Antonio Candido, memória. *Ciência e Cultura*, Rio de Janeiro, SBPC, v. 33, n. 10, p. 1414-5, outubro de 1981

RAMA, Angel. *Literatura e cultura na América Latina*. Org. por Flávio Aguiar e Sandra Gardini T. Vasconcelos. São Paulo: Edusp, 2001

RAMOS, Graciliano. [carta de 12 de novembro de 1945]. Apud: CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. 3. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 9-12

RICA, Carlos de la. Antonio Candido: *Tese e antítese*. *Revista de Cultura Brasileira*, Madrid, Embajada del Brasil, Tomo IV, n. 15, p. 465-467, dezembro de 1965

ROCCA, Pablo. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 14, julho-agosto de 2008

ROCCA, Pablo. Notas sobre el diálogo intelectual Rama/Candido. In: ANTELO, Raúl. (ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburg, 2001. p. 47-67

ROCHA, João César de Castro. Dialética da marginalidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 de fevereiro de 2004. Caderno Mais! p. 4-8

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Antonio Candido, sempre agora. *Revista USP*, São Paulo, USP, n. 13, p. 173-178, março-maio de 1992

ROSA, João Guimarães. Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason. Belo Horizonte: UFMG, 2003

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge. The lady of situations (Apunte sobre un ensayo de Antonio Candido). *Revista Alpha*, Patos de Minas, Unipam: Centro Universitário de Patos de Minas, ano 8, n. 8, p. 132-141, novembro de 2007.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge. (org.). *História e literatura: homenagem a Antonio Candido*. Campinas/São Paulo: Ed. da Unicamp/Imprensa Oficial, 2003

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge. El método crítico de Antonio Candido. In: \_\_\_\_\_. (org.). *História e literatura: homenagem a Antonio Candido*. Campinas/São Paulo: Ed. da Unicamp/Imprensa Oficial, 2003; p. 397-415

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge; PRADO, Antônio Arnoni. Presentación. In: CANDIDO, Antonio. *Estruendo y liberación: ensayos críticos*. México: Siglo Veintiuno, 2000. p. 9-10

RUSSOTTO, Márgara. Vida y obra de Antonio Candido. In: CANDIDO, Antonio. *Crítica radical*. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1991. p. 435-447

RUSSOTTO, Márgara. Bibliografía. In: CANDIDO, Antonio. *Crítica radical*. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1991. p. 449-457

RUSSOTTO, Márgara. Antonio Candido: claves para el estudio del poema. *Letras*, Revista del Instituto Universitario Pedagógico de Caracas, Caracas, n. 44-45, 1988

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Teresina etc.. Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, v. 26, p. 213-214, 1980

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Por um novo conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977

SANTIAGO, Silviano. Sobre plataformas e testamentos. In: \_\_\_\_\_. *Ora (direis) puxar conversa!*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 113-131

SANTIAGO, Silviano. Trajetória intelectual de um múltiplo singular. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.8

SANTIAGO, Silviano. Prefácio. In: PEDROSA, Célia. *Antonio Candido: a palavra empenhada*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994. p. 15-23

SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica. In: \_\_\_\_\_. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 24-45

SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. In: AGUIAR, Flávio. (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1999. p. 82-95

SCHWARZ, Roberto; SARLO, Beatriz; KRANIAUSKAS, John. Literatura y valor. (Debate). In: ANDRADE, Ana Luiza; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANTELO, Raúl. (org.). *Leituras do Ciclo*. Florianópolis/Chapecó: Abralic/Grifos, 1999. p. 287-306

SCHWARZ, Roberto. Um verbete (Nos 80 anos de Antonio Candido). *Range Rede*, Revista de Literatura, Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, p. 105-109, primavera de 1998

SCHWARZ, Roberto. Originalidade da crítica de Antonio Candido. *Novos Estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 32, p. 31-46, maio de 1992

SCHWARZ, Roberto. Notas do debatedor. In: INCAO, Maria Angela D'; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 262-267

SCHWARZ, Roberto. Saudação a Antonio Candido. In: CANDIDO, Antonio; SCHWARZ, Roberto. *A homenagem na Unicamp*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989. p. 9-23

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987

SCHWARZ, Roberto. Formação da literatura brasileira. *Senhor/Vogue*, São Paulo, n. 10, p. 92-97, janeiro de 1979

SILVEIRA, Alcântara da. Reabilitação do artigo de jornal. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 6, n. 263, 06 de janeiro de 1962. p. 3

SINGER, Paul. Saudações a Antonio Candido. *Teoria e Debate*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, ano 21, n. 78, p. 14-15, julho-agosto de 2008

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002

SÜSSEKIND, Flora. *A voz e a série*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Sette Letras//Ed. UFMG, 1998

TELLES, Lygia Fagundes. O moço arredio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.7

TOURAINÉ, Alain. Construção de um país. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.7

VARA, Teresa Pires. Esboço de figurino. In: AGUIAR, Flávio. (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1999. p. 225-236

VARA, Teresa Pires. Antonio Candido: *Literatura e sociedade*. *Revista de Letras*, Assis, FFCL de Assis, v. VIII-IX, p. 350-353, 1966

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Materialismo cultural e romance. n: ANDRADE, Ana Luiza; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANTELO, Raúl. (org.). *Leituras do Ciclo*. Florianópolis/Chapecó: Abralic/Grifos, 1999. p. 175-182

VITA, Luís Washington. Antonio Candido. *Tendências do pensamento estético contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 115-121

WANDERLEY, Jorge. Candido e a sala de aula. In: . *Arquivo/ensaio*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 101-108

WISNIK, José Miguel. Motivo de reflexão. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1998. Caderno Mais!, p. 5.5

XAVIER, Lívio. *Revista de Letras. O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, ano 5, n. 248, 16 de setembro de 1961. p. 6

ZILBERMAN, Regina. Antonio Candido e o projeto de Brasil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, Abralic, n. 9, p. 35-47, agosto de 2006

### **Obras memorialísticas e autobiográficas**

AGOSTINHO, (Santo). *Confissões*. 10. ed. Traduzido por J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Porto: Apostolado da Imprensa, 1981

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Menino antigo*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo & A falta que ama*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976

ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979

ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. Paul Arbousse-Bastide. (entrevista a Antônio Marcos de Almeida). *Língua e Literatura*, Edição comemorativa, São Paulo, USP, ano X, v. 10-13, p. 7-34, 1981-1984

ARGUEDAS, José Maria. *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Colección Archivos. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica/Unesco, México, 1996

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 3 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962

BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Planeta/FBN, 2004

BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956

BELLO, José Maria. *Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958

BRASIL, Cecília de Assis. *Diário de Cecília de Assis Brasil: período 1916-1928*. Intr. sel e notas de Carlos Reverbel. Porto Alegre: L&PM, 1983

BRITO, Mário da Silva. *Diário intemporal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970

BROCA, Brito. *Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968

CAMPOS, Humberto de. *Diário secreto*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1954

CAMPOS, Humberto de. *Memórias: primeira parte: 1886-1900*. São Paulo: W. M. Jackson, 1947

CAMPOS, Humberto de. *Fragments de um diário*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1939

CAMPOS, Humberto de. *Memórias inacabadas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1935

CARONE, Edgard. *Memória da Fazenda Bela Aliança*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991

CAVALCANTI, Povina. *Volta à infância*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972

COARACY, Vivaldo. *Couves da minha horta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949

COELHO, Ruy. *No tempo de Clima*. São Paulo: Perspectiva, 2002

COELHO, Ruy. Ouvir Paulo Emílio. In: CALIL, Carlos Augusto; MACHADO, Maria Teresa. (org.). *Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 111-116

COELHO, Marcelo. A amizade imperfeita. In: NOVAES, Adauto. (org.). *Vida vício virtude*. São Paulo: Ed. Senac, 2009. p. 107-127

- COELHO, Ruy. (entrevista). *Língua e Literatura*, edição comemorativa, São Paulo, USP, ano X, v. 10-13, p. 121-133, 1981-1984
- COSTA, Cláudio Manuel da. Apontamentos para se unir ao Cathalogo dos Academicos da Academia Brazilica dos Renascidos. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano III, n. 7, p. 19-25, janeiro de 1912
- DIAS, Candido Silva. Candido Silva Dias. (depoimento). *Língua e Literatura*, Edição comemorativa, São Paulo, USP, ano X, v. 10-13, p. 60-74, 1981-1984
- DOURADO, Autran. *Gaiola aberta: tempos de JK e Schmidt*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000
- DOURADO, Autran. *Um artista aprendiz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989
- DOURADO, Autran. *A serviço del-Rey*. Rio de Janeiro: Record, 1984
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003
- ESCOREL, Ana Luísa. *O pai, a mãe e a filha*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010
- FERNANDES, Florestan. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978
- FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *A alma do tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961
- FREITAS, Sônia Maria de. *Reminiscências*. (org.). São Paulo: Maltese, 1993
- FRIEIRO, Eduardo. *Novo diário*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986
- GRIECO, Agripino. *Memórias*. 2 v. Rio de Janeiro: Conquista, 1972
- GUIMARÃES, Josué. *Os tambores silenciosos*. Porto Alegre: LPM, 1981
- JARDIM, Rachel. *Os anos 40*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973
- JESUS, Maria Carolina de. *Quarto de despejo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2000
- LÍNGUA E LITERATURA. *Língua e Literatura*, número comemorativo, São Paulo, USP, ano X, v. 10-13, 1981-1984
- LINHARES, Temístocles. *Diário de um crítico*. 6 v. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1981
- LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. São Paulo: Nacional, 1952

- MACHADO, Aníbal. *Parque de diversões*. (Org. Raúl Antelo). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1994
- MACHADO, Dyonelio. *Memórias de um pobre homem*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1990
- MACHADO, Lourival Gomes. [sem título]. In: NEME, Mário. (org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Globo, 1945. p. 23-28
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Quando eu era vivo*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1945
- MEIRELES, Cecília. *Olhinhos de gato*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1981
- MELLO E SOUZA, Gilda de. Gilda de Mello e Souza. (entrevista). *Língua e Literatura*, Edição comemorativa, São Paulo, USP, ano X, v. 10-13, p. 134-157, 1981-1984
- MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968
- MEYER, Augusto. *Segredos da infância/No tempo da flor*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/Instituto Estadual do Livro, 1996
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. 10 v. São Paulo: Martins/Edusp, 1981-1982
- MINDLIN, José. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: Edusp/Companhia das Letras, 1997
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963
- NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias/4*. 6. ed. Cotia: Ateliê, 2003
- NAVA, Pedro. *O círio perfeito: memórias/6*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983
- NAVA, Pedro. *O galo das trevas: memórias/5*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981
- NAVA, Pedro. *Chão de ferro: memórias/3*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976
- NAVA, Pedro. *Balão cativo: memórias/2*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Sabiá, 1974
- NAVA, Pedro. *Baú de ossos: memórias/1*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972
- OCTAVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros: última série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979
- OCTAVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros: nova série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979



- OCTAVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros: primeira série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979
- OCTAVIO, Rodrigo. *Coração aberto: livro de saudades. nova ed.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981
- PRADO, Décio de Almeida. Saudades de Lévis-Straus. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Jornal de Resenhas*. 3 v. São Paulo: Discurso, 2001. v. I. p. 381-383
- QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luíza. *Tantos anos*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. 10. ed. São Paulo: Martins, 1974
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 4 v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 28 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980
- REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956
- RESENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944
- RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007
- RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. São Paulo: Siciliano, 1990
- RIBEIRO, Darcy. *Migo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confessions*. Paris: Garnier, 1946
- SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978
- SALLES, Joaquim de. *Se não me falha a memória*. São Paulo: IMS, 1993
- SCHMIDT, Augusto Frederico. *As florestas: páginas de memórias*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997
- SCHMIDT, Augusto Frederico. *O galo branco: páginas de memórias*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957
- SETÚBAL, Paulo. *Confiteor*. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 1953
- SOARES, Magda Becker. *Metamemória: memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1991

SUSSEKIND, Carlos & Carlos. *Armadilha para Lamartine*. Rio de Janeiro: Labor, 1976

TAUNAY, Alfredo d'Escragnoille Taunay, Visconde de. *Memórias*. Ed. prep. Por Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2004

TAUNAY, Alfredo d'Escragnoille Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna*: episódio da Guerra do Paraguai. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1927

TELLES, Lygia Fagundes. *Invenção e memória*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Edart, 1964

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. v. 1. 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1984

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. v. 2. Porto Alegre: Globo, 1976

VILELA, Orlando (Padre). *Um burro e sua sombra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1956

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*: jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

### **Obras sobre memória e memorialismo**

ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007

ALBERTI, Lereña. Literatura e autobiografia. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 4, n. 7, p. 66-84, 1991

ARRIGUCCI JR., Davi. Móbile da memória. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 67-111

ALVAREZ, Maria Antonia. La autobiografia e sus géneros afines. *Epos*, Revista de Filologia, Madrid, U.N.E.D., v. V, p. 439-450, 1980

BEAUJOUR, Michel. Autobiographie et autoportrait. *Poétique*, Paris, n. 34, p. 442-458, 1977

BERGSON, Henri. *Matière et mémoire*. 46. ed. Paris: P.U.F., 1946

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do cárcere*. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 221-237

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: memórias de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979

BROCA, Brito. Apresentação. In: SALLES, Joaquim de. *Se não me falha a memória*. Rio de Janeiro: São José, 1961. p. 5-8

- BROCA, Brito. *Ensaio da mão canhestra*. São Paulo: Polis, 1981
- BRUNO, Haroldo. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1957
- BUENO, Antônio Sérgio. *Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997
- CANÇADO, José Maria. *Memórias videntes do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003
- CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1957
- CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto. *Clima: contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1978. (Dissertação, Mestrado)
- CÉSAR, Guilhermino. Memorialismo no Brasil. In: COELHO, Jacinto Prado. (org.). *Dicionário de literatura*. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1978. v. 2. p. 627-628
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: memórias de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. p. XVII-XXXII
- DOSSIÊ CULT: Pedro Nava. *Cult*, Revista Brasileira de Cultura, São Paulo, ano VI, n. 70, p. 49-65, setembro de 2002
- DUARTE, Luiz Fernando. Três ensaios sobre pessoa e modernidade: O culto do eu no templo da razão. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 2-27, 1983
- DUARTE, Luiz Fernando. Três ensaios sobre pessoa e modernidade: A construção social da memória moderna. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 28-54, 1983
- ESTUDOS AVANÇADOS. *Estudos Avançados*, Dossiê Memória, São Paulo, USP, v. 13, n. 37, 1999
- EULÁLIO, Alexandre. *Livro involuntário: literatura, história, matéria e memória*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996?
- EULÁLIO, Alexandre. Uma educação mineira: travessia de Joaquim de Sales. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Org. por Berta Waldman e Luiz Dantas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p 295-309
- EULÁLIO, Alexandre. Livro que nasceu clássico. In: \_\_\_\_\_. *Minha vida de menina*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. p. xi-xv
- FOUCAULT, Michel. L'écriture de soi. *Corps écrit*, L'autoportrait, Paris, n. 5, p. 3-23, février de 1983
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997

GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (coord.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. 2 v. Bauru: Edusc, 2006. v. 1. p. 167-181

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Um poema para Pedro Nava. In: NAVA, Pedro. *Chão de ferro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. viii-ix

GUSDORF, Georges. Condiciones y limites de la autobiografía. In: LOUREIRO, Ángel. (coord.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Anthropos, 1991

GUSDORF, Georges. *Auto-bio-graphie: lignes de vie* 2. Paris: Odile Jacob, 1991

GUSDORF, Georges. Conditions and limits of autobiography. In: OLNEY, James. (ed.). *Autobiography: essays theoretical and critical*. Princeton: Princeton University Press, 1980

HALBWACHS, Maurice. *Mémoire collective*. 2. ed. rev. e aum. Paris: PUF, 1968

HÉBRARD, Jean. Para uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

INDURSKI, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. (org.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000

KOPKE, Carlos Burlamaqui. *História e solidão do homem: ensaios de estética e de literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1952

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leituras*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira et al. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996

LE GOFF, Jacques. Memória. *Enciclopédia Einaudi*: v. 1: memória/história. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 11-50

LEITE, Dante Moreira. ficção, biografia e autobiografia. In: \_\_\_\_\_. *O amor romântico e outros temas*. 2. ed. ampl. São Paulo: Nacional, 1979. p. 25-33 (Coleção Ensaios)

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008

LEJEUNE, Philippe. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998

- LEJEUNE, Philippe. *Cher cahier...: témoignages sur le journal personnel*. Paris: Gallimard, 1989
- LEJEUNE, Philippe. *Moi aussi*. Paris: Seuil, 1986
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975
- LEJEUNE, Philippe. « Le pacte autobiographique ». *Poétique*, Paris, n. 13-14, p. 163-177, 1973
- LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre: l'autobiographie de la littérature aux médias*. Paris: Seuil, 1980
- LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. \_\_\_\_\_. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 243-309
- LUCAS, Fábio. O *Novo diário* de Eduardo Frieiro. In: FRIEIRO, Eduardo. *Novo diário*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 11-17
- MARQUES, Oswaldino. Cyro dos Anjos: memorialista do imaginário. In: \_\_\_\_\_. *Acoplagem no espaço*. São Paulo: Perspectiva, 1989. p. 199-202
- MATOS, Olgária. *História viajante: notações filosóficas*. São Paulo: Studio Nobel, 1997
- MATOS, Olgária. História e memória. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 de setembro de 1984. Caderno Folhetim. p. 6-7
- MEYER, Augusto. Da infância na literatura. In: \_\_\_\_\_. *Textos críticos*. Sel. e introd. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 171-176
- MIRANDA, Vander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Ed. UFMG, 1992
- MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica*. Trad. de Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2004
- MORÃO, Paula. O secreto e o real: caminhos contemporâneos da biografia e dos escritos intimistas. *Românica, Revista de Literatura*, Lisboa, n. 3, p. 21-31, 1994
- OLIVEIRA, Ana Lúcia Machado de; GENS, Rosa Maria de Carvalho. Lima Barreto, o fato e a ficção. In: BARRETO, Lima. *Diário do hospício/O cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 11-15
- OLMI, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialística*. Santa Cruz do Sul: Ed. Unisc, 2006
- OTTE, George. Rememoração e citação em Walter Benjamin. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, UFMG, v. 4, p. 211-223, outubro de 1996

- PENNA, João Camillo. A língua do Outro: o testemunho de Jacques Derrida. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia. (org.). *Mímesis e expressão*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 336-349
- PEREIRA, Astrojildo. José Veríssimo: sem ilusão americana. In: \_\_\_\_\_. *Crítica impura: autores e problemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *A leitora e seus personagens*. Rio de Janeiro: Graphia, 1992
- PERPÉTUA, Elvira Divina. A escrita autobiográfica. In: ALMEIDA, Maria Inês de. (org.). *Para que serve a escrita?*. São Paulo: Educ, 1997. p. 168-173
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989
- PICLIA, Ricardo. Memória y tradición. CONGRESSO ABRALIC: LITERATURA E MEMÓRIA CULTURAL, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais*. v. 1. Belo Horizonte: Abralic: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991. p. 60-66
- PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean Louis. *Les histoires de vie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996
- PINTO, Júlio Pmentel. *Uma memória do mundo: ficção, história e memória em Jorge Luís Borges*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, 1989
- PÓLVORA, Hélio. Memorialistas. In: \_\_\_\_\_. *Graciliano, Machado, Drummond e outros*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 56-67
- PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959
- PRADO BIEZMA, Javier del; BRAVO CASTILLO, Juan; PICAZO, María Dolores. *Autobiografía y modernidad literaria*. Cuenca: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1994
- PROENÇA, M. Proença. *Explorações no tempo*. In: \_\_\_\_\_. *Estudos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. 208-210
- PY, Fernando. Memória e poesia. In: \_\_\_\_\_. *Chão da crítica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. p. 199-206
- RAMOS, Tânia Regina. *Memórias: uma oportunidade poética*. Rio de Janeiro: Depto. de Letras/PUC/RJ, 1990. (Tese de doutorado)
- REMATE DE MALES: literatura como uma arte da memória, Campinas, v. 26, n. 1, janeiro-junho de 2006

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. O empreendimento autobiográfico: Josué Guimarães e Erico Verissimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. p. 277-342

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. (org.). *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Ed. Unicamp, 2007

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Trad. De Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991

ROSENFELD, Israel. *The invention of memory*. New York: Basic Books, 1988

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/Ed. UFMG, 2007

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996

WOOLF, Virginia.. De Quincey's autobiography. In: \_\_\_\_\_. *Collected essays*. v. 4. London: Hogarth Press, 1967. p. 1-7

WOOLF, Virginia.. The art of biography. In: \_\_\_\_\_. *The death of the moth and others essays*. London: Hogarth Press, 1966. p. 161-169

YATES, Francis A. *A arte da memória*. Trad. Flávia Bancher. Campinas: Ed. Unicamp, 2008

YATES, Francis A. *The art of memory*. Chicago: Chicago University Press, 1966

ZAGURY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982

### **Obras teóricas e de caráter geral**

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel. (org.). *Theodor W. Adorno: sociologia*. São Paulo: Ática, 1986. p. 167-187

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 19 livros de poesia*. 2 v. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica de Telê Ancona Porto Lopez. (coord.). Brasília/Paris: CNPq/ALLCA XX, 1988

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Ed. crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987

ARENDT, Hannah. *The human condition*. 2<sup>nd</sup>. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1998

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornhein da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 45-236

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. do grego por Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 237-329

ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes: v. 3*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 1101-1104

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 3 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2002

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000

BAKHTIN, Mikhail. *Art and Answerability*. Austin: University of Texas Press, 1995

BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981

BARTHES, Roland. *S/Z*. Tradução de Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992

BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. *O governo Kubitscheck: desenvolvimento econômico e estabilidade política: 1956-1961*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006

BENJAMIN, Walter. O narrador. Traduzido por Erwin Theodor Rosental. In: \_\_\_\_\_. *Textos escolhidos*. (Os Pensadores, v. XLV). São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 63-81

BERTRAND, Pierre. *El olvido*. Trad. Tununa Mercado. México: Siglo Veinteuno, 1977

BÍBLIA SAGRADA, A. Trad. em português por João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e corr. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974



- BRANDÃO, Junito. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. 2 v. Rio de Janeiro: Vozes, 1991/2
- BRÈS, Yvon. Memória. In: MIJOLLA, Alain. (dir.). 2 v. *Dicionário internacional de psicanálise*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005. v. 2. p. 1163-1165
- BROCA, Brito. *Machado de Assis e a política*. Rio de Janeiro: Simões, 1957
- BUTOR, Michel. *Repertoire II*. Paris: Les Éditions du Minuit, 1974
- CALIL, Carlos Augusto; MACHADO, Maria Teresa. (org.). *Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente*. São Paulo: Brasiliense, 1986
- CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem e outras metas*. (Debates, v. 247). 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 1992
- CARONE, Edgard. *A república liberal I: instituições e classes sociais: 1945-1964*. São Paulo: Difel, 1985
- CAVALHEIRO, Edgar. (org.). *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1944
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. 19. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1956
- CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978
- COELHO, Ruy. *Tempo de Clima*. São Paulo: Perspectiva, 2002
- COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- CORRÊA, Roberto Alvim. À procura de influências anglo-americanas em Gilberto Freyre/Gilberto, ensaísta. In: AMADO, Gilberto et al. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 103-111/166-176
- DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia antiga*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988
- DOURADO, Autran. *A serviço del-Rey*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984
- DOURADO, Autran. *Uma poética do romance*. São Paulo: Perspectiva, 1973
- EPICURO. Antologia de textos de Epicuro. In: *Os pensadores*, v. 5. São Paulo: Abril, 1973. p. 21-28
- EULÁLIO, Alexandre. O ensaio literário no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Org. por Berta Waldman e Luiz Dantas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p 11-74

- FOSTER, Edward Morgan. *Aspects of the novel*. London: Harmondsworth, 1976
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Trad. De Walderedo Ismael de Oliveira. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, 2010
- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 3. Trad. dirigida por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 327-354
- FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: \_\_\_\_\_. *Cinco lições de psicanálise*. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 11). 2. ed. Trad. dirigida por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 53-124
- FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VI). Trad. dirigida por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969
- FRIEIRO, Eduardo. *Torre de papel*. Belo Horizonte: I/P: Imprensa/Publicações, 1969
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Os Pensadores, v. 5. 4. ed. Trad. De Ernildo Stein. São Paulo: Abril, 1979
- HERODOTUS. *History*. with an English translation by A. D. Godley. Cambridge: University of Cambridge Press, 1996
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Trad. de Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995
- LEOPARDI, Giacomo. *Opere: tomo I*. A cura di Sergio Solmi. Milano/Napoli: Riccardo Ricciardi, 1956
- LIMA, Luiz Costa. *O aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989
- LIMA, Luiz Costa. O leitor demanda d(a) literatura. In: \_\_\_\_\_. (org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 9-39
- LIMA, Sílvio. *Ensaio sobre a essência do ensaio*. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1946
- LINS, Álvaro. *Jornal de crítica: segunda série*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943

- LUCAS, Fábio. *Mineiranças*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991
- LUCAS, Fábio. *Vanguarda, história e ideologia da literatura*. São Paulo: Ática, 1985
- MELLO E SOUZA, Gilda de. O arcaico e o moderno: história de uma amizade. In: CORRÊA, Pio Lourenço; ANDRADE, Mário de. *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. São Paulo/Rio de Janeiro: SESC SP/Ouro sobre Azul, 2009. p. 15-31
- MELLO E SOUZA, Gilda de. Prefácio. In: COELHO, Ruy. *Tempo de Clima*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 9-11
- MELLO E SOUZA, Gilda de. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980
- MEYER, Augusto. *A forma secreta*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. São Paulo: Difel, 1979
- MIRANDA, Francisco de Sá. *Obras completas*. v. I. 4. ed. revista. Lisboa: Sá da Costa, 1976
- MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. 3 v. Brasília: Ed. UNB, 1987
- MORAES, Carlos Dante. *Alguns estudos e um fragmento de autobiografia*. Porto Alegre: Metrópole/Instituto Estadual do Livro, 1975
- MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984
- MOTTA, Leda Tenório da. *Catedral em obras*. São Paulo: Iluminuras, 1995
- MOURA, Emílio. *Itinerário poético*. Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1969.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- NOVAES, Adauto. (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- OLIVEIRA, Franklin de. *A dança das letras*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1981
- OLIVEIRA, Franklin de. *Literatura e civilização*. Rio de Janeiro: Difel, 1978
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *A leitora e seus personagens*. Rio de Janeiro: Graphia, 1992
- PESSANHA, Camilo. *Clepsydra*. Ed. crít. de Paulo Franchetti. Campinas: Ed. Unicamp, 1994
- PESSANHA, José Américo Motta. O sono e a vigília. In: NOVAES, Adauto. (org.). *Tempo e história*. 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 33-55

- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969
- PLATÃO. *Teeteto*. 4. ed. Tradução de Maria da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983
- PLATÃO. *A república*. 4. ed. Tradução de Maria da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983
- PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras e ‘Coleções Brasilianas’ nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio. (org.). *História das ciências sociais no Brasil*. 2. ed. rev. e corr. São Paulo: Sumaré, 1995. p. 419-476
- PORTELLA, Eduardo. O ensaio como ensaio. In: VV. AA. *Estudos literários de língua e literatura: homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p. 143-147
- PORTELLA, Eduardo. *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973
- RIBEIRO, João. *Cartas devolvidas*. Porto: Chardron, 1926
- ROMERO, Sílvio. *A literatura brasileira e a crítica moderna*. In: \_\_\_\_\_ *Literatura história e crítica*. Org. por Luiz Antônio Barreto. Rio de Janeiro : Imago, 2002. p. 37-117
- ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976
- ROSENFELD, Anatol. *Literatura e personagem*. In: CANDIDO, Antonio. (org.). *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 11-49
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sérgio Goes de Paula. Apres. de Francisco C. Weffort. São Paulo: Ática, 1994
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1949
- SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992
- VERISSIMO, José. *Que é literatura? e outros escritos*. 2. ed. São Paulo: Landy, 2001
- VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Brasília: Ed. UNB, 1963

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII E XIX*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996

WAINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. (org.). *Intelectuais e vida pública: migrações e mediações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008

WOOLF, Virginia. *Orlando: a biography*. 9<sup>th</sup>. impr. London: Hogarth Press, 1960

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

O48a Oliveira, José Quintão de.  
Antonio Candido [manuscrito] : crítica, reflexão e memória / José Quintão de Oliveira. – 2011.  
270 f., enc.  
Orientadora : Maria Zilda Ferreira Cury.  
Área de concentração : Literatura Brasileira.  
Linha de Pesquisa : Literatura, Memória e História Cultural.  
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 190-246.  
Anexo: f. 247-270.

1. Candido, Antonio, 1918 - - Teses. 2. Literatura brasileira – História e crítica – Teses. 3. Memória na literatura – Teses. I. Cury, Maria Zilda Ferreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.09